



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Odair Dutra Santana Júnior

Bastidores da literatura nas horas ociosas da tipografia do
Jornal do Commercio (1827-1865)

São José do Rio Preto
2017

Odair Dutra Santana Júnior

Bastidores da literatura nas horas ociosas da tipografia do *Jornal do Comercio* (1827-1865)

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora:
FAPESP – Proc. 2015/11266-7

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lúcia Granja

São José do Rio Preto
2017

Santana Júnior, Odair Dutra.

Bastidores da literatura nas horas ociosas da tipografia do Jornal do Commercio (1827-1865) / Odair Dutra Santana Júnior. -- São José do Rio Preto, 2017
233 f. : il. tabs.

Orientador: Lúcia Granja

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Literatura - História - Séc XIX. 2. Prática tipográfica - Brasil - História - Séc XIX. 3. Editores e edição - Brasil - História. 4. Impressão - História. 5. Jornal do Comércio (Rio de Janeiro, Brasil) - História - Séc XIX. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU – 8(091)"18"

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Odair Dutra Santana Júnior

Bastidores da literatura nas horas ociosas da tipografia do
Jornal do Commercio (1827-1865)

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora:
FAPESP – Proc.. 2015/11266-7

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Lúcia Granja
UNESP – São José do Rio Preto
Orientadora

Prof. Dr. Rodrigo Camargo de Godoi
UNICAMP – Campinas

Prof. Dr. Pablo Simpson Kilzer Amorim
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
21 de fevereiro de 2017

Agradecimentos

A Deus, pela proteção e por guiar os meus caminhos, fazendo sempre o melhor por mim.

Aos meus pais, Márcia e Valdemir, e aos meus avós, Ivany e Antônio, pelo amor imensurável e pelo apoio incondicional, bem como a toda minha família pelo carinho e incentivo.

À Profa. Lúcia Granja, pela orientação, dedicação e generosidade ao longo de muitos anos. Meu amadurecimento, apontado nas nossas últimas reuniões, não seria possível sem seu exemplo profissional e por ser a pessoa que é. Muito obrigado.

Ao Ibilce/UNESP, pelos professores que tive, pelos amigos que fiz e pelos momentos que vivi, impossíveis de destacar em um breve agradecimento, mas imprescindíveis em minha jornada. Agradecimento especial também aos funcionários da Seção de Pós-Graduação, Biblioteca e Staepe.

À Profas. Dras. Flávia Nascimento Falleiros e Luciene Marie Pavanelo, pelas leituras atentas e pelas sugestões transmitidas na banca de qualificação.

Aos Profs. Drs. Rodrigo Camargo de Godói e Pablo Simpson Kilzer Amorim, pela contribuição ímpar na banca de defesa.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo apoio financeiro para o desenvolvimento dessa pesquisa e das anteriores de Iniciação Científica, que resultaram neste Mestrado.

RESUMO

A partir da consulta e levantamento completo dos dados relativos à tipografia do *Jornal do Commercio*, realizados junto aos acervos da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, da Biblioteca Mário de Andrade e da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, de São Paulo, e das Bibliotecas da USP, por meio do portal do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBiUSP), apresentamos nesta dissertação um inédito conjunto completo, pelo menos por meio dos recursos mobilizados até então, das obras literárias e não-literárias, bem como os outros periódicos, que saíram à público pela tipografia do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro entre 1827 e 1865, produção levada a efeito nas horas vagas de que essa tipografia dispunha, nos intervalos de impressão de seu principal produto. Como resultado, encontramos durante o levantamento realizado uma grande variedade de títulos e tipologia de impressos, os quais apontam para uma atividade editorial intensa e diversificada. No que se refere à publicação de obras literárias, saíram à luz textos teatrais e poéticos, porém destacou-se a impressão de romances, concentrada ao final da década de 1830 e durante a década seguinte, impulsionada pelo desenvolvimento do folhetim nos jornais brasileiros e pelo hábito de reimpressão dos romances-folhetim pelas tipografias do período, após sua publicação pelo jornal. Nesta dissertação, apresentamos essa atividade editorial, destacando o papel privilegiado das oficinas dos jornais do XIX para a produção e circulação da literatura e dos livros, e discutindo brevemente como a atuação da tipografia do *Jornal do Commercio* na impressão de livros e outros periódicos colaborou para a criação e manutenção de um comportamento literário e leitor em voga no período.

Palavras-chave: tipografias no Brasil; *Jornal do Commercio*; história literária; história da edição no Brasil; circulação dos impressos.

ABSTRACT

From the consultation and the complete data collection on the typography of Jornal do Commercio, carried out by means of the collections of Biblioteca Nacional (National Library), Rio de Janeiro, Biblioteca Mário de Andrade (Mário de Andrade Library), Biblioteca Brasileira Guita and José Mindlin (Brasileira Guita and José Mindlin Library), São Paulo, and USP Libraries, through the portal of the Integrated System of Libraries of the University of São Paulo (SIBiUSP), we present an unprecedented complete set, at least through the resources mobilized until then, of literary and non-literary works, as well as other periodicals published by the newspaper Jornal do Commercio of Rio de Janeiro between 1827 and 1865, produced during the spare time of this typography, in the printing intervals of its main product. As a result, we found during the data collection a large variety of titles and typology of printed matter, which indicate an intense and diversified publishing activity. As for the publication of literary works, theatrical and poetic texts came to light, but the impression of novels was emphasized, especially at the end of the 1830s and during the following decade, driven by the development of feuilletons in Brazilian newspapers and by the habit of reprinting Roman feuilleton by the typographies of the period, after its publication by the newspaper. In this paper, we present this editorial activity, highlighting the privileged role of the 19th century newspaper workshops for the production and circulation of literature and books, and briefly discussing how the work of Jornal do Commercio in the printing of books and other periodicals contributed to the creation and maintenance of a literary and reading behavior that was popular at the time.

Keywords: typographies in Brazil; Jornal do Commercio; literary history; history of the edition in Brazil; circulation of printed matter.

Lista de Figuras

- Figura 1 *Jornal do Commercio*, 27/10/1827. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 69
- Figura 2 *Jornal do Commercio*, 07/05/1836. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 70
- Figura 3 *Statira e Zoroaste*, de Lucas José de Alvarenga, 1823. Imagem disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/biblioteca/0073/> 73
- Figura 4 *Jornal do Commercio*, 12/03/1828, p.3, col.2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 74
- Figura 5 *Jornal do Commercio*, 04/10/1841, p.4, col. 4. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 84
- Figura 6 *Jornal do Commercio*, 20/07/1850, p.3, col. 4. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 85
- Figura 7 *Maria Tudor*, de Victor Hugo, 1843. Imagem disponível no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional. 89
- Figura 8 *Guerras do Alecrim e mangerona*, de Antonio José da Silva, 1847. Imagem disponível no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional. 90
- Figura 9 *Bluettes, contes et légendes en vers*, de Edouard du Rosay, 1856. Imagem disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5859667b/f8.item>. 91
- Figura 10 *A nebulosa*, de Joaquim Manuel de Macedo, 1857. Imagem disponível no Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. 92
- Figura 11 *Jornal do Commercio*, 05/12/1838, p.3, col.3. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 93
- Figura 12 *Jornal do Commercio*, “Folhetim”, 04/01/1839, p.1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 98

- Figura 13 *Jornal do Commercio*, 29/09/1844, p.4. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 101
- Figura 14 *Diário do Rio de Janeiro*, 01/06/1847, p. 1-2. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 104
- Figura 15 *Jornal do Commercio*, 05/01/1840, p. 3, col. 4. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 109
- Figura 16 *Jornal do Commercio*, 27/08/1839, p.3, col. 4. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 109
- Figura 17 *Jornal do Commercio*, 10/01/1841, p.4, col. 3. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 109
- Figura 18 *Emília*: novella, de Jules David, 1840. Imagem disponível no Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. 120
- Figura 19 *Jornal do Commercio*, 02/10/1827, p.4, col. 1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 128
- Figura 20 *Jornal do Commercio*, 19/02/1829, p. 2, col. 1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 129
- Figura 21 *Semanario de Saude Publica*, 03/01/1831, p.3, col.2. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 130
- Figura 22 *Diario de Saude*, 16/04/1836, p.424, col.2. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 133
- Figura 23 *O Propagador das Sciencias Medicas*, Jan/1827, Capa. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 134
- Figura 24 *Semanario de Saude Publica*, 03/01/1831, p. 1. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 135

- Figura 25 *Diario de Saude*, 18/04//1835, p. 1. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 136
- Figura 26 *Diario de Saude*, Índice, 16/04//1836. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 137
- Figura 27 *Jornal do Commercio*, 02/10/1827, p.4, col. 1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 140
- Figura 28 *Jornal do Commercio*, 15/11/1827, p.4, col. 1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 140
- Figura 29 *O Espelho Diamantino*, nº7, 05/01/1828, Capa. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 142
- Figura 30 *Jornal do Commercio*, 01/04/1828, p.2, col. 2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 144
- Figura 31 *Jornal do Commercio*, 10/04/1828, p.2, col. 2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 145
- Figura 32 *Jornal do Commercio*, 30/05/1828, p.3, col. 2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 147
- Figura 33 *O Censor Brasileiro*, nº1, 01/04/1828. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 149
- Figura 34 *Honra do Brasil*, nº1, 08/04/1828. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 150
- Figura 35 *Jornal do Commercio*, 11/03/1828, p.2, col. 1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 154
- Figura 36 *L'Independant*, nº1, 21/04/1827. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 157

- Figura 37 *L'Écho de l'Amérique du Sud*, nº1, 30/06/1827. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 158
- Figura 38 *The Rio Herald*, nº1, 08/03/1828. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 159
- Figura 39 *Jornal do Commercio*, 02/11/1831, p. 1, col. 2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 161
- Figura 40 *Jornal do Commercio*, 14/01/1832, p. 2, col. 2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 163
- Figura 41 *Jornal do Commercio*, 10/03/1832, p. 2, col. 1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 164
- Figura 42 *O Simplicio Poeta*, nº6, 26/02/1832, p. 2, 4 e 7. Imagens disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 165
- Figura 43 *O Simplicio da Roça*, nº2, 13/11/1831. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 167
- Figura 44 *O Simplicio Poeta*, nº6, 26/02/1832. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 168
- Figura 45 *Jornal do Commercio*, 04/07/1837, p. 4, col. 3-4. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 169
- Figura 46 *Museo Universal*, Índice por classificação das matérias, 1838. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 173
- Figura 47 *Museo Universal*, Índice das estampas, 1838. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 174
- Figura 48 *Jornal do Commercio*, 09/07/1838, p. 6, col. 1-2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 175

- Figura 49 *Jornal do Commercio*, 17/12/1847, p. 3, col. 5. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 176
- Figura 50 *Museo Universal*, Prospecto, 1838, p.4-5. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 178
- Figura 51 *Museo Universal*, nº3, 22/07/1837, p. 20-21 [4 -5 desse número]. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. 179
- Figura 52 *Jornal do Commercio*, 22/12/1827, p. 3, col. 2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 181
- Figura 53 *Jornal do Commercio*, 24/05/1833, p. 3, col. 2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 182
- Figura 54 *Jornal do Commercio*, 11/07/1833, p. 3, col. 2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 182
- Figura 55 *Jornal do Commercio*, 25/05/1832, p. 2, col. 1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 183
- Figura 56 *Jornal do Commercio*, 03/08/1835, p. 3, col. 4. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 184
- Figura 57 *Jornal do Commercio*, 06/04/1837, p. 4, col. 3-4. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. 186
- Figura 58 *Codigo Penal Militar*. Imagem disponível no Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. 188
- Figura 59 *Escola brasileira ou instrução util a todas as classes extrahida da Sagrada Escriptura para uso da mocidade*. Imagem disponível no Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. 188
- Figura 60 *Compendio das doenças e outras indisposições das mulheres*. Imagem disponível no Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. 189

- Figura 61 *Historia do Brazil*. Imagem disponível no Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. 189
- Figura 62 *Historia do Movimento Politico, que no anno de 1842 teve lugar na provincia de Minas Geraes*. Imagem disponível no Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. 190
- Figura 63 *Três discursos do Ill.mo e Ex.mo Sr. Paulino José Soares de Souza*. Imagem disponível no Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. 190

Lista de Tabelas

Tabela 1	Distribuição da população livre em relação ao gênero e ao grau de instrução – Brasil – Censo 1872	64
Tabela 2	Distribuição da população escrava em relação ao gênero e ao grau de instrução – Brasil – Censo 1872	64
Tabela 3	Distribuição da população livre em relação ao gênero e ao grau de instrução – Município Neutro (Rio de Janeiro) – Censo 1872	65
Tabela 4	Distribuição da população escrava em relação ao gênero e ao grau de instrução – Município Neutro (Rio de Janeiro) – Censo 1872	66

Lista de Quadros

Quadro 1	Textos teatrais pela tipografia do <i>Jornal do Commercio</i>	83
Quadro 2	Novelas pela tipografia do <i>Jornal do Commercio</i>	105

Sumário

Introdução	16
1. Tipografias: da Europa às Américas e ao Brasil.....	29
1.1 Da atividade tipográfica europeia: das origens à censura portuguesa.....	29
1.2 A atividade tipográfica colonial: do Brasil à América hispanofônica.....	35
1.3 Nos tempos da Impressão Régia no Brasil.....	43
1.4 A tipografia do <i>Jornal do Commercio</i> : de sua origem à década de 1860....	51
1.5 Tipografias para quem? Afinal, quem lia no Brasil do XIX?.....	60
2. A produção de obras literárias pela tipografia do <i>Jornal do Commercio</i>	71
2.1 Pierre Plancher e a inexpressiva produção literária da tipografia do <i>Jornal do Commercio</i> em seus primeiros anos.....	73
2.2 Junius Villeneuve: teatro, poesia e muito romance.....	82
2.3 Junius Villeneuve e a reimpressão de romances-folhetim.....	93
2.3.1 O “Folhetim do <i>Jornal do Commercio</i> ”.....	94
2.3.2 A reimpressão dos romances-folhetim em volumes.....	100
2.3.3 Do folhetim ao livro: as novelas do <i>Jornal do Commercio</i>	105
2.4 A tipografia do <i>Jornal do Commercio</i> e o gosto pelos romances no Brasil do XIX.....	114

3. Além da literatura: periódicos e obras não-literárias pela tipografia do <i>Jornal do Commercio</i>	121
3.1 A produção de periódicos pela tipografia do <i>Jornal do Commercio</i>	121
3.1.1 Periódicos médicos: <i>O Propagador das Sciencias Medicas, Semanario de Saude Publica e Diario de Saude</i>	127
3.1.2 Revista feminina: <i>O Espelho Diamantino</i>	138
3.1.3 Imprensa áulica: <i>O Censor Brasileiro e Honra do Brasil</i>	143
3.1.4 Imprensa para imigrantes: <i>L'Independant, L'Echo de L'Amérique du Sul e The Rio Herald</i>	151
3.1.5 “Simplícios”: <i>O Simplício da Roça e O Simplício Poeta</i>	160
3.1.6 Revista ilustrada: <i>Museo Universal</i>	169
3.2 A produção de obras não-literárias pela tipografia do <i>Jornal do Commercio</i>	180
Considerações Finais.....	191
Fontes.....	196
Referências.....	198
Anexos.....	208
Produção da tipografia do <i>Jornal do Commercio</i> (1827-1865).....	208

Introdução

No dia 7 de maio de 1836, os leitores do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro depararam-se em sua primeira página com um texto direcionado aos seus assinantes. Na edição daquele dia, o *Jornal* informava a aquisição de novos equipamentos por sua tipografia e como essas mudanças atingiriam a rotina diária de impressão e entrega do periódico:

AOS NOSSOS ASSINANTES.¹ Desde que o número de nossos assinantes se tornou avultado, e que tivemos de tirar por dia mais de 2000 folhas do *Jornal*, impossível nos foi continuar a distribuí-lo à hora que até então costumávamos fazê-lo. Esta demora na entrega deu ocasião a muitas queixas da parte dos nossos assinantes, e conhecendo nós a justiça de suas reclamações, fizemos todos os esforços para remediar semelhante inconveniente.

Nunca o pudemos, porém, conseguir; e, na verdade, se nos lembrarmos que **o Jornal raras vezes entra no prelo antes das 10 horas, muitas vezes à meia noite, e ainda mais tarde, e que são precisas 10 horas de trabalho consecutivo, com dois prelos de ferro, para a simples impressão da folha**, ver-se-á a impossibilidade absoluta de acabar a sua distribuição pelos meios até agora empregados antes das 10 ou 11 horas da manhã. Resolvemos, pois, por estes motivos, e, mais que tudo, pelo desejo que sempre nos animou de dar a esta folha todos os melhoramentos possíveis, a mandar vir de Paris um PRELO MECÂNICO, como único meio de acabar com os estorvos que encontrávamos.

Este PRELO MECÂNICO, o primeiro que passou o Equador, chegou e acha-se já a trabalhar; e **o Jornal, que até agora com 2 prelos levava 10 horas a imprimir, fica hoje pronto com 2 horas de trabalho** e estará distribuído em toda a cidade e subúrbios pelas 6 horas da manhã.

Facilmente mostraríamos a grande vantagem que infalivelmente há de resultar deste novo processo, mas como sempre preferimos obras a palavras, e nunca fizemos alarde de nossos esforços, limitar-nos-emos a assegurar aos nossos assinantes que esses esforços continuarão como sempre, e que a nada nos pouparemos para dar ao *Jornal* todo o interesse e melhoramentos de que é suscetível, e para merecer o favorável acolhimento que tem encontrado no publico desde que está debaixo da nossa direção.²

Como podemos observar, a partir daquele ano a tipografia do jornal contaria com mais “horas ociosas”, já que em vez das dez horas diárias dedicadas à impressão do periódico até então, seriam necessárias apenas duas horas graças à compra de um prelo mecânico importado de Paris. No entanto, esses equipamentos não ficavam parados enquanto aguardavam para

¹ As citações diretas do periódico terão sua ortografia atualizada. Não atualizaremos, porém, a ortografia dos títulos das obras publicadas pela tipografia do *Jornal*.

² *Jornal do Commercio*, 07/05/1836, p.1, col.1, grifo nosso. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

imprimir o número seguinte do jornal. Ao observar as obras à venda anunciadas pelo *Jornal do Commercio* como tendo “saído à luz” em sua casa impressora, desconfiamos de uma atividade editorial intensa em seu “tempo livre”.³ Em seguida, buscando evidências dessa atividade, encontramos um grande número de livros que levam o selo da tipografia do *Jornal do Commercio* em acervos de bibliotecas nacionais como a Biblioteca Nacional, a Biblioteca Mário de Andrade, a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin e a Biblioteca da Faculdade de Direito da USP.

A partir de toda esta pesquisa, podemos dizer que o principal ganho deste trabalho⁴ seja a reunião de informações desconhecidas ou dispersas, extraídas de fontes primárias e arquivos, cuja organização possibilitou uma ideia de conjunto do material impresso saído à luz pela tipografia do *Jornal do Commercio*, entre 1827 e meados da década de 1860. Além de propormos uma análise preliminar do todo reunido dessa produção, apresentamo-la aqui, expondo, ainda, uma breve análise de como a tipografia se teria estabelecido como lugar privilegiado para a produção e circulação da literatura e dos livros no século XIX e como teria contribuído para a formação de um público de literatura e um gosto literário, que passaria a compor o universo de referências dos leitores que correspondiam a um dos vértices do triângulo autor-obra-público que forma o sistema literário brasileiro, conforme definido por Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira* (1959) e em *Literatura e Sociedade* (1965).

No primeiro tópico da “Introdução” de sua obra *Formação da Literatura Brasileira* (1959), Antonio Candido distingue o que representariam, para ele, os conceitos de “manifestações literárias” e “literatura propriamente dita”, sendo essa última considerada

[...] um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem conhecer as notas dominantes duma fase. Estes

³ Em pesquisas de iniciação científica realizadas anteriormente, descrevemos e analisamos as seções publicadas pelo *Jornal do Commercio*, como as seções “Folhetim” e “Anúncios”, entre os anos de 1827 e 1865. Foi durante esses trabalhos que observamos a presença de literatura não apenas nas páginas do jornal, mas também nos anúncios de sua tipografia.

⁴ Este trabalho foi desenvolvido com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) dentro do Projeto Temático FAPESP 2011/07342-9, “A circulação transatlântica dos impressos - a globalização da cultura no século XIX”, coordenado pela Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu, do qual a Profa. Dra. Lúcia Granja, orientadora desta dissertação, é pesquisadora associada.

denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização.⁵

Os elementos de natureza social e psíquica aos quais Candido se refere compõem a “tríade indissolúvel” autor, obra e público que, conforme ele demonstra posteriormente, em *Literatura e Sociedade* (1965), convivem em um permanente jogo de relações.⁶

Candido afirma que se faz literatura no Brasil desde o século XVI. No entanto, trata-se, a princípio, de “ralas e esparsas manifestações sem ressonância”. Apenas no decorrer do século XVIII, nossa literatura começa a se configurar como um sistema articulado no qual o triângulo “autor-obra-público” se encontra em interação dinâmica. Por fim, ele afirma que somente no último quartel do século XIX “nossa literatura aparece integrada, articulada com a sociedade, pesando e fazendo sentir a sua presença”.⁷

Ao relacionarmos os períodos destacados por Candido com o modo e período no qual se deu a instalação das tipografias no Brasil, podemos notar que o desenvolvimento das tipografias e da imprensa no país caminhou junto à configuração do nosso sistema literário.

Durante os primeiros séculos de colonização, algumas tentativas de instalação de tipografias foram realizadas no país, como os casos apresentados por Laurence Hallewell em *O livro no Brasil* (2005). No início do século XVIII, por exemplo, sob a proteção do governador Francisco de Castro Moraes, uma tipografia teria sido instalada no Recife, e, alguns anos depois, em 1747, o governador do Rio de Janeiro Gomes Freitas de Andrada apoiou a instalação de uma oficina tipográfica na cidade. No entanto, essas e outras tentativas foram suprimidas assim que a metrópole tomou ciência delas.⁸ A atividade tipográfica apenas se efetivou no país em 1808, quando a família real portuguesa, fugindo da iminente invasão das tropas napoleônicas, e sob pressão inglesa, aportou no Brasil e promoveu várias mudanças, entre elas a

⁵ CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 8 ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda., [1959], 1997. vol I. p. 23.

⁶ Idem. *Literatura e sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. 11 ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, [1965], 2010. p. 48.

⁷ Idem. 1997. Op cit. p. 16.

⁸ Cf. HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. 2ª.ed. rev e ampliada. São Paulo: EDUSP, 2005. p. 84 – 92.

instalação da Impressão Régia no Rio de Janeiro. Com a finalidade de imprimir toda a legislação e papéis diplomáticos provenientes das repartições reais e também quaisquer outras obras encomendadas por particulares, a tipografia oficial teve o monopólio da impressão no Rio de Janeiro até 1821.⁹

Com o fim do monopólio da Impressão Régia, começaram a surgir diversas tipografias no Rio de Janeiro que, motivadas pelos acontecimentos políticos da época, como a então recente Revolução do Porto de 1820, as lutas pela Independência do Brasil e as discussões pós-proclamação da Independência em 1822, dedicaram-se primordialmente à publicação de jornais e folhetos políticos, sendo aqueles, na maior parte das vezes, de curta duração.¹⁰

Nesse ínterim, ocorreu na França a queda de Napoleão em 1814 e o retorno do regime absolutista dos Bourbons, com restrição aos direitos civis e suspensão da liberdade de imprensa. Esse período que ficou conhecido como “Restauração” manteve-se até 1830 e, como observou Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, motivou a vinda de muitos negociantes franceses ao Brasil, os quais fugiam da perseguição realizada pelo novo governo aos bonapartistas.¹¹

Foi diante desse panorama, de repressão em sua terra e de novas possibilidades que se abriam em um país recém-proclamado independente, que se instalou no Rio de Janeiro, em 1824, o livreiro e tipógrafo francês Pierre Plancher, que trouxe junto a sua bagagem livros e todo o equipamento necessário para a instalação de uma tipografia na cidade – o que realizou naquele mesmo ano. Foi de sua tipografia que saiu à luz, em outubro de 1827, o periódico diário *Jornal do Commercio*, que, de acordo com Matías Molina, foi

[...] a publicação mais importante do Rio de Janeiro e a mais influente do país durante a maior parte do século XIX e começo do século XX. É provável que em toda a história do Brasil nenhum outro periódico

⁹ Cf. *Ibidem*. p. 106-113.

¹⁰ Cf. MOLINA, Matías. *História dos jornais no Brasil: Da era colonial à Regência (1500-1840)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 177-182.

¹¹ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. João Roberto Bourgeois e Paulo Martin: livreiros franceses no Rio de Janeiro, no início do oitocentos. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH-RJ, HISTÓRIA E BIOGRAFIAS, X, 2002, Rio de Janeiro. *Anais Eletrônicos do X Encontro Regional de História - História e biografias*. Rio de Janeiro: Uerj, 2002. s/p.

tenha igualado a relevância e o prestígio que alcançou em sua época áurea.¹²

Em junho de 1832, Plancher vendeu seu patrimônio acumulado no Rio de Janeiro aos franceses Junius Villeneuve e Réol Antoine de Mougnot, sendo que, em dezembro de 1834, Villeneuve comprou a parte da sociedade de Mougnot, tornando-se o único proprietário do *Jornal do Commercio* e sua tipografia.¹³ Sob os cuidados de Villeneuve e sua família, a publicação do jornal continuou com muita prosperidade, sendo considerado, em 1865, o jornal mais lido do império, conforme artigo publicado pela *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico, e Etnographico do Brasil*.

É o jornal mais lido do Império, possui quase treze mil assinantes, e não só em formato como em variedade e interesse das matérias contidas em trinta e duas colunas de duzentas e cinquenta seis a duzentas e sessenta linhas cada uma, senão em correção e nitidez de impressão, pode competir com os mais acreditados jornais da França e Inglaterra.¹⁴

Contudo, como demonstramos nesta dissertação, não apenas da publicação do *Jornal do Commercio* cuidava a tipografia do jornal, tanto em seus primeiros anos sob os cuidados de Plancher quanto após ser adquirida por Villeneuve, como indicam os anúncios divulgados pelo periódico desde seus primeiros números. Assim sendo, a fim de encontrar evidências da atividade editorial exposta nas páginas do periódico e organizar os materiais que saíram a público pela oficina do *Jornal*, o principal caminho metodológico foi a consulta – por meio dos sites oficiais – aos acervos da Biblioteca Nacional (RJ), da Biblioteca Mário de Andrade e da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (SP), além das Bibliotecas da USP, por meio do portal do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBiUSP). Nesses acervos, pesquisamos, tentando cobrir as várias possibilidades de expressão ortográfica, palavras-chave que remetessem à tipografia do *Jornal do Commercio* – *Jornal do Commercio*, Pierre Plancher, Seignot-Plancher, Junius

¹² MOLINA, Matías. Op. cit. p. 232.

¹³ Cf. SANDRONI, Cícero. *180 anos do Jornal do Commercio 1827-2007 ~ de D. Pedro I a Luiz Inácio Lula da Silva*. Rio de Janeiro: Quorum Editora Ltda., 2007. p. 69-78.

¹⁴ AZEVEDO, Dr. Moreira de. "Origem e Desenvolvimento da Imprensa no Rio de Janeiro", In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico, e Etnographico do Brasil*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1865. Tomo XXVIII, Parte Segunda, p.191.

Villeneuve -, buscando títulos impressos entre 1827 e 1865, que apresentassem essas expressões no campo “Editora” de seus registros de entrada nessas instituições.

Nessa pesquisa, levantamos quase 300 títulos, entre periódicos, obras literárias e obras não-literárias de diversos assuntos, que foram impressos pela tipografia do *Jornal do Commercio* no período. A decisão de encerrar nosso recorte temporal em meados da década de 1860, uma vez que o *Jornal* foi publicado continuamente até abril de 2016, totalizando 189 anos de história, deveu-se ao fato de o atuante livreiro francês Baptiste-Louis Garnier ter passado a investir na atividade editorial, a partir dessa mesma época,¹⁵ e após a falência e morte do editor Paula Brito,¹⁶ o que alterou cada vez mais a formação do gosto, pelo menos no que se refere às leituras em Literatura Brasileira.¹⁷

Com esses dados, buscamos então a trajetória desses títulos nos anúncios publicados pelo *Jornal do Commercio*. Para isso, contamos com as imagens digitalizadas do periódico e com a ferramenta de busca de palavras nessas imagens disponibilizadas pela Fundação Biblioteca Nacional na Hemeroteca Digital Brasileira. Pesquisamos cada título levantado anteriormente, buscando informações nos anúncios sobre estratégias de venda, valores, periodicidade – no caso dos jornais e revistas - e recepção das obras pelo público. Além disso, consultamos as imagens digitalizadas dos outros periódicos impressos pela tipografia do *Jornal do Commercio*, também disponibilizadas na Hemeroteca Digital Brasileira, para conhecer detalhes de sua materialidade, conteúdo e objetivos. Realizamos o mesmo com as obras literárias e não-literárias que por ventura também encontram-se disponíveis digitalizadas.¹⁸

¹⁵ Cf. GRANJA, Lúcia. Rio-Paris: primórdios da publicação da Literatura Brasileira chez Garnier. *Revista Letras* n.47, Santa Maria, 2013, p. 81-95.

¹⁶ GODOI, Rodrigo Camargo de. *Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)*. 2014. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

¹⁷ GRANJA, Lúcia. Um editor no espaço público: Baptiste-Louis Garnier e a consolidação da coleção em Literatura Brasileira. *Revista Estudos Linguísticos*. vol. 45, n. 3, p. 1205-1216, 2016. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/594>.

¹⁸ No caso das obras literárias e não-literárias, encontramos alguns títulos digitalizados na Hemeroteca Digital Brasileira e outros no site oficial da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Por fim, com o intuito de recolher a maior quantidade de informações possíveis sobre essas obras, realizamos um levantamento bibliográfico específico para os títulos levantados e consultamos o Banco de Dados Circulação Transatlântica dos Impressos (CiTrIm).¹⁹ O cruzamento de informações e dados outrora dispersos ou desconhecidos resultou nesta dissertação na qual buscamos organizar os materiais impressos pela tipografia do *Jornal do Commercio*, mostrando a diversidade da atividade editorial ali realizada e destacando a importância dessa oficina para a produção e circulação de literatura e informação no XIX, bem como para a formação e manutenção de um gosto leitor no período.

Apesar das muitas horas dedicadas à impressão do *Jornal do Commercio* até 1836, como vimos no início dessa **Introdução**, encontramos ao pesquisar os acervos das bibliotecas citadas mais de 100 outras publicações que saíram a público pelos prelos da tipografia do *Jornal* entre 1827 e 1835, destacando-se a publicação de obras jurídicas e de outros periódicos.

Entre as obras jurídicas publicadas, podemos observar algumas de grande fôlego: *Código do processo civil com notas explicativas do texto*, 1827, 289 páginas; *Código penal militar*, 1827, 242 páginas; *Coleção cronológica-sistemática de legislação de fazenda no império brasileiro*, de José Paulo Figueiredo Nabuco Araújo, 1830, 4 volumes; *Código criminal do Império do Brasil*, de Charles Jean Mário Lucas, 1831, 112 páginas; *Código dos juizes de paz, ou coleção geral de todas as leis, decretos, resoluções, provisões, etc.*, 1833, 750 páginas.

Em relação aos periódicos, considerados por Laurence Hallewell como a parte mais lucrativa dos negócios de Plancher,²⁰ o editor francês continuou a publicação de duas revistas que haviam sido lançadas antes do primeiro número do *Jornal do Commercio*, foram elas: *O Espelho Diamantino*, revista dedicada às “senhoras brasileiras”, lançada em 20 de setembro de 1827 e que circulou até abril de 1828; e a revista médica *O propagador das sciencias*

¹⁹ O Banco de Dados Circulação Transatlântica dos Impressos (CiTrIm), que armazena dados sobre a forma e indícios de circulação de impressos no século XIX, foi desenvolvido por Márcia Abreu e Orna Messer Levin, com financiamento do CNPq e da FAPESP. O banco é alimentado por diversos pesquisadores pertencentes ao projeto “A Circulação Transatlântica dos Impressos - a Globalização da Cultura no Século XIX (1789-1914)”.

²⁰ HALLEWELL, Laurence. Op. cit.. p. 153.

medicas, impressa desde janeiro de 1827 e que teve novos números publicados até 1829.

Nos anos seguintes, outros periódicos tiveram sua publicação iniciada pela tipografia, com diferentes temáticas, periodicidade e duração: *O Censor Brasileiro*, de abril a julho de 1828; *The Rio Herald*, publicado em inglês entre março e julho de 1828; *O Correio da Camara dos Deputados*, entre maio e novembro de 1831; *O Simplicio da Roça*, entre novembro de 1831 e agosto de 1832; *Diario de Saude*, publicado entre abril de 1835 e abril de 1836; entre outros.

Ainda considerando o período anterior à aquisição do prelo mecânico por Junius Villeneuve, entre 1832 e 1835, é considerável o número de obras maçônicas publicadas pela tipografia. Essas obras somam 11 no total e nove delas se concentram entre os anos de 1833 e 1834. Em sua maioria, não são publicações muito longas, casos como do *Novo dicionário dos termos maçônicos, recopilado de todas as obras publicadas sobre a Maçonaria, e o mais completo dos que se têm dado á luz* (52 páginas) e *Maçonaria simbólica, segundo o regulamento do G.O. de França* (40 páginas), ambos de 1833. Mas também há obras de maior fôlego como as *Cartas sobre a Framaconeria, Edição feita sobre a original de Amsterdam, correctá, e seguida de varios aditamentos, e de huma noticia de algumas violências praticadas contra os Framaçons*, de Hipólito José da Costa Pereira Furtado Mendonça, publicada em 1835, com 204 páginas.

Encontramos também obras direcionadas à instrução da mocidade: *Escola brasileira ou instrucção util a todas as classes extrahida da Sagrada Escriptura para uso da mocidade*, de José da Silva Lisboa, 1827, 182 páginas; *Historia da Grecia antiga abreviada para o uso da mocidade*, traduzida por Luiz Paulino da Costa Lobo, 1828, em dois volumes de 244 e 247 páginas.

Quanto à publicação de literatura, ela é ínfima nesses primeiros anos. Marisa Midori Deaecto, em “Um editor no quadro político do Primeiro Império: o caso de Pierre Seignot-Plancher (1824-1832)” afirma que, seguindo uma tendência da época, Plancher não se dedicou à edição de obras literárias.²¹

²¹ DEAECTO, Marisa Midori. Um editor no quadro político do Primeiro Império: o caso de Pierre Seignot-Plancher (1824-1832). In: CONGRESSO DA HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA NO

Podemos destacar, apesar disso, a publicação de *As frutas do Brazil*, em 1828, edição da obra do Frei Antônio do Rosário *Frutas do Brasil numa nova, e ascética Monarquia, consagrada à Santíssima Senhora do Rosário*, e a publicação da comédia *Tartufo* de Molière em 1830.

Contudo, esse panorama mudou a partir de 1836 com a publicação de um expressivo número de obras de literatura, principalmente entre 1839 e 1844. Nesse intervalo, levantamos trinta e um títulos entre poesia, teatro e prosa de ficção que foram publicados pela tipografia de Villeneuve, sendo que vinte deles são referidos como novelas. No entanto, há uma grande divergência quanto ao número de páginas dessas novelas. Enquanto algumas apresentam cerca de trinta ou quarenta páginas, como *A casa de duas portas, novella* de M. Cordellier-Delanoue (1839, 40 páginas), *Dom Rodrigo Calderon, ou o castigo de Deos, novella historica* de Edward Bulwer-Lytton (1840, 29 páginas) e *Praxedes, imperatriz de Allemanha, novella* de Alexandre Dumas (1840, 40 páginas), outras ultrapassam 100 páginas como *O segredo da confissão, novella* de Alexandre de Lavergne (1840, 126 páginas), *A caçada dos amantes, novella* de Charles de Bernard (1842, 120 páginas) e *A mina de ouro, novella* de Elias Berthet (1843, 304 páginas).²²

Quanto aos textos teatrais, encontramos nove títulos, que apontam uma produção heterogênea que abrange autores de diferentes nacionalidades e estilos, como o drama *Maria Tudor* de Victor Hugo, a comédia *O falso heroísmo* de Antônio Dinis da Cruz e Silva e a ópera joco-séria *Guerras do Alecrim e manjerona* de Antônio José da Silva. Entre as publicações de poesia, de menor número, destacam-se o poema narrativo *A nebulosa* de Joaquim Manuel de Macedo, publicado em 1857, e uma coletânea de poesias de Almeida Garrett, *Folhas Caídas*, em 1853.

Não obstante, a atividade editorial dos anos posteriores à aquisição do prelo mecânico anunciado aos leitores em 1836 permaneceu tão diversa quanto nos primeiros anos da tipografia. Entre 1836 e 1865, levantamos mais

BRASIL, II, 2003, Campinas. *Anais...* Não paginado. Disponível em: < http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/Hsemi.html >. Acesso em: 30/05/2016.

²² Conforme Márcia Abreu, naquela época, não havia um nome estável para as produções narrativas, elas podiam ser encontradas sob diferentes denominações, como “histórias”, “contos”, “novelas” e “romances” independente do número de páginas ou das características estruturais. (Cf. ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura no Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003. p. 265)

de 180 obras presentes nos acervos consultados que foram impressas pelos prelos de Villeneuve.²³ Entre elas continuam a publicação de obras jurídicas (como *Considerações sobre a legislação civil e criminal do Imperio do Brazil* de Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, em 1837, e *Formulario sobre a marcha dos processos criminaes que tem de ser julgados*, em 1855), políticas (como *O tratado de 24 de março de 1843 entre o Brazil e a Confederação Argentina*, em 1845; *Acção, reacção, transacção – Duas palavras acerca da actualidade política do Brasil* de Justiniano José da Rocha, em 1855; e discursos de senadores e deputados) e periódicos (*Jornal dos Debates Politicos e Litterarios*, em 1837, *Museo Universal: jornal das familias brasileiras*, entre 1837 e 1844, *A Tribuna: jornal politico maritimo e litterario*, em 1855).

Além disso, encontramos diversos estatutos (*Estatutos da Academia Medica Homeopatica do Brazil* em 1847, *Novos estatutos da Companhia Macahé e Campos* em 1848, *Estatutos do Banco Rural e Hypothecario do Rio de Janeiro* em 1852, *Estatutos da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio de Janeiro* em 1857, entre muitos outros), obras que informam sobre os conflitos da época (*Noticia descriptiva da provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul, contendo, alem da topographia physica e politica com hum mappa reduzido do theatro da guerra presente*, de Nicolai Dreys, em 1839, e *Historia do movimento politico, que no anno de 1842 teve lugar na provincia de Minas Geraes*, de José Antonio Marinho, em 1844), entre outras publicações de outros temas.

Em relação à atuação de Pierre Plancher no Rio de Janeiro como livreiro e editor, Cícero Sandroni, em seu livro *180 anos do Jornal do Commercio*, lançado em 2007, destaca a “ação civilizadora” de sua oficina junto à sociedade brasileira. Apoiando-se nas considerações do historiador Sérgio Buarque de Holanda e do jornalista Vítor Viana, Sandroni afirma que aquele empreendimento tipográfico contribuiu para a “formação da cultura política da jovem nação”.²⁴ De fato, ao observar as obras que saíram dos prelos da tipografia do *Jornal do Commercio*, há um expressivo número de impressos políticos que corroboram essa afirmação. Entretanto, outras publicações

²³ Em 1863, morre Junius Villeneuve, mas a tipografia e o *Jornal do Commercio* permanecem em sua família com seu filho Júlio Villeneuve como novo proprietário.

²⁴ SANDRONI, Cícero. Op. Cit. p. 26-27.

também saíram de seus prelos, incluindo obras literárias. Diante disso, assim como um papel de relevância foi atribuído à tipografia do jornal quanto à formação política daquela sociedade, desejamos refletir acerca dessa mesma relevância na formação leitora desse público.

Em relação ao público de arte, não exclusivo de Literatura, Candido afirma que o seu comportamento artístico seria manifestado de acordo com as expectativas do momento e da sociedade na qual ele está inserido, ou seja, condicionado a um gosto comum resultante do momento e do meio.

Se nos voltarmos agora para o comportamento artístico do público, veremos uma terceira influência social, a dos valores, que se manifestam sob várias designações – gosto, moda, voga – e sempre exprimem as expectativas sociais, que tendem a cristalizar-se em rotina. [...] mesmo quando pensamos ser nós mesmos, somos público, pertencemos a uma massa cujas reações obedecem a condicionantes do momento e do meio.²⁵

A partir dos estudos de Levin L. Schücking (1960), bem como de Pierre Bourdieu e Alain Darbel (2007), compreendemos que entre esses condicionantes se encontra a imprensa, já que, assim como Candido, os sociólogos europeus entendem o gosto do público como um valor elaborado socialmente, no qual atuam instrumentos de poder muito concretos como a família, a escola e a imprensa e seus meios técnicos.²⁶ Sendo assim, a atividade editorial realizada pela tipografia do *Jornal do Commercio* teria contribuído para a formação do gosto literário do público daquele período. Do mesmo modo, considerando o “movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas”,²⁷ o gosto do público teria influenciado nas decisões da tipografia. Nos capítulos a seguir, esperamos explicitar esse movimento a partir da apresentação das obras publicadas pela tipografia do *Jornal do Commercio* entre 1827 e 1865.

No **Capítulo 1**, dedicamo-nos aos caminhos que antecederam e levaram ao estabelecimento da atividade tipográfica no Brasil, por considerarmos o conhecimento desse contexto necessário para compreender a natureza da

²⁵ CANDIDO, Antonio. 2010. Op cit. p. 46.

²⁶ SCHÜCKING, Levin L., *El gusto literario*, México – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1960; BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. 2. ed. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

²⁷ CANDIDO, Antonio. 2010. Op cit. p. 34.

atividade editorial realizada pela tipografia do *Jornal do Commercio*. Nesse capítulo, comentamos rapidamente a recepção calorosa com a qual a tipografia foi recebida na Europa para, em seguida, ser alvo de políticas censórias em grande parte dos países, dando especial atenção ao caso de Portugal, por suas decisões refletirem diretamente no Brasil. Continuamos esse capítulo apresentando, primeiramente, as tentativas frustradas de instalar uma tipografia no Brasil durante o período colonial; em seguida, comentando a efetiva instalação da atividade tipográfica no país com a inauguração da Imprensa Régia; e, por fim, destacando a disseminação da atividade tipográfica no Rio de Janeiro após a independência do Brasil e o fim do monopólio das publicações pela Imprensa Régia.

No **Capítulo 2**, iniciamos a apresentação e análise da atividade realizada pela tipografia do *Jornal do Commercio* em suas “horas ociosas” a partir da produção literária realizada no local. Iniciamos nossa apresentação pela pouco expressiva produção literária realizada pela tipografia durante seus primeiros anos, quando quem a dirigia era Pierre Plancher. Em seguida, apresentamos as obras literárias, em número bem mais expressivo, impressas no local após Junius Villeneuve assumir a direção da tipografia. Nesse momento, destacamos uma concentração dessas obras no final da década de 1830, e durante a década seguinte, e discutimos os fatores que ocasionaram essa concentração – a saber, o desenvolvimento do folhetim nos jornais brasileiros e o hábito de reimpressão dos romances-folhetim pelas tipografias do período após sua publicação pelo jornal. Por fim, ainda nesse capítulo, avaliamos o papel que as edições literárias realizadas pela tipografia do *Jornal do Commercio* tiveram junto ao público do período, refletindo seus anseios e colaborando para a formação/manutenção de um comportamento leitor.

No **Capítulo 3**, apresentamos os outros periódicos – jornais e revistas - publicados pela tipografia do *Jornal do Commercio* entre 1827 e 1865. Após um panorama geral dos periódicos impressos pela oficina em questão, e apontando as principais diferenças entre Pierre Plancher e Junius Villeneuve que pudemos depreender da política editorial da tipografia quanto à publicação de jornais e revistas, selecionamos alguns nichos editoriais explorados por eles para ilustrar: a diversidade de assuntos à qual os periódicos saídos a público pela tipografia se dedicaram, a efemeridade de grande parte dessas

publicações e o sistema de leitura em que a um público destinavam-se variados tipos de periódicos. Por fim, ainda nesse capítulo, apresentamos as obras não-literárias que foram impressas pela tipografia no período. Outra vez destacamos a diversidade de temas aos quais a tipografia se dedicou – política, direito, história, maçonaria, saúde e outros – e confirmamos o intenso trabalho de impressão que ocorria no local, certificando que as “horas ociosas” do local nada tinham de ociosas e que seus prelos estavam sempre em movimento, levando a público os mais diferentes temas e materiais.

Capítulo 1 - Tipografias: da Europa às Américas e ao Brasil

1.1 Da atividade tipográfica europeia: das origens à censura portuguesa.

Como se sabe, em 1445, Johann Gutenberg daria início a uma revolução no modo de publicar e circular as letras na Europa com a invenção dos tipos móveis. Se antes os livros, folhas noticiosas e outros materiais escritos que se pretendiam ser divulgados entre a população dependiam da atuação de copistas na elaboração de manuscritos ou da impressão realizada a partir de uma matriz única feita de madeira ou metal, após sua invenção e dos aprimoramentos nela realizados, esse processo passou a ser mais barato e rápido, permitindo que o texto impresso fosse acessível a um público cada vez mais amplo e ganhasse usos cada vez mais variados.²⁸

A iniciativa de Johann Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg (ou Johannes Gutenberg) de fundir letras e caracteres avulsos num molde metálico, que permitiu a impressão da Bíblia em 1456, logo se espalhou pela Alemanha e pela Europa. Em 1466 foi impresso o primeiro livro na Basileia; em 1467, em Roma; em 1468, em Paris, onde enfrentou a resistência dos 6 mil copistas da cidade; em 1469, em Veneza; e em 1473, em Westminster, na atual cidade de Londres.²⁹

A disseminação de tipografias pela Europa em seguida à invenção dos tipos móveis por Gutenberg foi consequência do entusiasmo com que seu invento foi recebido pelas autoridades europeias, tanto pelos monarcas reinantes quanto pela influente Igreja Católica. A Igreja necessitava de bíblias, gramáticas e impressos de indulgências, produção que foi explorada por esses primeiros tipógrafos.³⁰ Além disso, foi por iniciativa religiosa que os primeiros prelos chegaram à América e às colônias europeias da África e da Ásia.

Muitas foram as regalias que as nações europeias ofereceram a fim de atrair seus primeiros impressores e incentivá-los a se estabelecerem em suas cidades. Luís XII, na França, por exemplo, eximiu os impressores de certos impostos; a rainha Isabel I, de Castela, tomou a mesma atitude; na Itália, em

²⁸ Cf. EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 10-11.

²⁹ MOLINA, Matías. Op. cit. p.49.

³⁰ Cf. HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 37.

1491, uma lei concedeu isenções à impressão de obras; em Portugal, em 1508, os praticantes da arte tipográfica foram agraciados com o *status* de cavaleiros da Casa Real e também com os privilégios dessa condecoração.³¹ No entanto, essa relação amigável, oriunda de uma euforia inicial, logo se modificou quando os usos da imprensa se alargaram.

Após um deslumbramento inicial por parte dos países europeus pelo invento inovador do tipógrafo moguntino Gutenberg, em 1445, e pelo trabalho de seus sucessores Fust e Schoeffer ao longo do século XV, reis e clérigos, temendo os perigos do uso indevido da tipografia, trataram de limitar sua atividade, instituindo leis, controlando materiais impressos e perseguindo os responsáveis, como fez o Concílio de Latrão, de 1512, a partir do qual muitos impressores passaram a ter de solicitar a permissão de um bispo local para suas publicações.³²

Monarcas e religiosos europeus logo perceberam que a imprensa poderia desempenhar um papel bastante perigoso junto ao povo, disseminando “ideias odiosas”. A Igreja, então, chamou a atenção dos governantes para esse perigo iminente, e, em 1501, o papa Alexandre VI recomendou aos governantes cristãos que criassem um sistema de autorização para a impressão de obras pelas tipografias. Ainda em meados do século XVI, quase todas as nações europeias cristãs haviam seguido o conselho papal e instaurado algum tipo de controle das publicações.³³

Em Portugal, onde a atividade tipográfica se instalou a partir da iniciativa de impressores judeus que buscavam atender sua comunidade por meio da publicação de obras de caráter religioso em hebraico - foram eles responsáveis pelos doze primeiros incunábulo portugueses, impressos entre 1487 e 1494, nas cidades de Faro, Lisboa e Leiria -,³⁴ o controle das publicações e circulação de impressos esteve, em um primeiro momento, assim como por toda a Europa, profundamente associado aos interesses da Igreja Católica, porém, como Luiz Carlos Villalta apresenta em *Reformismo ilustrado, Censura e Prática de Leitura: Usos do livro na América Portuguesa* (1999), o sistema

³¹ Cf. RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil (1500 - 1822)*. São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 1988. p.117; HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p.39 e 70.

³² SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. 2007. 158 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Univerdade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. p.15.

³³ HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p.70-71.

³⁴ Cf. RIZZINI, Carlos. Op. cit. p.85.

censório do país passou por várias reformas durante o século XVIII que acompanharam uma tendência geral de secularização da censura.³⁵

A primeira política de controle das publicações impressas adotada em Portugal foi um sistema de censura tríplice. Desde 1512, após o Concílio de Latrão, os impressores passaram a submeter qualquer obra que desejassem publicar à aprovação do bispo local,³⁶ mas foi apenas em 1517 que a censura prévia realizada pelo Ordinário – os bispos locais – foi efetivada no país. Em 1536, a Santa Inquisição se restabeleceu no reino e também passou a atuar na avaliação das obras a serem impressas em Portugal. Completando o trio de instituições censoras, o governo desenvolveu seu próprio órgão destinado a examinar essas obras, em 1576, e, a partir de então, toda publicação portuguesa necessitava de três licenças para ser publicada e circular no país: do bispo local ou Ordinário, do Santo Ofício, ambos representantes da Igreja Católica, e do Desembargo do Paço, que representava a coroa.

Esse sistema de censura tríplice, na qual os representantes da Igreja Católica possuíam primazia nas decisões por controlarem duas das três licenças necessárias à impressão de um livro, foi profundamente afetado pelo espírito da Contrarreforma, que buscava barrar o avanço do Protestantismo.³⁷ Os órgãos censórios analisavam os manuscritos das obras antes de sua impressão e, após a aprovação do manuscrito e sua publicação, revisavam ainda o material impresso para certificar que as sugestões – ou melhor, imposições – de alterações e cortes haviam sido acatadas.³⁸

Em princípios do século XVIII, porém, Igreja e Estado não mais viviam em harmonia suficiente para que a atividade de censura em Portugal continuasse da maneira como havia sendo realizada.³⁹ Além disso, durante o século XVIII, a Europa, sob influência dos ideais do iluminismo – e sob o temor

³⁵ Cf. VILLALTA, Luiz Carlos. *Reformismo ilustrado e práticas de leitura: usos do livro na América Portuguesa*. 1999. Tese (Doutorado em História) - USP/FFLCH, São Paulo, 1999. p. 146-162.

³⁶ HALLEWELL, Laurence. Op. cit. 2005. p. 71.

³⁷ VILLALTA, Luiz Carlos. 1999. Op. cit. p. 148.

³⁸ SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. Op. cit. p. 16.

³⁹ Os governantes portugueses tinham a necessidade de proibir também obras que revelassem as riquezas de sua colônia americana – ao final do século XVII, no Brasil, as minas de ouro, em Minas Gerais, estavam sendo descobertas e exploradas pelos portugueses e, no início do século seguinte, a descoberta de diamantes na região aumentou o desejo de Portugal isolar sua colônia. Diante disso, a Coroa se dispunha a proibir obras que os outros censores haviam autorizado, como foi o caso de *Cultura e Opulência do Brasil*, de Antonil, em 1711. (Cf. HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 71.)

desse movimento - desenvolveu uma política de estatização da censura acompanhada por uma maior preocupação com as obras de caráter político em detrimento das religiosas.⁴⁰ Foi nessa conjuntura que Portugal viveu a primeira reforma de seu aparato censório.

Essa reforma ocorreu em 1768 quando D. José I, em meio a outras mudanças propostas pelo seu secretário de Estado do Reino Marquês de Pombal, unificou a censura e a colocou sob a responsabilidade de um único órgão representante da coroa denominado Real Mesa Censória. No entanto, os clérigos e suas preocupações não se encontravam excluídos do novo sistema de censura adotado no país, como evidencia o regimento adotado pelo novo órgão:

O regimento da Real Mesa Censória estabelecia dezessete condições pelas quais se proibiam escritos contra a religião (sete condições), contra a política real (seis condições), contra a moral (duas condições) e contra a dissociação entre religião e governo (uma condição).⁴¹

Após a morte de D. José I e a queda de Pombal, quem assumiu o controle do reino foi sua filha D. Maria I.⁴² Em 1787, dez anos após a morte de D. José I, a nova monarca decidiu substituir a Real Mesa Censória pela Real Mesa da Comissão Geral para o Exame e a Censura dos Livros com a justificativa da inoperância do primeiro. D. Maria I, na verdade, desejava ampliar o poder dos clérigos no exercício da censura em Portugal e para isso instituiu que o presidente do novo órgão deveria ser necessariamente um eclesiástico e que metade dos censores deveria ser formada em teologia.⁴³ Apesar disso, como apresentado por José Timotéo da Silva Bastos, o recuo na política secularizadora e regalista adotada pela administração pombalina foi mais teórico do que prático com a Intendência Geral da Polícia e o Desembargo do Paço, órgãos superiores do governo, e a própria Rainha

⁴⁰ VILLALTA, Luiz Carlos. 1999. Op. cit. p. 146.

⁴¹ ABREU, Márcia. O 'mundo literário' e a 'nacional literatura': Leitura de romances e censura. In: ____ (org.) *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p.279.

⁴² A nova reinante tinha extrema devoção à Igreja Católica, sendo conhecida pela alcunha de "A Piedosa". Nos anos finais de sua vida, por conta de uma doença mental, recebeu um novo cognome, menos carinhoso e pelo qual é mais lembrada, "A Louca".

⁴³ *Ibidem*. p. 280.

interferindo diretamente na atividade censória da Real Mesa da Comissão Geral, principalmente após a Revolução Francesa.⁴⁴

O novo órgão censor foi acusado de ser pouco rigoroso com as ideias procedentes do exterior,⁴⁵ e a insatisfação do governo teve seu ápice em 1794, com a licença concedida para a publicação do livro *Medicina Teológica* do médico mineiro ilustrado Francisco de Mello Franco, publicado anonimamente. A publicação da obra que colocava em questão a autoridade da Igreja no campo da saúde despertou a ira do intendente geral da Polícia Pina Manique, nomeado pela Rainha D. Maria I, e foi sucedida de um grande escândalo, sendo o livro imediatamente recolhido.⁴⁶

Diante de mais essa polêmica que denunciava a negligência do sistema de censura português, o governo, já sob a regência informal do príncipe D. João, decidiu extinguir a Real Mesa da Comissão Geral, em 17 de dezembro de 1794, retomando ao sistema da tríplice censura, composto pelo Santo Ofício, Ordinário e Desembargo do Paço. Dessa vez, porém, o Desembargo do Paço desempenharia um papel central no processo censório sendo responsável pela palavra final quanto à liberação de licenças, dando continuidade, assim, ao predomínio laico na política censória do país.⁴⁷

Em seguida ao restabelecimento da censura tríplice, foi lançado um novo regimento pelo qual a ação dos censores deveria se pautar, denominado Regulamentação da Censura Tríplice, que vigorou a partir de 1795. Luiz Carlos Villalta, porém, destaca o caráter homogêneo dos regimentos que buscaram regular a atividade censória em Portugal desde 1768. Considerando as tendências que prevaleceram apesar das mudanças realizadas desde a instituição da Real Mesa Censória, Villalta destacou que os órgãos censórios até o fim da censura prévia no país, em 1832

deram demonstração de seguir a orientação governamental – e fixada em seus próprios editais – de defender a monarquia e o catolicismo, mesmo naquilo que continha de mais contrário à Razão, e combatendo aqueles eleitos como seus inimigos. Em conformidade com as diretrizes do Reformismo Ilustrado, os órgãos censórios agiram no sentido de manter a unidade da *nação portuguesa*,

⁴⁴ BASTOS, José Timóteo da Silva. *História da censura intelectual em Portugal: ensaio sobre a compreensão do pensamento português*. 2ed. Lisboa: Moraes Editores, 1983. p. 143-144.

⁴⁵ MOLINA, Matías. Op. cit. p. 99.

⁴⁶ ABREU, Márcia. 2008. Op. cit. p. 291-292.

⁴⁷ VILLALTA, Luiz Carlos. 1999. Op. cit. p. 159.

assentada na submissão a um rei e na profissão de uma única fé, a religião católica apostólica romana.⁴⁸

Apesar da constante preocupação da Coroa portuguesa com a publicação, posse e leitura de livros proibidos, desde 1517, a verdade é que esse sistema nunca alcançou a eficácia necessária para conter nem a publicação, nem a entrada, nem a posse, nem a leitura de livros proibidos. Para isso, contribuiu o fato de algumas pessoas, por privilégio de sua categoria profissional, nível cultural ou posição social, serem autorizadas a ler determinados livros e autores proibidos, brecha que acabou por facilitar a circulação de obras defesas que, com frequência, alcançavam o restante da população. Além disso, na Europa Ocidental no século XVIII, a proibição de uma obra gerava muitas vezes o resultado contrário ao esperado, estimulando os leitores a procurarem os livros proibidos e contribuindo para que uma rede clandestina de impressão e comércio de obras proibidas se estruturasse no continente.⁴⁹

Prevenir, interditar e reprimir, atuando no circuito que vai da produção do livro até sua leitura, eram tarefas demasiadamente hercúleas para uma máquina burocrática lenta, para a qual faltavam critérios únicos, uniformidade na ação repressiva, articulação entre os vários órgãos ou esferas de fiscalização, problema este que se agravava nos domínios coloniais.⁵⁰

Quanto à circulação de livros proibidos no Brasil, até 1807, a principal preocupação de Portugal com sua colônia americana havia sido a entrada dessas obras, pois, até a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808, a importação de livros da metrópole era a única possibilidade para a aquisição de obras pelos habitantes da colônia. Algumas tentativas de instalação de tipografias no Brasil foram realizadas em seus primeiros séculos de colonização, porém, foram suprimidas assim que a metrópole tomou ciência delas. Vários autores, em diferentes momentos, buscaram compreender e justificar o atraso para a instalação de tipografias no Brasil e constataram que a

⁴⁸ VILLALTA, Luiz Carlos. Censura literária e circulação de impressos entre Portugal e Brasil (1769-1821). In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (orgs). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos Séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006. p.34, grifo do autor.

⁴⁹ VILLALTA, Luiz Carlos. 1999. Op. cit. p. 191-193.

⁵⁰ Ibidem. p. 192.

censura imposta por Portugal – também falha na colônia - teria sido apenas um desses fatores. A seguir, apresentaremos essas tentativas e buscaremos refletir quais outros fatores estariam relacionados a esse atraso para a instalação da atividade tipográfica no Brasil em relação aos demais países da América.

1.2. A atividade tipográfica colonial: do Brasil à América hispanofônica.

Diferentemente do governo espanhol, que autorizava a abertura de estabelecimentos gráficos em suas colônias na América, a metrópole portuguesa, até a vinda da família real, em 1808, proibiu expressamente qualquer tipo de reprodução impressa em todo o território nacional.⁵¹

É comum a afirmação de que não era permitida a instalação de tipografias no Brasil antes do ano de 1808 e da inauguração da Imprensa Régia, Matías Molina, porém, destaca que não há comprovações – documentos – que corroborem essa afirmação.⁵² Molina mostra como essa afirmação foi apresentada por diferentes pesquisadores, como Alfredo de Carvalho, Wilson Martins e Laurence Hallewell, para, em seguida, destacar que, até 1747, quando por meio de uma Carta Régia a metrópole ordenou o desmantelamento de uma tipografia instalada no Rio de Janeiro, não há evidências de que houvesse uma proibição formal quanto à instalação de prelos no país até aquele momento. Contudo, Molina pondera que não existir nenhuma outra evidência não significa que tipografias pudessem ser instaladas livremente pela colônia, mas sim que, somente quando houve a instalação efetiva de uma oficina tipográfica no Brasil, a metrópole teve a urgência e a necessidade de proibi-las.

A primeira tentativa de instalar uma tipografia no país foi realizada pelos holandeses no período de 1630 e 1655, no qual eles dominavam o litoral do Nordeste brasileiro. O conde João Maurício de Nassau, governador do Brasil holandês, solicitou à Companhia das Índias Ocidentais, na Holanda, em 1642, um prelo e um impressor a fim de agilizar e facilitar a publicação de documentos oficiais. Embora tenha tido seu pedido acatado, o impressor enviado ao Brasil, Pieter Janszoon, faleceu antes de chegar. Em 1645, a

⁵¹ EL FAR, Alessandra. Op.cit. p.11.

⁵² MOLINA, Matías. Op. cit. p. 55-56.

Companhia informou que não havia encontrado outro impressor interessado em se instalar no Brasil.⁵³

Fora do campo das tentativas, alguns pesquisadores afirmam que uma pequena tipografia teria funcionado no Recife entre 1703 e 1706, sob a proteção do governador de Pernambuco, Francisco de Castro Moraes. A prova da existência dessa tipografia seria uma Carta Régia de 8 de julho de 1706, que mandava “sequestrar as letras impressas e notificar os donos e oficiais de uma tipografia estabelecida na povoação do Recife – que não imprimissem e nem consentissem que se imprimissem livros nem papéis alguns avulsos na mesma tipografia”.⁵⁴

No entanto, após a pesquisa de Wilson Martins, na qual não foi encontrada qualquer ordem ou Carta Régia com a data de 8 de julho de 1706, e também devido a nenhum vestígio das atividades dessa tipografia terem sobrevivido ao tempo, considera-se a possibilidade de que os pesquisadores anteriores possam ter se deparado com a ordem de 6 de julho de 1747, motivada, como apontamos anteriormente, pela instalação de uma tipografia no Rio de Janeiro, e se confundido com as datas.⁵⁵

A oficina alvo da Carta Régia de 1747 foi a tipografia do português Antônio Isidoro da Fonseca, que se instalou no Rio de Janeiro a convite do governador Gomes Freitas de Andrada. Esse convite, na opinião de Laurence Hallewell, motivou Isidoro da Fonseca a instalar-se no Rio de Janeiro, num momento em que a colônia ainda oferecia perspectivas reduzidas para sua atividade, pois ao menos garantia ao tipógrafo a impressão de atos, decretos e outros impressos oficiais.⁵⁶ Além do convite do governador, outros fatores teriam influenciado na vinda do tipógrafo para o Brasil.

Antonio Isidoro da Fonseca foi um dos principais tipógrafos de Lisboa entre 1735 e 1745. Em Portugal, nesse período, foi responsável pela publicação de importantes obras como o primeiro volume da *Biblioteca Lusitana*, de Barbosa Machado, e algumas obras do dramaturgo brasileiro Antonio José da Silva, conhecido como “O Judeu”, que foi queimado vivo em

⁵³ Cf. RIZZINI, Carlos. Op cit. p. 309-310; HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p.81-82; MOLINA, Matías. Op. cit. p. 78-80.

⁵⁴ MOLINA, Matías. Op. cit. p.81

⁵⁵ MARTINS, Wilson. *A palavra escrita*. São Paulo, SP: Editora Ática, 2001. p. 302-303.

⁵⁶ HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 87-89.

1739 durante autos de fé organizados pela Inquisição. Observe-se que o *Jornal do Commercio* retomará a ópera mais famosa de Antonio José da Silva, *Guerras do Alecrim e da Manjerona*, publicando-a em 1847.

Ambas as publicações teriam contribuído para sua vinda ao Brasil. Enquanto a publicação da *Biblioteca Lusitana*, uma obra extensa, pode ter contribuído para que Antonio Isidoro da Fonseca tenha se encontrado cheio de dívidas, obrigando-o a vender seu negócio em Lisboa para saldá-las; as edições das obras de Antonio José da Silva fizeram cair sobre o tipógrafo a suspeita de que fosse um judeu encoberto. Assim, além de tentar a sorte na colônia, Isidoro da Fonseca pode ter visto no convite de Gomes Freitas de Andrada uma forma de escapar do mesmo fim do dramaturgo brasileiro.⁵⁷

No Brasil, apesar do apoio do governador do Rio de Janeiro, a “sorte” de Isidoro terminou no mesmo ano em que publicou sua primeira obra em solo brasileiro, a *Relação da entrada que fez o excellentissimo, e reverendíssimo senhor D. F. Antonio do Desterro Malheyro bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia deste prezente anno de 1747*, por Luiz Antonio Rosado da Cunha. Considerado o primeiro livro impresso no Brasil, a *Relação* foi seguida de apenas outras três ou quatro pequenas obras impressas pela tipografia de Isidoro antes de seu fim:

A segunda é um “romance heroico”, um folheto “Em aplauso” do mesmo bispo. A terceira, dedicada também ao piedoso bispo, consta de onze epigramas em latim e um soneto em português. A quarta foi a tese *Concluziones Metaphysicas de Ente Reali*, do jesuíta Francisco de Faria, que foi impressa em seda.⁵⁸

A quinta obra resultante da passagem de Antonio Isidoro da Fonseca pelo Rio de Janeiro durante o ano de 1747 foi descoberta apenas em 2010, pelo pesquisador Paulo Leme, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo de Lisboa. Trata-se de uma obra em latim de quatro páginas, formato in-fólio, intitulada *Dissertationes Theologicas de merito justi...*, escrita por Francisco da Silveira.⁵⁹

Tão logo Portugal tomou ciência do trabalho de Isidoro na colônia, ordenou que seu material fosse apreendido e enviado para Portugal. Antonio

⁵⁷ Ibidem. p.86.

⁵⁸ MOLINA, Matías. Op. cit. p.84.

⁵⁹ Cf. Ibidem. p.85-86.

Isidoro da Fonseca ainda tentou, em 1750, conseguir autorização junto à metrópole para estabelecer uma nova tipografia no Brasil, porém teve seu pedido negado.⁶⁰

A iniciativa de Fonseca teria ainda motivado o envio de uma carta ao comissário José de Souza Ribeiro, no Rio de Janeiro, por parte do aparato censório português em atuação no período, no caso a primeira formação da censura tríplice, composta pelo Santo Ofício, o Ordinário e o Desembargo do Paço. No documento, apresentado por Luiz Carlos Villalta, observamos que a primazia da Igreja Católica na atividade censória no período pôde ser sentida também no Brasil. A carta de 1748 ordenava que se notificasse ao “impressor ou impressores” de que se tivesse notícia que qualquer papel ou livro não poderia ser publicado sem “expressa licença do Santo officio”,⁶¹ sem menção aos outros órgãos censores. O Santo Ofício ainda atuou na colônia, enviando editais de livros proibidos e ordenando que se investigassem bibliotecas de falecidos e letrados a fim de apreender obras defesas.⁶²

Ainda no primeiro período de atuação da censura tríplice, a atuação do Ordinário quanto à fiscalização dos livros e da leitura também se fez presente na colônia, sendo determinada pelas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*.

As *Constituições* proibiam ouvir e proceder a leitura de livros julgados “defesos pelos catálogos do Sumo Pontífice e da Inquisição do Reino, ou” ainda, proibidos pelas autoridades diocesanas. Determinavam aos vigários gerais dos bispados que chamassem os mestres ou os capitães dos navios, inquirindo-os sobre os livros possivelmente lidos na viagem, ou que viessem embarcados, remetidos a alguém. Nenhum livro da alfândega poderia ser entregue aos seus donos sem antes serem examinados pelo vigário geral. Aqueles que vendessem ou tivessem livros “de causas sagradas sem nome de autor, não sendo primeiro revistos e aprovados pelo ordinário”, incorreriam em pena de excomunhão maior e pagariam 100 cruzados, ocorrendo o mesmo aos que comunicassem, lessem ou divulgassem livros não impressos, manuscritos.⁶³

⁶⁰ HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 91-92.

⁶¹ Instituto dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo (Lisboa), *Inquisição de Lisboa*, “Correspondência enviada – Registro”, Livro 22, p. 405v-40. apud VILLALTA, Luiz Carlos. 1999. Op. cit. p. 153. (Villalta agradece, em sua tese, a Bruno Feitler, que encontrou e levou a seu conhecimento esse documento.)

⁶² Cf. VILLALTA, Luiz Carlos. 1999. Op. cit. p. 195-196.

⁶³ *Ibidem*. p. 201.

Embora essas determinações sejam datadas do início do século XVIII, a atuação censória do Ordinário na colônia acontecia, pelo menos, desde o início do século anterior, como aponta o interrogatório de Fernão Mendes realizado por Marcos Teixeira, visitador do Santo Ofício, em 1618. Na ocasião, também apresentada por Villalta, o representante da Inquisição perguntou ao interrogado por que ele não havia levado o livro *Belial* ao Ordinário local assim que soube que se tratava de uma obra proibida.⁶⁴

Após a unificação da censura, percebemos uma maior preocupação da Coroa quanto à entrada de livros proibidos na colônia, intensificando as determinações enviadas às alfândegas. Sob as ordens da Real Mesa Censória, uma determinação enviada aos juízes das alfândegas exigia que se remetesse “todos os livros que nelas se achassem para a casa da revisão, devendo os indivíduos que estivessem a transportar ou a remeter livros a terceiros listá-los num catálogo”. Em seguida, o impacto da Revolução Francesa sobre a censura portuguesa também foi sentido na América portuguesa e, em 1792, a Coroa dirigiu uma nova determinação a todos os juízes das alfândegas, incluindo os de São Paulo, Santos, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Pará, Maranhão, Paraíba e Santa Catarina. A nova provisão exigia maior rigor frente aos livros que eram transportados por navios tanto nacionais quanto estrangeiros.⁶⁵

Todavia, a atuação da censura na colônia também não foi totalmente efetiva. Como observou Rubens Borba de Moraes, na América Portuguesa havia um desequilíbrio no cumprimento das provisões da censura em decorrência da autonomia dos capitães-gerais, bem como das circunstâncias próprias de cada capitania. Enquanto algumas capitanias apresentavam uma postura severa quanto à fiscalização da circulação e leitura de livros proibidos, outras partes do país não contavam com qualquer tipo de fiscalização.⁶⁶ Além disso, a fiscalização realizada nas alfândegas apresentava incoerências com um mesmo livro sendo retido em um momento e liberado em outra situação em

⁶⁴ SEGUNDA visitação do Santo Ofício às partes do Brasil pelo inquisidor e visitador o licenciado Marcos Teixeira. Livro das Confissões e Ratificações da Bahia – 1618-1620. (Introd. Eduardo d'Oliveira França e Sônia A. Siqueira). *Anais do Museu Paulista*, São Paulo (17): 123-547, 1963. apud VILLALTA, Luiz Carlos. 1999. Op. cit. p. 200.

⁶⁵ VILLALTA, Luiz Carlos. 2006. Op. cit. p. 114.

⁶⁶ MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979. p. 59.

um curto intervalo de tempo, como foi o caso apresentado por Villalta de duas remessas de um livro de Locke realizadas em novembro de 1795 e julho de 1796.⁶⁷

Após a malograda tentativa de Antonio Isidoro da Fonseca, o Brasil apenas voltou a experimentar as letras de forma em 1807, quando foi publicado, em Vila Rica, na província de Minas Gerais, um opúsculo de 18 páginas, das quais 15 eram impressas. Tal façanha foi realizada pelo padre José Joaquim Viegas de Menezes a pedido do governador da província Pedro Maria Xavier de Athayde e Mello, Visconde de Condeixa. Tratava-se de um poema escrito por Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos em homenagem ao governador. A técnica utilizada pelo padre para a impressão do poema, porém, não foi a dos tipos móveis de Gutenberg, mas sim a da calcografia, na qual letras e imagens são gravadas em chapas de cobre para posterior reprodução.⁶⁸

Bastante diferente, e com muito menos atraso, se deu a instalação de prelos nas colônias americanas espanholas e inglesas. Enquanto no Brasil a tipografia era apenas um desejo no século XVII, na América Espanhola ela já era uma realidade desde o século anterior e na América Inglesa estava presente desde 1638.

Na América Inglesa, como nos conta Carlos Rizzini, a tipografia iniciou sua atuação em Massachusetts, no ano de 1638, por iniciativa do pastor puritano José Glover, que instalou os primeiros prelos da Nova Inglaterra no Harvard College, que ele havia ajudado a fundar em Cambridge. Após sua morte, sua viúva resolveu explorar as oportunidades da oficina e, em 1640, utilizando-se do serviço de três operários vindos da metrópole, foi responsável pela impressão do *The Whole Booke of Psalmes*, conhecido como *Bay Psalm Book*, primeiro livro da colônia.⁶⁹

Quanto a América Espanhola, conforme Matías Molina, deve-se destacar o caso da Cidade do México, onde a tipografia chegou apenas 84 anos após sua invenção e que, em 1600, já contava com oito empreendimentos tipográficos. Apenas dez anos após o descobrimento do

⁶⁷ VILLALTA, Luiz Carlos. 1999. Op. cit. p. 210.

⁶⁸ Cf. RIZZINI, Carlos. Op. cit. p. 313; MOLINA, Matías. Op. cit. p. 90-91.

⁶⁹ RIZZINI, Carlos. Op. cit. p. 97-98.

Novo Mundo, a coroa espanhola já autorizou a instalação das primeiras tipografias na sede dos vice-reinados de Nova Espanha (México) e Nova Castela (Peru). Na Cidade do México, na década de 1530, foram impressas as primeiras obras de caráter religioso, com a autorização do imperador Carlos V.

Em 1533, na Cidade do México, há referências de que um prelo instalado por Esteban Martín teria publicado a *Escala espiritual para llegar al cielo*, de São João Clímaco, e, em 1537, da mesma oficina, teria saído a obra *Doctrina*. Ainda na Cidade do México, em 1539, Johann (Juan) Cromberger teria publicado a *Breve y más compendiosa doctrina*. Dessas obras, porém, como aponta Matías Molina, não restaram exemplares.⁷⁰

Nos demais territórios americanos de colonização espanhola, a arte tipográfica também chegou com bastante antecipação, em relação à instalação de prelos no Brasil, e esteve, no início, limitada a publicação de obras de natureza religiosa. No Peru, por iniciativa dos padres jesuítas, um prelo foi instalado em 1583 por meio do qual foram impressas as primeiras obras da América do Sul - a *Doctrina christiana y catecismo para instruccion de los índios*, publicada em espanhol, quíchua e aimará.⁷¹ Os jesuítas ainda foram responsáveis pela instalação de prelos em Bogotá, na atual Colômbia, em 1738; em Santiago, no Chile, em 1748; e em Córdoba, na atual Argentina, em 1758.⁷²

A diferença com que a tipografia foi tratada pela Espanha e por Portugal em suas colônias americanas pode ser explicada pela sociedade nativa estabelecida com que cada reino se deparou no Novo Mundo. Como discutido por Laurence Hallewell, a impressão foi introduzida onde se acreditava que os clérigos fossem encontrar maior dificuldade para doutrinar os nativos por conta de uma cultura local desenvolvida. A impressão local permitiria uma maior rapidez e conveniência, pois além de evitar a espera oriunda de uma encomenda feita à Europa, facilitava a feitura de obras em língua nativa. No Brasil dos primeiros séculos de colonização, acreditava-se que apenas o ensino oral já seria o suficiente.⁷³

⁷⁰ MOLINA, Matías. Op. cit. p. 51-52.

⁷¹ Ibidem. p.52.

⁷² HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 53.

⁷³ Ibidem. p. 49.

Pelo menos nos dois primeiros séculos da colonização portuguesa e espanhola, a impressão foi, em toda a parte, a auxiliar da Igreja evangelizadora, implantada em quase todos os casos por iniciativa dos clérigos, de modo que a maior parte de sua produção destinava-se a suprir as necessidades do clero e das missões.⁷⁴

As tentativas de instalação de tipografias no Brasil que tiveram início com os holandeses, no Nordeste, em 1642, e que se concretizaram em 1747 com a instalação da oficina de Antonio Isidoro da Fonseca no Rio de Janeiro, mostram que o desenvolvimento do país levou à necessidade de prelos. O objetivo dos governadores João Maurício de Nassau, do Brasil holandês, e Gomes Freitas de Andrada, do Rio de Janeiro, não era religioso, mas sim burocrático. Ambos esperavam agilizar e facilitar a publicação dos documentos oficiais que, com os avanços da colônia, tornavam-se cada vez mais volumosos. No entanto, se a impressão se mostrava agora uma necessidade da colônia por conta de seu desenvolvimento, pelo mesmo motivo Portugal sentia necessidade de inibi-la.

No século XVIII, teve início a exploração das riquezas minerais de Minas Gerais, que atraiu muitas pessoas para a região e desencadeou avanços sociais e econômicos para o local. Além disso, o desenvolvimento do Brasil caminhava junto a uma dependência cada vez maior da metrópole diante da colônia.⁷⁵ Por conta disso, Portugal cada vez mais se preocupava em isolar o Brasil do contato com países estrangeiros, impondo proibições à entrada de estrangeiros no país – Carta Régia de 1707 –, vigiando a entrada de livros como vimos anteriormente, entre outras políticas de censura e isolamento. Além de proteger as riquezas de sua colônia, Portugal buscava garantir que as novas ideias e correntes culturais que se propagavam pela Europa e Estados Unidos, que tinham proclamado sua independência em 1776, não chegassem ao país.⁷⁶

Ironicamente, a própria coroa portuguesa se viu obrigada a mudar esse cenário quando, em 1808, ameaçados pela invasão das tropas napoleônicas e sob pressão inglesa, D. João, a Família Real e grande parte da Corte

⁷⁴ Ibidem. p. 76.

⁷⁵ “A colônia era vista como fonte de tributos para a Coroa e de matérias-primas baratas para o comércio com outros países, assim como um mercado para os rudimentares produtos da atrasada manufatura portuguesa” (MOLINA, Matías. Op. cit. p.87.)

⁷⁶ Ibidem. p. 86-90.

portuguesa fugiram para o Brasil. Na colônia, entre as primeiras ações do Príncipe Regente foi realizada a abertura dos portos brasileiros às nações amigas em 28 de janeiro de 1808, durante passagem pela Bahia e, em 13 de maio de 1808, a fundação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro.

1.3. Nos tempos da Imprensa Régia no Brasil

Como narrado por diversos estudiosos da história do Brasil e também da história do livro no Brasil, a ameaça de uma invasão das tropas napoleônicas a Portugal fez com que, em 29 de novembro de 1807, a Família Real portuguesa junto com grande parte da Corte do reino embarcasse para a América portuguesa. Também se transferiu para a colônia, na ocasião, todo o aparato administrativo e burocrático do governo, com seus funcionários e servidores da casa real. Essa transferência foi responsável por profundos e irreversíveis avanços para a colônia que, em 1808, com a chegada do Príncipe Regente D. João VI, se tornou a sede do governo e o centro de decisões do império português.

Antes de se instalar no Rio de Janeiro, a nobre tripulação portuguesa realizou uma parada na Bahia e, durante sua passagem por lá, D. João VI realizou seu primeiro grande ato na colônia decretando a abertura dos portos brasileiros ao comércio e aos navios estrangeiros. Se antes a colônia dependia da mediação de Portugal para comercializar seus produtos, a partir de então passou a tratar de negócios diretamente com os outros países.

Da Bahia, a Corte portuguesa seguiu para o Rio de Janeiro, onde se instalou em 7 de março de 1808. Como destacado por Márcia Abreu, na Introdução de *Os Caminhos dos Livros* (2003), foi a partir da chegada da Família Real que se ampliaram as possibilidades de contato com livros na colônia, com a instalação de livreiros e negociantes estrangeiros, abertura de bibliotecas e fundação de jornais.⁷⁷ O primeiro passo para esse novo panorama foi dado por D. João ainda em 1808 quando o príncipe apresentou à colônia uma nova era com a inauguração de uma tipografia.

⁷⁷ ABREU, Márcia. 2003. Op. cit. p. 15.

A presença do Príncipe Regente e de sua Corte no Brasil exigia a realização e a publicação de uma série de atos do governo. Era necessário realizar nomeações e criar secretarias e demais órgãos da hierarquia administrativa a fim de legalizar as mudanças oriundas da transferência do governo de Portugal para a colônia, e também, de acordo com Lilia Schwarcz, para agradar os nobres que acompanharam a Família Real em sua transferência e reclamavam sua subsistência.⁷⁸ Foi nesse contexto que D. João tomou conhecimento que equipamentos de impressão haviam chegado à colônia por intermédio de um de seus ministros.

A versão aceita de modo geral e encontrada em diversos estudos acerca da procedência desses equipamentos que deram origem à primeira tipografia oficial do Brasil é que Antônio de Araújo Azevedo, responsável pela Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, havia encomendado da Inglaterra prelos e demais acessórios de uma tipografia um pouco antes da ameaça das tropas napoleônicas. No entanto, esses equipamentos – dois prelos e 28 caixas de tipos - não chegaram a ser instalados em Portugal e foram transportados do cais de Lisboa para o Brasil junto com a Corte portuguesa.⁷⁹

No Rio de Janeiro, Antônio de Araujo Azevedo instalou esses equipamentos no andar térreo de sua residência, na rua do Passeio, nº44. Mas a tipografia não ficou muito tempo sob sua responsabilidade, pois logo foi substituído na Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra por Rodrigo de Souza Coutinho. Em 13 de maio de 1808, como destacado por Matías Molina, D. João VI transformou o que seria a tipografia de uma Secretaria num marco da indústria gráfica, da indústria editorial e da imprensa no Brasil com a criação da Imprensa Régia.⁸⁰

Tendo-Me constado, que os Prelos, que se acham nesta Capital, eram os destinados para a Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros, e da Guerra; e atendendo à necessidade, que há da Oficina de Impressão nestes Meus Estados: Sou servido, que a Casa, onde se estabeleceram sirva interinamente de Impressão Régia, onde se imprima exclusivamente toda a Legislação, e Papéis Diplomáticos, que emanarem de qualquer Repartição de Meu Real Serviço; e se possam imprimir todas e quaisquer outras Obras;

⁷⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 246.

⁷⁹ HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 111-112.; MOLINA, Matías. Op. cit. p. 107-108.

⁸⁰ MOLINA, Matías. Op. cit. p. 108.

ficando interinamente pertencendo o seu governo e administração à mesma Secretaria [...].⁸¹

Nessa mesma data, foi publicado o primeiro trabalho realizado pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro: uma relação dos despachos realizados pela Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra desde a chegada da Corte portuguesa ao Brasil até aquela data.

Primeiramente sob os cuidados de Rodrigo de Souza Coutinho, logo foi designada uma Junta Diretora para administrar a Imprensa Régia do Rio de Janeiro, composta por José Bernardo de Castro, Mariano José (ou José Mariano) Pereira da Fonseca e José da Silva Lisboa. Como afirmado por Márcia Abreu, essa comissão também era encarregada de “examinar todos os papéis e livros que se desejasse publicar”, garantindo “que nenhum atentado à religião, ao governo ou à moral ganhasse forma impressa” na colônia. Entretanto, pouco tempo depois, com o objetivo de separar as funções administrativas e censórias, foi nomeada uma junta de censores composta por quatro membros, dos quais metade eram clérigos, subordinada à Mesa do Desembargo do Paço.⁸²

A Mesa do Desembargo do Paço do Rio de Janeiro havia sido inaugurada em 22 de abril de 1808 motivada pela abertura dos portos brasileiros, que possibilitou a importação de bens de outras localidades que não Portugal. Composta por religiosos e por leigos formados pela Universidade de Coimbra, a Mesa deliberava sobre os mais diversos assuntos, como “o direito de portar arma de fogo” e a “legitimação de crianças fruto de uniões irregulares”. Entre suas funções, com a crescente demanda de livros pela colônia e a possibilidade de impressão a partir da criação da Imprensa Régia, foram acrescentados o controle dos livros e papéis que passassem pelas alfândegas brasileiras e o exame dos manuscritos que se desejassem imprimir na tipografia oficial.⁸³

⁸¹ Decreto de fundação da Imprensa Régia assinado por D. João VI em 13 de maio de 1808. O texto do decreto pode ser acessado em: <http://bndigital.bn.br/projetos/expo/djoaovi/imprensajoanino.html>.

⁸² ABREU, Márcia. “Duzentos anos: Os primeiros livros brasileiros”. In: ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Anibal (orgs.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 43.

⁸³ Idem. 2003. Op. cit. p. 40-41.

Assim, entre a vinda da Família Real e o reconhecimento da independência do Brasil por Portugal, a Mesa do Desembargo do Paço esforçou-se por controlar a impressão e a circulação de livros no Brasil, verificando sua entrada e sua saída dos portos, examinando as obras postas às vendas por livreiros, estudando inéditos com vistas à impressão, avaliando pedidos de concessão de privilégio de edição e venda, observando a fidelidade de reimpressões.⁸⁴

A queda da censura foi alcançada apenas após a Revolução do Porto, que ocorreu em agosto de 1820, na qual os liberais portugueses tomaram a cidade e, em seguida, convocaram as cortes a fim de votar uma Constituição, a qual, votada em fevereiro de 1821, e posta em vigor apenas em julho daquele ano, aboliu a censura prévia e estabeleceu a liberdade de imprensa.⁸⁵ Em Portugal, a abolição da censura prévia seria apenas uma suspensão, voltando o sistema censório a atuar em 1824 sob a responsabilidade do Ordinário e do Desembargo do Paço – o Santo Ofício havia sido extinto do país em março de 1821.⁸⁶ Em 1824, porém, o Brasil já se encontrava independente e sob o reinado de D. Pedro I.

Ao longo do tempo, a Impressão Régia sofreu alterações em seu nome. Em 1815, ano no qual o Brasil foi alçado do *status* de colônia para a categoria de reino com a criação do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, uma nova Junta Diretora foi estabelecida e o nome da oficina foi alterado para Régia Oficina Tipográfica. Em 1818, quando D. João VI se tornou rei, passou a ser denominada Tipografia Real. Em seguida, em 1821, quando os liberais chegaram ao poder em Portugal, teve seu nome substituído para Tipografia Nacional. A imprensa do governo ainda sofreu outra mudança em seu nome, em 1826, passando a ser chamada de Tipografia Nacional e Imperial.⁸⁷

A Impressão Régia manteve o monopólio da impressão no Rio de Janeiro até 1821 e, durante esse período, sua produção não se resumiu apenas à publicação de documentos e papéis relacionados aos serviços do reino. Ela também foi responsável pela impressão do primeiro periódico do país, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, e por diversas obras de interesses culturais

⁸⁴ Ibidem. p. 42.

⁸⁵ Cf. HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 119-120; MOLINA, Matías. Op. cit. p. 177-178.

⁸⁶ A censura preventiva apenas foi efetivamente abolida de Portugal em 1832 (Cf. ABREU, Márcia. 2008. Op. cit. p. 281).

⁸⁷ SCHWARCZ, Lília Moritz. Op. cit. p. 249; SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. Op. cit. p.43.

diversos. Simone Cristina Mendonça de Souza, em *Primeiras impressões: romances publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro*, tese de doutorado defendida em 2007, bem como pesquisas anteriores acerca da produção da tipografia oficial do governo, destacaram a heterogeneidade do trabalho realizado pela Impressão Régia entre 1808 e 1822, que lançou livros das mais diversas áreas, impulsionada, em um primeiro momento, pela construção de variados estabelecimentos de ensino no Rio de Janeiro. Foram publicadas obras de belas-letas, matemática, geometria, medicina, direito, agricultura, comércio, história, filosofia, entre outras.⁸⁸

Também contribuiu para a produção diversificada da Impressão Régia a atuação de particulares e livreiros, já que, como presente no decreto de sua inauguração, a Impressão Régia estava disponível para a publicação de “todas e quaisquer outras obras”, sendo necessário ao interessado em utilizar os prelos oficiais para imprimir alguma obra apenas poder arcar com os custos de sua publicação e conseguir as autorizações necessárias junto ao Desembargo do Paço. Márcia Abreu, em “Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros”, comentou a relação de um desses livreiros presentes no Rio de Janeiro no início do XIX, Paulo Augusto Martin, com a Impressão Régia, que produziu muitas obras literárias por sua iniciativa.⁸⁹

De acordo com Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, Paulo Martin já atuava na venda de livros no Rio de Janeiro, provavelmente, a partir de finais de 1799. Em um primeiro momento, ele vendia obras publicadas por Paulo Martin, o pai, editor e livreiro atuante em Lisboa.⁹⁰ No início do século XIX, porém, Paulo Martin Filho também passou a se dedicar à atividade de edição de livros no Rio de Janeiro usufruindo dos serviços da Impressão Régia logo após sua criação. Márcia Abreu apresenta um catálogo de sua loja que foi publicado apenas dois anos após a criação da Impressão Régia do Rio de Janeiro e que já apresentava 24 títulos impressos por sua iniciativa. Em seguida, Abreu apresenta outro catálogo de Paulo Martin Filho, publicado um ano depois, e destaca o ritmo de crescimento no número de publicações ao

⁸⁸ Cf. CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. São Paulo: EDUSP/ Livraria Kosmos Editora, 1993. 2v.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit. p. 256; SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. Op. cit. p. 42; ABREU, Márcia. 2010. Op. cit. p.44.

⁸⁹ ABREU, Márcia. 2010. Op. cit. p. 52-60.

⁹⁰ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Op. cit. s/p.

compará-los: “Se em 1810 o catálogo advertia que, além das 24 obras anunciadas, havia outras quatro no prelo, meses depois elas não só já estavam disponíveis como haviam surgido 15 novos títulos”.⁹¹

A atuação de Paulo Martin, o filho, ainda possibilitou a circulação das obras publicadas pela Impressão Régia do Rio de Janeiro na Europa, como mostra o catálogo de Paulo Martin, o pai, analisado por Márcia Abreu:

Em 1812, ele [o pai] solicitou ao Desembargo do Paço de Lisboa autorização para imprimir e colocar em circulação o “Catalogo das Obras impressas no Rio de Janeiro e que se achão de venda em Lisboa, na loja de Paulo Martin e filhos, nº 6 defronte do Chafariz do Loreto”, no qual anunciava 45 livros impressos no Brasil, compondo um rol de obras de Direito, Geografia, Medicina, Matemática, Economia, Agricultura, Biologia e Belas-Letras, das quais três estavam presentes no catálogo dado à luz por seu filho, no Rio de Janeiro, no ano anterior. Martin revelou tino na seleção do material a ser anunciado, o qual incluía primeiras edições, títulos esgotados e obras de sucesso e mostrava uma eficiência dos prelos cariocas e uma competitividade jamais suposta.⁹²

A partir de 1811, os livreiros e particulares que desejavam imprimir ou adquirir uma obra no Brasil passaram a contar também com a possibilidade de fazê-lo junto à tipografia de Manuel Antonio Silva Serva, negociante português, que atuava na Bahia e que foi o primeiro particular a possuir uma oficina tipográfica no Brasil. Como afirmam Luis Guilherme Pontes Tavares e Flávia Garcia Rosa (2010), Silva Serva chegou a Salvador em 1797 e instalou na cidade um comércio no qual vendia livros importados. No início de 1811, porém, com o apoio de dom Marcos de Noronha e Brito, governador geral da Bahia, conseguiu a autorização do príncipe regente dom João para instalar a primeira tipografia da Bahia.⁹³

Silva Serva inaugurou sua tipografia em 13 de maio de 1811 e, naquele dia, distribuiu um folheto em que anunciava, para o dia seguinte, o primeiro número do *Idade d’Ouro do Brazil*, o primeiro periódico baiano. Um ano depois, Silva Serva lançou a primeira revista brasileira, *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, entretanto, de curtíssima duração – foram apenas três números

⁹¹ ABREU, Márcia. 2010 Op. cit. p.53

⁹² Ibidem. p. 56.

⁹³ TAVARES, Luis Guilherme Pontes; ROSA, Flávia Garcia. “Apontamentos para a história do livro na Bahia”. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 221-222.

lançados entre janeiro e março de 1812, sendo que os últimos números foram lançados juntos em uma edição dupla.

Tavares e Rosa classificam Silva Serva como destemido e ambicioso e destacam as relações comerciais empreendidas pelo empresário no Rio de Janeiro, onde, além de vender serviços gráficos e livros, também oferecia a assinatura de seu periódico.⁹⁴ Matías Molina também destaca a atuação de Silva Serva como editor de livros e afirma que o tipógrafo conseguiu muitas encomendas da Corte graças à dificuldade da Impressão Régia em atender todos os pedidos de particulares e ao elevado preço cobrado pela tipografia do governo.⁹⁵

Outros livreiros instalados no Brasil, entretanto, preferiam recorrer a tipografias estrangeiras em vez de solicitar os trabalhos da Impressão Régia ou da tipografia de Silva Serva. Foi o caso do francês Pierre Constant Dalbin, que recorria a tipografias parisienses para imprimir as obras que colocava à venda em sua loja no Rio de Janeiro. Apesar da dificuldade e da demora que enfrentava para conseguir a autorização da entrada dessas obras junto ao Desembargo do Paço – mesmo as obras consideradas clássicos da literatura eram minuciosamente examinadas, pois os censores sabiam que alterações poderiam ser realizadas nos textos a cada edição -, o livreiro francês mantinha essa conduta, como mostram catálogos e documentos de 1820 analisados por Márcia Abreu.⁹⁶

A verdade é que, ao longo dos anos, a Impressão Régia viu seu volume de trabalho crescer exponencialmente e muitos pedidos de impressão de livros demoraram anos para serem realizados, enquanto outros nunca o foram. Já em seu segundo ano de funcionamento, foi necessário a instalação de um novo prelo, sendo esse construído em madeira, no Rio de Janeiro, no modelo dos prelos já em funcionamento na tipografia – dois prelos Stanhope, os mais modernos da época.⁹⁷ Em 1815, a Junta Diretora que administrava a Impressão Régia avisou da necessidade de encontrar um novo local, maior, para funcionar a tipografia.⁹⁸ E, às vésperas do fim do monopólio de impressão

⁹⁴ Ibidem. p. 222-223.

⁹⁵ MOLINA, Matías. Op. cit. p.112-113 e 168.

⁹⁶ ABREU, Márcia. 2010. Op. cit. p. 60-62.

⁹⁷ MOLINA, Matías. Op. cit. p. 110.

⁹⁸ SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. Op. cit. p. 44.

no Rio de Janeiro, suas oficinas contavam com sete prelos, enquanto outro estava sendo construído na cidade e outros três haviam sido encomendados na Europa.⁹⁹

Apesar do constante investimento em novos equipamentos, o grande volume de trabalho oriundo do aumento dos impressos oficiais devido ao desenvolvimento do país e da maior entrada de encomendas particulares, fruto de uma valorização do texto impresso, faziam com que a impressão dos pedidos particulares continuasse demorada. Foi nesse contexto que, em julho de 1821, como nos contam Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves e Tânia Maria Bessone da Cruz Ferreira, o livreiro português Manoel Joaquim da Silva Porto, que atuava no Brasil, pelo menos, desde 1811, solicitou licença para importar da Inglaterra todos os equipamentos e materiais necessários para montar uma tipografia no Rio de Janeiro. Em seu pedido, Silva Porto denunciava a morosidade do trabalho da Imprensa Régia – ele aguardava a impressão de trabalhos há mais de um ano – e afirmava que a instalação de sua tipografia seria útil a toda a Corte.¹⁰⁰

Assim, após a abolição da censura como consequência da Revolução do Porto de 1820 e diante do excesso de encomendas particulares, chegou ao fim o monopólio da impressão no Rio de Janeiro pela Imprensa Régia em 1821. Neste mesmo ano, foram instaladas na cidade duas novas tipografias: a Nova Officina Typographica e a Typographia de Moreira e Garcez.¹⁰¹ Silva Porto obteve sua licença e, em março de 1822, tornou-se o primeiro livreiro do Rio de Janeiro a possuir tipografia própria – a Oficina Silva Porto & Cia., em sociedade com Felizardo Joaquim da Silva Moraes.¹⁰² Ainda em 1822, surgiram outras três tipografias no Rio de Janeiro: a de Santos e Souza ou Oficina dos Anais Fluminenses, a do *Diário do Rio de Janeiro*, de Zeferino Vito de Meireles, e a de Torres e Costa, de Inocêncio Francisco Torres e Vicente Justiniano da Costa.¹⁰³

⁹⁹ HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p.122.

¹⁰⁰ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das & FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz. “Livreiros no Rio de Janeiro: intermediários culturais entre Brasil e Portugal ao longo do oitocentos”. In *Atas do 3º Colóquio do Polo de Pesquisas de Relações Luso-Brasileiras – Entre Iluminados e Românticos*, 2006. s/p.

¹⁰¹ HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 123.

¹⁰² NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das & FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz. Op. cit. s/p.

¹⁰³ RIZZINI, Carlos. Op. cit. p. 322.

Com a instauração da liberdade de imprensa e o fim do monopólio de impressão, seguidos pela Independência do Brasil em 1822, a ex-colônia de Portugal viu o afluxo de comerciantes franceses ao Brasil aumentar, bem como o comércio livreiro e de periódicos se intensificar. Para Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, que flagrou esse fenômeno ao observar o Registro de Estrangeiros e os anúncios de negociantes franceses na *Gazeta do Rio de Janeiro*, foi determinante, para a notável presença francesa no país o período denominado “Restauração” - período histórico francês entre a queda de Napoleão Bonaparte em 1814 até a Revolução de Julho em 1830 -, que acarretou na fuga de muitos franceses devido a perseguições políticas.¹⁰⁴ Foi o caso do francês Pierre Plancher, que tendo saído de seu país à época da Restauração Francesa trouxe para as terras brasileiras os equipamentos de seu meio de vida na Europa e, logo, colocou em funcionamento uma oficina tipográfica na qual, em 1827, iniciou a impressão do *Jornal do Commercio*, periódico que marcou a história da imprensa brasileira e apresentou ao público e aos autores brasileiros do século XIX novidades e avanços que modificaram a relação de ambos com a produção literária do período.

1.4 A tipografia do *Jornal do Commercio*: de sua origem à década de 1860

Como afirmamos ao final do tópico anterior, o *Jornal do Commercio* foi impresso no Rio de Janeiro a partir de 1827 por iniciativa do francês Pierre Plancher. No entanto, a casa impressora responsável pela impressão do jornal já atuava no município desde 1824, ano de chegada de Plancher ao Brasil. A trajetória de Plancher no Brasil foi contada por Félix Pacheco em seu livro *Hum Francez-Brasileiro*, biografia do tipógrafo e livreiro francês lançada em 1917 pela própria tipografia do *Jornal do Commercio*.¹⁰⁵ Mais recentemente, diversos pesquisadores que se dispuseram a estudar esse periódico ou a imprensa brasileira do XIX trouxeram, de forma mais ou menos detalhada, informações sobre a vida de Plancher e o desenvolvimento de seu jornal – foram os casos de Cícero Sandroni, Laurence Hallewell e Matías Molina. Como a passagem de

¹⁰⁴ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Op. cit. s/p.

¹⁰⁵ PACHECO, Felix. *Hum Francez Brasileiro, Pedro Plancher: Subsídios para a Historia do “Jornal do Commercio”*, Rio de Janeiro: Typografia do *Jornal do Commercio*, 1917.

Plancher pelo Brasil bem como as transformações do *Jornal do Commercio* estão intimamente ligadas à história da tipografia do periódico – muitas vezes se confundindo -, também dedicaremos algumas páginas a essas informações.

Pierre René François Plancher de la Noé nasceu em Mans, departamento de Sarthe, na França, a 10 de janeiro de 1779. Aos 10 anos, encontrava-se órfão após a morte de seu pai, um advogado do Parlamento local, que ocorreu trinta e cinco dias antes da Queda da Bastilha. Para sobreviver após a morte do pai, Pierre Plancher trabalhou como aprendiz de tipógrafo na fundição de tipos Gillé, em Paris. Ali, percorreu todos os estágios da profissão, tornando-se oficial compositor em 1798 e chegando à gerência da tipografia tempos depois. No comércio livreiro, atuou como representante de livrarias ainda durante seu trabalho na Gillé para, em seguida, montar seu próprio negócio. Com sua *maison d'édition* aberta em Paris em 1812, Plancher se tornou um bem-conceituado editor na França de sua época.¹⁰⁶

Em toda essa escalada profissional, conheceu escritores, intelectuais, filósofos, outros tipógrafos, editores e livreiros que viram os primeiros dias da Revolução, o Terror, o Diretório, e mais tarde a ascensão à glória e a queda de Napoleão. Enquanto progredia nas artes gráficas e no comércio dos livros, Plancher aproximou-se desses homens e adotou algumas de suas ideias. Leitor de autores iluministas, concluiu que só o regime da monarquia constitucional garantiria o exercício da liberdade de pensamento de expressão.¹⁰⁷

A produção realizada por Pierre Plancher em Paris refletia seu posicionamento político, além de seu faro comercial:

Duas linhas mestras caracterizam o programa do tipógrafo-livreiro Pierre Plancher em Paris. Uma primeira diz respeito às obras de autores já consagrados no sistema político e cultural francês. Paralelamente, Pierre Plancher investia em textos que se voltavam para a realidade francesa, a exemplo dos libelos de crítica à censura e, num sentido mais amplo, de crítica à restauração monárquica. Publicava folhetos de teor político, discursos abertos à população, não raro vendidos a preços populares que variavam entre 0,50 e 1 franco. Investia também na difusão de ideólogos do liberalismo, sendo as obras de Benjamin Constant o seu pilar bibliográfico.¹⁰⁸

¹⁰⁶ SANDRONI, Cícero. Op. cit. p. 6-7.; HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p.148.

¹⁰⁷ SANDRONI, Cícero. Op. cit. p.7.

¹⁰⁸ DEAECTO, Marisa Midori. Op. cit. s/p.

Em 1815, os dissabores de Plancher em sua terra se iniciaram após a derrota de Napoleão em Waterloo e o retorno da dinastia de Bourbon ao poder na França. Com a queda de Napoleão, assumiu o trono francês Luís XVIII, fortalecendo a censura e dando início a uma perseguição – “terror branco” - contra os partidários da Revolução de 1789 e os favoráveis a Napoleão. Apesar disso, Plancher, um entusiasta partidário de Napoleão e inconformado com o retorno da dinastia absolutista, continuou a publicar panfletos em defesa da monarquia constitucional e, em fins de 1815, foi preso após colocar em circulação o folheto *Le cri du peuple français*.

Após um tempo passado no cárcere, Plancher retomou suas atividades e continuou a publicação de obras de caráter político, disseminando autores iluministas, que defendiam a liberdade individual. Foi após sua prisão que Plancher editou as obras completas de Voltaire e, em seguida, publicou os estudos de Benjamin Constant.

Em 1824, com a morte de Luís XVIII, chegou ao trono francês o Conde d'Artois, seu irmão, que adotou o nome de Carlos X. Com Carlos X, a política absolutista dos Bourbons foi restaurada efetivamente com restrição aos direitos civis e suspensão da liberdade de imprensa. Sob esse novo panorama político, a atuação de Plancher na França se tornou insustentável. Como destaca Felix Pacheco, “num tempo em que era crime vender qualquer escrito de Voltaire, crime maior seria certamente o de quem não só vendia, mas editara as obras completas do abominado polígrafo”.¹⁰⁹ Assim, Plancher, juntamente com o impressor Justin Victor Cremière, abandonou a França sob a Restauração absolutista em busca de um novo lugar para exercer sua função com segurança e liberdade.

Pierre Plancher e Cremière desembarcaram, então, no Brasil, na manhã de 23 de fevereiro de 1824, trazendo livros e todos os equipamentos para a instalação de uma oficina tipográfica. Laurence Hallewell comenta a escolha de Plancher pelo país sul americano e destaca que o Brasil era “sabidamente um refúgio para os bonapartistas” e, além disso, deve ter chamado a atenção do tipógrafo-livreiro devido às “notícias em virtude de sua então recente

¹⁰⁹ PACHECO, Felix. Op. cit. apud FUTATA, Mali Delmônico de Araújo. *Imprensa e Educação: Pierre Plancher e a ação política educativa do *Jornal do Commercio* no final do Primeiro Reinado (1827-1832)*. 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008. p. 47.

declaração de independência”.¹¹⁰ Como país recém-independente, o Brasil vivia uma efervescência de discussões acerca dos rumos que a nação tomaria, portanto, era um cenário ideal para a instalação do comércio tipográfico e editorial de Plancher.

A chegada de Plancher e seu impressor ao Rio de Janeiro, entretanto, não foi tão boa quanto eles imaginaram. Como nos conta Cícero Sandroni, ao desembarcar no Rio de Janeiro eles foram recebidos pela alfândega sob a ameaça de serem expulsos e presos. Foi, contudo, um mal entendido. Havia chegado ao governo brasileiro uma denúncia de que um tipógrafo revolucionário e falsário, Jean Marol ou Marolle, juntamente com seu sócio, Delmas, haviam embarcado para o país trazendo notas falsas do Banco do Brasil. Plancher, então, solicitou uma audiência junto a D. Pedro I a fim de provar esse engano. Para isso, levou consigo as obras por ele editadas em Paris que trouxera na viagem. Impressionado e admirado com os livros que Plancher trazia em sua bagagem, o Imperador decidiu ignorar as denúncias contra o tipógrafo francês e autorizar sua instalação na Corte.¹¹¹

Assim, em março de 1824, Plancher abriu uma loja na rua dos Ourives, nº 60, onde colocou à venda os livros que trouxera da França. No dia 10 de junho, mudou-se para a rua do Ouvidor, nº 80, instalando-se, pela primeira vez, na mais prestigiada rua do centro do Rio de Janeiro no período. Depois, transitou por outros endereços até se instalar por definitivo no número 90 da rua do Ouvidor, de onde publicou, anos depois, o *Jornal do Commercio*.

Em pouco tempo, o endereço de Plancher tornou-se local onde trabalhavam e encontravam-se pessoas ligadas à cultura e à política da época. Políticos, jornalistas e escritores interessavam-se por sua loja, pelas publicações e livros importados ali vendidos – ou alugados para leitura, no gabinete destinado a esta atividade, quase uma biblioteca – e pela modernidade de sua oficina.¹¹²

Plancher tinha conquistado mesmo a simpatia de D. Pedro I e, em 15 de maio de 1824, recebeu permissão para usar o título “A Imperial Tipografia – Impressor Imperial” e, em 17 de maio, foi agraciado com a isenção de impostos

¹¹⁰ HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 150.

¹¹¹ SANDRONI, Cícero. Op. cit. p. 15-18.

¹¹² Ibidem. p. 27-28.

de importação para todo o equipamento que havia trazido da França.¹¹³ A gratidão de Plancher ao Imperador foi sentida durante os primeiros anos de sua atuação no Brasil, não apenas no tratamento dado ao governo pelos periódicos lançados por Plancher, mas também na produção de sua tipografia, que desde o início serviu à publicação de textos oficiais e úteis ao Estado brasileiro.

Como comenta Laurence Hallewell, a tipografia de Pierre Plancher se dedicou em grande parte à produção de impressos políticos ou administrativos. Além disso, de acordo com o autor, sua editora teria contribuído, do lado do governo, para o “panfletarismo político” da época. Acerca da produção literária empreendida por Plancher, Hallewell, como outros autores, comenta que, seguindo uma tendência da época, o tipógrafo-livreiro não se voltou para a edição de obras literárias. Apesar disso, cabe a Plancher o crédito de haver publicado a primeira novela brasileira, *Statira e Zoroastes*, de Lucas José de Alvarenga, em 1826¹¹⁴ – como veremos no próximo capítulo, a produção literária ganhou mais destaque na tipografia anos mais tarde sob a direção de Junius Villeneuve.

Por fim, Hallewell conclui que, em meio a uma diversificada produção, “a parte mais lucrativa do negócio de Plancher foi, provavelmente, a publicação de periódicos”.¹¹⁵ Acerca dos periódicos que saíram da tipografia de Plancher e, posteriormente, da tipografia de Villeneuve, trataremos no **Capítulo 3**; adiantaremos, entretanto, algumas considerações acerca de duas dessas publicações, iniciativas de Plancher, por refletirem a história de sua tipografia e de sua trajetória no Brasil.

A primeira iniciativa de Plancher na publicação de um jornal diário no Brasil aconteceu apenas quatro meses após sua chegada ao Rio de Janeiro. Em 28 de junho de 1824, ele publicou o primeiro número do *Spectador Brasileiro*, que circulou primeiramente às segundas, quartas e sextas e, a partir de maio de 1826, diariamente. Essa iniciativa foi classificada por Matías Molina como uma “publicação polêmica, movimentada, nacionalista, conservadora e

¹¹³ Ibidem. p. 23-24.

¹¹⁴ HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 151-152.

¹¹⁵ Ibidem. p. 153.

defensora do imperador D. Pedro I".¹¹⁶ O periódico chegou ao fim em maio de 1827 após se envolver em uma polêmica.

Em 18 de maio de 1827, o *Spectador* publicou uma carta que foi considerada ofensiva pela Assembleia Geral do Império. A carta defendia o ministro da Guerra, o brigadeiro João Vieira Carvalho, o conde de Lajes, que tinha tido sua demissão sugerida por um deputado. O texto acabou criando uma crise política envolvendo a Assembleia, o ministro e o próprio Imperador, que publicou, sob o pseudônimo de Manuel Joaquim Pires Ferreira, uma carta-artigo na *Gazeta do Brasil* na qual criticava a Assembleia e também o *Spectador*.¹¹⁷

Diante dessa polêmica, Plancher anunciou o fim do *Spectador Brasileiro* em 22 de maio em texto publicado no *Diário Mercantil* – periódico também impresso em sua tipografia. De acordo com Molina, Plancher se aproveitou dessa ocasião para fechar o jornal, pois já tinha a intenção de publicar uma folha menos polêmica e mais comercial: “defender o imperador, cada vez mais impopular, estava ocasionando um desgaste para a casa comercial Seignot-Plancher”.¹¹⁸

Menos de cinco meses depois, Plancher colocou em circulação o *Jornal do Commercio* com a promessa, em seu primeiro número de 1º de outubro de 1827, de se dedicar exclusivamente à área mercantil e à publicação de anúncios, afastando-se assim de conteúdos políticos e das polêmicas.

De hoje por diante continuar-se-á a publicação deste *JORNAL DO COMMERCIO*.

Esta folha, exclusivamente dedicada aos senhores Negociantes, conterà diariamente tudo o que diz respeito ao Comércio, tanto em Anúncios, como em Preços Correntes exatos de Importação e Exportação, entrada e saída de Embarcações, etc., etc.¹¹⁹

Para lançar o novo jornal, Plancher associou-se ao inglês Thomas B. Hunt que já publicava, juntamente com outro inglês, J. C. Ramm, o boletim *Preços Correntes dos Gêneros de Importação em Grosso, e das Notícias Marítimas e do Movimento das Importações e Exportações* pela sua tipografia.

¹¹⁶ MOLINA, Matías. Op. cit. p. 233.

¹¹⁷ SANDRONI, Cicero. Op. cit. p. 33-35.

¹¹⁸ MOLINA, Matías. Op. cit. p. 235.

¹¹⁹ *Jornal do Commercio*, 01/10/1827, p. 1, col. 1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

Tal boletim foi incorporado pelo novo jornal que para reforçar a diferença de objetivos em relação ao *Spectador* trazia a informação de que era impresso na Rua da Alfândega, nº 47, endereço de Hunt, embora fosse impresso na Rua do Ouvidor, nº 90, endereço da oficina de Plancher.

Além disso, Plancher, ainda no intuito de reforçar o programa diverso do *Jornal do Commercio*, atribuiu a propriedade do jornal e da tipografia a seu filho, Émile-Seignot (Paul Émile Charles Hyppollite Seignot). Considerando que Émile, naquele ano, era um adolescente de 16 anos recém-chegado ao Brasil, fica evidente que a “Tipografia d’Emile-Seignot Plancher” e o *Jornal do Commercio* pertenciam e eram orientados por Plancher, o pai.¹²⁰

A promessa de ficar afastado de assuntos políticos e polêmicas não foi cumprida. Em 16 de julho de 1828, o nome do jornal foi alterado para *Jornal do Commercio, Folha Comercial e Política*, aumentando seu formato e dando mais espaço às informações políticas. Em 11 de agosto de 1830, porém, Plancher se viu no centro de uma nova polêmica, agora, junto à colônia portuguesa.¹²¹ Dessa vez, não chegou a fechar o jornal, mas mais uma vez mudou seu nome – para *Diário Mercantil ou Novo Jornal do Commercio* - e se comprometeu a não tratar de assuntos políticos. Mais uma vez, descumpriria a promessa.

Sobre a atuação política de Plancher nesta nova folha, Felix Pacheco destacou que se tratou de uma postura mais contida: “Apenas defendia os princípios da ordem e bem entendida liberdade mostrando-se imparcial e moderado na apreciação dos fatos e nem escondia sua repulsa por tais processos de fazer jornal”. Sobre sua relação com o Imperador, Pacheco afirma que Plancher “foi, no Brasil, um amigo do trono, enquanto o trono se manteve fiel à Carta outorgada e à liberdade. Quando Pedro I enveredou pelo absolutismo, o livreiro exilado ficou com a causa nacional brasileira e participou do movimento do 7 de abril que produziu a abdicação”.¹²²

Ainda em 1830, notícias sobre um novo quadro político na França fizeram Plancher decidir por voltar ao seu país. A Revolução de Julho de 1830

¹²⁰ SANDRONI, Cícero. Op. cit. p. 40-42.

¹²¹ O texto que desagradou aos portugueses da Corte foi um artigo de Júlio César Muzzi no qual ele defendia uma política de colonização discriminatória aos portugueses e pedia ao Governo a emigração de naturais de outros países europeus. Como consequência, muitos portugueses, notadamente comerciantes, cancelaram a assinatura do jornal e outros promoveram um tumulto na porta do estabelecimento de Plancher e ameaçaram depredar o edifício. (Cf. SANDRONI, Cícero. Op. cit. p. 52-53; MOLINA, Matías. Op. cit. p. 238).

¹²² PACHECO, Felix. Op. cit. apud. SANDRONI, Cícero. Op. cit. p. 22 e 51.

levou à queda de Carlos X, ao restabelecimento das liberdades constitucionais e ao fim da censura à imprensa, possibilitando novamente sua atuação como editor na França. Assim, em junho de 1832, Plancher vendeu todo o seu patrimônio acumulado durante sua residência no Rio de Janeiro aos franceses Junius Villeneuve e Réol Antoine de Mougnot. A transação, ocorrida em 09 de junho, foi anunciada aos leitores em 16 de junho e previa que Plancher continuasse à frente da administração do periódico por um tempo. De fato, Plancher deixou o Brasil apenas dois anos depois, em 4 de fevereiro de 1834.

A despedida de Plancher do Rio de Janeiro e, conseqüentemente, da redação do *Jornal do Commercio*,¹²³ acentuou os desentendimentos entre Mougnot e Villeneuve, apontados em Sandroni (2007) como homens de personalidades bastante contrastantes, sendo Mougnot um “homem de decisões súbitas”, enquanto Villeneuve era “calmo e moderado”.¹²⁴ Ao final de 1834, em 22 de dezembro, o público foi informado do fim da sociedade entre os dois, e Villeneuve passou a ser o único proprietário do *Jornal do Commercio* e da tipografia fundada por Pierre Plancher.

No dia 15 de Dezembro corrente foi dissolvida amigavelmente a sociedade que existia nesta Praça entre R. A. MOUGNOT e J. VILLENEUVE, debaixo da firma comercial Seignot-Plancher e C.. J. VILLENEUVE ficou com o estabelecimento de typographia e livraria, e a propriedade do *Jornal do Commercio*, sob a mesma firma, sendo ele só responsável por quaisquer transações que do dia 15 do corrente mês em diante se efetuem debaixo da sobredita firma.¹²⁵

Junius Villeneuve nasceu em 17 de fevereiro de 1804, filho do general Villeneuve, que serviu na campanha de Napoleão na Rússia em 1812. Junius Villeneuve veio para o Brasil aos 21 anos, contratado para a Marinha imperial, aonde chegou ao posto de segundo-tenente. Após deixar a Marinha, Villeneuve atuou no Consulado francês no Rio de Janeiro e, em seguida, prestou serviços de contabilidade a empresas comerciais francesas instaladas na cidade – ele havia frequentado o curso de matemática na Escola Politécnica de Paris antes de imigrar para o Brasil. Por fim, ao saber da intenção de Plancher de

¹²³ O uso do título *Diario Mercantil ou Novo Jornal do Commercio* não durou muito tempo e, pouco mais de um ano depois, em 1º de setembro de 1831, o periódico voltou a circular apenas como *Jornal do Commercio*.

¹²⁴ SANDRONI, Cícero. Op. cit. p.75.

¹²⁵ *Jornal do Commercio*, 22/12/1834, p. 1, col. 1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

regressar à França e vender seu empreendimento, decidiu comprar a tipografia e livraria de seu compatriota.¹²⁶ Com Villeneuve, o *Jornal do Commercio* passou por importantes mudanças e inovações, bem como a sua tipografia.

O negócio continuou a florescer com Villeneuve e família: cabe a ele o mérito de ter possuído a primeira prensa mecânica do hemisfério sul e, mais tarde, a primeira rotativa e a primeira linotipo. Em 1848, quando sua firma contava com três prensas mecânicas, quatro manuais e oitenta empregados, ele era, de longe, o maior impressor da cidade.¹²⁷

Em 1844, foi a vez de Junius Villeneuve deixar o Brasil. Com a intenção de educar seus filhos, ele partiu com sua esposa para a França e deixou o *Jornal do Commercio* sob a direção de Francisco Antônio Picot – François Antoine antes de se naturalizar brasileiro. Picot, francês nascido em Zara, na Dalmácia, trabalhava no jornal desde 1831, e Plancher o considerava “um dos melhores jornalistas da folha”, como afirma Matías Molina. Picot continuou no jornal após a mudança de proprietários e se casou com a enteada de Junius Villeneuve. Em 1837, já era sócio de Villeneuve no periódico e, desde então, “foi o verdadeiro artífice do *Jornal*”.¹²⁸

Junius Villeneuve morreu em 1863 e quem herdou o *Jornal do Commercio* foi seu filho Júlio Constâncio Villeneuve, seu único herdeiro após a morte de seu outro filho Edmundo Antônio Constâncio na Guerra da Crimeia. No entanto, Júlio Villeneuve se dedicava à carreira diplomática no exterior e, por isso, decidiu manter Francisco Antônio Picot, seu cunhado, como diretor do jornal com plenos poderes.¹²⁹

Assim como Plancher e Villeneuve, Picot também deixou o Brasil durante o período com o qual estamos trabalhando. Ele partiu para a França em 1852, entregando a direção da redação do *Jornal do Commercio* a Manuel Moreira de Castro, português de nascimento, conhecido como “Castro dos óculos”. Contudo, Picot continuou orientando o jornal com atenção e mão de ferro mesmo à distância. De seu escritório em Paris, Picot

¹²⁶ SANDRONI, Cícero. Op. cit. p. 75.

¹²⁷ HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 160.

¹²⁸ MOLINA, Matías. Op. cit. p. 241.

¹²⁹ Cf. SANDRONI, Cícero. Op. cit. p. 179-181; MOLINA, Matías. Op. cit. p. 251.

Recebia e comentava o jornal e os concorrentes, fiscalizava as contas e dava instruções precisas para a redação e a administração. Fazia acordos, contratava e coordenava os colaboradores na Europa, cujos artigos lia e corrigia antes de enviar ao Rio, comprava folhetins e novelas para publicação, acompanhava a evolução das artes gráficas, negociava com os bancos.¹³⁰

E foi assim que seguiu a administração do *Jornal do Commercio* até 1890, quando Júlio Villeneuve vendeu sua empresa a um grupo encabeçado por José Carlos Rodrigues, que havia atuado como correspondente do jornal em Nova York muitos anos antes. Como afirma Laurence Hallewell, sob a nova direção, o jornal continuou a progredir, bem como sua tipografia:

A organização do *Jornal do Commercio* continuou a possuir o maior e mais moderno equipamento de impressão do Brasil até uma época já avançada do século XX, quando cedeu ao *Jornal do Brasil* sua posição de maior jornal carioca de prestígio. Em 1916, tinha doze linotipos e três monotipos, empregados exclusivamente na produção do jornal. A marca Typographia do “*Jornal do Commercio*” de Rodrigues e Cia. aparece com muita frequência, de 1890 em diante, em inúmeros livros, mas estes eram impressos, em sua maioria, por conta dos autores.¹³¹

1.5. Tipografias para quem? Afinal, quem lia no Brasil do XIX?

Ao propor um trabalho que busca resgatar e expor as obras impressas por uma tipografia brasileira do início do século XIX, e pensando essas obras como causa e efeito do gosto leitor do período em que elas circularam, deparamo-nos com questionamentos, que são constantes nos estudos sobre cultura, impressos e leituras no Brasil da época: a quem essas obras se dirigiam? Quantos eram os leitores? Que público havia no Brasil do XIX capaz de sustentar a atividade editorial da tipografia do *Jornal do Commercio* e fomentar essa troca de influências entre público e editor?

A resposta a esses questionamentos tem sido construída aos poucos, por vários indícios levantados pelos estudos nas áreas de interesse afins ao tema. No entanto, uma grande dificuldade coloca-se no tangente ao levantamento de fontes que nos dêem informações ou mesmo de vestígios acerca dos leitores brasileiros do XIX. Assim sendo, passamos em revista algumas informações das quais já se tem conhecimento.

¹³⁰ MOLINA, Matías. Op. cit. p. 252.

¹³¹ HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 161-162.

Márcia Abreu é uma das principais responsáveis pela renovação do discurso sobre o número de leitores no Brasil colonial e do XIX. Em *Os Caminhos dos Livros* (2003), ela refuta a afirmativa comum que pregava uma inexistência de livros no Brasil colonial, logo, a ideia corrente de que a leitura antes da vinda da Família Real e da Corte portuguesa ao país era pouco expressiva ou nenhuma. Para isso, a pesquisadora recorreu à documentação produzida pelos organismos censores que controlavam a circulação de escritos entre a Europa e o Brasil entre 1769 e 1826 e analisou os dados ali encontrados que expunham “milhares de pedidos de autorização para o envio de material impresso para o Brasil”.¹³² Abreu focou sua análise nas solicitações de licença para remessa de livros para o Rio de Janeiro, por se tratar da cidade com maior quantidade de pedidos, e também se questionou sobre o público daquelas obras. Ao buscar responder esse questionamento, deparou-se com a dificuldade para flagrar o leitor carioca do XIX:

Os leitores do Rio de Janeiro deixaram poucas pistas – não só de suas práticas de leitura, sempre dificilmente rastreáveis, mas de sua própria existência física. É possível inferir que eles tenham existido quando se sabe que os livros chegavam em quantidades relativamente grandes à cidade e quando se vislumbram formas de circulação do impresso, mas esses leitores não se deixam surpreender facilmente.¹³³

No entanto, a pesquisadora apresenta um cálculo para a quantidade de leitores na cidade ao final do século XVIII, contrapondo a população carioca do período à estimativa de leitores na Inglaterra realizada por Burke, em 1790. Burke apontou a existência de 80 mil leitores em uma população de seis milhões de pessoas, o que indicava que pouco menos de 1,5% da população inglesa sabia ler ao final do XVIII. Abreu, então, diz sobre a população do Rio de Janeiro, cuja população ela considera não ultrapassar 50 mil habitantes em 1800.¹³⁴

Com uma concentração urbana e um número de estabelecimentos de ensino muito menores que os ingleses, e com um conjunto de escravos que podia chegar a 2/3 da população total,

¹³² ABREU, Márcia. 2003. Op. cit. p. 14.

¹³³ Ibidem. p. 156.

¹³⁴ Márcia Abreu considera a estimativa apresentada por Laurence Hallewell (2005) para o total de habitantes do Rio de Janeiro na virada do século.

não se pode esperar pela existência de muito mais do que 500 leitores na cidade.¹³⁵

Mais recentemente, Márcia Abreu voltou à questão referente aos leitores brasileiros do XIX, buscando dados mais precisos. Dessa vez, a pesquisadora foi às estimativas elaboradas pelo historiador Roderick Barman em volta do Manifesto do Fico. Barman, em *Brazil: the forging of a nation, 1798-1852* (1988), propôs um total de 43.139 habitantes livres para a cidade do Rio de Janeiro no início do século e, após deduzir os menores de idade e as mulheres, chegou ao número de 14.380 homens adultos e livres. O Manifesto do Fico recebeu 8.000 assinaturas, indicando que quase 56% dos homens livres era capaz de *assinar* em 1822.¹³⁶

Outros pesquisadores, por sua vez, como Alessandra El Far (2004) e Germana Maria Araújo Sales e Valdiney Valente Lobato de Castro (2015), destacam os dados do primeiro censo realizado no país para quantificar o público leitor carioca do XIX. O primeiro recenseamento de população de âmbito nacional realizado no Brasil ocorreu em 1872 e teve seus resultados divulgados em 1876, em um total de 8546 tabelas, divididas em 23 volumes. O censo de 1872 foi realizado pela Diretoria Geral de Estatística (DGE), órgão com sede na capital do Império que foi criado por iniciativa do jornalista e político brasileiro Joaquim José Rodrigues Torres, o Visconde de Itaboraí, que também atuava como professor da Academia Militar, tendo formação em matemática pela Universidade de Coimbra. Como sublinhou Martha Werneck Poubel, tal levantamento teve entre suas motivações o desejo pelo Estado de organização do processo eleitoral, os fins militares e a universalização do ensino primário.¹³⁷ Além disso, a pesquisadora destacou que o censo de 1872 já apresentou a maioria dos critérios atribuídos a um censo modernamente:

¹³⁵ ABREU, Márcia. 2003. Op. cit. p. 39.

¹³⁶ ABREU, Márcia. *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos* (1989-1914). No prelo. apud. GRANJA, Lúcia. *Fazer os livros antes dos livros, Machado de Assis e Baptiste-Louis Garnier*: Imprensa e Impressos. 2016. 165 f. Tese (Livre-docente em Literatura Brasileira) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2016. p. 103.

¹³⁷ POUBEL, Martha Werneck. *Os primeiros passos censitários brasileiros e o desenvolvimento da matemática-estatística no Brasil de 1872 a 1938*. 2013. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013. p. 176.

A investigação foi determinada com a utilização de *boletins ou listas de família*, anotando-se, para cada pessoa da habitação, o nome, o sexo, a idade, a cor, o estado civil, a naturalidade, a nacionalidade, a residência, o grau de instrução primária, a religião, enfermidades aparentes, relação de parentesco com chefe da família, anotando-se, ainda, se as crianças de 6 a 15 anos frequentavam ou não a escola.¹³⁸

Antes do censo de 1872, houve outras estimativas quanto ao montante populacional do país,¹³⁹ entretanto foi somente nesse levantamento que houve, pela primeira vez, o objetivo manifesto de se conhecer a população brasileira com dados que iam além do número de habitantes, cor e condição – livre ou escravo. Sendo assim, embora tenha sido realizado alguns anos após o recorte temporal com o qual lidamos nesta dissertação, o censo de 1872 é uma importante fonte para compreendermos a sociedade para a qual se dirigia o *Jornal do Commercio* e as produções de sua tipografia.

O censo de 1872 contabilizou um número de habitantes para o país igual a 9.930.478 indivíduos. Esse total era formado por 8.419.672 indivíduos livres e 1.510.806 escravos. Entre os indivíduos livres, declararam-se alfabetizados – que sabiam ler e escrever – apenas 19% da população. Já entre a população escrava, o número de alfabetizados era ínfimo, apenas 0,1%, somando 1.403 escravos leitores e escritores. Ainda se deve destacar que, entre os indivíduos alfabetizados, a grande maioria era do sexo masculino, tanto entre os livres, quanto entre os escravos.

¹³⁸ Ibidem. p. 155.

¹³⁹ Martha Werneck Poubel (Op. cit.) apresenta várias dessas estimativas, como a realizada pelo Ministro dos Negócios da Guerra, Dom Rodrigo Domingos de Souza Coutinho, em 1808, no qual foram contabilizados 4.000.000 de habitantes no país. Outra estimativa foi realizada pelo artista e desenhista alemão João Maurício Rugendas, que avaliou a população em 3.758.500, no ano de 1827. O escritor e geógrafo francês Conrad Malte-Brun, por sua vez, apresentou a estimativa de 5.340.000 habitantes para o Brasil em 1830. O Senador Luiz Pedreira do Couto e Ferraz, o Barão do Bom Retiro, fez sua estimativa em 1854, avaliando a população brasileira em 7.677.800 habitantes.

Tabela 1 – Distribuição da população livre em relação ao gênero e ao grau de instrução – Brasil – Censo 1872

	Alfabetizado	Não Alfabetizado	Total
Masculino	1.012.097 (12%)	3.306.602 (39%)	4.318.699 (51%)
Feminino	550.981 (7%)	3.549.992 (42%)	4.100.973 (49%)
Total	1.563.078 (19%)	6.856.594 (81%)	8.419.672 (100%)

Fonte: POUBEL, Martha Werneck. *Os primeiros passos censitários brasileiros e o desenvolvimento da matemática-estatística no Brasil de 1872 a 1938*. 2013. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013. p. 183.

Tabela 2 – Distribuição da população escrava em relação ao gênero e ao grau de instrução – Brasil – Censo 1872

	Alfabetizado	Não Alfabetizado	Total
Masculino	958 (0,1%)	804.212 (53,2%)	805.170 (53,3%)
Feminino	445 (0%)	705.191 (46,7%)	705.636 (46,7%)
Total	1.403 (0,1%)	1.509.403 (99,9%)	1.510.806 (100%)

Fonte: POUBEL, Martha Werneck. *Os primeiros passos censitários brasileiros e o desenvolvimento da matemática-estatística no Brasil de 1872 a 1938*. 2013. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013. p. 183.

O censo de 1872, portanto, mostrou que a leitura no Brasil ainda ao final do XIX era para poucos. No entanto, esse período assistia a uma valorização da leitura, como mostra a preocupação do Estado de incluir em seu recenseamento a questão da alfabetização e também da frequência das crianças de 6 a 15 anos à escola. Além disso, várias instituições e empreendimentos voltados à valorização das letras se desenvolveram no país durante o século XIX, como as próprias tipografias.

Como destacam Germana Maria Araújo Sales e Valdiney Valente Lobato de Castro, a chegada da Família Real, em 1808, legou à cidade do Rio de Janeiro uma imagem de civilidade e refinamento e a sociedade que ali se estabeleceu e desenvolveu se preocupava em sustentar essa imagem.¹⁴⁰ Essa representação contribuiu para a proliferação do hábito da leitura, bem como para a multiplicação de espaços dedicados a essa prática, como gabinetes de leitura, bibliotecas e livrarias.¹⁴¹

Com as transformações decorrentes da instalação da Corte no país, concentrando-se no Rio de Janeiro, o hábito da leitura também se foi afirmando no município, como mostra a porcentagem de alfabetizados que vivia no Rio, e cujas estatísticas organizamos na tabela abaixo, a maior porcentagem entre as províncias pesquisadas pelo censo de 1872.

Tabela 3 – Distribuição da população livre em relação ao gênero e ao grau de instrução – Município Neutro (Rio de Janeiro) – Censo 1872			
	Alfabetizado	Não Alfabetizado	Total
Masculino	65.164 (28%)	68.716 (32%)	133.880 (60%)
Feminino	33.992 (15%)	58.161 (25%)	92.153 (40%)
Total	99.156 (43%)	126.877 (57%)	226.033 (100%)

Fonte: Dados do *Recenseamento do Brasil de 1872*, disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/>

¹⁴⁰ Cf. CASTRO, Valdiney Valente Lobato de; SALES, Germana Maria Araújo. O florescimento dos leitores cariocas no século XIX. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, XIV, 2015, Belém. *Anais eletrônicos do XIV Congresso Internacional ABRALIC*. Belém, 2015. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/>. Acesso em: 07 nov. 2016.

¹⁴¹ Nelson Schapochnik (1999) aponta o estabelecimento de oito gabinetes de leitura no Rio de Janeiro entre 1844 e 1861. Laurence Hallewell (1995) afirma que existiam apenas duas livrarias na cidade em 1808 e em 1816 já haviam doze, chegando a cerca de trinta em 1870. No que se refere às bibliotecas, a Biblioteca Real, a primeira do Rio de Janeiro, foi aberta ao público em 1818, seguida pela abertura da Biblioteca Fluminense (1847), da Biblioteca Nacional (1858) e da Biblioteca Municipal (1873).

Tabela 4 – Distribuição da população escrava em relação ao gênero e ao grau de instrução – Município Neutro (Rio de Janeiro) – Censo 1872

	Alfabetizado	Não Alfabetizado	Total
Masculino	220 (0,45%)	24.666 (50,4%)	24.886 (50,85%)
Feminino	109 (0,25%)	23.944 (48,9%)	24.053 (49,15%)
Total	329 (0,7%)	48.610 (99,3%)	48.939 (100%)

Fonte: Dados do *Recenseamento do Brasil de 1872*, disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/>

Enquanto o país apresentava, entre a população livre, uma taxa de alfabetização de 19%, no Rio de Janeiro, 43% da população livre sabia ler, um total de 99.156 indivíduos. O censo de 1872 também destacou a presença de um público leitor no Rio de Janeiro muitas vezes esquecido, o de escravos leitores. Marialva Carlos Barbosa, em *Escravos letrados: uma página (quase) esquecida* (2009), destaca a existência de evidências da leitura dos escravos nos periódicos do XIX e traz exemplos de anúncios, sobretudo publicados para denunciar fugas do cativo, que caracterizam escravos fugidos como indivíduos leitores. Além disso, Barbosa descreve uma ilustração publicada em 15 de outubro de 1887 pela *Revista Ilustrada*¹⁴² na qual dez escravos (sete homens, duas mulheres e uma criança) ouviam boquiabertos um escravo que lia um jornal.¹⁴³ Assim, embora de acordo com o censo de 1872 os escravos leitores eram pouco mais de 300 no Rio de Janeiro, esse número abria a possibilidade para muitos outros cativos tomarem conhecimento das notícias e dos assuntos que circulavam pela palavra impressa.

Rodrigo Camargo de Godoi (2014) traz outros dados interessantes sobre o contato dos escravos cariocas com a cultura letrada que se estabelecia na cidade no XIX, ao comentar o emprego expressivo da mão-de-obra escrava

¹⁴² A *Revista Ilustrada* foi fundada pelo italiano Angelo Agostini e circulou no Rio de Janeiro entre 1876 e 1898.

¹⁴³ BARBOSA, Marialva Carlos. *Escravos letrados: uma página (quase) esquecida*. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação/ E-compós*, Brasília, v. 12, n.1, jan./abr. 2009. Disponível em : <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/371/325> Acesso em: 07. nov. 2016.

nas tipografias. A tipografia do *Jornal do Commercio*, por exemplo, à ocasião da instalação da primeira impressora Alauzet, contava com seis escravos, sendo dois deles compositores – ofício que exigia saber ler e escrever.¹⁴⁴ Godoi pondera, entretanto, que boa parte dos escravos que atuavam nas tipografias, exerciam os ofícios de impressores ou batedores, que, diferentemente dos de compositor tipográfico e revisor de provas, não exigiam domínio da leitura e escrita.¹⁴⁵

Voltando à tabela, notadamente o número de analfabetos na cidade do Rio de Janeiro era bastante grande, mas a concentração de leitores e escritores no município permitiu o desenvolvimento de uma imprensa competitiva e sustentou os primeiros passos de um mercado editorial do qual as tipografias dos jornais foram atores fundamentais, como desejamos mostrar pela atividade realizada pela tipografia do *Jornal do Commercio*.

Todavia, não podemos considerar toda essa população que se declarou alfabetizada como público das obras impressas pelos prelos da tipografia do *Jornal*. Nem ao menos considerá-los como público direto do *Jornal do Commercio*. Além de o censo ter sido realizado alguns anos depois do recorte temporal com o qual estamos trabalhando, esses dados não esclarecem o nível e interesses de leitura dos entrevistados, ou, se ao declararem saber ler e escrever, estavam aptos a adquirir e ler qualquer tipo de obra (jurídicas, científicas, literárias, etc.).

Por isso, propomos pensar nesses leitores, a princípio, como público potencial das obras impressas pela tipografia do *Jornal do Commercio*, os seus assinantes. Afinal, foram eles primordialmente que tiveram contato com os anúncios dessas obras nas páginas do jornal. Mais uma vez, porém, nos deparamos com as dificuldades para obter esse número, pois raras são as ocasiões em que o *Jornal* divulga seu número de assinantes.

Retomando os números que já apresentamos na **Introdução** desta dissertação, em 07 de maio de 1836, o *Jornal do Commercio*, ao informar da compra de um prelo mecânico, afirmou imprimir diariamente mais de 2000 folhas. Anos depois, um artigo publicado na *Revista Trimensal do Instituto*

¹⁴⁴ VITORINO, Artur José Renda. *Máquinas e operários: mudança técnica e sindicalismo gráfico* (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912). São Paulo: Annablume; Fapesp, 2000. p. 100. apud GODOI, Rodrigo Camargo de. Op. cit. p. 115.

¹⁴⁵ Cf. GODOI, Rodrigo Camargo de. Op. cit. p. 113-115.

Histórico, Geographico, e Etnographico do Brasil informou que o *Jornal do Commercio* possuía, em 1865, treze mil assinantes.

Não podemos, por outro lado, limitar o alcance desses anúncios aos assinantes do *Jornal*, pois um número do periódico poderia circular entre muitos indivíduos, seja entre membros de uma mesma família que compartilham um mesmo jornal, ouvintes de uma leitura compartilhada em um café, frequentadores de um gabinete de leitura ou escravos em uma roda, como na imagem da *Revista Ilustrada*. Assim, quantificar o alcance do *Jornal do Commercio*, bem como de sua atividade editorial, se mostra um trabalho hercúleo e ainda de extrema dificuldade para se realizar.

O fato é que os indícios da grande circulação do *Jornal do Commercio* na sociedade carioca do XIX são reais, assim como as evidências de uma atividade editorial expressiva sendo realizada pela sua tipografia, concomitante à publicação do periódico. Também real é a existência de um público leitor no Rio de Janeiro que, se não é maioria entre a população, é suficiente para gestar uma diversificada atividade impressa no município. Desse modo, acreditamos que as obras impressas pela tipografia do *Jornal* impactaram e influenciaram a sociedade do período, ao mesmo passo que a atividade editorial do local se adequou àquele público, assim como o *Jornal do Commercio* se modificou ao longo dos anos, a fim de manter sua longevidade.

Agora, após essa viagem de origem durante a qual pudemos observar brevemente e às vezes com mais detalhes os primeiros passos da atividade tipográfica na Europa, em seguida no Brasil e, por fim, o caso particular da tipografia do *Jornal do Commercio* instalada no Rio de Janeiro, bem como ter uma ideia da sociedade leitora que ali se encontrava instalada, passaremos à apresentação e análise da produção realizada por essa empresa.

N. 1.

(Vol. I.)

1827.

SEGUNDA FEIRA

1 DE OUTUBRO.



SEXTO ANNO

DA INDEPENDENCIA.

JORNAL DO COMMERCIO.

DE HOJE POR DIANTE CONTINUARÁ-SE-HÁ A PUBLICAÇÃO DESTE JORNAL DO COMMERCIO.

Esta folha exclusivamente dedicada aos senhores Negociantes conterá diariamente tudo o que diz respeito ao Commercio, tanto em Anuncios, como em Preços Correntes exactos de Importação e Exportação, entrada e saída de Embarcações, etc., etc.

Os Proprietarios hem ao facto de todos os ramos mercantis desta Capital não pouparão nem despezas nem zelo para tornar esta empresa digna da acção publica, e rogão para melhor desempenho dos seus deveres a protecção e assistencia do honrado Corpo do Commercio.

As Assignaturas se fazem na Rua d'Alfandega, N.º 47, onde igualmente se recebem, antes do meio dia, todos os Anuncios mercantis, que devem *sem falta* ser inseridos no dia seguinte. O preço da Assignatura ho de 640 reis por mez pagos adiantados.

NOTICIAS MARITIMAS.

PARA SANTA CATHARINA.

O Bergantim Nacional *ALLIANÇA*, Capitão MARTINHO JOZÉ CALLADO. — Sairá no primeiro Comboi. Quem quizer carregar dirija-se a bordo do dito Bergantim que se acha amarrado de frente do Dique, ou procure em casa do Senhor Balthazar Jozé Martins loja de Ferragens, Canto de S. Pedro.

PARA MONTEVIDEO.

O Brigue Escuna Nacional *VIGILANTE*, sahirá no primeiro Comboi. Quem no mesmo quizer carregar dirija-se à Praia dos Mineiros N.º 71.

PARA SANTA CATHARINA.

O Bergantim Nacional *BOM SUCESSO*, sahirá infallivelmente no proximo Comboi. Quem no mesmo Bergantim quizer carregar dirija-se à Rua dos Pescadores N.º 4.

PARA ANGOLA.

O Bergantim Nacional *COMMERCIANTE*, forrado de Cobre e muito velleiro, sahirá por todo o presente mez, quem nelle quizer carregar ou hir de passagem dirija-se à Rua Direita N.º 73, ou a bordo do mesmo.

PARA SANTA CATHARINA.

A Sumaca *S. JOZÉ TRIUMFO*, sahirá com o primeiro Comboi. Quem quizer carregar ou hir de passagem dirija-se ao mestre a bordo da dita Sumaca que se acha fundeada de frente da Praia de Feixe ou à Rua das Violas N.º 55.

PARA PORTO ALEGRE.

O Bergantim Nacional *CONCEIÇÃO IMPE-RADOR*. Quem nelle quizer carregar ou hir de passagem dirija-se a bordo em frente do Largo do Paço ou à Rua Nova de S. Bento N.º 38.

PARA BENGUELLA.

O Bergantim Nacional *BALHANTE*, que sahirá em poucos dias, quem nelle quizer carregar, dirija-se à Rua dos Pescadores N.º 4.

PARA ANGOLA.

Sahirá com toda a brevidade o Bergantim Portuguez *VERA CRUZ TRIUMFO*, Capitão J. DA FONSECA LUZ. Quem no mesmo quizer carregar, dirija-se aos Caixas João Baptista Moreira e Irmeão Rua Direita N.º 93.

PARA A BAHIA.

O Bergantim Nacional *TRES AMIGOS*. Quem nelle quizer carregar dirija-se a Rua dos Pescadores N.º 41.

PARA SANTOS.

A muita velleira Escuna Nacional *TRINDADE*. Quem quizer carregar ou hir de passagem, dirija-se à Rua Direita N.º 132 ou a bordo da mesma de frente d'Alfandega.

PARA GIBRALTAR.

O Bergantim Americano *ARGOS*, Capitão J. BANTER. — He de huma marcha muito superior, sahirá com toda a brevidade para o dito porto, tem grande parte de sua carga prompta, quem quizer carregar ou hir de passagem, dirija-se ao Consignatario Dionisio Urioste ou aos Corretores de Navios Hudson e Weguelin, rua Direita, N.º 136.

PARA LIVERPOOL.

A Escuna Ingleza *UNDINE*, Capitão CHARLES HENDERSON. — Sahirá com brevidade para o dito porto, quem nela quizer carregar, ou hir de passagem, dirija-se aos Consignatarios Boag Pearson e C. ou aos Corretores de Navios Hudson e Weguelin, Rua Direita N.º 136.

PARA LONDRES.

Para Passageiros sómente. O Superior Bergantim Inglez *GEORGE e WILLIAM*, Capitão GEORGE NICKLESON. Forrado e pregado de cobre *At* tem superiores commodos para Passageiros. Quem quizer hir de passagem dirija-se aos Consignatarios Samuel Phillips e C. ou aos Corretores de Navios Hudson e Weguelin Rua Direita N.º 136.

PARA VENDER.

A Sumaca Nacional *HARMONIA*, chegada proximo de Santos e se acha prompta dos necessarios pertences para seguir viagem, he de lote de 5,000 arrobas pouco mais ou menos, e de boa e forte construcção, quem a quizer comprar dirija-se nos Consignatarios C. H. Melchert, Rua de S. Pedro N.º 100, ou ao Capitão a bordo.

PARA VENDER.

A Sumaca Nacional *CONCEIÇÃO*, de lote de 3,500 arrobas, chegada proximo de Santos, de S. João, muito boa de vela e prompta a navegar, quem a quizer comprar procure na Praia de D. Manoel N.º 16, ou a bordo da mesma, que se acha fundeada ao pé do Largo do Paço.

PARA O PORTO.

O Bergantim Portuguez *FLOR DE BEIRIS*, Capitão JOAQUIM JOZÉ BERNARDES. Forrado de cobre e muito velleiro, sahirá com brevidade quem no mesmo quizer carregar ou hir de passagem dirija-se ao Caixa na Rua de traz do Hospicio N.º 88 ou ao Capitão a bordo do mesmo.

Figura 1: Primeiro número do *Jornal do Commercio*, publicado em 27/10/1827. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

Capítulo 2 - A produção de obras literárias pela tipografia do *Jornal do Commercio*

Márcia Abreu, em *Os caminhos dos livros* (2003), comenta o contraste entre a abundante circulação dos romances no Brasil no final do século XVIII e início do XIX – comprovada pelos pedidos de licença para envio de livros para o Brasil e pelos muitos anúncios de livreiros nos jornais do período – e a escassez desses livros em bibliotecas particulares descritas em inventários da época.¹⁴⁶ O mesmo contraste pode ser observado quanto à produção literária realizada pela tipografia do *Jornal do Commercio*. Apesar dos frequentes anúncios de livros que saíram à luz pela casa de Pierre Plancher e, principalmente, em seguida, pela casa de Junius Villeneuve, o número dessas obras presentes nos acervos das bibliotecas consultados – Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, Biblioteca Mário de Andrade e Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, de São Paulo, além do portal do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBiUSP) - é muito baixo.

Abreu, então, apresenta motivos que poderiam explicar o desaparecimento dos romances produzidos no período, os quais também podem ser aplicados à produção por nós analisada. Primeiramente, ela destaca a deterioração desses livros devido à ação da fauna bibliófaga do país e do próprio manuseio dessas obras:

Seja porque foram “infallivelmente devorados pela traça”, seja por terem sido muito usados, o fato é que os livros deterioravam – principalmente os mais manuseados. Assim, os livros de maior circulação poderiam ter desaparecido das estantes justamente por serem os mais apreciados.¹⁴⁷

Realmente, livros cujos anúncios apontam uma grande aceitação e procura do público, como *Os mistérios de Paris* de Eugène Sue e *O Conde de Monte Cristo* de Alexandre Dumas, não têm as edições realizadas pela tipografia de Junius Villeneuve presentes nessas bibliotecas, o que pode indicar um desaparecimento dessas obras por conta do desgaste de um uso contínuo.

¹⁴⁶ ABREU, Márcia. 2003. Op. cit. p. 177-178.

¹⁴⁷ Ibidem. p. 180.

Outro motivo para os poucos números de literatura presentes nas bibliotecas particulares analisadas por Márcia Abreu seria um possível hábito dos leitores do XIX de guardar os livros que iriam utilizar muitas vezes – os livros técnicos/ profissionais -, enquanto emprestavam, doavam ou mesmo vendiam as obras às quais não pretendiam retornar – o que, pensando nas obras literárias inseridas nesse cenário, levaria ao desgaste do livro por conta do manuseio por diferentes pessoas. Esse comportamento sugerido por Abreu pode explicar a conservação de um grande número de obras jurídicas publicadas pela tipografia do *Jornal do Commercio*, em relação ao menor número de obras literárias que chegaram aos nossos dias. Além disso, o preço dos livros técnicos em relação às obras literárias no período também pode ter contribuído para sua manutenção, pois seria mais fácil para um leitor se desfazer de um livro de menor valor do que de um pelo qual pagara mais.

Os livros profissionais, muitas vezes, tinham custo elevado, com preços acima de 1\$000, não devido a uma valorização pecuniária de seus conteúdos, mas em função do formato em que eram impressos: obras científicas destinavam-se aos *in-fólios*, enquanto a maior parte das obras de belas-letas era publicada *in octavo*.¹⁴⁸

A publicação em in-oitavo permitia um barateamento dos livros e sua maior circulação entre as camadas mais pobres da população.¹⁴⁹ Considerando que grande parte das obras de literatura publicadas por Villeneuve a partir de 1836 foi impressa nesse formato, podemos pensar que ele pretendia atingir uma parcela maior do público, bem como atender seus anseios de leitura.¹⁵⁰

Assim, embora cientes de que os dados aqui apresentados representam um conjunto limitado da edição de obras literárias realizada pela tipografia do *Jornal do Commercio* entre 1827 e 1865 – e que a esses dados podem ser acrescentados outros quando consultados acervos de outros estados ou

¹⁴⁸ Ibidem. p. 181, grifo do autor.

¹⁴⁹ Cf. MOLLIER, Jean-Yves. *Michel & Calmann Lévy, ou la naissance de l'édition moderne, 1836-1891*. Paris: Calman & Levy, 1994. p. 267.

¹⁵⁰ Na atividade tipográfica do período, adotava-se para classificar o formato dos livros o número de dobras que uma folha comportava. A folha inteira possuía aproximadamente 32 x 44 cm e o livro publicado sem que essa folha fosse dobrada – cada folha gerava duas páginas – tinha o formato in-plano. In-fólio, por sua vez, denominava o formato do livro feito dobrando a folha ao meio, obtendo quatro páginas de 22 x 32 cm. Feita mais uma dobra, chegava-se ao formato in-quarto, obtendo oito páginas de 16 x 22 cm por folha. Por fim, o tamanho in-oitavo era obtido ao dobrar a folha três vezes e gerava 16 páginas de 11 x 16 cm. Cf. BAHIA, Juarez. *Dicionário de Jornalismo século XX*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

países, afinal o livro produzido no Rio de Janeiro circulava além de suas fronteiras e além-mar -, confiamos que eles refletem a produção realizada pelos prelos desse empreendimento nas horas em que não se produzia o jornal e trazem importantes informações acerca do que se lia no Rio de Janeiro do XIX.

2.1. Pierre Plancher e a inexpressiva produção literária da tipografia do *Jornal do Commercio* em seus primeiros anos

Em *O livro no Brasil*, Laurence Hallewell comenta a atuação de Pierre Plancher no país destacando duas áreas nas quais sua atividade de editor se sobressai: a produção de obras políticas ou administrativas e a publicação de periódicos.¹⁵¹ Em relação à publicação de obras literárias pela tipografia de Plancher, entretanto, Hallewell indica apenas uma obra de prosa de ficção, *Statira e Zoroastes*, de Lucas José de Alvarenga, impressa em 1826.

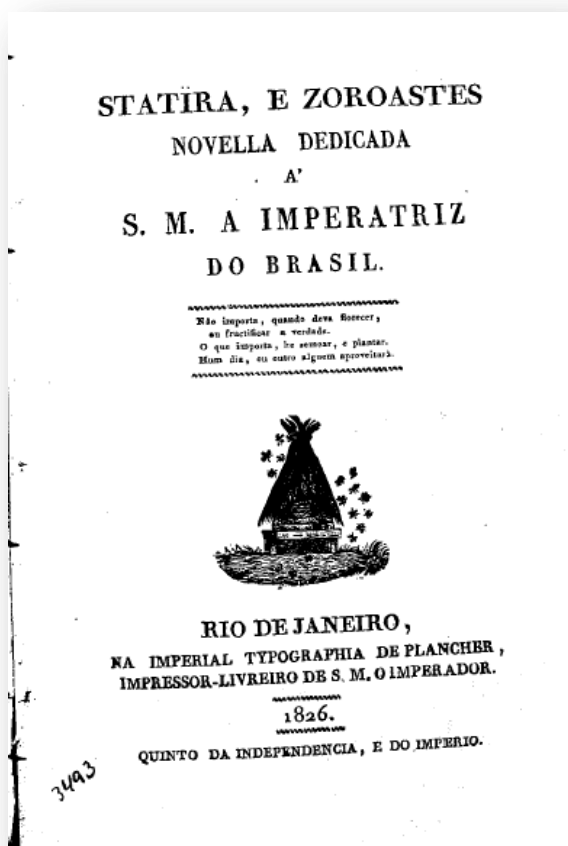


Figura 3: *Statira e Zoroaste*, de Lucas José de Alvarenga, impressa pela tipografia de Plancher em 1823. Imagem disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.uni-camp.br/biblioteca/0073/>

¹⁵¹ HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 151-153.

Lucas José de Alvarenga, como nos conta Anita Correia Lima de Almeida, atuou na administração do ultramar português e, de volta ao Brasil, dedicou-se à literatura. Alvarenga nasceu em Minas Gerais, na Vila de Sabará, em 1768, e se formou em Direito na Universidade de Coimbra em 1799. Em 1807 foi enviado pela Coroa portuguesa para a Ásia, onde ocupou o posto de governador-geral de Macau até 1810. No Brasil, escreveu peças de teatro, um livro de poemas, um livro de memórias – impresso pela Tipografia Imperial e Nacional, em 1828 – e a novela *Statira e Zoroastes*, considerada por muitos críticos e historiadores como a primeira novela publicada no Brasil.¹⁵²

O pequeno *roman à clef* de 58 páginas narra a história de amor do príncipe tibetano Zoroaste pela vestal Statira e foi usado por Alvarenga para divulgar suas ideias políticas. Durante a novela, Zoroaste concede a seu país “os benefícios de uma constituição, da liberdade de imprensa e assim por diante”,¹⁵³ refletindo os ideais do autor.

A publicação da novela de Alvarenga aconteceu no ano anterior ao lançamento do *Jornal do Commercio*, e a produção literária da oficina concomitante à publicação do jornal, sob a direção de Pierre Plancher, foi pouco expressiva. Após nossa busca pelos acervos das bibliotecas consultados podemos, com certeza, adicionar apenas mais dois títulos a essa produção.

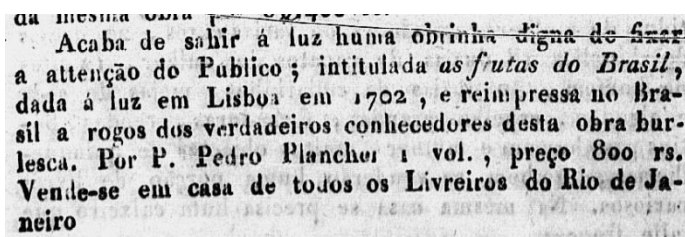


Figura 4: *Jornal do Commercio*, 12/03/1828, “Obras publicadas”, p.3, col.2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

¹⁵² ALMEIDA, Anita Correia Lima de. Em nome da reputação pública: a ‘Memória sobre o governo de Macau’ de Lucas José de Alvarenga. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo, RS. *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*. São Leopoldo: Unisinos, 2007. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/?p=14350>. Acesso em: 06/06/2016.

¹⁵³ HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 152.

O primeiro deles é *As frutas do Brazil*, anunciado aos leitores em 12 março de 1828.¹⁵⁴ O livro, que apresentou o subtítulo “obra dada a luz em Lisboa, em 1702, por hum missionario da Bahia, e reimpressas no Brazil, a rogos dos verdadeiros conhecedores desta obra burlesca, por P. Plancher”, era uma edição da obra *Frutas do Brasil numa nova, e ascética Monarquia, consagrada à Santíssima Senhora do Rosário* do Frei Antônio do Rosário.

Antônio do Rosário nasceu em Lisboa, no ano de 1647, e naquela cidade abraçou a vida religiosa fazendo parte da Ordem dos Agostinhos Descalços no convento do Monte Olivete, quando adotou o nome Frei Antônio de Santa Maria. Por volta de 1686, viajou para o Brasil, onde se juntou à ordem franciscana e atuou como missionário apostólico na Bahia e, em seguida, foi admitido no Convento de Olinda, trocando de nome por devoção a Nossa Senhora do Santíssimo Rosário.¹⁵⁵ Sua produção literária, que teve início ainda em Lisboa em 1675, foi marcada por essa mudança. Como afirma Ana Hatherly, na apresentação da reedição de *Frutas do Brasil* realizada pela Biblioteca Nacional de Lisboa em 2002, sua escrita passou a apresentar, além de um culto da natureza de aspecto franciscano, certo pendor paracientífico despertado pela exuberante realidade física do Brasil.¹⁵⁶

As Frutas do Brasil é uma obra composta por três sermões que correspondem às três parábolas em que é dividida. Nelas, Frei Antônio do Rosário escreve sobre um reino onde o Abacaxi (Ananás) seria o rei e a Cana-de-açúcar, a rainha. Outras trinta e quatro frutas completam as personagens do livro e representam diferentes classes da sociedade. Assim, há uma série de frutas cujas virtudes devem ser imitadas, ao passo que há outras cujos vícios devem ser combatidos.

Frei Antônio do Rosário retrata, nos três sermões, em linguagem direcionada e convincente, o discurso do evangelizador. O religioso exalta a terra, a América Portuguesa e seus frutos, onde vislumbra a possibilidade de dilatar o reino da cristandade. Trata-se

¹⁵⁴ O anúncio foi repetido no número seguinte do jornal.

¹⁵⁵ BIRON, Berty Ruth Rothstein. Frei Antonio do Rosário (1647-1704). *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, n.28, p. 206-209, jul./dez. 2012. Disponível em: www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/?p=1897. Acesso em: 06/06/2016

¹⁵⁶ HATHERLY, Ana. Apresentação. In: ROSÁRIO, Antônio do. *Frutas do Brasil: numa nova, e ascética Monarquia, consagrada à Santíssima Senhora do Rosário*. Fac-símile da edição de Lisboa: António Pedroso Galrão, 1702. Apresentação de Ana Hatherly. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002. p.21.

de uma obra de caráter missionário, do barroco luso-brasileiro, em que o autor, ao apresentar e ilustrar o conteúdo da obra, ensina os leitores a apreciarem as diversas frutas e riquezas do Brasil Colônia, esteio econômico de Portugal. [...]

Por fim, frei Antônio do Rosário evidencia, no “pomar simbólico”, a superioridade das frutas do Novo Mundo (Brasil) em contraposição às flores, que representam o Velho Mundo (Europa). Por meio de um discurso alegórico, o religioso opera uma transposição do conhecimento da natureza física para o plano da ética e do espiritual, coerentemente com seu trabalho missionário.¹⁵⁷

Na verdade, *Frutas do Brasil* por meio de seu “pomar simbólico” trazia uma reflexão sobre a América Portuguesa. Do discurso de Frei Antônio Rosário se sobressaem dois pontos: a potencialidade local do Brasil e o menosprezo da metrópole para com sua colônia americana. Antônio Rosário faz uma crítica à coroa portuguesa, que correria o risco de perder sua colônia por não se ocupar dela como deveria.¹⁵⁸

A edição que Pierre Plancher imprimiu em sua tipografia da obra de Frei Antônio Rosário e colocou em circulação no Rio de Janeiro em 1828, entretanto, era uma versão “mutilada” das *Frutas do Brasil numa nova, e ascética Monarquia, consagrada à Santíssima Senhora do Rosário*. Conforme apresentado por Ana Hatherly, as partes que circunscrevem as três parábolas foram suprimidas, como os textos introdutórios da edição de 1702, que, segundo a escritora, são essenciais para a compreensão da obra por explicitarem sua intencionalidade e o contexto em que ela se insere. Foram excluídas:

[...] a *Dedicatória à Soberana Rainha dos Anjos*, assinada pelo autor, assim como a advertência ao *Leytor*; as *Licenças da Ordem*, assinadas por Fr. Hieronymo da Ressurreyção; a *Censura do M. R. P. Fr. Luis da Purificação*; a *Licença da Ordem*, por Fr. Joseph de S. Catharina; a *Approvaçãõ do Paço*, por Balthezar Duarte; as *Licenças de correr*; a lista das 36 *Frutas do Brasil que se contem neste Livro*; e a importantíssima *Prefaçam* que, embora não assinada, se depreende ser da pena do autor. Também não estão incluídos o *Indice dos Lugares da Escritura* e o *Indice (alfabético) das cousas mais notaveis*, com que a edição de 1702 termina.¹⁵⁹

¹⁵⁷ BIRON, Berty Ruth Rothstein. Op. cit. p.207-208.

¹⁵⁸ Cf. ALMEIDA, Marcos Antonio. “Antônio do Rosário, *Frutas do Brasil numa nova, e ascética Monarchia, consagrada à Santissima Senhora do Rosario. Apresentação Ana Hatherly (Fac-símile da edição de Lisboa : Antônio Galvão, 1702)*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002, 28 + 208 p.”. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Comptes rendus et essais historiographiques, 2005. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/331>. Acesso em: 06/06/2016.

¹⁵⁹ HATHERLY, Ana. Op. cit. p. 22.

Ainda sobre a edição de Plancher, Hatherly critica o prefácio que a acompanhava, que foi publicado sem indicação de autoria. Nele, a coletânea de sermões é descrita como uma “obra burlesca”, classificação propagada também nos anúncios vinculados no *Jornal do Commercio*. Para a escritora, ao indicar o livro como uma obra cômica e na qual a mocidade acharia motivos para rir, o prefaciador traveste de burlesca e carnavalesca o que fora concebido como obra mística.¹⁶⁰

Frutas do Brasil teve mais uma edição publicada pela tipografia de Pierre Plancher em 1830. Em relação à edição de 1828, trouxe como acréscimo apenas a identificação do autor do prefácio tão criticado por Ana Hatherly, o Frei Francisco de Santa Theresa S. Paio (Frei Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio). No mais, a edição manteve as “mutilações” da publicação anterior.

Junta-se a *Statira e Zoroastes* e *As Frutas do Brasil* no conjunto de obras literárias publicadas por Plancher no Brasil, a comédia *Tartufo* de Molière, publicada em 1830 com o título *Tartuffo ou o hypocrita, comedia do Senhor Molière, traduzido em vulgar pelo Capitão Manoel de Souza, para se representar no Theatro do Bairro Alto*. Era uma edição da tradução realizada pelo capitão Manoel de Souza a serviço do Marquês de Pombal, que foi publicada originalmente em 1768 pela Oficina de Joseph da Silva Nazareth de Lisboa.

A primeira apresentação de *Tartufo* foi realizada em 1664. No entanto, a comédia foi interrompida após o terceiro de seus cinco atos e interdita durante cinco anos. Em 1667, Molière modificou a peça e a representou no Palais-Royal em Paris sob o título *L'Imposteur*, mas a peça foi novamente proibida. Apenas em 1669, Molière conseguiu autorização para representar a peça mais uma vez. Dessa vez, alcançou um imenso sucesso e realizou dezenas de representações durante o ano.¹⁶¹

Na comédia em questão nos é apresentada a família de Orgon, um devoto religioso. Orgon retira da miséria e acolhe em sua casa Tartufo, oferecendo sua filha Mariane, enamorada de Valère, em casamento para seu

¹⁶⁰ Ibidem. p. 23.

¹⁶¹ COSTA, Amanda Ioost. *Análise de duas traduções de Les femmes savantes de Molière: uma reflexão sobre os traços estilísticos do autor*. 2011. 289 f. Dissertação (Mestre em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. p. 24.

protegido. Tartufo, entretanto, era um falso devoto, que se aproveitando da caridade e boa vontade de Orgon se apodera de todos os seus bens, enquanto flerta com sua esposa Elmire.

Orgon é o típico ser moralmente admirável. Possui uma fé inabalável, ao ponto de compartilhar sua morada com Tartufo, homem que retirou da miséria, por nutrir por este um imensurável respeito, fato que torna este ser ao invés de um exemplo a ser seguido, em um personagem ridículo [...]¹⁶²

A comédia de Molière consiste numa crítica aos hipócritas religiosos, além de também expor ao ridículo os ingenuamente crédulos. Como afirma Suani Trindade Corrêa, Molière, em suas peças:

Criticou os hábitos e a rotina da sociedade de seu tempo, com a criação de tipos ou de situações ridículas, o que lhe valeu, em toda sua vida de teatro, inúmeros ataques dos “grandes” da época. Aliava a comédia de costumes à sátira social, cuja pintura das personagens completava-se com a crítica da atitude interesseira de uma nobreza em ruínas, e do pedantismo dos burgueses.¹⁶³

Em relação à edição da comédia impressa pela tipografia de Plancher, algumas considerações foram feitas por António Ferreira de Brito sobre a tradução realizada pelo capitão Manoel de Sousa.¹⁶⁴ Primeiramente, destaca-se a opção de Sousa por uma tradução em prosa em detrimento do verso alexandrino da versão original. Em segundo, Brito comenta o processo de “nacionalização” pelo qual a obra passou quando traduzida para o português.

Chama a atenção nesse processo a conversão do protagonista da comédia de “faux dévot” do original de 1669 em “jesuíta hipócrita” na tradução portuguesa em questão. Essa modificação trouxe implicações para o desenrolar da peça, principalmente no que toca à possibilidade do casamento de Tartufo com a filha de Orgon, agora Ambrozio. Manuel de Sousa, então, precisou buscar saídas e justificativas para esse impasse. Ao ser interpelada

¹⁶² PERIN, Diego Rodriguez. *Rousseau e Molière: uma análise sobre a crítica do riso e da ridicularização*. 2013. 144 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2013. p. 66

¹⁶³ CORRÊA, Suani Trindade. *De "O Avaro" de Molière a "O Mão de vaca" dos Palhaços Trovadores: o texto teatral em processo*. 2011. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2011. p. 38.

¹⁶⁴ BRITO, António Ferreira de. *Do Tartuffe de Molière ao Tartufo de Manuel de Sousa (1768) e ao de Castilho (1870): achegas para o conceito de tradução em Portugal nos séculos XVIII e XIX*. *Intercambio*, Porto, n.4, p. 66-67, 1993.

por Valério sobre Tartufo já haver largado a vida religiosa, a filha de Orgon, que teve seu nome traduzido para Lauriana, por exemplo, dá a seguinte explicação:

Ainda não: meu pai diz que ele não está ligado com voto algum; que lá na Religião sobejam daqueles Santos; que o quer no século para exemplo de virtude na vida secular. Eu entendo que os tais Padres têm moral para tudo; e já ouvi dizer que Padre da Companhia podia ser Soldado, casado, Chinês; e ainda Turco.¹⁶⁵

Podemos notar na resposta de Lauriana também uma crítica à Companhia dos Jesuítas. Lembremos, então, que a tradução de Manuel de Souza foi executada a serviço do Marquês de Pombal, que realizou durante o reinado de D. José I uma perseguição ferrenha à Companhia, expulsando-os de Portugal e das colônias portuguesas. Assim, a tradução de Molière encomendada pelo primeiro ministro de D. José I visava a um fim político-religioso para o qual as modificações empregadas por Manuel de Sousa foram certas. Contudo, como aponta António Ferreira de Brito, “este enxerto de ataque direto ao jesuitismo tira a beleza da referência velada e universalizante que o original definitivo de Molière guarda e lhe permite ultrapassar tempos, modos e mentalidades, mantendo-se perene”.¹⁶⁶

Com uma inexpressiva produção literária no Brasil, Pierre Plancher mostra, na verdade, seguir uma tendência da época na qual as tipografias se dedicavam prioritariamente à publicação de obras políticas, enquanto o mercado de literatura era abastecido por importações de Portugal e por edições em língua portuguesa realizadas em Paris.¹⁶⁷

O período que se seguiu ao fim do monopólio da impressão no Rio de Janeiro pela Impressão Régia assistiu à ebulição de uma enorme quantidade de periódicos, panfletos e folhas avulsas de cunho político impressos nas tipografias que se instalaram na capital entre 1821 e 1822. Essa crescente atividade foi provocada pela postura recolonizadora esboçada pela metrópole após a Revolução do Porto e, em seguida, pelas discussões referentes à Independência do país, como aos limites dos poderes de D. Pedro I, à autonomia das províncias e à liberdade de imprensa.

¹⁶⁵ SOUSA, Manuel de. *Tartufo* apud BRITO, António de. Op. cit. p. 72.

¹⁶⁶ BRITO, António de. Op. cit. p. 72.

¹⁶⁷ HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 152.

Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves, ao analisar os catálogos de 1821 e 1822 da livraria de Paulo Martin, no Rio de Janeiro, observou a proeminência de publicações políticas: “O último desses catálogos ostentava oitenta e nove títulos com quase 70% destes ligados a temas políticos”.¹⁶⁸ O mesmo destaque dado às impressões políticas foi observado por Neves e Tânia Maria Bessone da Cruz Ferreira na produção da tipografia de Silva Porto, o primeiro livreiro do Rio de Janeiro a ter tipografia própria, instalada em março de 1822.

Sem dúvida, em função do início de sua atividade estar inserido num momento de inquietação política, as obras publicadas constituem-se, em grande parte, de pequenos impressos e folhetos políticos, num total de 41. São escritos constitucionais, narrando eventos em várias partes do império; textos laudatórios acerca de alguns fatos (instalação da Assembleia Constituinte, proclamação da Independência, coroação de Pedro I); trabalhos defendendo a união do império luso brasileiro, como *O Conselho da Boa Amizade ou projecto de Reconstrução entre os Dous Hemisferios*.¹⁶⁹

Assim, nos anos de 1821 e 1822, oficinas tipográficas foram instaladas no Rio de Janeiro com a intenção de produzir periódicos e folhas avulsas que divulgassem as opiniões políticas de diferentes grupos em um momento de decisão para o futuro político do Brasil e de inúmeras polêmicas envolvendo a colônia e Portugal. Dessas tipografias, saiu uma grande quantidade de publicações, a grande maioria de vida efêmera, que acompanhou e incitou as mudanças pelas quais o Brasil passou no período.

Dessas oficinas, algumas estavam ligadas primordialmente à publicação de periódicos, prioridade explícita em seus próprios títulos, como a *Typographia Astréia*, responsável pela publicação do jornal de mesmo nome; a *Officina dos Annaes Fluminenses*, fundada justamente para a publicação do periódico que lhe empresta o nome; e a *Typographia do Diario*, de Zeferino Vitor Meireles, que, após publicar os primeiros números de seu jornal *Diário do Rio de Janeiro* pela Impressão Régia, adquiriu sua própria oficina.¹⁷⁰

Em um momento de tamanha efervescência política, o espaço para a literatura nas tipografias era limitado. No entanto, logo, mesmo as tipografias cuja principal função era a publicação de determinado periódico expandiram

¹⁶⁸ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Op. cit. s/p.

¹⁶⁹ NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das & FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz. Op. cit. s/p.

¹⁷⁰ HALLEWELL, Laurence. 2005. p. 123-124.

suas atividades e passaram a imprimir outros materiais em suas “horas ociosas”. A Typographia do Diario, por exemplo, após ser adquirida por Lionídio Feliz da Silva e, por volta de 1830, repassada a Nicolau Lobo Vianna,¹⁷¹ tornou-se uma importante impressora de livros da cidade.¹⁷²

A mudança de postura da tipografia do *Jornal do Commercio* em relação às obras de literatura também ocorreu na década de 1830, conforme observado por Regiane Mançano ao analisar os anúncios de romances presentes no *Jornal do Commercio* entre 1827 e 1844. Mançano notou um comportamento tímido de Plancher quanto à produção literária, optando pela comercialização de poucos títulos já consagrados. Esse comportamento mudaria apenas a partir do segundo semestre de 1836, quando, já sob os cuidados de Junius Villeneuve, a tipografia do *Jornal do Commercio* passou a anunciar também títulos menos consagrados.¹⁷³

Pois, se o francês [Plancher] atirava-se às letras desde que chegara ao Brasil, por meio dos periódicos dos quais era redator, ao comércio de romances lançava-se mais timidamente, propondo aos clientes títulos já consagrados, que não representavam nenhuma novidade comercial, mas também não ofereciam riscos à economia do estreante mercador.¹⁷⁴

As decisões comerciais de Plancher refletem em suas opções enquanto editor, como expõem as impressões de *Frutas do Brasil* e *Tartufo*, ambas escritas muitos anos antes de suas edições por Plancher, portanto, já testadas junto a um público. Da mesma forma, os anúncios de romances realizados pela tipografia após ser adquirida por Villeneuve também refletem sua produção e, embora tragam títulos menos consagrados, não significa que eles não passassem pelo teste do público, mas, dessa vez, nas próprias páginas do jornal com a publicação em folhetins.

¹⁷¹ A primeira vez que o nome de Nicolau Lobo Vianna aparece como proprietário do *Diário do Rio de Janeiro* no cabeçalho do jornal, adquirido junto à tipografia, é em 04 de abril de 1833, conforme observado diretamente na leitura sistemática do periódico, durante projeto de Iniciação Científica “As rubricas do *Jornal do Commercio* (1827-1835 e 1854-1865), *Diário do Rio de Janeiro* (1821-1878) e *Correio Mercantil* (1848-1868): indexação e descrição” desenvolvido entre 2013 e 2014, com financiamento da FAPESP.

¹⁷² HALLEWELL, Laurence. 2005. p. 123.

¹⁷³ Cf. MANÇANO, Regiane. *Livros à venda: Presença de romances em anúncios de jornais*. 2010. 319 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – UNICAMP, Campinas. (Além do *Jornal do Commercio*, Mançano também observa a presença de romances em anúncios do *Correio Brasiliense* e da *Gazeta do Rio de Janeiro*).

¹⁷⁴ MANÇANO, Regiane. Op. cit. p. 45.

2.2. Junius Villeneuve: teatro, poesia e muito romance

Como vimos no **Capítulo 1**, Pierre Plancher vendeu sua oficina e todo seu patrimônio do Rio de Janeiro em 1832 aos franceses Junius Villeneuve e Réol Antoine de Mougnot. No entanto, Plancher continuou atuando na tipografia até 1834, quando voltou para a França. Após a partida de Plancher, rompeu-se a sociedade entre Villeneuve e Mougnot, com o primeiro restando como único proprietário do *Jornal do Commercio* e de sua tipografia.

Villeneuve investiu na tipografia buscando melhor atender seus assinantes e, com isso, permitiu que o trabalho editorial da casa também se expandisse. Lembremos, nesse momento, do texto divulgado pelo *Jornal do Commercio* em maio de 1836 aos seus leitores:

Resolvemos, [...] mandar vir de Paris um PRELO MECÂNICO, como único meio de acabar com os estorvos que encontrávamos. Este PRELO MECÂNICO, o primeiro que passou o Equador, chegou e acha-se já a trabalhar; e o Jornal, que até agora com 2 prelos levava 10 horas a imprimir, fica hoje pronto com 2 horas de trabalho e estará distribuído em toda a cidade e subúrbios pelas 6 horas da manhã.¹⁷⁵

A partir desse ano, então, a tipografia de Villeneuve dispensaria menos horas para a impressão do jornal, estando mais disponível para a publicação de outros materiais. Essa disponibilidade, juntamente a outros fatores, teve efeito também em sua produção literária, que é encontrada em número bem mais expressivo nos acervos consultados por nós.

Continuou, primeiramente, a publicação de textos teatrais e chama atenção nos títulos de teatro editados por Villeneuve a origem desses textos, principalmente quando comparamos com as novelas que foram publicadas pela tipografia. O conjunto de autores de teatro é bem mais heterogêneo, trazendo obras francesas, portuguesas, italianas e também clássicos da antiguidade. No quadro abaixo, apresentamos as peças impressas pela tipografia entre os anos de 1836 e 1865, que foram encontradas em nossa pesquisa:

¹⁷⁵ *Jornal do Commercio*, 07/05/1836, p.1, col.1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP. (O texto completo foi citado ao início da **Introdução** deste trabalho.)

Quadro 1 – Textos teatrais pela tipografia do *Jornal do Commercio*

Ano de Publicação	Título	Autor
1842	<i>O alfageme de Santarem, ou, A espada do condestavel: drama em cinco actos.</i>	Almeida Garrett
1842	<i>O falso heroísmo: comedia em tres actos</i>	Antônio Dinis da Cruz e Silva
1842	<i>Mithridates: tragedia em cinco actos</i>	Jean Baptiste Racine
1843	<i>Maria Tudor: drama em três actos</i>	Victor Hugo
1843	<i>D. Ruy Cid de Bivar: tragedia em cinco actos</i>	Pierre Corneille
1844	<i>Régulo: tragedia em tres actos</i>	Pietro Metastásio
1844	<i>Frei Luiz de Souza: drama</i>	Almeida Garrett
1845	<i>Hyppolito: tragedia em cinco actos</i>	Sêneca
1847	<i>Guerras do Alecrim e mangerona, opera joco-seria em dous actos</i>	Antonio José da Silva

A edição desses títulos estava envolvida em uma estratégia de edição muito mais ampla, como notamos ao observar os anúncios publicados pelo jornal. Em 04 de outubro de 1841, Villeneuve anunciou a publicação do drama *O Captivo de Fez* de Antônio Joaquim da Silva Abranches e informou aos leitores do jornal que dava início, na ocasião, a um projeto intitulado “Archivo Theatral”.

ANNUNCIOS.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.

Principlou-se a publicar debaixo do título de

ARCHIVO THEATRAL,

huma collecção de peças escolhidas, antigas ou modernas, originaes ou traduzidas, dos melhores autores, impressa em bom papel, em formato em 4.º em 2 columnas, com capa.

A primeira peça, que já sahio à luz, e achou-se à venda, he o drama em 5 actos, intitulado:

O Captivo de Féz,

approvado pelo conservatorio dramatico de Lisboa, onde foi ultimamente representado, e que subirá brevemente à scena no theatro de S. Pedro de Alcantara.

Subscreve-se para esta publicação no escriptorio do *Jornal do Commercio*, pelo preço de 4\$000 rs. para a collecção de 12 peças. — Cada peça avulsa, 480 rs.

Figura 5: *Jornal do Commercio*, 04/10/1841, p.4, col. 4. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

Esse projeto, portanto, reuniria textos teatrais antigos ou modernos dos melhores autores. Além disso, a impressão da coleção seria em bom papel e em formato in-quarto com capa. A escolha desse formato para a edição desses textos reflete o prestígio do gênero no período.

A ideia para a coleção parece ter vindo, assim como muitas outras estratégias adotadas pelas tipografias brasileiras, do mercado editorial francês. Como aponta um anúncio da casa Souza e Comp. publicado pelo *Jornal do Commercio* em 1840, o país europeu já publicava uma coleção de seus dramas sob o mesmo título de “Archivo Theatral”: “Acaba de chegar à casa de Souza e Comp., rua dos Latoeiros n.60, o primeiro e segundo ano do Archivo Theatral, ou coleção seleta dos mais modernos dramas do Teatro Francês; também se vendem números avulsos”.¹⁷⁶

O “Archivo Theatral” de Junius Villeneuve parece ter alcançado grande êxito, pois seus anúncios permaneceram presentes no jornal por quase uma década. Nesse ínterim, foram publicados os textos teatrais que encontramos hoje nos acervos da Biblioteca Nacional e da Biblioteca Mário de Andrade, essa última onde se encontram oito dos nove títulos listados acima – o drama de Victor Hugo faz parte do acervo da Biblioteca Nacional e *Guerras do Alecrim e manjerona* de Antonio José da Silva, O Judeu, pode ser encontrado nos dois

¹⁷⁶ *Jornal do Commercio*, 11/03/1840, p. 4, col. 1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

acervos. Abaixo, reproduzimos o último anúncio da coleção, que foi publicado pelo jornal em julho de 1850, no qual podemos observar a extensão de seu projeto editorial para os textos teatrais, bem como a diversidade de sua produção.

<p style="text-align: center;">ANNUNCIOS.</p> <p style="text-align: center;">ARCHIVO THEATRAL.</p> <p>Sahio á luz, e vende-se em casa de J. Villeneuve e C., o 6º numero da sexta serie desta colleção, a saber:</p> <p style="text-align: center;">LUCRECIA BORGIA,</p> <p>drama em 3 actos, de Victor Hugo. — Preço 800 rs.</p> <p style="text-align: center;">PEÇAS QUE FORMÃO A PRIMEIRA SERIE.</p> <p>O Caivo de Fez. — Fazel. — O Doente Imaginario. — Tancredo. — Francisca de Rimini. — O Castello de Montlouvier. — O Alfageme de Santarém. — Alzira. — O Ralhador. — Diogo tinoco. — O Jogador. — Um Auto de Gil Vicente.</p> <p style="text-align: center;">SEGUNDA SERIE.</p> <p>Milridates. — O Falso heroismo. — João Pinto Ribeiro. — Merope. — Os Dous Amigos. — Os Templarios. — Nova Castro. — Ruy Braz. — O Pai de familia. — O Marido da Viuva. — Maria Tudor. — Alonzo e Cora, ou o Triunpho da natureza.</p>	<p style="text-align: center;">TERCEIRA SERIE.</p> <p>O Avarento. — Iphigenia em Lauride. — Affonso III. — Medea. — Tartuffo. — D. Ruy Cid de Bivar. — O Casamento Clandestino. — O Conde Andeiro. — Regulo. — D. Rodrigo. — O Marquez de Pombal. — O Poetico Heroico.</p> <p style="text-align: center;">QUARTA SERIE.</p> <p>Frei Luiz de Souza. — Cornelia. — O Cioso. — Um Erro. — Athalia. — O Mudo. — O Sincero de S. Paulo. — Montezuma. — O Velho de 25 annos. — Hyppolito. — Os Dous Sargentos. — Os Dous primos.</p> <p style="text-align: center;">QUINTA SERIE.</p> <p>Lucrecia. — Glenarvon. — O Casamento de Figaro. — Constantino o Grande. — Alvaro Gonçalves o Magrico. — O Engeitado. — Clytemnestra. — Guerras do Alecrim e Mangarona. — Leonor de Mendonça. — Phedra. — A Madresilva. — O Gaioto de Lisboa.</p> <p style="text-align: center;">SEXTA SERIE.</p> <p>Andromaco. — Uma noite no Serralho. — A ponte do Diabo. — Rhadamistho. — Caravaggio. — Lucrecia Borgia.</p> <p><i>N. B.</i> Ainda existem algumas colleções das series já publicadas. Cada peça avulsa, de 480 a 800 rs.</p>
---	---

Figura 6: *Jornal do Commercio*, 20/07/1850, p.3, col. 4. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

Quanto à produção de poesia realizada pela tipografia do *Jornal do Commercio* após 1836, encontramos apenas três títulos até o ano de 1865 que estão presentes nos acervos consultados. São eles: *Folhas caídas* de Almeida Garrett, obra publicada em 1853; *Bluettes, contes et légendes en vers* de Edouard du Rosay, lançado pela casa de Junius Villeneuve em 1856; e *A nebulosa*, poema narrativo de Joaquim Manuel de Macedo, publicado em 1857.

A obra *Folhas Caídas*, de Almeida Garret, considerada o ápice da expressão lírica e romântica do autor português, foi publicada originalmente em 1853 e nesse mesmo ano ganhou uma edição lançada pela tipografia de Villeneuve. O conjunto de poemas com temática amorosa de Garret, por muito tempo, foi relacionado pela crítica e por seus biógrafos ao amor proibido do autor por uma senhora casada, Maria Rosa de Montúfar, a Vincondessa da Luz. Essa relação seria comprovada pela frequente utilização nos versos da obra dos termos rosa, luz e correlatos.¹⁷⁷

¹⁷⁷ Cf. RIBEIRO, Lucia Maria Moutinho. Almeida Garret: poesia e autobiografia. *Scripta*. Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 108-114, 2º sem., 1999. p. 111-112.

Márcia Valéria Zamboni Gobbi, porém, destaca que Garret busca, a começar da Advertência que acompanha *Folhas Caídas* desde sua primeira edição, sugerir ao leitor que ele está diante de uma confissão sincera do escritor. No entanto, o alto grau de elaboração que a obra apresenta em sua escrita e em sua composição, ao organizar os quarenta e três poemas em duas partes divididas em “Livro primeiro” e “Livro segundo”, pesam contra essa “fluidez da alma” da qual Garret deseja convencer seus leitores.

O caso amoroso vai se construindo a nossos olhos, então, de forma ambígua, provisória, paradoxal: ao mesmo tempo em que a ironia que suporta a expressão lírica vai abrindo brechas à possibilidade de a linguagem apresentar o “eu” de forma “autêntica”, confidencial, instaura também uma forma de resistência a essa subjetividade, porque revela o elevado grau de elaboração, de trabalho formal que rege a construção do discurso poético nas *Folhas Caídas*.¹⁷⁸

Folhas Caídas foi um livro polêmico, não apenas pela associação dos versos à Viscondessa da Luz, mas também pela franqueza com que expôs a sensualidade do amor. Durante a obra, o amor é desmistificado e apresentado por meio de um discurso que rompe com a ideia de sentimento associado à quietude e a determinada pureza que tinha até então para ser representado tendo como fator proeminente o desejo. Lucia Maria Moutinho Ribeiro, acerca do discurso amoroso apresentado por Almeida Garret em *Folhas Caídas*, diz que o autor “rompe com moldes e imposições clássicas ao incorporar matéria nem sempre poética à literatura; em *FC*, esse tópico alude à intimidade da alcova e à carnalidade do amor, até então admissíveis apenas à poesia satírica”.¹⁷⁹

Outra obra poética publicada pela tipografia do *Jornal do Commercio* foi o poema narrativo *A Nebulosa*, em 1857, de Joaquim Manuel de Macedo. Embora hoje Macedo seja lembrado muitas vezes apenas como o autor de *A Moreninha*, a sua primeira obra, publicada em 1844, o seu poema editado pela tipografia do *Jornal* obteve grande sucesso. Como nos conta Angela da Costa, *A Nebulosa* foi considerado pela crítica da época uma obra prima e sua fama

¹⁷⁸ GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. O Discurso dissimulador das Folhas Caídas. *Scripta*. Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 125-133, 2º sem., 1999. p.130

¹⁷⁹ RIBEIRO, Lucia Maria Moutinho. Op. Cit. p.111

chegou até Lisboa, onde Francisco Inocêncio da Silva comentou sobre o poema no seu *Dicionário Bibliográfico Português* de 1858.¹⁸⁰

Na ocasião da publicação de *A Nebulosa*, Macedo atuava como cronista para o *Jornal do Commercio*. Desde abril de 1854, ele era responsável pela seção de crônicas de variedades “A Semana”, publicada semanalmente, geralmente aos domingos, no folhetim do jornal. A seção foi extinta em setembro de 1859 e, depois disso, Macedo esteve à frente de outras seções similares no *Jornal*, como “O Labyrintho”, em 1860, e “Chronica da Semana”, entre janeiro de 1861 e fevereiro de 1862. O *Jornal do Commercio* também publicou em folhetins o romance *O Culto do Dever* de Macedo em 1865.

A produção de Macedo também pode ser encontrada em outros periódicos, como no *Correio Mercantil*, onde o autor publicou o romance *Os dois amores* em 1848. O próprio poema *A Nebulosa* esteve primeiro presente em um periódico antes de ser editado pela tipografia de Junius Villeneuve. Tal publicação, que abrangeu apenas um fragmento do poema, ocorreu na revista *Guanabara*, de propriedade de Gonçalves Dias, Gonçalves Magalhães e Macedo, em 1850. A primeira edição do poema completo foi realizada somente em 1857 pela Tipografia de Villeneuve & Cia..

A Nebulosa possui seis cantos e um epílogo e, na sua edição de 1857, apresentou 293 páginas. O poema narrativo, formado por 4762 versos decassílabos brancos, narra o amor impossível entre o Trovador e a Peregrina. Ele é composto, na maior parte, de diálogos e monólogos entre cinco personagens - Doida, Mãe, Nebulosa, além de Trovador e Peregrina -, entre os quais são intercaladas partes narrativas e longas descrições.

Peregrina havia jurado à mãe em seu leito de morte jamais amar e desse juramento advinha a impossibilidade do amor entre ela e o Trovador. Ao final, após a intercessão da mãe do Trovador, a Mãe, e desincumbida de sua promessa por uma ordem de Deus, Peregrina vai ao encontro do Trovador, porém é tarde. O Trovador se joga de um penhasco, abraçado à Doida, mulher/fada que se diz descendente da Nebulosa e que o ama, mas a qual ele não corresponde. O final trágico do poema é completado com as mortes

¹⁸⁰ COSTA, Angela da. Uma trajetória do esquecimento: o poema *A Nebulosa*, de Joaquim Manuel de Macedo. *Revista Guavira-Letras: Poemas Narrativos*. Três Lagoas, v. 1, n. 9, p. 52-66, jul./dez. 2009. p. 52-53

também de Mãe e Peregrina. A *Nebulosa*, personagem que dá título ao poema, aparece ao início da obra como uma lenda referente ao penhasco onde acontece o desfecho. *Nebulosa* seria uma fada ou feiticeira, muito bonita, que aparecia a noite naquele local e com seu canto encantava os homens e os levavam a se jogar no mar.

A Nebulosa pertence ao ultra-romantismo brasileiro. É um poema dramático que narra a história de amor, morte, melancolia, solidão e desespero de um homem ante uma natureza sempre indiferente à sua angústia. Grandes rochedos, abismos, tempestades, brumas contracenam com personagens pálidas como a neve, com seres fantásticos, em um cenário isolado, inacessível e por vezes tétrico, como as ruínas do cemitério ou o cume de um alto rochedo. Esse canto fúnebre nos remete a uma existência além da vida, porém mais bela e essencial, um tema caro ao Romantismo.¹⁸¹

Todavia, não são as obras poéticas ou os textos teatrais que se sobressaem entre a publicação literária realizada por Villeneuve que hoje pode ser encontrada nas bibliotecas consultadas para este trabalho. O gênero mais expressivo numericamente em nosso levantamento, que reflete uma novidade do período na imprensa e também um gosto crescente entre o público leitor do período, são os romances, motivo pelo qual trataremos dele no tópico seguinte.

¹⁸¹ Ibidem. p. 53

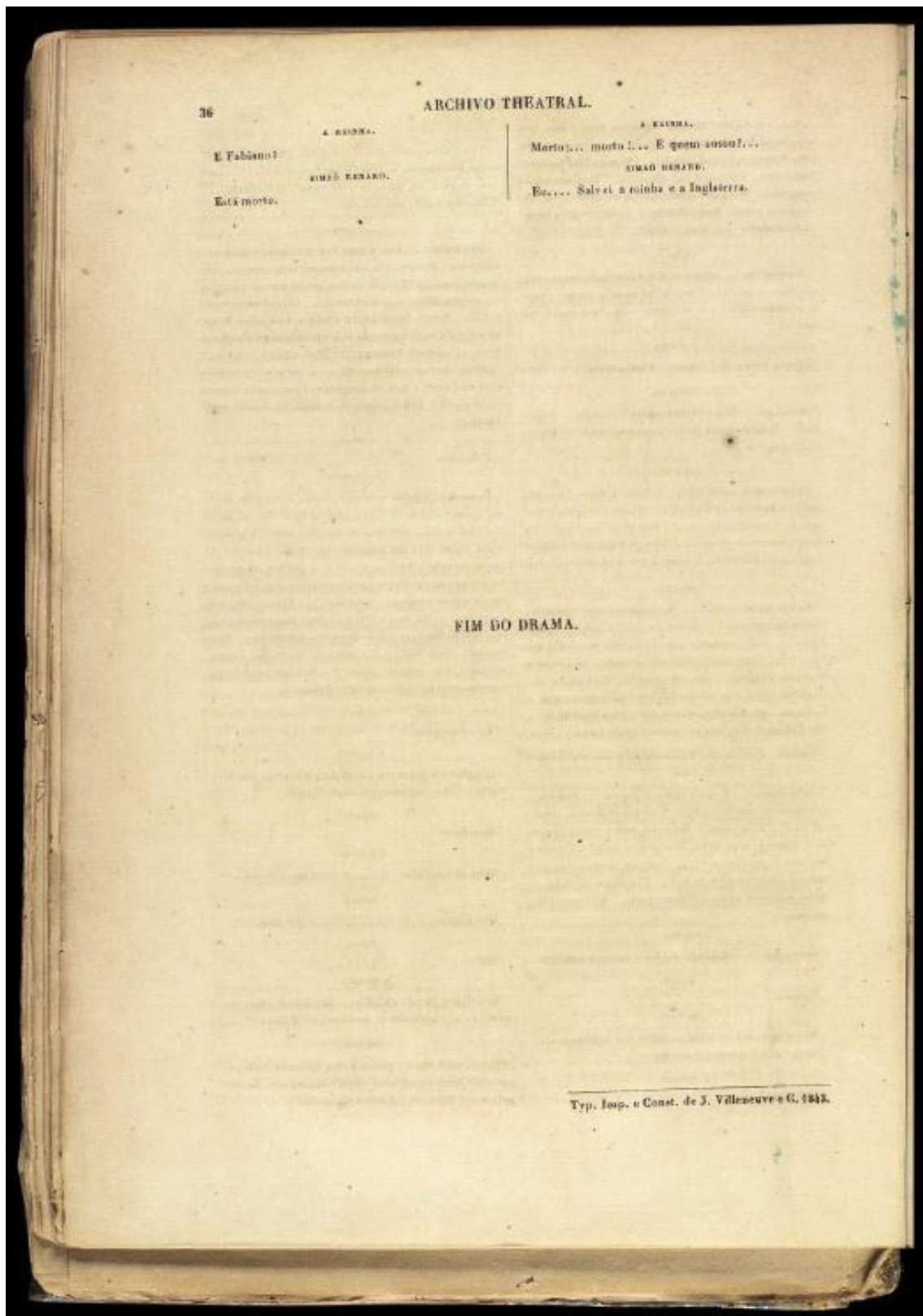


Figura 7: Última página do drama *Maria Tudor* de Victor Hugo, publicado por Villeneuve em 1843. Imagem disponível no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

GUERRAS DO ALECRIM E MANGERONA.

49

pois cada uma fez quanto pôde; e para que se acabem essas guerras do alecrim e mangerona, mando que os dous ranchos fação as pazes e se ponha perpetuo silencio nesta materia, sob pena de serem assumptos de minutos e andarem por boca de poetas, que é peor que pelas bocas do mundo.

TODOS.

Pois viva o alecrim e viva a mangerona!

SIMICUPIO.

E viva todo o bicho vivo!

D. LANGEROTE.

Vivamos todos, meu sobrinho!

D. TIBERCIO.

Essa é a verdade.

SIMICUPIO.

E como não ha triumpho sem aclamação, enquanto o côro não principia a festejar este applauso, coroe-mos esta obra com as raias da mangerona e alecrim.

D. NIZE, D. FEAS.

Viva a mangerona.
Perpetua no durar!

D. CLORIS, D. GILVAZ.

Viva o alecrim.
Feliz no florece!

TODOS.

Viva a mangerona!
Viva o alecrim!
Pois que um soube vencer,
E a outra triumphar.

D. NIZE, D. FEAS.

No templo de Cupido
Tropheo de amor sera.

D. CLORIS, D. FEAS.

Nas aras da lindeza
Em chamma arderá.

TODOS.

Viva a mangerona.
Viva o alecrim!
Pois que um soube vencer
E a outra triumphar.

FIM DA OPERA.

Figura 8: Última página de *Guerras do Alecrim e mangerona*, de Antonio José da Silva, publicado por Villeneuve em 1847. Imagem disponível no Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional

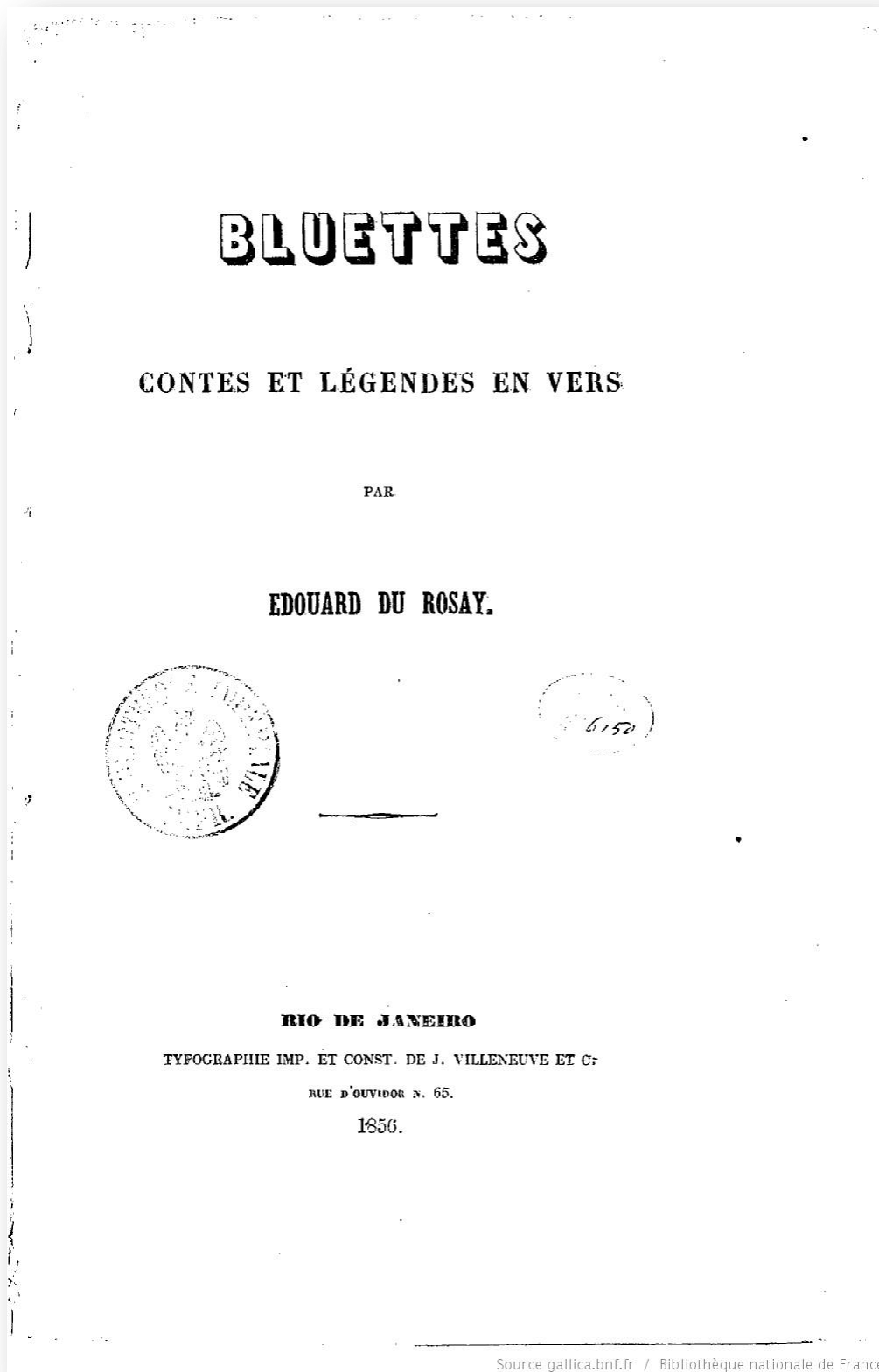


Figura 9: *Bluettes, contes et légendes en vers* de Edouard du Rosay, publicado por Junius Villeneuve em 1856. Imagem disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5859667b/f8.item>.

A
NEBULOSA

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA IMP. E CONST. DE J. VILLENEUVE E C

Rua do Ouvidor n. 65.

—
1857.

Figura 10: *A nebulosa* de Joaquim Manuel de Macedo, publicado por Junius Villeneuve em 1857. Imagem disponível no Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

2.3. Junius Villeneuve e a reimpressão de romances-folhetim

Em 31 de outubro de 1838, os leitores do *Jornal do Commercio* encontraram publicado na primeira página do jornal, na rubrica “Variedades”, o primeiro capítulo do romance *O Capitão Paulo* de Alexandre Dumas. Diariamente, até 27 de novembro de 1838, os leitores acompanharam as emoções da história que havia sido publicada pela primeira vez pelo jornal *Le Siècle* naquele mesmo ano. Poucos dias após se depararem com o fim do romance, os leitores encontraram um anúncio que informava a venda de *O Capitão Paulo* pela Casa de J. Villeneuve e Comp., tendo a obra em volume sido impressa naquele mesmo estabelecimento.

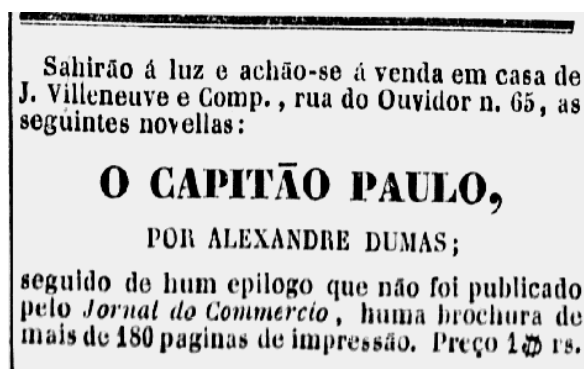


Figura 11: *Jornal do Commercio*, 05/12/1838, p.3, col.3. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

Essa foi uma trajetória comum para as prosas de ficção publicadas pela tipografia do *Jornal do Commercio* a partir daquele ano. O desenvolvimento da rubrica folhetim junto ao hábito de reimpressão dos romances ali publicados proporcionou um número bem mais expressivo desse gênero que saiu à luz pela casa de J. Villeneuve.

Assim, refletindo acerca da mudança de postura de Villeneuve quanto à comercialização de obras literárias observada por Regiane Mançano (2010), podemos pensar que, embora ele tenha expandido a atuação da tipografia nessa área, publicando títulos menos consagrados, sua mudança de estratégia não foi um tiro no escuro. Villeneuve também pensava na economia da tipografia ao realizar essas publicações e, para evitar riscos, realizava a

impressão em livro de um romance/novela,¹⁸² na maioria das vezes, quando a popularidade da história ou de seu autor já havia sido testada nas páginas do jornal.

Antes de apresentar os títulos levantados em nossa pesquisa que ilustram a estratégia editorial adotada por Villeneuve a partir da publicação de *O Capitão Paulo*, achamos válido discorrer acerca do espaço no qual a grande parte desses títulos foi publicada originalmente no *Jornal do Commercio*, o folhetim, e também sobre o hábito de reimpressão dos romances-folhetim, exemplificado pelos casos d'*O Conde de Monte-Cristo*, de Alexandre Dumas, apresentado por Lúcia Granja, e d'*Os mistérios de Paris*, de Eugène Sue, apresentado por Hebe Cristina da Silva, por serem modelos das trajetórias seguidas pelos demais títulos.

2.3.1. O “Folhetim do *Jornal do Commercio*”

Mais que uma rubrica, “Folhetim” é um espaço.¹⁸³ Enquanto as demais rubricas dos jornais do XIX se encontravam distribuídas pelas colunas de suas páginas e não possuíam uma posição fixa – a noção de rubrica jornalística ainda era muito vaga na década de 1830 e predominava um misto de ordem e desordem, subjugado pela importância dos eventos do período¹⁸⁴ -, o “Folhetim”, sempre que aparecia, era encontrado no rodapé da primeira página, separado dos demais conteúdos do jornal por uma linha horizontal.

Em *Folhetim: uma história* (1996), a pesquisadora Marlyse Meyer traça o percurso dessa seção do jornal tanto na França, país onde se desenvolveu esse espaço, quanto no Brasil, país no qual a fórmula do folhetim se encaixou com enorme sucesso.

¹⁸² Como apresentado em nota anterior, destacamos mais uma vez que, naquela época, não havia um nome estável para as produções narrativas, que podiam ser encontradas sob diferentes denominações, como “histórias”, “contos”, “novelas” e “romances” independente do número de páginas ou das características estruturais. (Cf. ABREU, Márcia. 2003. Op. cit. p. 265)

¹⁸³ GRANJA, Lúcia. No rodapé dos jornais: casos do romance-folhetim. *Floema*. Caderno de Teoria e História Literária. Vitória da Conquista, Ano VII, nº9, p. 147-158, jan./jun. 2011.

¹⁸⁴ KALIFA, Dominic; THÉRENTY, Marie-Ève. Ordonner l'information. In: KALIFA Dominic, et al. (Orgs.) *La Civilisation du journal. Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011. p. 879-892.

Como nos afirma a autora, *le feuilleton*, já no início do século XIX, designava um local preciso do jornal que tinha um único objetivo: o *rez-de-chaussée*, o rodapé do jornal destinado ao entretenimento. Em sua origem, era um espaço de “vale-tudo”, no qual eram encontrados desde receitas e piadas a críticas de peças teatrais e livros. Com o tempo, porém, alguns assuntos passaram a ser mais frequentes e ganharam espaço semanal ou quinzenal no *feuilleton*, recebendo indicações antes de sua publicação, como *feuilleton dramatique*, *feuilleton littéraire* e *feuilleton variétés*.¹⁸⁵

Todavia, foi somente após a revolução burguesa de 1830 que o *feuilleton* tomou seu lugar de honra e destaque nas páginas dos jornais franceses. Considerados os responsáveis pelas bases da revolução jornalística no país, Émile de Girardin, proprietário do jornal *La Presse*, e Armand Dutacq, ex-sócio de Girardin e responsável pelo concorrente *Le Siècle*, perceberam as vantagens financeiras que o rodapé do jornal e os conteúdos de entretenimento poderiam trazer. Assim, em 5 de agosto de 1836, Dutacq, após se desassociar de Girardin e piratear sua ideia, iniciou a publicação do romance *Lazarillo de Tormes* no *Le Siècle*. Deu-se início, dessa forma, à publicação de “ficção em fatias” nos jornais diários.¹⁸⁶

Como exposto por Meyer, a receita do romance publicado em folhetins não nasceu pronta. Algumas obras já conhecidas do público em livro foram publicadas de forma seriada, ao passo que autores foram convidados a experimentar o novo espaço do jornal. Um de seus principais ingredientes, a fórmula “continua amanhã”, passou a ser usada a partir do fim do ano de 1836, porém, apenas em 1838, no jornal *Le Siècle*, surgiu o romance que respondeu às necessidades e expectativas do espaço. Era *Capitaine Paul* de Alexandre Dumas, já consagrado dramaturgo. O sucesso foi avassalador e o jornal obteve um aumento de 5 mil assinaturas em três meses.

Dumas descobre o essencial da técnica de folhetim: mergulha o leitor *in media res*, diálogos vivos, personagens tipificados, e tem senso do corte de capítulo. Não é de espantar que a boa forma folhetinesca tenha nascido das mãos de um homem de teatro.¹⁸⁷

¹⁸⁵ MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 57-58.

¹⁸⁶ *Ibidem*. p. 58-59.

¹⁸⁷ *Ibidem*. p. 60.

A partir de então, praticamente todos os romances produzidos no país foram publicados primeiramente no jornal. Antonio Candido apontou as modificações que essa escrita tão intimamente ligada ao seu suporte trouxe ao gênero romance:

houve uma alteração não só nos personagens, mas no estilo e técnica narrativa. É o clássico “romance de folhetim”, com linguagem acessível, temas vibrantes, suspensões para nutrir a expectativa, diálogo abundante com réplicas breves.¹⁸⁸

Alexandre Dumas fechou um contrato de exclusividade com o *Le Siècle* e os periódicos franceses passaram a travar uma verdadeira guerra disputando os melhores folhetinistas para suas páginas. Não se tratava mais de o jornal ceder seu espaço para a literatura, mas de os romances-folhetim sustentarem os empreendimentos jornalísticos do período, tendo se tornado a principal ferramenta dos jornais franceses para atrair e segurar os assinantes. Assim, independente de seus objetivos e posições políticas, todos os jornais se renderam à publicação de ficção - como o conservador *Journal des Débats*, que publicou, entre 19 de junho de 1842 e 15 de outubro de 1843, o “perigoso” *Les mystères de Paris* de Eugène Sue.¹⁸⁹

Em consequência do aumento das assinaturas e da procura pelos jornais, a publicação de romances na forma de folhetins também possibilitou o barateamento dos custos de produção dos periódicos, colaborando para a ampliação do público que tinha acesso ao jornal e tornando as obras divulgadas em folhetins fenômenos não apenas entre os mais abastados, mas também possibilitando sua leitura e sucesso entre uma população mais pobre.¹⁹⁰ Para agradar um público eclético e desejoso de fortes emoções, os folhetinistas recorriam a “estórias de amores contrariados, paternidades trocadas, filhos bastardos, heranças usurpadas, todas elas seguidas de duelos, raptos, traições, assassinatos e prisões”.¹⁹¹

Ao desembarcar no Brasil, o romance-folhetim causou a mesma comoção na imprensa que causara em seu país de origem. Tendo estreado no

¹⁸⁸ CANDIDO, Antonio. [1965], 2010. Op. cit. p.43.

¹⁸⁹ MEYER, Marlyse. Op cit. p.59.

¹⁹⁰ NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p.18.

¹⁹¹ Ibidem. p. 21.

Jornal do Commercio em 1838, logo se estendeu a todos os jornais da corte. Marlyse Meyer, a quem mais uma vez recorreremos, aponta que não faltam indícios para se relacionar a prosperidade de um jornal no período à publicação de folhetim.¹⁹²

O sucesso da fórmula do folhetim nos jornais brasileiros, de acordo com a autora, foi devido ao romance-folhetim responder a hábitos adquiridos de leitura ou audição de ficção dos brasileiros que já conviviam com os romances românticos.¹⁹³ Márcia Abreu, ao estudar documentos de importação anteriores à chegada da Corte portuguesa ao país, constatou que o romance era uma das leituras preferidas no Rio de Janeiro desde o século XVIII.¹⁹⁴

No Brasil, a fórmula do folhetim desembarcou já em etapa avançada e, em vez de um vale tudo textual, encontramos em sua estreia no país, em 1839, no pioneiro *Jornal do Commercio*, a publicação de um romance de Paul de Kock. Anteriormente, em 1838, o jornal já havia publicado um romance – como vimos, *O Capitão Paulo* de Alexandre Dumas, publicado entre 31 de outubro e 27 de novembro -, porém, esse fora divulgado na rubrica “Variedades” junto aos demais conteúdos do jornal. O anúncio de venda da obra de Alexandre Dumas na casa J. Villeneuve publicado em 05 de dezembro e a criação do espaço do folhetim dedicado à publicação de romances, em seguida à publicação da obra de Dumas, indicam o entusiasmo com que os romances-folhetim foram recebidos pelo público do jornal.

A primeira publicação da rubrica “Folhetim” pelo *Jornal do Commercio* aconteceu em 04 de janeiro de 1839, número no qual encontramos o início da publicação do romance *Edmundo e sua prima*, de Paul de Kock. O romance foi publicado diariamente pelo *Jornal do Commercio* até o dia 12 de janeiro, quando a expressão “Continuar-se-há” foi substituída por um “FIM”.

¹⁹² MEYER, Marlyse. Op. cit. p. 294.

¹⁹³ Ibidem. p. 33-34.

¹⁹⁴ Cf. ABREU, Márcia. 2003. Op. cit.

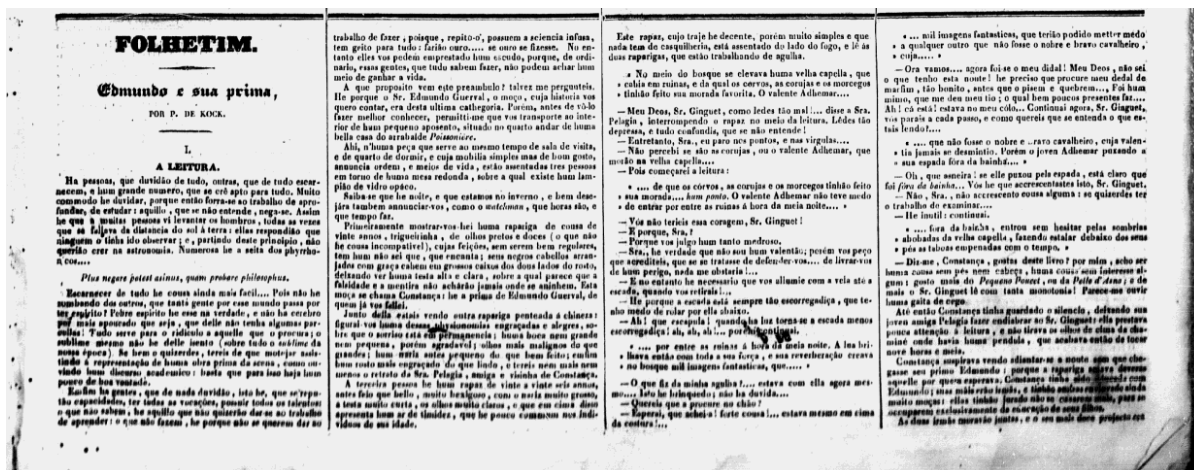


Figura 12: *Jornal do Commercio*, “Folhetim”, 04/01/1839, p.1. Consultado no Arquivo Edgar Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

Durante os anos de 1839 a 1865, o “Folhetim do *Jornal do Commercio*” foi uma seção constante do jornal e apresentou, principalmente, três tipos de publicações: romances seriados, críticas teatrais e, a partir de dezembro de 1852, uma publicação semanal cujo conteúdo trazia traços das nossas atuais crônicas, como relação com o cotidiano e a política.

A seção inaugurada em 12 de dezembro de 1852, intitulada “A Semana”, perdeu o fôlego em 1859, extinguindo-se em outubro daquele ano. A publicação de “crônicas de variedades”, porém, continuou em outras seções que ocuparam o espaço do “Folhetim do *Jornal do Commercio*” durante os anos seguintes, como “Labyrintho”, publicada em 1860, e “Chronica da Semana” de 1861. À frente dessas seções estava Joaquim Manuel de Macedo, que, como vimos, teve seu poema narrativo *A Nebulosa* publicado pela tipografia do jornal em 1857.

Quanto à publicação de críticas teatrais pelo “Folhetim do *Jornal do Commercio*”, ela sempre foi marcada pela irregularidade desde sua primeira aparição nesse espaço, em 13 de julho de 1839. Às vezes a seção dedicada a esses textos tomava ares de publicação mensal, como entre julho e outubro de 1854 e fevereiro e maio de 1855; outras vezes, apresentava longos intervalos entre suas publicações. Após maio de 1855, por exemplo, a seção “Theatro Lyrico Fluminense” só foi publicada novamente em agosto daquele ano e, após

essa data, apenas voltou ao rodapé da primeira página do jornal em julho de 1856.

Como destaca Lúcia Granja, essa inconstância de uma “coluna-fixa” teatral no jornal brasileiro é decorrente de uma vida social não tão diversificada, em que as temporadas de teatro não eram regulares o suficiente para sustentá-la.¹⁹⁵ O período de maior frequência dessas críticas no jornal se deu entre 03 de março e 21 de setembro de 1847, período no qual, com raras exceções, a crítica teatral esteve presente semanalmente no folhetim do jornal sob a seção *A Semana Lyrical/ Semana Lyrica*. Embora esses textos fossem publicados sem a assinatura de seu autor, é de conhecimento que o comediógrafo Martins Pena esteve por trás das críticas teatrais do *Jornal do Commercio* entre setembro de 1846 e outubro de 1847.¹⁹⁶

Posto isso, a publicação de novelas e romances foi notadamente a principal publicação do “Folhetim do *Jornal do Commercio*” durante todo esse período, no qual se fizeram presentes obras de Alexandre Dumas, Alexandre Dumas Filho, Eugène Sue, Victor Hugo, Balzac, Frédéric Soulié, George Sand, Visconde Ponson du Terrail e Xavier de Montépin. Também encontramos no folhetim do jornal novelas e romances de Joaquim Manuel de Macedo, Paula Brito, João Manuel Pereira da Silva, Justiniano José da Rocha e Francisco Pinheiro Guimarães.¹⁹⁷

Embora no *Jornal do Commercio*, durante o século XIX, tenha sobressaído a publicação de romances estrangeiros, notadamente franceses, em outros jornais que circularam no Rio de Janeiro, no mesmo período, encontramos importantes nomes da literatura nacional publicando sua ficção de forma seriada. No *Correio Mercantil*, por exemplo, Manuel Antônio de Almeida publicou, sob o pseudônimo Hum brasileiro, as *Memórias de um Sargento de*

¹⁹⁵ GRANJA, Lúcia. Folhetins d'aquém e d'além mar: a formação da crônica no Brasil. In: MOTTA, Sérgio Vicente; BUSATO, Susanna (Orgs.). *Figurações contemporâneas do espaço na literatura*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 114.

¹⁹⁶ Sobre Martins Pena cronista, consultar: GIMENEZ, Priscila Renata. *Martins Pena crítico-folhetinista: um espectador ideal do teatro lírico na corte*. 2009. 208 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto.

¹⁹⁷ Uma descrição miúda dos romances-folhetim publicados pelo *Jornal do Commercio*, além daqueles publicados pelo *Diário do Rio de Janeiro* e pelo *Correio Mercantil*, pode ser encontrada na tese de Ilana Heineberg (2004) *La suite au prochain numéro: Formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do Commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio Mercantil (1839-1870)*.

Milícias. As aventuras de Leonardinho foram publicadas semanalmente entre 27 de junho de 1852 e 31 de julho de 1853. José de Alencar, por sua vez, publicou seus primeiros romances, como *Cinco Minutos* (1856) e *O Guarani* (1857), nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*.

Esses romances-folhetim, porém, não circularam apenas nas páginas dos jornais. Como as tipografias responsáveis pela publicação desses periódicos também empregavam seus prelos para a publicação de livros, o sucesso da seção “Folhetim” tornou comum a reimpressão desses romances em volumes. Como vimos, estratégia utilizada pela tipografia do *Jornal do Commercio* desde a publicação de seu primeiro romance-folhetim em 1838.

2.3.2. A reimpressão dos romances-folhetim em volumes

Ao longo do tempo, determinados conteúdos publicados pelos jornais foram precedidos de reimpressões em volumes anunciados pelos próprios periódicos, como as descrições das seções da câmara de deputados e do senado, conjuntos de leis, atos do governo e, por fim, os romances-folhetim.

No Brasil, como demonstrado por Márcia Abreu, ocorria “a utilização das matrizes de impressão empregadas para compor as páginas do jornal para a impressão do livro”.¹⁹⁸ Na mesma linha, segundo propõe Lúcia Granja, a reimpressão e comercialização dos romances-folhetim posteriormente à sua publicação nos rodapés era uma prática comum, e o comércio do livro mobilizava o próprio ritmo de aparecimento dos capítulos e partes do folhetim.¹⁹⁹

Hebe Cristina da Silva traça a trajetória do romance *Os mistérios de Paris* de Eugène Sue durante sua primeira publicação no Brasil, realizada em folhetim pelo *Jornal do Commercio* concomitantemente a sua reimpressão em volumes pela tipografia do jornal. A pesquisadora afirma que a história editorial

¹⁹⁸ ABREU, Márcia. Problemas de história literária e interpretação de romances. *Todas as Letras X*. São Paulo, v. 16, n. 2, p. 39-52, nov. 2014. p. 48.

¹⁹⁹ GRANJA, Lúcia. 2011. Op. cit.

da obra “exemplifica o trajeto que outros romances percorreram na imprensa e no mercado editorial brasileiro de meados do século XIX”.²⁰⁰

Les mystères de Paris foi publicado pelo *Journal des Débats* entre 19 de junho de 1842 (data de publicação do primeiro capítulo) e 15 de outubro de 1843 (data de publicação do último capítulo). No Brasil, a obra de Eugène Sue chegou ao público pelas páginas do *Jornal do Commercio* em 1844, sendo publicada, quase diariamente, por cinco meses, de 01 de setembro de 1844 a 20 de janeiro de 1845.

A divulgação de *Os mistérios de Paris* na forma de folhetins foi acompanhada pelos anúncios da venda dos volumes da obra pela casa de J. Villeneuve e C.^a, responsável pela publicação do *Jornal do Commercio*. A primeira parte do romance, por exemplo, foi publicada pelo jornal até 25 de setembro de 1844, e quatro dias depois, em 29 de setembro, já encontramos um grande anúncio sobre a venda, em volume, desses capítulos.²⁰¹



Figura 13: *Jornal do Commercio*, 29/09/1844, p.4. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

A publicação das demais partes de *Os mistérios de Paris* seguiu esse mesmo comportamento – foram dez volumes no total. Alguns dias após o término de sua publicação pelo “Folhetim do *Jornal do Commercio*”, a venda em volume pela casa de J. Villeneuve e C.^a era anunciada pelo jornal. Esses anúncios tanto apareciam com grande destaque, como no exemplo acima, quanto junto aos demais anúncios.

Lúcia Granja, por sua vez, comenta a divulgação e reimpressão do romance *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, também realizadas

²⁰⁰ SILVA, Hebe Cristina da. *Prelúdio do romance brasileiro: Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais*. 2009. 2v.Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – UNICAMP, Campinas. p.15.

²⁰¹ Hebe Cristina da Silva (2009) indica que o primeiro volume de *Os mistérios de Paris* teria sido anunciado em 01/10/1844, porém, durante nossa pesquisa, encontramos o anúncio da Casa de J. Villeneuve e C. referente a esse volume da obra já em 29/09/1844.

pelo *Jornal do Commercio* e sua tipografia no Brasil. A publicação do romance em folhetins pelo jornal brasileiro aconteceu em 1845 e foi marcada por interrupções que, de acordo com a pesquisadora, estariam relacionadas com o comércio em volumes do romance e com uma “manipulação discreta da ordem de leitura do público”.²⁰²

O *Jornal do Commercio* iniciou a publicação de *O Conde de Monte Cristo* em 15 de junho de 1845. Nesse primeiro período, aconteceu a publicação das duas primeiras partes do romance, que foi substituído em 13 de agosto pela publicação de *A alameda das viúvas* de Charles Rabou após a seguinte explicação: “Somos obrigados a suspender hoje a publicação do *Conde de Monte Cristo*, por não ter chegado ainda de Paris a continuação deste folhetim”.²⁰³ No entanto, a terceira parte do romance vinha sendo publicada na França desde 20 de junho de 1845.²⁰⁴

No Brasil, a terceira parte do romance voltou ao folhetim do *Jornal do Commercio* em 28 de setembro de 1845. Nesse intervalo, embora já dispusesse dos capítulos em francês, o *Jornal do Commercio* publicou, além do romance de Charles Rabou, alguns folhetins breves. Nesse ínterim, alguns anúncios discretos da venda do quarto volume d’*O Conde* (cada parte do romance era publicada em dois volumes; o quarto, portanto, correspondia ao fim da segunda parte) foram publicados pelo jornal. No entanto, na data em que a terceira parte voltou às páginas do jornal, um anúncio de grande destaque, ocupando o rodapé da quarta página, informou a venda das duas primeiras partes completas do romance em quatro volumes. A partir dessas “coincidências”, Granja levanta hipóteses como a de que Julius Villeneuve poderia ter optado por adiar o início da publicação da terceira parte do romance, enquanto aguardava que as duas primeiras partes d’*O Conde* em

²⁰² GRANJA, Lúcia. Un Comte traverse la mer: un roman d’Alexandre Dumas en bas de page et aux annonces du *Jornal do Commercio*. In: COOPER-RICHET, Diana; MOLLIER, Jean-Yves. (Orgs.). *Le Commerce Transatlantique de Librairie*. 1. ed. Campinas, SP: UNICAMP/ Publicações IEL, 2012. p. 177-184.

²⁰³ *Jornal do Commercio*, “Folhetim do *Jornal do Commercio*”, 13/08/1845. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

²⁰⁴ *Le comte de Monte Cristo* começou a ser publicado, pelo *Journal des Débats*, em 28 de setembro de 1844 e a publicação da primeira parte do romance se estendeu até 18 de outubro daquele ano. A segunda parte se iniciou em 31 de outubro e se prolongou até 21 de novembro. O jornal, na ocasião, afirmou que nos primeiros dias de dezembro iniciaria a publicação da terceira parte do romance, fato que só aconteceu em 20 de junho do ano seguinte. (MEYER, Marlyse. Op. cit. p. 61-62)

volumes estivessem prontas para a venda. A pesquisadora destaca que devemos considerar o tempo para a chegada e a tradução do romance pelo *Jornal do Commercio*, porém isso não justificaria o grande período de interrupção já que a tradução dos capítulos poderia ser realizada pouco a pouco.²⁰⁵

Os casos expostos acima mostram uma preocupação mercadológica da tipografia do *Jornal do Commercio* tanto com a venda do jornal, quanto com a venda dos livros impressos. A publicação dos anúncios sempre acontecia após a parte do romance anunciada ser finalizada no folhetim. Esse intervalo, além de garantir que o comércio dos livros não intervisse na venda do periódico, corrobora a possibilidade de as edições em volumes dos romances terem sido realizadas a partir da mesma composição tipográfica utilizada para a publicação dos folhetins nos rodapés dos jornais.

Exemplo lapidar da transposição da composição do romance no rodapé para o livro, deu-se no *Diário do Rio de Janeiro*, entre junho de 1847 e dezembro de 1850, quando o jornal deixou de publicar os romances-folhetim seguindo a divisão de colunas do jornal e passou a publicá-los de modo graficamente semelhante a um livro²⁰⁶.

²⁰⁵ GRANJA, Lúcia. 2012. Op. cit. p. 178-180.

²⁰⁶ Observamos essa mudança no modo de publicar romances folhetins pelo *Diário do Rio de Janeiro* durante pesquisa de iniciação científica intitulada “As rubricas do *Jornal do Commercio* (1827-1835 e 1854-1865), *Diário do Rio de Janeiro* (1821-1878) e *Correio Mercantil* (1848-1868): indexação e descrição” desenvolvida entre 2013 e 2014, com financiamento da FAPESP.

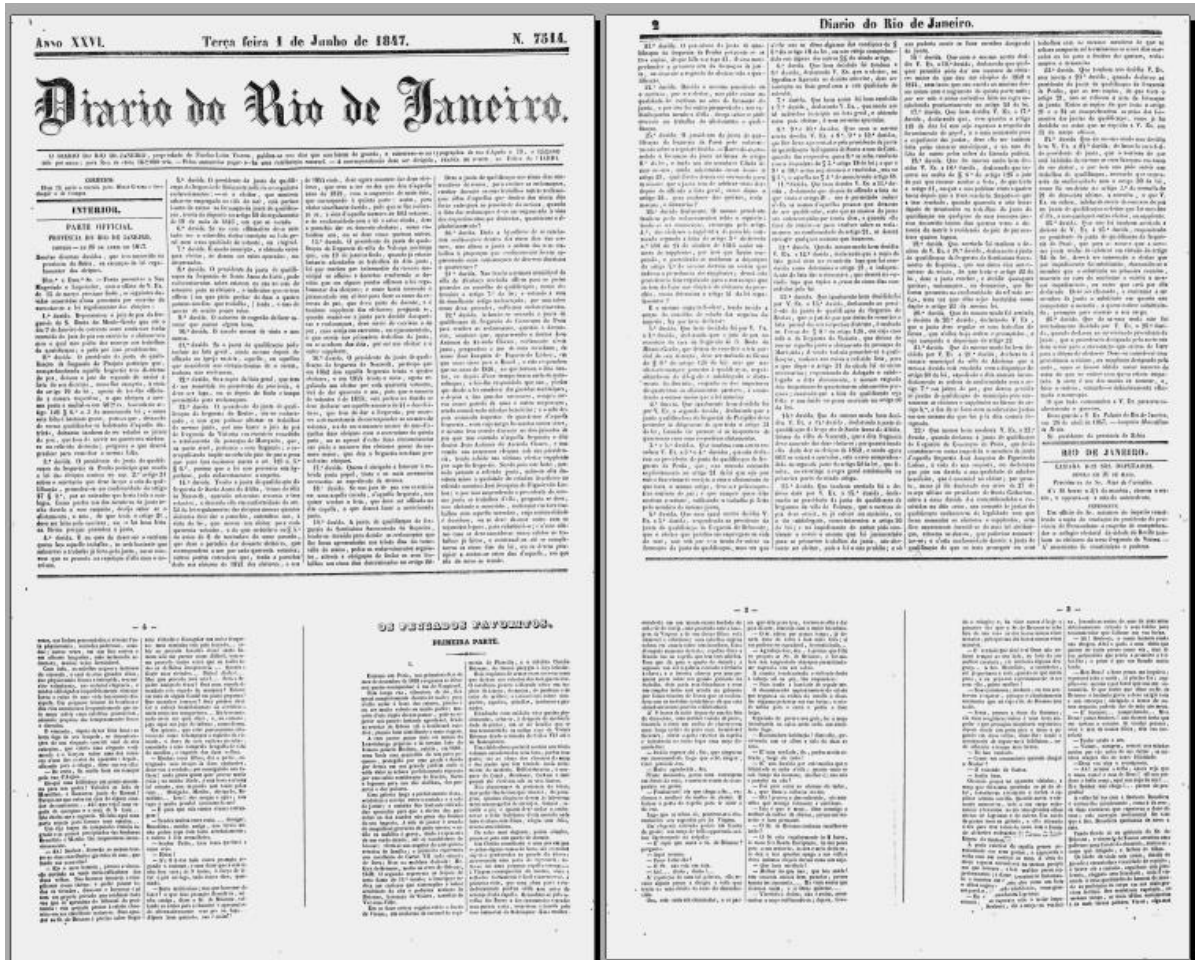


Figura 14: *Diário do Rio de Janeiro*, 1º de junho de 1847, p. 1-2. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

Como podemos observar, nesse período, os romances foram publicados pelo *Diário* nos rodapés das duas primeiras páginas e apresentavam uma numeração independente das páginas de maneira que, após serem recortados e dobrados pelos leitores, formassem um livro. O primeiro romance publicado dessa forma pelo *Diário* foi *Os peggados favoritos*, sem indicação de autor, seguido de outros romances como *O pirata negro* de Charles Expilly, *As três irmãs* de Arsène Houssaye, *Os invisíveis* de August Lafontaine e *As duas estrelas* de Théophile Gautier.

O novo modo de publicar romances pelo *Diário* apresentou suas particularidades, como quanto à publicação de *Memórias de um médico* de Alexandre Dumas. Enquanto as duas primeiras partes de *Joseph Balsamo*, primeiro livro da série, foram publicadas no formato anterior e tradicional do folhetim, as partes finais desse livro e o segundo livro da saga, *O Colar da*

Rainha, foram publicados no novo formato, podendo formar um “livro”, porém, incompleto.

O fato é que a reimpressão dos romances-folhetim em volumes era um hábito das tipografias dos jornais do XIX, e buscava-se com isso atender aos desejos de um público ávido por esse gênero.

2.3.3. Do folhetim ao livro: as novelas do *Jornal do Commercio*

As obras de literatura publicadas após 1836 aparecem em número bem mais expressivo nos acervos das bibliotecas consultados. Destacam-se, nesse período, a publicação de novelas, principalmente traduções de obras francesas. Ao confrontar os títulos impressos pela tipografia de Villeneuve entre 1836 e 1865 com o levantamento dos romances publicados pelo folhetim do jornal entre 1839 e 1870 realizado por Ilana Heineberg,²⁰⁷ podemos observar, como adiantado, que a maioria dessas novelas passaram pelas páginas do periódico, conforme quadro a seguir:

Quadro 2 – Novelas pela tipografia do <i>Jornal do Commercio</i>²⁰⁸			
ANO DE PUBLICAÇÃO EM VOLUME	TÍTULO	AUTOR	PERÍODO DE PUBLICAÇÃO EM FOLHETIM
1836	<i>Galatée: novella pastoril.</i>	Florian	
1839	<i>O pacto da fome, novella.</i>	Élie Berthet	1839 (31/10 A 8/11)
1839	<i>*A casa de duas portas, novella.</i>	M. Cordellier-Delanoue	1839 (22/12 A 27/12)

²⁰⁷ HEINEBERG, Ilana. *La suite au prochain numéro: formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens *Jornal do Commercio*, *Diário do Rio de Janeiro* et *Correio mercantil* (1839-1870)*. 2 v. 2004. Tese (Doutorado) - Université de la Sorbonne Nouvelle, 2004.

²⁰⁸ Na tabela, indicamos com um asterisco as obras que sabidamente foram impressas no formato in-oitavo, conforme consta em seus registros de entrada nos acervos consultados.

1839	*Mestre Adam o calabrez.	Alexandre Dumas	1839 (4/10 A 28/10)
1839	*O Pontífice e os carbonários, novella histórica	Alexandre Dumas ²⁰⁹	1839 (31/7 A 16/8)
1839	*Os dous tirados do pó novella	Frédéric Soulié ²¹⁰	1839 (14/11 A 18/11)
1839	O aniversário de D. Miguel em 1828: romance historico.	João Manuel Pereira da Silva	1839 (16/01 A 21/1)
1840	Lorenzo, novella histórica	Auguste Arnould	
1840	*Os moços de cobranças, novella de Elie Berthet.	Élie Berthet	1840 (4/4 A 9/4)
1840	*Dom Rodrigo Calderon, ou o castigo de Deos, novella historica.	Edward Bulwer-Lytton ²¹¹	
1840	*O contrabandista, novella.	Robert Gréville	
1840	*Praxedes, imperatriz de Allemanha; novella.	Alexandre Dumas	

²⁰⁹ O pontífice e os carbonários, embora se trate de uma obra de Alexandre Dumas, foi publicada com o nome de seu tradutor, Paula Brito. Na verdade, a tradução realizada por Paula Brito foi mais um caso das “belas infieis” traduções comuns ao período e gerou muitas discussões acerca da autoria da obra. (Cf. HEINEBERG, Ilana. Op. Cit.)

²¹⁰ Impresso como Frederico Soulié.

²¹¹ Impresso como E. L. Bulwer.

1840	*O segredo da confissão, novella.	Alexandre de Lavergne	1840 (18/12 a 31/12)
1840	Emilia: novella.	Jules David ²¹²	1840 (15/3 a 31/3)
1841	*Paulina Butler, novella.	Alexandre de Lavergne	1841 (24/4 a 3/5)
1841	*Jorge.	Charles Reybaud	1841 (17/2 a 5/3)
1841	*Os últimos Bretões, novella por Pitre Chevalier.	Pitre Chevalier	1841 (29/9 a 16/10)
1842	A louca de Solanto: novella.		
1842	*A caçada dos amantes, novella.	Charles de Bernard	1842 (18/09 a 3/10)
1842	Para não serem treze, novella.	Alphonse Karr	1842 (15/11 a 21/11)
1843	*A mina de ouro, novella.	Élie Berthet ²¹³	1843 (23/10 a 2/12)
1843	*Edmundo e sua prima, novella.	Paul de Kock	1839 (4/1 a 12/1)
1843	*Uma duquesa de Florença, 1578-1579.		1843 (28/7 a 13/8)

²¹² Impresso como J. A. David.

²¹³ Impresso como Elias Berthet.

1844	*O conde de Mansfeldt, novella por A. de Lavergne.	Alexandre de Lavergne	1844 (19/2 a 8/3)
1848	A Gorgone	Gabriel de la Landelle	1847/1848 (28/11 a 17/3)
1853	Olympia de Cleves.	Alexandre Dumas	
1854/1855	O pagem do duque de Saboia, por Alexandre Dumas.	Alexandre Dumas	1854/1855 (8/12 a 2/2; cont. 5/4 a 9/5)

Encontramos, ao consultar os acervos da Biblioteca Nacional, da Biblioteca Mário de Andrade, da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin e o portal do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBiUSP), 27 prosas ficcionais publicadas pela tipografia do *Jornal do Commercio* entre 1836 e 1865, das quais vinte foram publicadas anteriormente no jornal – lembramos que os dados levantados junto a esses acervos não englobam toda a produção editorial da tipografia do *Jornal do Commercio*, como demonstram os anúncios de obras que teriam saído à luz pelo empreendimento, porém não foram encontradas em nossas pesquisas. Todavia os dados aqui apresentados se apresentam como suficientes para compreender as tendências editoriais do local, bem como os hábitos de leitura da sociedade do período.

Podemos notar que a publicação das novelas em volumes ocorria, na grande parte das vezes, pouco tempo após a divulgação do romance em folhetim. *A casa de duas portas* de M. Cordellier-Delanoue (Étienne Casimir Hippolyte Cordellier-Delanoue), por exemplo, teve sua última parte publicada pelo *Jornal do Commercio* em 27 de dezembro de 1839 e, no dia 05 de janeiro de 1840, o jornal já publicou um anúncio de que o romance se encontrava a venda na Casa de J. Villeneuve e Comp., tendo saído à luz naquele mesmo

local. O anúncio foi repetido nos dois números seguintes do jornal, publicados nos dias 07 e 08 de janeiro.

Sahirão à luz, e achão-se à venda em casa de J. Villeneuve e Comp., rua do Ouvidor n. 65, os seguintes interessantes folhetos:

HUMA CARTA ANONYMA,
novella de Augusto Arnould; traduzida por ***
Preço 300 réis.

A CASA DE DUAS PORTAS,
novella de Cordelier-Delanoue; traduzida por P. B.
Preço 280 réis.

Figura 15: *Jornal do Commercio*, 05/01/1840, “Anuncios”, p. 3, col. 4.
Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

Outro exemplo da rápida transposição das novelas do folhetim para o volume foi o caso de *O Pontifice e os carbonários*, de Alexandre Dumas, que teve seu último capítulo publicado em 16 de agosto de 1839 e já no dia 27 do mesmo mês foi anunciado pela casa de Villeneuve. Também podemos citar o caso da novela *O segredo da confissão* de Alexandre de Lavergne, que foi anunciada em volume em 10 de janeiro de 1841, sendo que havia encerrado sua passagem pelo folhetim do *Jornal do Commercio* poucos dias antes, em 31 de dezembro de 1840.

— SAHIO á luz e acha se á venda em casa de J. Villeneuve e Comp., rua d’Ouvidor n. 65, a seguinte novella intitulada :

OS PONTIFICES E OS CARBONARIOS,
novella historica por P. B. — Preço, 640 réis.

Figura 16: *Jornal do Commercio*, 27/08/1839, p.3, col. 4. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

— SAHIRÃO á luz, e achão-se á venda em casa de J. Villeneuve e Comp., rua do Ouvidor n. 65, os interessantes folhetos intitulados

O SEGREDO DA CONFISSÃO,
novella, por Alexandre de Lavergne.
Preço, 720 réis.

OS EFEITOS DA SYMPATHIA,
OU
O EMPRESTIMO DE DINHEIRO;
por Henry Sschokke. — Preço, 360 réis.

O NOIVO DEFUNTO,
novella de Washington Irving.
Preço 200 rs.

Figura 17: *Jornal do Commercio*, 10/01/1841, p.4, col. 3. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

Também podemos notar por esses títulos que, além do espaço do folhetim, o jornal brasileiro importou muitos autores da França, já que dos 18

autores presentes no quadro, quinze nomes são franceses, enquanto apenas um é brasileiro: João Manuel Pereira da Silva.

João Manuel Pereira da Silva, filho de comerciantes portugueses, nasceu em 1817 em Iguaçu (atual Nova Iguaçu – RJ) e faleceu, em Paris, em 1898. Bacharel em Direito e tendo exercido muitas ocupações políticas durante sua vida – foi deputado provincial, senador e conselheiro titular do Império -, não deixou de dedicar-se à escrita, principalmente à escrita da história, como atesta sua vasta produção nesse gênero.²¹⁴

Em 1847, Pereira Silva lançou em dois volumes a obra *Plutarco Brasileiro*, na qual apresentava vinte biografias de importantes personalidades do Brasil colonial. Entre 1864 e 1868, lançou em sete volumes a *História da Fundação do Império* com muito êxito, tendo se esgotado em pouco tempo os três mil exemplares da obra impressos por B. L. Garnier.²¹⁵ Três anos depois, em 1871, publicou *Segundo período do Reinado de D. Pedro I no Brasil: narrativa histórica*. E, por fim, em 1879, lançou sua obra *História do Brasil de 1831 a 1840*. Todavia, sua produção como historiador foi bastante criticada por José Veríssimo:

Assim a sua obra copiosa e volumosa, importante pelos assuntos, pouco vale pelo fundo e forma. Historiador, escreveu história com pouco estudo, com quase nenhuma pesquisa, sem crítica nem escrúpulos de investigação demorada e paciente [...]²¹⁶

Pereira Silva também se aventurou pela imprensa tendo lançado, junto a Pedro de Alcântara Bellegarde e Josino do Nascimento Silva, a *Revista Nacional e Estrangeira, escolha d'artigos originaes e traduzidos por uma sociedade de litteratos brasileiros*. A revista, que foi publicada entre 1839 e 1845, trazia um compilado de textos de origem internacional, selecionados de publicações sobretudo inglesas e francesas. Como afirma Ana Laura Donegá,

²¹⁴ DALL'AGNOL, Rafael Terra. *Plutarco Brasileiro: imaginação histórica e escrita biográfica no século XIX*. s.l. s.d. p. 11.

²¹⁵ Ibidem. p. 17.

²¹⁶ VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954. p. 188.

“as matérias contempladas pela publicação incluíam uma ampla gama de assuntos, como política, economia, história, moral, filosofia e literatura”.²¹⁷

Por fim, Pereira Silva também se dedicou à escrita de romances históricos, os quais também foram duramente criticados por José Veríssimo: “Os seus realmente não têm valia alguma como quadro das épocas que presumem pintar, nem qualidade de imaginação ou expressão que lhes atenuem seus defeitos”.²¹⁸ O *Jornal do Commercio* foi responsável pela divulgação de três de seus romances.

Nos dias 16, 21 e 22 de janeiro de 1839, o folhetim do jornal trouxe O *aniversário de D. Miguel em 1828*, romance que foi reimpresso em volume pela tipografia do jornal naquele mesmo ano. Ainda em 1839, entre 12 e 16 de março, diariamente, o *Jornal do Commercio* divulgou aos seus leitores *Religião, amor e pátria*, mais um romance histórico de Pereira da Silva. E, por fim, entre 8 e 11 de janeiro de 1840, Pereira e Silva voltou a ser publicado pelo folhetim do jornal com *Jerônimo Corte-Real, crônica portuguesa do século XVI*.

Notadamente, porém, foram os romances franceses que marcaram a publicação do folhetim do *Jornal do Commercio*, assim como são eles que aparecem em maior número entre as novelas editadas em volume pela casa de J. Villeneuve. Em relação aos primeiros nomes publicados pelo jornal carioca em seus primeiros anos de folhetim, Marlyse Meyer diz:

[...] no rodapé do jornal vão se sucedendo as fatias de romance-folhetim traduzidas dia após dia do francês, introduzindo angústia e suspense com o fatídico “continua-se”. Autores, esquecidos hoje, como Lavergne, Dash, Berthet, Souvestre, mas também Frédéric Soulié, autor do popular *Memórias do diabo*, e Alexandre Dumas, que ainda está nos ensaios preliminares.²¹⁹

Em relação aos nomes “hoje esquecidos” citados por Meyer, podemos destacar os casos de Alexandre de Laverge e Élie Berthet. Se seus nomes e seus romances não ressoaram no tempo, o fato é que no século XIX ambos possuíram grande popularidade, como demonstram as reimpressões de suas

²¹⁷ DONEGÁ, Ana Laura. Um periódico transnacional: a *Revista Nacional e Estrangeira* (1839-1845), a literatura e a crítica do século XIX. *Olho d'água*. São José do Rio Preto. 5v., n.5. p. 121-136, jul./dez. 2013. p. 122

²¹⁸ VERÍSSIMO, José. Op. cit. p. 180.

²¹⁹ MEYER, Marlyse. Op cit. p. 283.

novelas realizadas pela tipografia de Villeneuve e a presença constante de ambos no folhetim do *Jornal do Commercio*.

No caso de Berthet, além das histórias reimpressas pela tipografia (*O pacto da fome* em 1839, *Os moços de cobrança* em 1840 e *A mina de ouro* em 1843), ele também esteve nas páginas do jornal com *A Casa emparedada* em 1840, *Um cego de nascença* em 1841, *Paulo Duvert* em 1842, *A linda mercadora de panos*, em 1844, *Uma casa em Paris* em 1849, *A rocha oscilante* em 1850 e *As catacumbas de Paris* em 1849. Por sua vez, Alexandre de Lavergne teve, além de *O segredo da confissão* (1840) e *Paulina Butler* (1841), sua obra *As armas e as letras* divulgada em folhetim pelo jornal em 1840, *A herança de meu tio* em 1841, *Anna D'Argonna* em 1842, *A Incógnita* ao final de 1843 e início de 1844 e, em 1862, *A família do conde de Marsal*.²²⁰

Mas a tipografia do *Jornal do Commercio* também publicou autores que ainda hoje movimentam o mercado editorial brasileiro, como é o caso de Alexandre Dumas. A tipografia de Junius Villeneuve tem o mérito de ser a primeira casa editora a publicar o autor de *O Conde de Monte Cristo* e *Os Três Mosqueteiros* em livro no Brasil.

Alexandre Dumas nasceu em Villiers-Cottêts, na região de Aisne, em 1802. De acordo com Maria Lúcia Dias Mendes, em 1823 ele chegou a Paris trazendo esboços de vaudevilles, escritos com seu amigo Adolphe de Leuwen, e alguns poemas. A cidade atraía os jovens que desejavam viver de literatura, e Dumas apostava na poesia e no teatro por serem os gêneros mais propícios à consagração.

Na poesia, Dumas publicou alguns poemas em revistas literárias, mas logo foi desistindo desse gênero. Quanto ao teatro, encenou suas primeiras criações, feitas em parceria com Adolphe de Leuwen, no Théâtre de la Porte Saint-Martin, entretanto os vaudevilles *Le chasse et l'amour* (1825) e *La noce et l'enterrement* (1826) não trouxeram o sucesso que esperava. Ainda em 1826, Dumas aventurou-se em outro gênero, a novela, e publicou “Laurette”, “Blanche de Baeulieu” e “Marie”, sob o título *Nouvelles contemporaines*.²²¹

²²⁰ Cf. HEINEBERG, Ilana. Op. Cit.

²²¹ MENDES, Maria Lúcia Dias. Trajetórias e tempos das traduções de Alexandre Dumas em Portugal e no Brasil. *Revista Letras*. Santa Maria, n.47, p. 135-154, jul./dez. 2013. p. 137.

O sucesso nos palcos que Dumas almejava chegou em 1828 com *Henri III et sa cour*, um drama histórico em cinco atos escrito em prosa. Entre 1831 e 1834, Dumas levou aos palcos muitos outros dramas com arrebatador sucesso. Apesar do sucesso no teatro, Dumas tomou o caminho que era percorrido pela maioria dos aspirantes a escritores da época que desejavam viver de sua pena, e começou a escrever para periódicos.

[...] Dumas vai se servir do sucesso mediático (e financeiro) do jornal para experimentar outros gêneros: dedica-se a escrever *récits de voyages*, narrativas autobiográficas e novelas, sobretudo de temas históricos, inspiradas na obra de Walter Scott e nas *Histoires du Duc de Borgogne*, de Proper de Barante. Esses textos curtos, escritos como *causeries*, em um estilo informal que lhe é peculiar, são publicados em revistas e jornais parisienses (*Revue des Deux Mondes*, *Mercure de France*, *Le Moniteur*, *Psyché*, *Le Musée des Familles*), garantindo ao autor algum dinheiro.²²²

Em 1836, foi convidado por Émile de Girardin para escrever para o recém-criado *La Presse* comentários de todas as apresentações feitas nos teatros Porte-Saint-Martin e Théâtre Français. Além disso, Girardin reservou o *feuilleton* de domingo para que Dumas publicasse suas narrativas históricas sobre os reinados mais importantes da história francesa.²²³ Entretanto, foi o concorrente *Le Siècle* que convidou Alexandre Dumas para escrever uma narrativa para ser publicada em fatias diariamente no jornal, convite que Dumas aceitou em 1838: “É o *Capitaine Paul*, e com essa obra está definitivamente lançado, na sua glória, o romance-folhetim”.²²⁴

Naquele mesmo ano, como vimos, o romance de Dumas desembarcou no Brasil pelas páginas do *Jornal do Commercio* e, em seguida, ganhou uma versão em volume editada pela casa de Villeneuve. A partir de então, Dumas escreveu incansavelmente para diferentes jornais na França – embora tenha assinado contrato de exclusividade com o *Le Siècle*, e suas obras passaram a ser frequentes nos folhetins dos jornais brasileiros, bem como nos livros anunciados no período.

Passaram pelo folhetim do *Jornal do Commercio* as seguintes obras de Dumas: *O Capitão Paulo* (1838), *Lenda de Pedro, o cruel* (1839), *Mestre Adam*,

²²² Ibidem. Op. cit. p. 138-139.

²²³ Ibidem. p. 139.

²²⁴ MEYER, Marlyse. Op. cit. p. 60.

o *calabrês* (1839), *Paulina* (1839), *Othon, o arqueiro – Crônica das margens do Reno* (1839), *Pascoal Bruno* (1840), *D. Martim de Freitas* (1840), *Gaetano Sferra* (1844), *O Conde de Mansfeldt* (1844), *A Rainha Margaridita* (1845/1846), *O Conde de Monte Cristo* (1845/1846), *A Dama de Monsoreau* (1846), *O Cavaleiro de Maison-Rouge* (1846/1847), *Os Quarenta e cinco*, (1848), *A Tulipa preta* (1851), *Deus dispõe* (1851/1852), *O Pajem do duque de Sabóia* (1854/1855), *O Horóscopo* (1859) e *A San Felice* (1863/1864/1865).²²⁵

Ao observar o **Quadro 2**, portanto, não é sem importância o fato de que entre as sete obras impressas pela tipografia de Villeneuve que não passaram pelo folhetim do jornal, duas pertencem a Alexandre Dumas (*Praxedes, imperatriz de Allemanha* e *Olympia de Cleves*). Como o autor já era conhecido do público do jornal, tendo outras de suas obras reimpressas pela tipografia, seu nome já bastaria para atrair o interesse dos leitores.

Ainda nos dias atuais Alexandre Dumas tem espaço no mercado editorial brasileiro com seus dois mais célebres romances, *Os Três Mosqueteiros* e *O Conde de Monte Cristo*, tendo ganhado recentes edições pela Editora Zahar - lançadas em 2011 e 2012, respectivamente, em edição luxo de bolso. Em 2016, *O Conde de Monte Cristo* ganhou uma nova edição, dessa vez, comentada e ilustrada. *Os Três Mosqueteiros*, por sua vez, já havia ganhado tal edição em 2010.

Não nos dedicaremos a esmiuçar a vida e obra dos demais autores franceses publicados pela tipografia de *Jornal de Commercio*. Ademais, está claro o gênero literário ao qual eles se dedicavam e que era oferecido pela casa Villeneuve ao seu público. Podemos observar por seu trabalho editorial que ela atuou, portanto, na criação e manutenção do gosto do público pelos romances. Mais precisamente pelos romances-folhetim.

2.4. A tipografia do *Jornal do Commercio* e o gosto pelos romances no Brasil do XIX

Em *Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado*, tese de doutorado defendida em

²²⁵ Cf. HEINEBERG, Ilana. Op. Cit.

2012, Alexandre Henrique Paixão analisa as preferências do público frequentador do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro na década de 1860. A partir de catálogos, relatórios e outros documentos impressos referentes à administração do local, Paixão conclui que um gênero literário e um autor específico se destacam: os romances-folhetim de Alexandre Dumas.²²⁶

Considerando que a tipografia do *Jornal do Commercio* foi pioneira na divulgação e publicação dos romances de Alexandre Dumas no Brasil, podemos pensar na atuação da casa de Villeneuve na criação desse gosto literário. Além disso, ao analisar os catálogos do Gabinete Português de Leitura nos anos de 1858 e 1868, Alexandre Paixão flagra a presença expressiva de autores franceses de romance-folhetim em seu acervo, sendo autores que tiveram suas obras publicadas pelas páginas do *Jornal* e reimpressas pela tipografia, como Paul de Kock e Frédéric Soulié.²²⁷

Como destaca Paixão, os caixeiros portugueses frequentadores do Gabinete de Leitura representam apenas uma fração do público responsável pela recepção da literatura folhetinesca na sociedade carioca do período. Os romances, seja por meio dos jornais ou pelas reimpressões realizadas pelas tipografias dos periódicos, deviam chegar a uma parcela muito mais ampla do público. Como comentamos anteriormente neste capítulo, a publicação in-óitavo permitiu um barateamento dos livros, e Villeneuve realizou a impressão de muitas de suas novelas nesse formato. Considerando as afirmações de Dutra e Mello na ocasião da publicação de *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo em 1844, podemos afirmar que Villeneuve buscava assim atender aos desejos de seus leitores, parte de um público incentivador da produção de romances e “insaciável”.

O romance, essa nova forma literária que se reproduz espantosamente, que emana caudal e soberba da França, da Inglaterra e da Alemanha, tem sido a mais fecunda e caprichosa manifestação de ideias do século atual. É incalculável o número de páginas semivivas, pálidas e esboçadas, raramente sublimes, consoladoras ou ascéticas, mas com frequência dotadas de um

²²⁶ PAIXÃO, Alexandre Henrique. *Elementos Constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado*. 2012. 316 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

²²⁷ Ibidem. p.306

verniz brilhante, de um colorido fogo, que a improvisação entusiasmada pela mania de um mundo de leitores arranca do berço horaciano onde um noveno de cuidados as aguardava. Flutuando aqui e ali um público insaciável as abraça, devora-as com avidez, deixa-as com indiferença, calca, rola na poeira e esquece para sempre.²²⁸

A leitura e o gosto pelos romances, entretanto, foram bastante criticados no século XVIII e início do século XIX, como podemos sentir nas palavras de Dutra e Mello. O autor destaca a quantidade de romances publicados no período, mas critica a qualidade do que era produzido. Além disso, ele se queixa da leitura extensiva que a abundância de romances propiciou, insinuando que o público leitor do gênero “devorava” os livros sem tirar qualquer proveito da leitura, apenas lia por distração.

Essa foi uma queixa comum em um período que as obras eram avaliadas por seu caráter instrutivo e moralizante. Hebe Cristina da Silva, ao analisar a crítica de romance publicada no Brasil entre as décadas de 1810 e 1860, destaca a recorrência da questão moral como critério fundamental para a análise dos romances no período. Dessa forma, o gênero foi alvo das críticas daqueles que o viam como um perigo para a moral e como uma leitura que em nada instruíam seus leitores.²²⁹ Silva cita, como um dos detratores do romance, o padre Lopes Gama que, na década de 1840, publicou artigos no periódico *O Carapuceiro – periódico sempre moral e só por acidente político*, em Recife.

O padre concentrava suas críticas no “perigo” que a leitura de romances seria para o público feminino. Em um de seus artigos citado por Silva, ele insinua que muitas mulheres não sabiam nada de útil ou prático – “coser, bordar, remendar” -, pois dedicavam seu tempo apenas à leitura de “novelas sentimentais”. Em um segundo artigo, ele argumenta contra aqueles que afirmavam que nem todos os romances eram desprovidos de conteúdo de moral e instrução:

Dirá alguém que novelas há, cuja moral é tão pura que podem ser lidas sem perigo, pois que nelas o vício é sempre punido, a virtude recompensada, e vêm-se belos e nobres caracteres; mas são sofisticados todos os argumentos que se produzem em favor de tais leituras, porque nesses livros nunca é banido o amor, neles os

²²⁸ DUTRA E MELLO, Antonio Francisco. A Moreninha. *Minerva Brasileira*, 1 de outubro de 1844. apud SILVA, Hebe Cristina da. Op. cit. p. 52.

²²⁹ Cf. SILVA. Hebe Cristina da. Op. cit. p.44-58.

amantes correspondidos são belos, são cavalheiros sinceros e fiéis. Tão sedutora pintura fera [sic] a imaginação de uma menina, e desde logo ela entra a procurar no mundo a quimérica imagem dos heróis cujas aventuras tem lido e se (o que muitas vezes acontece) o marido que lhes fora destinado não lhe oferece semelhanças com essa imagem querida, também muitas vezes acontece que a moça casada tem a desgraça de a procurar ainda.²³⁰

Críticas também vieram das elites letradas que associavam a leitura de romances a um “público leitor amplo, no mais das vezes considerado desprovido de educação necessária para julgar a qualidade do que lhe caía em mãos”.²³¹ Além disso, a leitura de romances era vista pela crítica erudita como pura diversão, finalidade de leitura a qual condenavam. Assim, os romances ficaram fora da historiografia e das antologias literárias produzidas entre 1830 e 1850. Como afirma Valéria Augusti, a situação de desprestígio do gênero chegava ao ponto de os homens de letras do Brasil, que se arriscavam a escrever romances, se justificarem, muitas vezes, dizendo que a feitura da obra fora fruto de um momento de ócio e descanso. Foi o caso de Pereira e Silva, que no prefácio de *Jerônimo Corte Real* disse ter escrito aquela obra para “entreter uns dias de plena ociosidade”, e também de Joaquim Manoel de Macedo, que no prefácio de *A Moreninha* alegou que a obra nasceu de alguns dias de “desenfado e folga”.²³²

Representações como essas, sugerindo a necessidade de pouco esforço e conhecimento para dedicar-se à escrita do gênero, dão a medida do quanto o romance era considerado incapaz de servir, àquela época, ao desejo de distinção das elites letradas. Escrever romances significava, por certo, inserir-se em um universo pouco valorizado do ponto de vista simbólico, uma vez que ele se identificava, no mundo social, com um público leitor desprovido de formação cultural e, conseqüentemente, desqualificado pelas elites letradas, que dele desejavam se afastar.²³³

Apesar da pouca produção nacional que encontramos entre as novelas impressas pela tipografia do *Jornal do Commercio* entre 1836 e 1865, é inegável sua contribuição para a circulação de romances no Brasil do século

²³⁰ GAMA, Lopes. A Instrução das Nossas Meninas nos Colégios. *O Carapuço*, 6 de maio de 1843. apud SILVA, Hebe Cristina da. Op. cit. p. 49.

²³¹ AUGUSTI, Valéria. Do gosto inculto à apreciação douta: a consagração do romance no Brasil dos oitocentos. In: ABREU, Márcia (Org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos Séculos XIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p. 395.

²³² Ibidem. p.397-398.

²³³ Ibidem. p. 398.

XIX. Seja na página do jornal, seja em volumes, a casa de Villeneuve contribuiu para a presença maciça do gênero no período, força que incomodou e assustou os críticos do romance à época. Além disso, ao optar pela edição popular das obras in-oitavo, a tipografia do jornal atuou também na popularização do romance, colaborando na criação desse público que, embora desvalorizado pelas elites letradas, foi considerado no momento de desenvolvimento da produção nacional.

No processo de formação do romance brasileiro, é notável, também, a influência do público leitor. Podemos dizer que essa influência se deu de duas formas, ao mesmo tempo diversas e complementares: primeiramente, como elemento que impulsionou a produção do gênero, visto que a simpatia do público pela ficção estrangeira deve ter sido um forte estímulo para que os escritores se aventurassem na escrita de romances; em segundo lugar, como fator que norteou a produção dos primeiros romancistas, pois eles certamente tentaram produzir textos semelhantes àqueles que circulavam no Brasil com o intuito de que suas narrativas correspondessem ao gosto do público.²³⁴

Contudo, os romances estrangeiros que circulavam no país, durante o século XIX, não influíram na produção nacional apenas por mediação do gosto do público. Não podemos esquecer que também compunham esses leitores os próprios homens de letras do Brasil, que, sob a luz dessas produções, deram os primeiros passos de nosso romance. Sobre a presença de livros traduzidos no país e sua influência em nossa literatura, Antonio Candido formula a questão:

Os livros traduzidos pertenciam, na maior parte, ao que hoje se considera literatura de carregação; mas eram novidades prezadas, muitas vezes, tanto quanto as obras de valor. Assim, ao lado de George Sand, Mérimée, Chateaubriand, Balzac, Goethe, Irving, Dumas, Vigny se alinhavam Paul de Kock, Eugène Sue, Scribe, Soulié, Berthet, Gonzalés, Rabou, Chevalier, David, etc. Na maioria, franceses, revelando nos títulos o gênero que se convencionou chamar folhetinesco. Quem sabe quais e quantos desses subprodutos influíram na formação do nosso romance? Às vezes, mais do que os livros de peso em que se fixa de preferência a atenção.²³⁵

Desse modo, podemos observar que a presença de romances traduzidos no Brasil influiu no gosto do público que influenciou os autores

²³⁴ SILVA, Hebe Cristina da. Op. cit. p. 30.

²³⁵ CANDIDO, Antonio. 1997. Op. cit. vol. II. p. 108.

nacionais. Também influenciou os autores do país, que ao produzir seus romances alimentavam ainda mais o gosto desse público pelo gênero. Considerando que os jornais e suas tipografias foram os grandes responsáveis pela divulgação e publicação desses romances no país, percebemos então quão importante foi o papel desses estabelecimentos no jogo permanente de relações entre autor, público e obra, conforme apresentando por Candido. Um jogo do qual a tipografia do *Jornal do Commercio* participou ativamente, pelo menos, até a década de 1860.

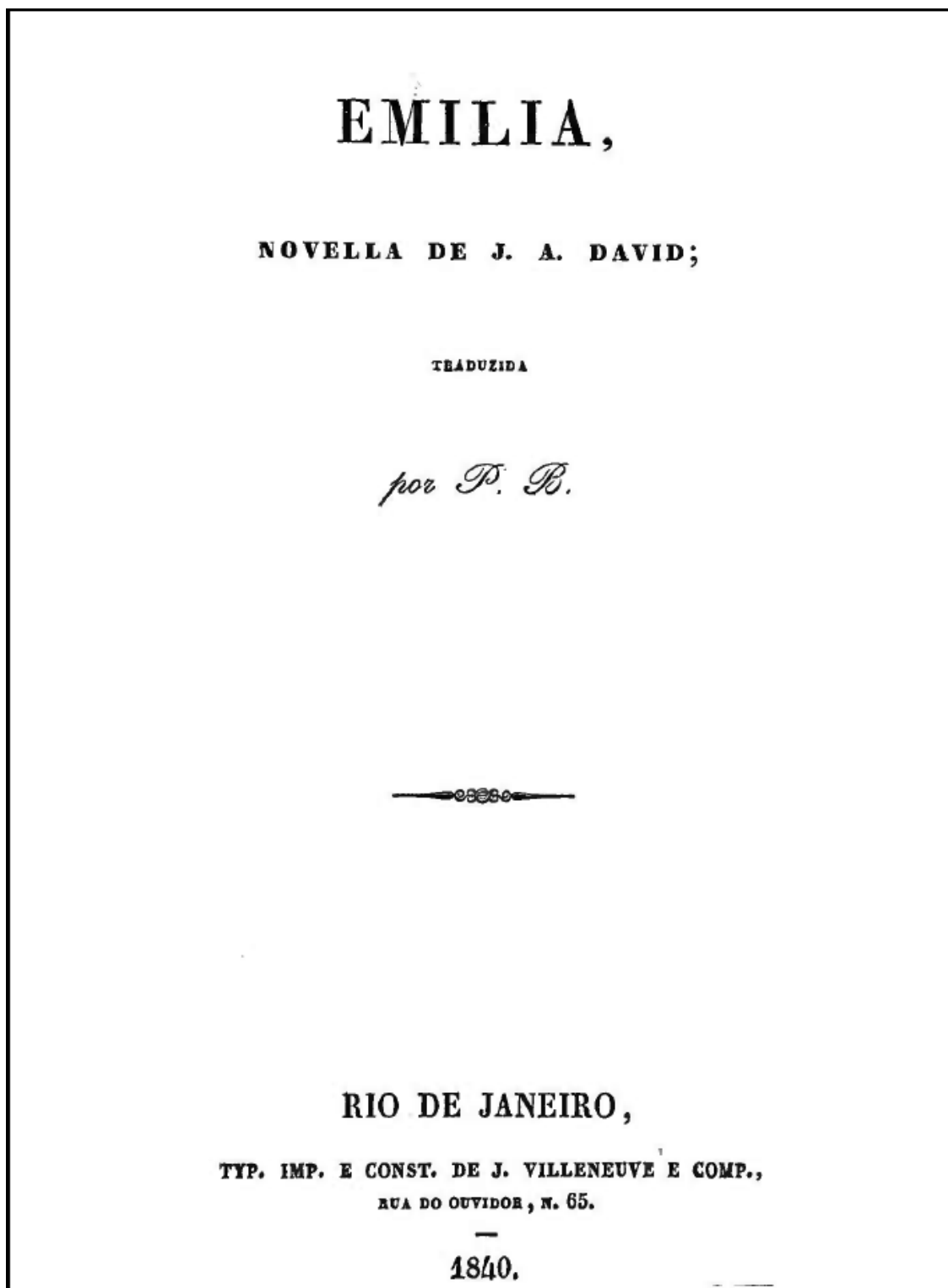


Figura 18: *Emilia: novella*, de Jules David, publicado por Junius Villeneuve em 1840. Imagem disponível no Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Capítulo 3 – Além da literatura: periódicos e obras não-literárias pela tipografia do *Jornal do Commercio*

Para dar continuidade à apresentação e discussão da produção editorial realizada pela tipografia do *Jornal do Commercio* entre 1827 e 1865, exporemos neste capítulo outros periódicos que saíram à luz pelos seus prelos naquele período. O levantamento dessa produção foi realizado junto aos acervos da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, da Biblioteca Mário de Andrade e da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, de São Paulo, além das Bibliotecas da Universidade de São Paulo por meio do portal do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP (SIBiUSP). Além disso, apresentaremos também neste capítulo um panorama dos demais materiais que foram impressos pela oficina em questão, mostrando que a atividade da tipografia abrangeu uma vasta e diversificada produção, incluindo obras de política, saúde, história, maçonaria e muitas outras.

3.1. A produção de periódicos pela tipografia do *Jornal do Commercio*

Vários foram os periódicos impressos pela tipografia do *Jornal do Commercio* desde a chegada de Pierre Plancher ao Brasil, em 1824, e meados da década de 1860, quando a casa estava sob os cuidados de Junius Villeneuve. As folhas saídas a público nesse intervalo, e que hoje integram o acervo da Biblioteca Nacional,²³⁶ exemplificam o perfil editorial dos dois principais proprietários da casa impressora no período.

Como afirmou Laurence Hallewell, e ficou evidente no capítulo anterior, Plancher pouco se dedicou à publicação de literatura durante os anos em que esteve no Brasil à frente da tipografia do *Jornal*. Todavia, Hallewell destacou a atuação do tipógrafo francês quanto à publicação de periódicos durante sua

²³⁶ Destacamos a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro como fonte para a análise dos periódicos publicados pela tipografia do *Jornal do Commercio*, pois foi nesse acervo que encontramos todas as folhas que serão citadas neste trabalho. Apenas uma dessas folhas (*Almanak imperial do commercio e das corporações civis e militares do Imperio do Brasil publicado por Pedro Plancher-Seignot para 1829*) está localizada também na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, de São Paulo.

estadia no país: “a parte mais lucrativa do negócio de Plancher, foi, provavelmente, a publicação de periódicos”.²³⁷

A dedicação de Plancher à publicação de periódicos é visível na quantidade de folhas que saíram de sua tipografia no curto período em que ele permaneceu no Brasil. Plancher chegou ao país em fevereiro de 1824 e, quatro meses após sua chegada, iniciou a publicação do jornal *Spectador Brasileiro*, sob o transparente pseudônimo “um francês brasileiro”. Como vimos no **Capítulo 1**, esse jornal foi publicado até maio de 1827 e foi encerrado após se envolver em uma polêmica com a Assembleia Geral do Império.

Ainda em seus primeiros anos de atuação no Brasil, e antes de lançar o *Jornal do Commercio*, Pierre Plancher foi responsável pela publicação de outros periódicos no país. Em janeiro de 1827, saiu a público pela sua tipografia o primeiro periódico médico brasileiro, *O Propagador de Sciencias Medicas*, idealizado pelo médico francês José Francisco Xavier Sigaud. Essa publicação totalizou 12 números, porém enfrentou obstáculos durante sua publicação, completando-os apenas em 1829. Em 21 de abril de 1827, Plancher iniciou a publicação de um jornal em língua estrangeira, *L'Independant*, que somou apenas dez números, encerrando-se em 24 de junho. Seguiu-se a publicação de outro jornal em língua francesa, *L'Echo de L'Amerique du Sul*, publicado a partir de 30 de junho. Esse impresso não possuía a interferência de Plancher em sua redação, como exposto em seu primeiro número, e circulou até 26 de março de 1828.²³⁸ Ainda em 1827, em 20 de setembro, o editor e tipógrafo francês lançou o primeiro periódico destinado ao público feminino do país, *O Espelho Diamantino*, publicado até 28 de abril de 1828, somando 14 números.

Esses poucos títulos já evidenciam um comportamento notável de Plancher enquanto editor de periódicos: a experimentação. Como percebemos, diferentes temas e formatos foram testados pelo editor. Nos anos seguintes, essa diversidade continuou com a impressão de novos títulos.

Em 1º de outubro de 1827, teve início a publicação do *Jornal do Commercio*. O conteúdo do jornal, em sua origem, visava atingir um público

²³⁷ HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 153

²³⁸ No entanto, *L'Echo de L'Amerique du Sul* foi publicado pela tipografia de Pierre Plancher apenas até 15 de setembro de 1827.

ligado ao comércio e trazia todo tipo de informação que fosse relevante às atividades econômicas e aos negociantes do Rio de Janeiro, como valores correntes de produtos, datas de saída e chegada de navios e preços para importação e exportação.²³⁹

Em 1828, saíram à luz pela tipografia de Plancher dois periódicos de caráter assumidamente áulico, ou seja, que defendiam em suas páginas o imperador D. Pedro I e o regime de monarquia constitucional. Foram eles *O Censor Brasileiro*, publicado duas vezes por semana entre 1º de abril e 7 de julho de 1828, e o *Honra do Brasil Desafrentada de Insultos da Astréa Expadaxina*, iniciativa de José da Silva Lisboa,²⁴⁰ também publicado duas vezes por semana entre 8 de abril e 20 de agosto de 1828. Nesse mesmo ano, também saiu a público, pela tipografia de Plancher, um jornal escrito em língua inglesa, por iniciativa de Thomas B. Hunt: *The Rio Herald*, publicado entre 8 de março e 5 de junho de 1828, somando apenas 18 números.

Em 1831, Pierre Plancher imprimiu, entre 13 de maio e 09 de novembro, um periódico diário que visava publicar “com a maior prontidão possível as discussões que se tratavam no seio da Representação Nacional”.²⁴¹ Tratava-se d’*O Correio da Camara dos Deputados*, que buscou transcrever com exatidão as falas ocorridas no local, conforme exposto em prefácio publicado para encadernação das folhas em volume. Nesse ano, a tipografia voltou a publicar um periódico médico, o *Semanario de Saude Publica*, vinculado a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, da qual fazia parte Sigaud –

²³⁹ *O Jornal do Commercio* é célebre, entre outros motivos, por sua longevidade em um período no qual novos jornais eram lançados na mesma velocidade em que desapareciam. Publicado até abril de 2016, somou quase dois séculos de história, acompanhando diferentes fases do país e, sem dúvidas, passando por inúmeras mudanças, incluindo de proprietários, que propiciaram essa longevidade.

²⁴⁰ José da Silva Lisboa (1756-1835) foi uma importante figura política no Brasil no início do século XIX, tanto durante a estadia de D. João VI no país, quanto durante o governo de D. Pedro I. Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, Silva Lisboa foi nomeado desembargador na ocasião da criação da Mesa do Desembargo do Paço, em 1808. Em 1815, foi nomeado censor e encarregado do exame de todas as obras destinadas à imprensa. Integrou o conselho do imperador D. Pedro I e o cargo de senador desde a instituição do Senado. Além disso, foi responsável por muitas obras e periódicos publicados no período. Dedicou-se desde a publicação de obras históricas e folhetos políticos à publicação de livros destinados à instrução da mocidade, sendo alguns desses trabalhos impressos pela tipografia do *Jornal do Commercio*. (Cf. BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro* (Volume 5: Letras Jo-Ly). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura. 1970, p. 193-194.)

²⁴¹ *O Correio da Câmara dos Deputados*, Prefação. Consultado na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

idealizador d'O *Propagador de Sciencias Medicas*. O semanário médico foi publicado entre janeiro de 1831 e setembro de 1833, pelo que indicam os anúncios divulgados pelo *Jornal do Commercio*. Ainda em 1831, Plancher lançou um periódico joco-sério, *O Simplicio da Roça, ou jornal do domingo*, publicado entre novembro de 1831 e agosto de 1832.

Como sabemos, Pierre Plancher deixou o Brasil em 1834, tendo vendido sua tipografia e seu *Jornal do Commercio* aos franceses Junius Villeneuve e Reól Antoine Mougenot dois anos antes. A sociedade entre Villeneuve e Mougenot, entretanto, rompeu-se pouco tempo depois, restando Villeneuve como único proprietário do periódico e da casa impressora fundada por Plancher.

Com a retirada de Mougenot, Villeneuve, único proprietário, dirigiu o *Jornal*, a tipografia, a loja e a editora fundados por Plancher com o espírito de um homem de negócios, um diretor de jornal businessminded, no jargão eivado de anglicismos da imprensa de hoje. Seu trabalho garantiu a permanência do *Jornal*, ampliou a circulação e a publicidade, e sua visão comercial estabeleceu as bases de uma empresa altamente lucrativa.²⁴²

Cícero Sandroni caracterizou a atuação de Villeneuve à frente do *Jornal do Commercio* como de um homem de negócios com visão comercial para estabelecer uma empresa lucrativa. Esse tino empresarial pôde ser observado também nos periódicos publicados pela tipografia sob seus cuidados. Em menor número, entretanto, com duração mais longa, os periódicos publicados na era Villeneuve demonstram a predileção do tipógrafo por melhorias no *Jornal do Commercio* e um maior planejamento de Villeneuve ao lançar uma nova folha. Isso pôde ser visto em seu projeto mais ambicioso, a revista ilustrada *Museo Universal, jornal das famílias brasileiras*, publicada semanalmente entre julho de 1837 e julho de 1844.

A revista, desde o anúncio de lançamento, divulgado no *Jornal do Commercio*, foi proposta para escapar à efemeridade, prometendo, ao final de um ano, um índice das matérias e das gravuras publicadas, bem como uma capa impressa sobre “bom papel de cor”, para a encadernação dos números publicados no período em um único volume. Além disso, após um ano de publicação, a casa Villeneuve também ofereceu para venda o volume completo

²⁴² SANDRONI, Cícero. Op. cit. p. 78.

do primeiro ano da revista, dando prova mais uma vez da visão comercial do novo proprietário.

Outra iniciativa de grande fôlego lançada pela tipografia do *Jornal* foi o *Boletim do Expediente do Governo*, publicação mensal que circulou a partir de agosto de 1859 e que foi impressa até agosto de 1862. O *Boletim* trazia os decretos do Imperador, de suas secretarias e de seus ministérios. A publicação somou 37 números com edições que variavam quanto ao número de páginas, algumas tinham cerca de 70 páginas, enquanto outras ultrapassavam 100, como em dezembro de 1860 e janeiro de 1861.

Além disso, encontramos, ao pesquisar o acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, periódicos que iniciaram sua impressão na casa Villeneuve, mas após alguns números passaram a ser publicados por outras tipografias. Foram os casos, por exemplo, do *Jornal dos Debates* e d'*O Parlamentar*. O *Jornal dos Debates Políticos e Literários* foi publicado duas vezes por semana, as quartas e sábados, entre maio de 1837 e setembro de 1838, porém saiu a público pela tipografia do *Jornal* apenas até 2 de agosto de 1837. A partir de seu nº 26, foi publicado pela Tipografia Crémère. Esse periódico, sob a redação de Francisco de Salles Torres Homem e com a colaboração de Manuel de Araújo Porto Velho e Gonçalves de Magalhães, deu continuidade às reflexões iniciadas pelo grupo de intelectuais românticos na *Nitheroy, revista brasiliense*, publicada no ano anterior em Paris.²⁴³

O *Parlamentar*, por sua vez, foi uma publicação semanal - era publicado aos sábados -, que trazia “um resumo das discussões mais importantes que houverem nas câmaras legislativas, com as convenientes reflexões, os atos do governo de que pode haver notícia com o juízo crítico a respeito e os artigos e correspondências que por qualquer motivo interessem ao país”.²⁴⁴ Iniciou-se sua publicação em junho de 1837 pela tipografia de Villeneuve, da qual saiu a público seus primeiros 25 números, até 25 de novembro. A partir de então, e até 1839, o periódico foi publicado pela Tipografia e Livraria de R. Orgier e C.

²⁴³ Cf. PAIVA, Bruno Silveira. *O projeto educacional da primeira geração de intelectuais românticos brasileiros (1836-1847)*. 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2015.

²⁴⁴ O *Parlamentar*, 10/06/1837, p.1, col.1. Consultado na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

Considerando esta dissertação, além de um aglutinador da produção editorial realizada pela tipografia do *Jornal do Commercio* entre 1827 e 1865, um catalisador para a discussão do gosto dos leitores brasileiros do século XIX, colaborando para compreendermos o que era lido por esse público, é importante destacar uma particularidade da circulação e da leitura dos periódicos nesse período. Como é facilmente observável no *Jornal do Commercio* e nos demais periódicos citados – e que ficará evidente nos anúncios expostos nos próximos tópicos -, era algo bastante comum a citação de outros periódicos pelos jornais brasileiros do século XIX. Isso aponta para uma prática de leitura presente no período, quando um mesmo leitor tinha contato com diferentes folhas. Esse sistema foi destacado por Lúcia Granja em seu artigo “Domínio de boa prosa: narradores e leitores de crônicas”:

Nos jornais e revistas do XIX, percebe-se facilmente a citação de outros periódicos no corpo dos textos, (...), gostaríamos de observar que tal procedimento pode ser que faça parte de um sistema de leituras, por parte dos assinantes e leitores diretos e indiretos dos jornais, o qual incluía os mesmos sujeitos e vários periódicos. Dentro de uma sociedade pouco letrada como a do Brasil do XIX, o assinante de *O Cruzeiro*, por exemplo, seria também leitor e assinante do mais grave *Jornal do Commercio*, da *Gazeta de Notícias* ou de *O País*.²⁴⁵

Assim sendo, considerando a diversidade de periódicos que foram publicados pela tipografia do *Jornal do Commercio*, abrangendo variados assuntos, não entendemos essas iniciativas apenas como uma tentativa de a tipografia diversificar seu público, mas também, e talvez principalmente, como ações que possibilitaram a esse público do *Jornal* diversificar seu repertório sociocultural.

A seguir, destacamos alguns dos periódicos que saíram a público pela tipografia do *Jornal do Commercio*, desde a fundação da tipografia por Pierre Plancher, em 1824, até quando a casa esteve sob os cuidados de Junius Villeneuve. Buscamos, nessa seleção, ilustrar a diversidade de assuntos à qual a tipografia se dedicou durante a direção de Plancher, a efemeridade de grande parte dessas publicações, o planejamento de Villeneuve com seu

²⁴⁵ GRANJA, Lúcia. Domínio da boa prosa: narradores e leitores na obra do cronista. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo, n.23/24, p. 252-272, 2008. p.256.

ambicioso *Museo Universal* e o sistema de leitura apresentado anteriormente e tão evidente nessas produções.

3.1.1. Periódicos médicos: *O Propagador das Sciencias Medicas, Semanario de Saude Publica e Diario de Saude.*

Assim como o *Jornal do Commercio* foi pioneiro de muitas novidades da imprensa brasileira do século XIX, como a publicação de romances-folhetim, sua tipografia também foi responsável pelas primeiras experiências de novas facetas da imprensa periódica que se desenvolveram no período, como o caso dos periódicos médicos. Foi de seus prelos que saiu à luz o primeiro periódico do tipo do país, denominado *O Propagador das Sciencias Medicas*, idealizado pelo médico francês José Francisco Xavier Sigaud.

Como nos conta Luiz Otávio Ferreira (2012), Sigaud chegou ao Brasil, acompanhado de sua família, em 7 de setembro de 1825. Assim como Pierre Plancher, o médico francês era um bonapartista declarado e foi obrigado a deixar seu país durante o reinado de Carlos X, o qual foi marcado por perseguições e censura aos simpatizantes de Napoleão Bonaparte. No Rio de Janeiro, Sigaud e Plancher se aproximaram e o médico passou a colaborar assiduamente nas publicações realizadas pelo seu compatriota, tendo escrito para o *Spectador Brasileiro* e para o *Jornal do Commercio*.²⁴⁶

Dessa parceria, surgiu o primeiro periódico médico brasileiro, *O Propagador de Sciencias Medicas, ou, Annaes de medicina, cirurgia e pharmacia para o império do Brasil e nações estrangeiras*, cujo número de estreia foi publicado pela tipografia de Plancher em janeiro de 1827.

Os objetivos de Sigaud, com tal empreendimento, eram explicitamente pedagógicos, ele

pretendia cultivar entre os médicos e cirurgiões do Rio de Janeiro o hábito de publicar e a atitude de exame crítico do conhecimento. Todavia, na prática, o objetivo não foi alcançado. Os médicos e cirurgiões permaneceram indiferentes à proposta. A maioria absoluta

²⁴⁶ FERREIRA, Luiz Otávio. O viajante estático: José Francisco Xavier Sigaud e a circulação das ideias higienistas no Brasil oitocentista (18360-1844). In: BASTOS, Cristina; BARRETO, Renilda (orgs.). *A circulação do conhecimento: medicina, redes e impérios*. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2012. p. 75-76.

dos trabalhos publicados consistiu de traduções feitas com zelo pelo próprio Sigaud.²⁴⁷

No entanto, apesar do empenho do médico francês e da parceria com seu compatriota impressor, *O Propagador das Sciencias Medicas* enfrentou dificuldades para completar os doze números que foram prometidos ao público em seu lançamento, como podemos observar pelos anúncios vinculados no *Jornal do Commercio*.

Avisa-se aos Srs. assignantes do *Propagador das Sciencias Medicas*, que no dia 15 de Novembro proximo receberão os numeros de Junho, Julho e Agosto que ainda não se receberam. Esta demora é devida á difficuldade de ajuntar materias, e á escacez dos officiaes Impressores, não terá lugar para o futuro; e no fim do anno entregar-se hão aos Srs. assignantes os 12 numeros do *Propagador* como se prometteo no prospecto. Os assignantes que

Figura 19: *Jornal do Commercio*, 02/10/1827, p.4, col. 1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

No anúncio acima, divulgado pelo *Jornal do Commercio* em 02 de outubro de 1827, com a assinatura de Sigaud, podemos notar o atraso para a publicação dos números do periódico médico. Os números VI, VII e VIII, referentes aos meses de junho, julho e agosto, apenas chegariam a casa dos assinantes d'*O Propagador* em novembro de 1827. Os motivos destacados para tal atraso foram a escassez de impressores na corte e a dificuldade para ajuntar matérias para o periódico, expondo, assim, a indiferença da classe médica brasileira para com a proposta do médico francês.

Embora, no anúncio de 02 de outubro de 1827, Sigaud se comprometa a entregar até o final do ano os demais números do periódico, a publicação dos doze números d'*O Propagador das Sciencias Medicas*, prometidos em seu prospecto, foi finalizada apenas em 1829.

Em 19 de fevereiro de 1829, o *Jornal do Commercio* anunciou que havia saído à luz o número XI d' *O Propagador* e apresentou um índice das matérias que compunham aquela edição do periódico.

²⁴⁷ Ibidem. p. 79.

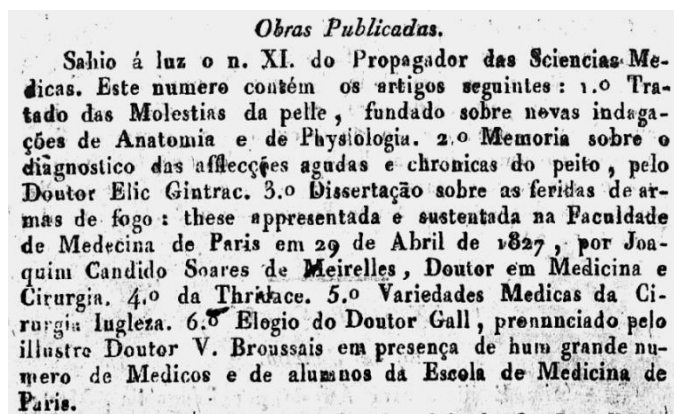


Figura 20: *Jornal do Commercio*, 19/02/1829, p. 2, col. 1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

Após o fim d’O *Propagador das Sciencias Medicas*, José Francisco Xavier Sigaud, ainda em 1829, envolveu-se com a fundação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, marco do início da institucionalização da medicina e da saúde pública no Brasil.²⁴⁸ Pela entidade, Sigaud aventurou-se novamente pela imprensa, sendo responsável pela publicação do *Semanario de Saude Publica*, periódico vinculado à instituição que também saiu à luz pela tipografia de Pierre Plancher.

O primeiro número do novo periódico foi publicado em 03 de janeiro de 1831 e trouxe, em sua primeira página, a proposta de criação do jornal, que havia sido apresentada por Sigaud à Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro em 21 de outubro de 1830. Para defender a criação do jornal, Sigaud apontou os serviços prestados à Medicina pelo *Recueil périodiche*, jornal vinculado a Sociedade de Medicina de Paris lançado em 1797: “um verdadeiro foco de luzes e ideias sobre o curativo das moléstias”.²⁴⁹ Em sua asserção, Sigaud propunha que a entidade carioca imitasse “gloriosamente” o exemplo francês.

Nesse primeiro número, também foi divulgado o plano do periódico. Por meio dele, podemos ver o quanto Sigaud aprendeu com sua malograda primeira tentativa de publicar um periódico médico no Rio de Janeiro. Primeiramente, foi apresentada a periodicidade do novo jornal, que seria publicado semanalmente aos sábados – sendo publicado às segundas-feiras quando o dia de sábado fosse “dia santo”. É informado também que o jornal

²⁴⁸ Ibidem. p. 76.

²⁴⁹ *Semanario de Saude Publica*, 03/01/1831, p. 2, col. 1. Consultado na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

constará de uma folha, ou seja, que cada número terá quatro páginas, formato comum aos jornais da época, podendo contar com suplementos quando necessário. Em seguida, as seções que iriam compor o jornal são apresentadas, mostrando uma preocupação de Sigaud com a rubricidade de seu novo periódico.²⁵⁰

A ordem das Materias d'este Jornal será a seguinte. I. *Boletim da Sociedade*, contendo 1.º Extractos das Actas. 2.º Correspondencia da Sociedade. 3.º Trabalhos Scientificos dos Socios. II. *Boletim Universal das Sciencias Medicas* contendo os artigos seguintes. 1.º Medicina, 2.º Cirurgia, 3.º Pharmacia, 4.º Sciencias Naturaes, 5.º Biographia, 6.º Bibliographia. III. *Correspondencias particulares*, contendo artigos de communicação, e cartas sobre objectos relativos ás Sciencias Medicas, e á Saude Publica, excluidas quaesquer personalidades, e materias alheias á Medicina.

Figura 21: Semanario de Saude Publica, 03/01/1831, p.3, col.2. Consultado na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

Para evitar a carência de matérias para a publicação do novo periódico, Sigaud se preocupou em montar uma estratégia que estivesse ao encontro das demais atividades da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro:

A solução encontrada foi recorrer prioritariamente aos relatórios preparados pelas comissões permanentes da SMRJ [Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro] – Vacinas, Doenças Reinantes, Salubridade e Consultas Gratuitas – e transformá-los em matéria para a publicação. Outra medida adotada por Sigaud foi orientar seus pares a escreverem sobre temas relacionados ao cotidiano de suas atividades como clínicos – a crítica dos hospitais, a venda de remédios secretos ou mau tratamento dispensado aos escravos.²⁵¹

Na última página do primeiro número do *Semanario*, os leitores foram informados dos valores para assinar o periódico, sendo 8\$000 para a

²⁵⁰ A partir dos trabalhos de Marie-Ève Thérenty e de pesquisas realizadas anteriormente na modalidade de iniciação científica, compreendemos a rubrica como um espaço regularmente atribuído por um periódico – notadamente pelos diários - a certo tipo de notícia e escrita, ao passo que a “rubricidade” é concebida como o ordenamento dessas notícias. (Cf. THÉRENTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien – Poétiques journalistiques au XIXe siècle*, Paris, Seuil, 2007.)

²⁵¹ FERREIRA, Luiz Otavio. Op. cit. p. 79.

assinatura de um ano e 4\$000 para assinar o periódico por um semestre. A assinatura deveria ser realizada na loja de João Pedro Veiga e o pagamento realizado adiantado. Por fim, foi indicado o local de impressão do periódico, a “Tipografia Imperial de E. Signot-Plancher, Impressor da Sociedade de Medicina, rua d’Ouvidor”.

O jornal de medicina obteve bastante êxito, tendo sido publicado até 1833 – na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro são disponibilizados os números do jornal até a data de 15 de junho de 1833.²⁵² No *Jornal do Commercio*, foi anunciado o valor da assinatura do semanário, no cabeçalho da primeira página, até setembro de 1833.

O fim do *Semanario de Saude Publica* parece estar ligado aos conflitos entre José Francisco Xavier Sigaud e seus colegas da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro que, de acordo com Luiz Otávio Ferreira (2012), tiveram início em 1832 com os primeiros concursos para preenchimento das cátedras da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.²⁵³ Sigaud foi preterido em duas ocasiões nas quais se candidatou.²⁵⁴

Nos anos seguintes, os leitores do Rio de Janeiro viram o surgimento de mais dois periódicos médicos, sendo eles a *Revista Médica Fluminense*, publicada pela Academia Imperial de Medicina, órgão no qual a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro foi convertida em 1835, e o *Diario de Saude*,

²⁵² Após esse número, a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro ainda traz outro número do *Semanario de Saude Publica* que teria sido publicado em 1834. No entanto, tal publicação, embora ligada a medicina, em nada parece com a proposta do *Semanario* idealizada por Sigaud e seguida até os números de junho de 1833. Mesmo a tipografia responsável pela publicação é outra, a Tipografia Nacional. Acreditamos, então, que essa publicação de 1834 – intitulada *Projecto de Estatutos para a Escola de Medicina da Bahia* - possa ter sido divulgada pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, porém em um contexto de circulação diferente do de seu jornal de medicina.

²⁵³ A vinda da Família Real para o Brasil, tornando a ex-colônia o centro administrativo do Império em 1808, promoveu a implementação de importantes medidas administrativas, econômicas e culturais no país, entre elas a criação da Escola de Cirurgia da Bahia, em Salvador, em 1808, e a criação da Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, no mesmo ano. Após a proclamação da independência, em 1822, foram realizadas mudanças a fim de adequar essas instituições ao novo contexto. Foi à Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro que coube a tarefa de elaborar um plano único para essas instituições. O projeto em questão, intitulado “Plano de Organização das Escolas Médicas do Império. Redigido pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, por Convite que a Augusta Câmara dos Deputados lhe dirigiu em 07 de outubro de 1830”, resultou na Lei de 03 de Outubro de 1832, segundo a qual essas instituições passaram a ser denominadas como Faculdades de Medicina. (Cf. *Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro*. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Online. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escancimerj.htm>. Acesso em: 30 dez. 2016.)

²⁵⁴ FERREIRA, Luiz Otavio. Op. cit. p. 77-78.

publicado por Sigaud, mais uma vez junto à tipografia do *Jornal do Commercio*. Assim, escancarou-se o afastamento e as divergências entre Sigaud e os membros da Sociedade de Medicina.

O *Diario de Saude*, nova empreitada de Sigaud na imprensa brasileira, foi realizada junto aos médicos Francisco de Paula Candido e Francisco Crispiniano Valdetaro. O periódico foi publicado, tal qual o *Semanario de Saude Publica*, semanalmente, aos sábados. Cada número do jornal apresentava oito páginas e a paginação do periódico era realizada sequencialmente, ou seja, o segundo número iniciou-se na página 9. Ao final de um ano de publicação do *Diario*, descobrimos que essa formatação foi realizada a fim de que os números do jornal formassem um volume único de suas publicações.

O primeiro número do *Diario de Saude* foi publicado em 18 de abril de 1835 e, em sua primeira página, sob o título “Introdução”, apresentou os planos dos fundadores para o jornal: “expor à luz com franqueza, verdade e boa fé, as observações de medicina, as indagações da história natural e os fatos de clínica, que procuraremos colher em um terreno tão vasto, tão rico e tão fecundo qual o do Brasil”.²⁵⁵ Em seguida, apresentaram-se as seis seções nas quais o jornal foi dividido: Medicina, Cirurgia, Farmácia, História natural, Variedades e notícias diversas e, por fim, Biografia e bibliografia médicas.

O número de estreia do *Diario de Saude* ainda trouxe dois artigos de autoria de Sigaud – *Epidemias que tem reinado na América do Sul em 1833 e 1834* e *Reflexões acerca do trânsito livre de doidos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, etc.* – e a tradução de um artigo sobre pneumonia infantil do *Gazette Médicale*, de Paris, realizada por Francisco Valdetaro.

O *Diario de Saude* se despediu do público fluminense em 16 de abril de 1836, completando, assim, um ano de publicação. Nessa data, Sigaud publicou um agradecimento aos assinantes do jornal e destacou a atuação de Francisco Valdetaro.

²⁵⁵ *Diario de Saude*, 18/04/1835, p.1, col.1. Consultado na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

AVISO AOS SRS. SUBSCRIPTORES.

Agradeço aos Srs. subscriptores do *Diario de Saude*, o sacrificio que fizerão para sustentar hum periodico unicamente consagrado ás sciencias medicas e naturaes. O meu maior disvello foi de apresentar no *Diario de Saude* as mais recentes memorias de medicina e de cirurgia, e as novidades scientificas extrahidas dos jornaes da Europa, que interessar podião a classe medica.

Louvores seião dados ao meu amigo o Sr. F. C. Valdetaro, que com zelo tem partilhado os meus trabalhos, e cumprido a palavra dada no prospecto do *Diario de Saude*, cuja publicação descontinuuamos por motivos de conveniencia. Dr. J. F. Sigaud.

Figura 22: *Diario de Saude*, 16/04/1836, p.424, col.2. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

Esse último número ainda trouxe um índice de todos os artigos publicados pelo periódico entre abril de 1835 e abril de 1836, finalizando o que foi denominado “1º Volume do *Diario de Saude*” e possibilitando a junção dos cinquenta e três números publicados em um único material.

Assim, chegou ao fim a atuação de Sigaud na imprensa brasileira. Após mais alguns anos no Brasil, nos quais se dedicou a escrever um tratado sobre a higiene do país, o médico francês retornou à França em 1843, publicando a obra *Du Climat et des Maladies du Brésil. Statistique Médicale de cet Empire* no ano seguinte, em Paris.

Também se encerrou, assim, a publicação de periódicos médicos pela tipografia do *Jornal do Commercio*. Após 1836 e até 1865, ano no qual encerramos nossa pesquisa sobre as atividades realizadas pela tipografia do *Jornal*, a casa de Villeneuve não se dedicou a novas publicações do tipo.²⁵⁶ Podemos pensar, portanto, que o envolvimento da tipografia com tais publicações se deu por iniciativa de Pierre Plancher ou, mais precisamente, por conta de sua afinidade com o idealizador desses projetos, o médico José Francisco Xavier Sigaud.

²⁵⁶ Lembramos, mais uma vez, que, em 1863, Junius Villeneuve morre, porém a tipografia e o *Jornal do Commercio* permanecem com a família Villeneuve. Agora tendo Júlio Villeneuve, filho de Junius, como novo proprietário.

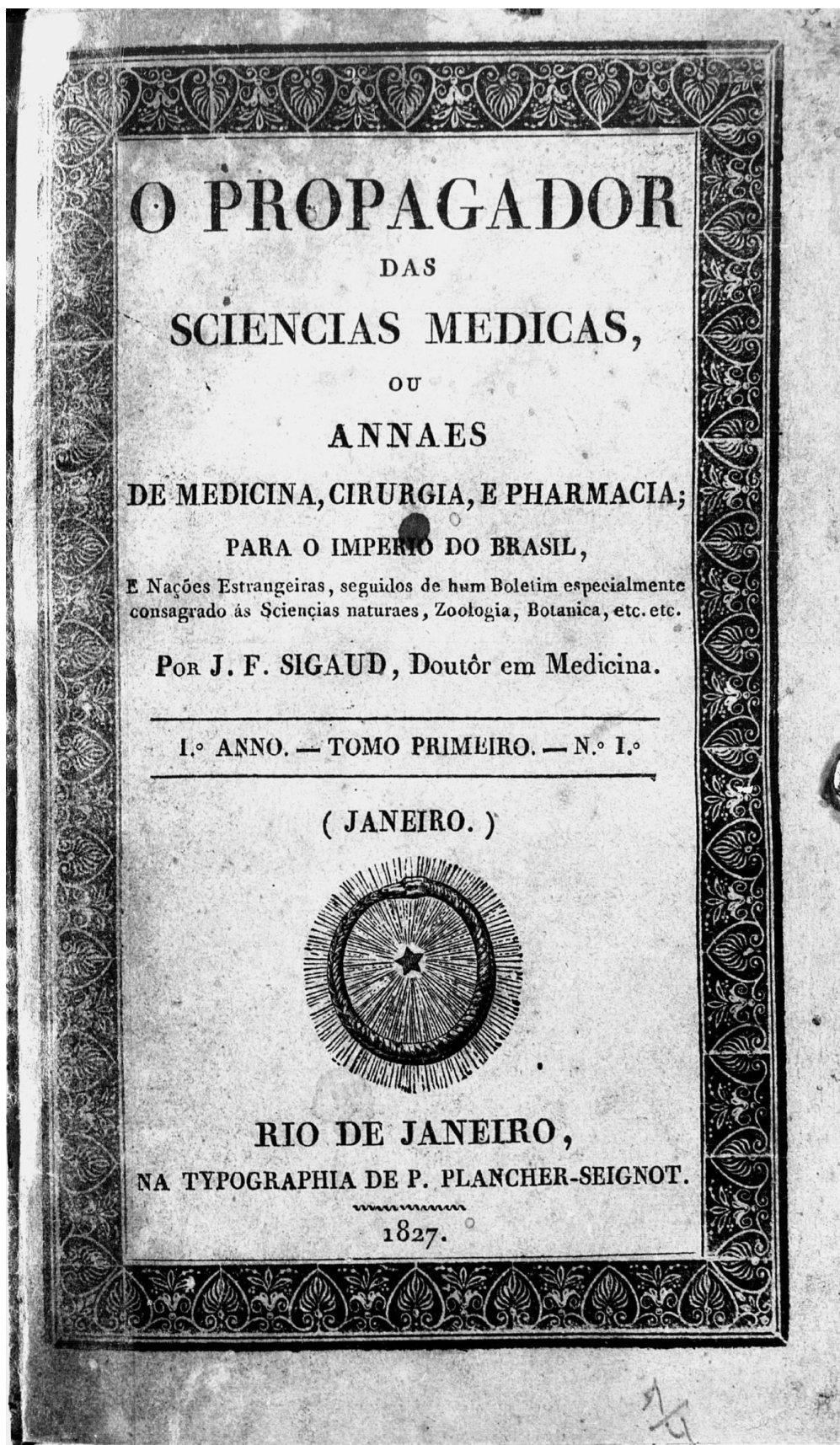


Figura 23: *O Propagador das Sciencias Medicas*, Jan/1827, Capa. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

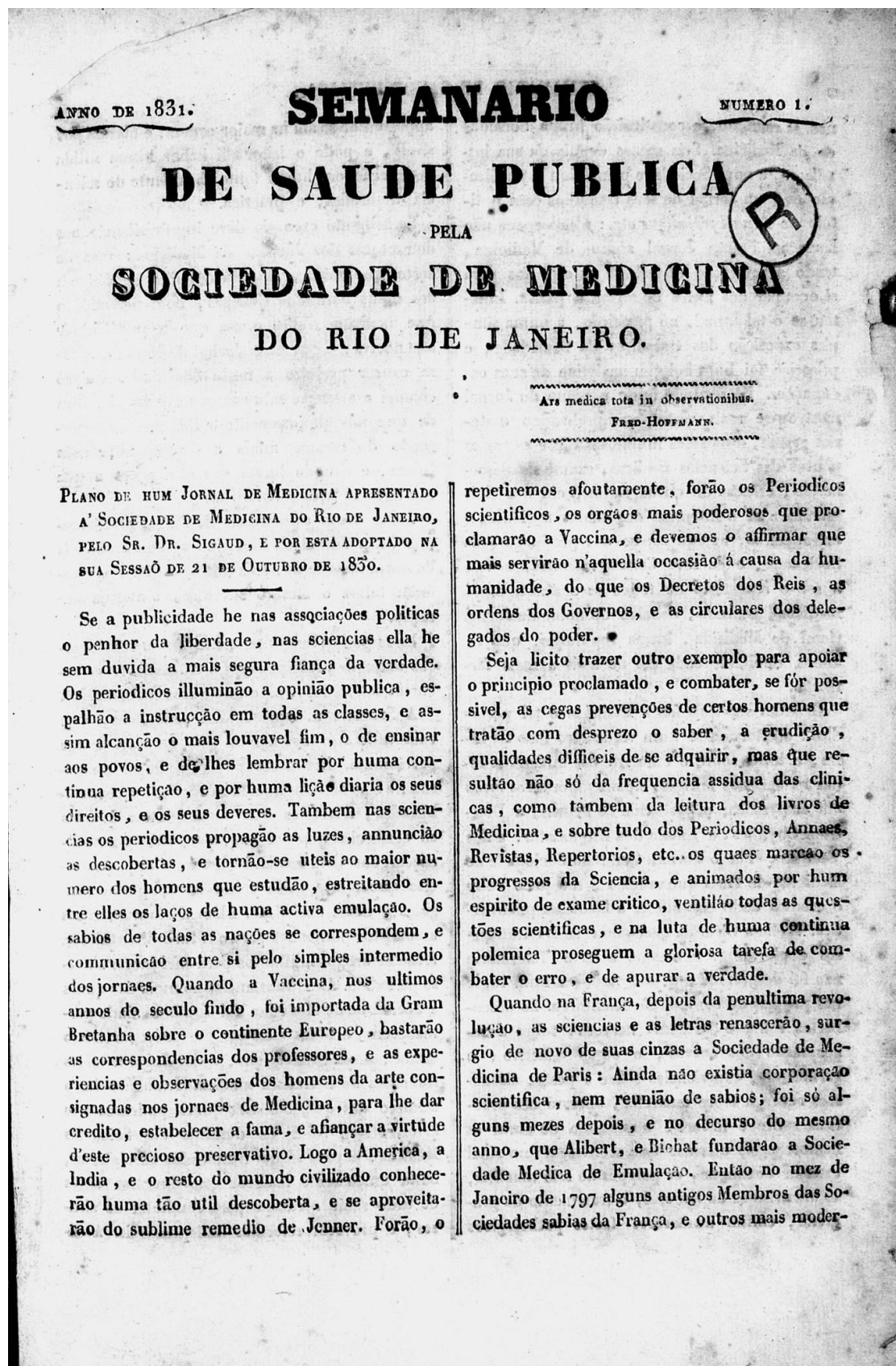


Figura 24: *Semanario de Saude Publica*, 03/01/1831, p. 1. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

DIARIO DE SAUDE

OU

EPHEMERIDES DAS SCIENCIAS MEDICAS E NATURAES DO BRAZIL.

Subscryva-se em casa de Seignot-Plancher e C., rua d'ouridor n. 95, pelo preço de 12\$ por anno ou 6\$ por semestre pagos adiantados. Os no. avulsos custirão 240 rs.

Publica-se todos os sabados. As correspondências, memorias, reclamações, etc., devem ser dirigidas ao scriptorio da typographia ou aos redactores.

Vires acquirit eundo.

Rio de Janeiro. Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e Comp. — 1835.

INTRODUÇÃO.

As sciencias medicas e naturaes tem tido tão progressivo desenvolvimento, que hoje reclamão completa publicidade para os factos numerosos, de que se ellas compõem. A prensa, que mede e regula os movimentos do pensamento e da intelligencia na ordem politica, tambem mede e regula as descobertas do genio, e os resultados da observação na ordem scientifica. He por meio deste echo geral do entendimento humano, que retumbão no globo esses principios renovadores das sociedades politicas; he igualmente por elle que se espalhão pelo mundo esses principios das sciencias, que, postos em pratica, servem a causa da humanidade.

He esta publicidade pois que nós invocamos hoje; he este principio, motor de tudo na ordem politica e scientifica, que deve animar a empreza que formamos, para expôr á luz com franqueza, verdade e boa-fé, as observações de medicina, as indagações d'istoria natural, e os factos de clinica, que procuraremos colher em hum terreno tão vasto, tão rico e tão fecundo, qual o do Brazil.

Outras emprezas de igual natureza hão já sido tentadas (1), e hum novo competidor (2) se annuncia sob favoraveis auspicios para trilhar a mesma

(1) *O Propagador das Sciencias Medicas, etc. em 1827. — O Semanario de Saude Publica, etc. em 1831.*

(2) *A Revista Medica Fluminense, etc.*

estrada. Nós tambem imos entrar na carreira encetada, confiados em nossa consciencia e em nossa boa vontade; em nossa consciencia, que nos ha de inspirar a publicidade de factos uteis; e em nossa boa vontade, que nos impõe rigoroso dever de trabalharmos para a instrucção geral, especulando em as numerosas fontes de riquezas do paiz.

E qual o paiz que mais riquezas d'istoria natural encerra em seu seio? Qual a região que maior variedade d'estudos em relação á medicina offerecer pode? Os materiaes são copiosos, variados, espar-sos por vasta superficie: cumpre procural-os, ajuntal-os, reunil-os. Nós, filhos de huma geração, que certo não pode consentir em deixar apoz de si ignorancia e esquecimento, lançamos novas pedras ao edificio; publicamos hum manifesto periodico de nossos trabalhos. O paiz ganhará com a nossa empreza pela permuta de nossas proprias observações com as das nações estrangeiras.

A ambição, esse insaciavel protheo, atormenta as almas bem formadas em todas as regiões do globo; porem quando ella as dirige para nôbre fim, deve alguém por ventura receiar proclamar altamente a sua influencia?

O exame de doutrinas medicas, a publicidade de factos clinicos, as indagações d'istoria natural, o melhoramento das instituições medicas, a promulgação de hum codigo de policia medica, a vigilancia sobre a hygiene publica, eis muitos e importantes objectos d'ambição para nós, que temos

Figura 25: *Diario de Saude*, 18/04/1835, p. 1. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

INDICE

DOS

ARTIGOS CONTIDOS NO I.º VOLUME DO DIARIO DE SAUDE.

	Pag.		Pag.
1855 — ABRIL. — Introducção.....	1	Memoria sobre a possibilidade de verificar a presença dos miasmas, e sobre a presença de hum principio hydrogenado no ar; pelo Sr. Boussingault.—Trad. F. C. Valdetaro.	25
Epidemias que tem reinado n'America do Sul em 1853 e 1854 — por J. F. Sigaud	2	Noticia sobre o creosoto, e processo para a sua extracção; por F. de Paula Candido	29
Pneumonia das crianças (Pneumonia Infantil); trad. F. C. Valdetaro	5	A moda dos remedios e os remedios da moda, por J. F. Sigaud	51
Reflexões acerca do transitto livre dos doidos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, etc.; por J. F. Sigaud.....	6	Reflexões sobre o estudo clinico dos partos no Rio de Janeiro, por J. F. Sigaud	55
Reflexões sobre a nova theoria da respiração, por F. de Paula Candido	9	VARIÉDADES E NOTÍCIAS MÉDICAS. — Questão da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; documentos numeros 1, 2 e 5. — Mudez curada pela galvanisação (Nota communicada pelo Sr. Fabrè-Palapat). — Extracção de certos tumores do colo da bexiga por meio dos instrumentos da lithotricia. — Caso de polypo canceroso (National — dezembro de 1854). Trad. F. C. Valdetaro	56
Considerações practicas sobre a secção dos nervos e restabelecimento da sensibilidade nas partes em que se elles distribuem (Clinica do Sr. Dupuytren — 1833); trad. F. C. Valdetaro.....	12	Reflexões sobre as febres intermittentes do Rio de Janeiro, por F. de Paula Candido.....	41
VARIÉDADES — Influencia das profissões sobre a phthisica pulmonar (Annaes de hygiene publica). — Tratamento d'angina membroza (croup) (Acad. sec., 5 de maio). — Emprego da <i>manita</i> (Journ. des Conn. Usuelles). — Feridas da vesicula biliar (Mem. de l'Acad. Roy. de Med. Rap. Chir. de M. Roux. An. 1834). — Melancolia dos homens illustres (Reveillè Parise. Mem. del'Acad. Roy. de Med. pag. 288). — Ruidos do coração (Le Temps, août 1854).....	13	VARIÉDADES E NOTÍCIAS MÉDICAS. — Questão da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; documentos numeros 4, 5, 6 e 7 (continuado de pag. 56.) — Processo para curar os calos dos pés, pelo Sr. Dubroca. — Remedio contra o verme solitaria (Temps de 8 de janeiro de 1855). — Meios de combater o soluço (Gazette des Hôpitaux. p. 317). — Mistura atrophica de Magendie (N. Form. dos Hosp. 1854 pag. 262). — Cura da epilepsia pelo anil (Repertoire Clinique. Tom. 2.º). Trad. F. C. Valdetaro	44
MARÇO. — Considerações practicas sobre o levantar do primeiro aparelho depois das amputações (Clin. do Sr. Lisfranc, 1833). Trad. F. C. Valdetaro.....	17	Quadro das molestias observadas nos primeiros quatro mezes de 1855, por J. F. Sigaud	49
Da visita das botiças, e da venda publica de remedios e substancias reputadas venenosas, por J. F. Sigaud.....	18	Questão da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; doc. numero 8 (continuado de pag. 44).....	52
Analyse do opusculo do Sr. Morin sobre huma <i>maneira facil de fazer observações meteorologicas</i> , por F. de Paula Candido	20	REVISTA MÉDICA. — Dificuldade de ser ao mesmo tempo habil cirurgião e bom medico.—Boyer, Corvisart, A. Dubois, Hallé, Portal, Laënnec. — O que se especialisa em Paris,	
Da vaccina e da influencia della sobre a duração da vida — Dos surdos e mudos (Rev. Britan.—dezembro de 1853). Trad. F. C. Valdetaro.....	22		
Necrologia de Dupuytren.....	25		
Bibliographia — Annuncio de oito obras de medicina, publicadas no Rio de Janeiro em 1854.....	24		

Figura 26: Suplemento publicado junto ao último número do *Diario de Saude*, 16/04/1836. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

3.1.2. Revista feminina: *O Espelho Diamantino*

O pioneirismo da tipografia do *Jornal do Commercio* também foi visto na ocasião da publicação do periódico *O Espelho Diamantino*, primeiro a ser destinado ao público feminino no país.²⁵⁷ Criado por Pierre Plancher, sob o pseudônimo Júlio Floro das Palmeiras, *O Espelho Diamantino* começou a circular em setembro de 1827 e, embora tenha tido uma existência efêmera, foi mais um marco deixado pelo tipógrafo e editor francês na imprensa nacional.

O primeiro número d'*O Espelho Diamantino* saiu à luz em 20 de setembro de 1827, conforme anunciado em seu prospecto.²⁵⁸ Com 14 números, apresentou periodicidade quinzenal, tendo seu último número publicado em 28 de abril de 1828. Em seu subtítulo, trazia a diversidade de assuntos que foram tratados na revista, bem como a indicação de seu público alvo: *periodico de politica, litteratura, bellas artes, teatro e modas. Dedicado as senhoras brasileiras.*

A novidade do periódico estava também em seu formato, menor que o usual para os jornais do período, mas com um maior número de páginas. *O Espelho Diamantino* apresentava numeração de páginas continuada e diferentes quantidades de páginas em cada edição. O primeiro número da revista, por exemplo, apresentou dezesseis páginas, enquanto o segundo número contou com dezenove. O nono número da revista, por sua vez, apresentou trinta páginas. O conteúdo da revista, ao contrário do que era comum na época, não era dividido em colunas.

Como dissemos, antes do lançamento do primeiro número da revista, saiu um prospecto no qual foram expostos os objetivos do novo periódico e informados os valores para assinatura. Foram oferecidos três planos de assinatura: três meses, por 1\$600 réis, seis meses, ao custo de 3\$200 réis, e um ano, pelo valor de 6\$000 réis.

O prospecto, de quatro páginas e sem data, iniciava exaltando a importância das mulheres ao longo da história e destacava as qualidades do

²⁵⁷ Cf. BUITONI, Dulcília. *Mulheres de papel: Representação de mulheres pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981.

²⁵⁸ A Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde consultamos as edições d'*O Espelho Diamantino*, não possui o número de 20 de setembro de 1827, mas apresenta o prospecto que anuncia o lançamento do periódico nessa data.

sexo feminino. Em seguida, expunha as intenções do editor do periódico ao se dirigir às mulheres brasileiras:

Tendo as mulheres uma parte tão principal nos nossos interesses e negócios, é necessário que se lhes dê conta destes mesmos negócios, e dos princípios que originam os deveres e os acontecimentos, para que elas fiquem à altura da civilização e dos seus progressos [...]

O nosso periódico, fraco ensaio, cujo maior merecimento consiste em abrir a carreira a mais hábeis, tem por especial destino promover a instrução e entretenimento do belo sexo desta Corte, apresentando-lhe as notícias e novidades dignas de sua atenção.²⁵⁹

Sobre o plano do periódico, Fernando Santos Berçot afirma:

No entender do redator, o *Espelho* devia colaborar para elevar as mulheres da Corte a um patamar de esclarecimento compatível com os exigidos do novo país independente, e que pretendia para si um lugar entre as nações civilizadas do Ocidente. Mais do que isso, buscava-se corrigir um problema histórico, que afetava a condição da mulher na sociedade brasileira.²⁶⁰

Assim como os outros periódicos impressos pela tipografia de Pierre Plancher, os novos números d'*O Espelho Diamantino* foram anunciados nas páginas do *Jornal do Commercio* conforme saíram à luz. Tendo o jornal diário iniciado sua publicação em 1º outubro de 1827, ou seja, poucos dias após o lançamento da revista feminina, o primeiro número d'*O Espelho* anunciado pelo *Jornal* foi o segundo número, em 2 de outubro de 1827.

²⁵⁹ “Prospecto”. *O Espelho Diamantino*. Rio de Janeiro, s.d. [setembro de 1827], p.2-3. Consultado na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

²⁶⁰ BERÇOT, Fernando Santos. *O Espelho Diamantino e os exemplos de virtude feminina no Rio de Janeiro do Primeiro Reinado (1827-1828)*. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, XV, 2012, Rio de Janeiro. *Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO*. Rio de Janeiro, 2012. p.5-6.

Sahio hoje a luz o 2º numero do Espelho Diamantino Periodico de Politica, Litteratura, Theatro, Bellas Arte e Modas, dedicado ás Senhoras Brasileiras. Este Periodico, unico que se publica nesta Corte, mereçe toda a aceitação, particularmente das pessoas do Bello Sexo, pela variedade dos objectos de que trata assim como sua moral, e tom decente da redacção. Deve tambem se recommendar ás familias que vivem no campo, ou nas villa da Provincia, as quaes não podendo receber com exactidão pela falta de prontas communicações, os Diarios da Corte, acharão no Espelho huma revista de tudo aquillo que se publicou, ou aconteeo de mais interessante durante o e dias que separáo a apparição de cada folheto.

A imparcialidade, e moderação dos Redactores, que não adoptáo partido, nem atacaõ pessoa alguma, assim como o modico preço (12000 cada trimestre) dão a esta periodica novos titulos de benivolencia do Publico.

Subscreve-se 3 mezes na Livraria de Plancher Seignot, rua do Ouvidor N. 95.

Vendem-se os folhetos avulsos por 320 reis na dita livraria, e em casa do Bompard, rua dos Pescadores N. 49.

Figura 27: *Jornal do Commercio*, 02/10/1827, p.4, col. 1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

Esse primeiro anúncio trouxe a informação de que as edições da revista podiam ser adquiridas também separadamente, sem necessidade de assinatura, pelo preço de 320 réis. Por tratar-se do primeiro anúncio d’*O Espelho* no *Jornal do Commercio* e da revista ainda estar em seus primeiros números, Plancher se preocupou em convencer seu público das vantagens de assinar o novo periódico. Ele destacou, para isso, a variedade de assuntos que a revista publicaria, o “tom decente” da redação de seus artigos e o apanhado das notícias e informações circuladas nos diários da Corte no intervalo entre uma edição e outra d’*O Espelho* que seria publicado no novo periódico. No entanto, os anúncios seguintes acerca de novos números da revista foram mais sucintos, trazendo uma lista dos artigos publicados na edição anunciada, conforme o exemplo abaixo:

Obras Publicadas.

Sahio hoje a luz o 5º numero do Espelho Diamantino com os seguintes artigos: Correspondencia; Resposta a carta do correspondente incognito. — Politica — Annaes da virtude: ultima dança das Mulheres de Suli — Litteratura: Carta do Barão de Offenberg ao Redactor do Espelho Diamantino — Theatro — Modas — Novidades Estrangeiras — Novidades do Imperio — Panegyrico de hum Macaco, e Fragmentos do seu testamento. — Carta de huma Senhora de Maranhão a huma sua Amiga.

Figura 28: *Jornal do Commercio*, 15/11/1827, p.4, col. 1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

O *Espelho Diamantino*, apesar de todo seu progressismo ao intentar elevar a condição da mulher na sociedade brasileira, não conseguiu escapar daquela que seria a característica principal das revistas femininas que a sucederam.

Nascidas para divulgar literatura e moda, as revistas femininas brasileiras tinham tradição desde a segunda metade do século XIX. A profusão de títulos indica a imagem melíflua que se atribuía ao “bello sexo”, no dizer da época. Concebidas como objeto de lazer, essas revistas revelaram essencialmente normativas, definindo o papel social e determinando os padrões de comportamento desejáveis para a mulher da época.²⁶¹

Embora não possamos limitar *O Espelho Diamantino* a um periódico de literatura e moda, a primeira revista feminina brasileira não fugiu da função normativa observada por Ilka Stern Cohen em suas sucessoras. Na revista lançada em 1827, o conteúdo normativo se fez presente na seção “Anais da virtude”, que oferecia às leitoras pequenos relatos biográficos de mulheres valorosas, apresentadas como exemplos a serem seguidos. Entre os comportamentos exaltados dessas mulheres, destacavam-se a fidelidade ao marido e o amor aos filhos.

O Espelho Diamantino chegou ao fim antes mesmo de completar um ano de publicação, encerrando-se em seu 14º número, publicado em 28 de abril de 1828. Para Berçot, a efemeridade da publicação releva os limites de um projeto ambicioso e também o descompasso entre os propósitos iniciais da revista e o que se encontrava em suas páginas. Apesar dos discursos expressos em favor das mulheres e de seu papel na sociedade, o conteúdo da revista, bem como as cartas e comentários publicados durante sua existência, eram subscritos por homens. Assim, a iniciativa de Plancher de direcionar um periódico às senhoras brasileiras, embora plausível, nunca chegou a dar voz realmente a seu público alvo.²⁶²

²⁶¹ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In. DE LUCAS, Tânia; MARTINS, Ana Luiza (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p.117.

²⁶² BERÇOT. Op. cit. p. 18.

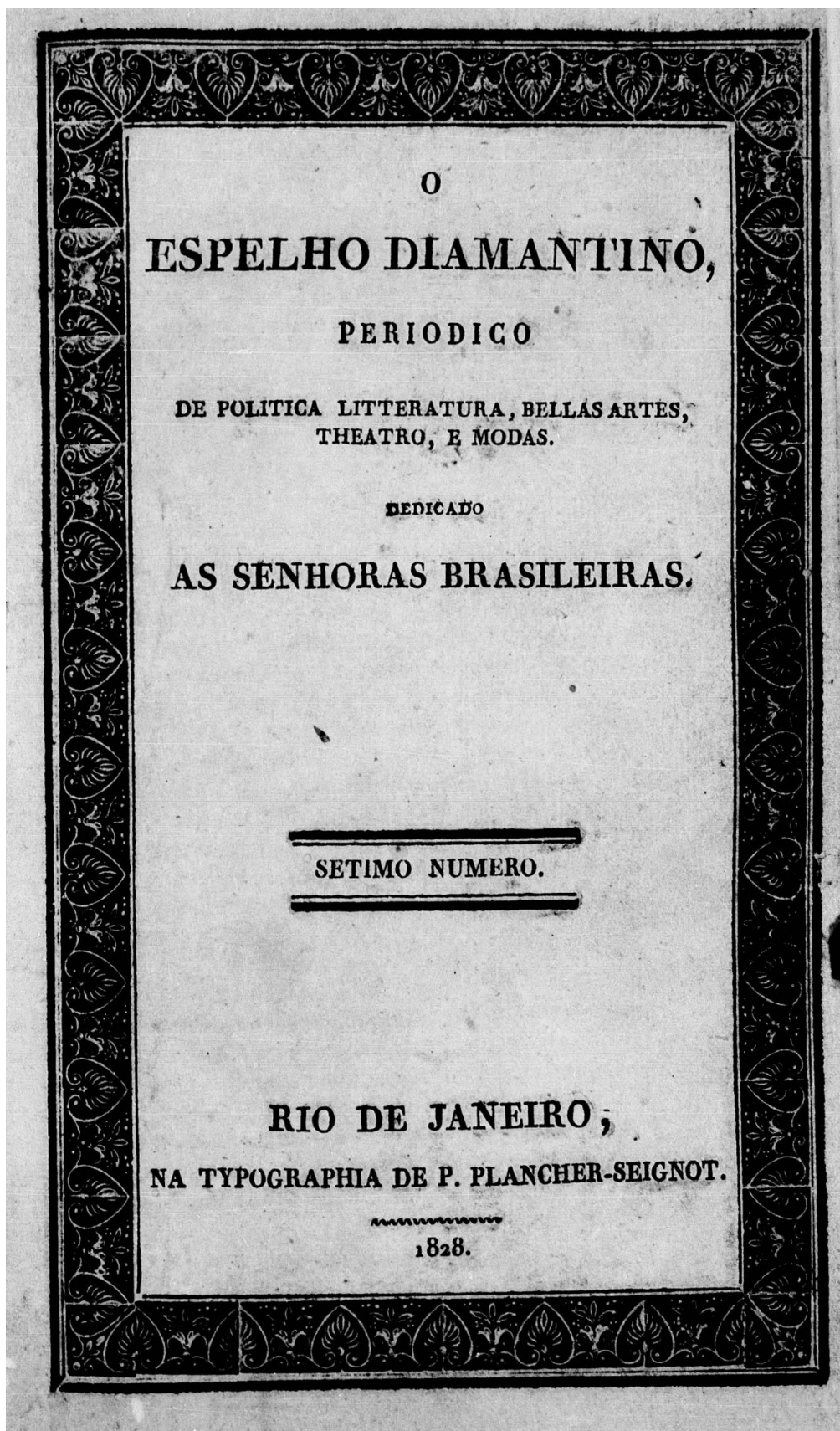


Figura 29: *O Espelho Diamantino*, nº7, 05/01/1828, Capa. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

3.1.3. Imprensa áulica: *O Censor Brasileiro e Honra do Brasil*

O governo de D. Pedro I no Brasil (1822-1831) foi marcado por uma aguda instabilidade política. Diversas atitudes do imperador fizeram do Primeiro Reinado um período de forte crise, como a dissolução da Assembleia Constituinte, em 1823; a outorga da Constituição de 1824; a intromissão de D. Pedro I, a partir de 1828, na questão da sucessão do trono de Portugal; o caso amoroso com a marquesa de Santos; entre outras. Apesar disso, Pedro I conseguiu sustentar seu reinado por quase uma década e, para isso, contou com o apoio de uma parte da imprensa que se identificava com os princípios que norteavam o seu governo.

Nelson Werneck Sodré, em *História da Imprensa no Brasil* (1977), destacou a importância dos periódicos nesse período, afirmando que “a imprensa definiria o quadro de agitações que culminaria em 1831”, ano no qual Pedro I abdicou do trono brasileiro em 7 de abril. Sodré classificou os periódicos em circulação no período em três grupos, os quais refletiam a realidade das forças políticas que se digladiavam no país naquele momento: esquerda liberal, direita liberal e direita conservadora, grupo do qual faziam parte os órgãos da imprensa áulica.²⁶³ Da tipografia do *Jornal do Commercio*, saíram à luz dois periódicos que integravam esse terceiro grupo. Foram eles o *Honra do Brasil Desafrentada de Insultos da Astréa Expadaxina* e *O Censor Brasileiro*, ambos publicados em 1828.

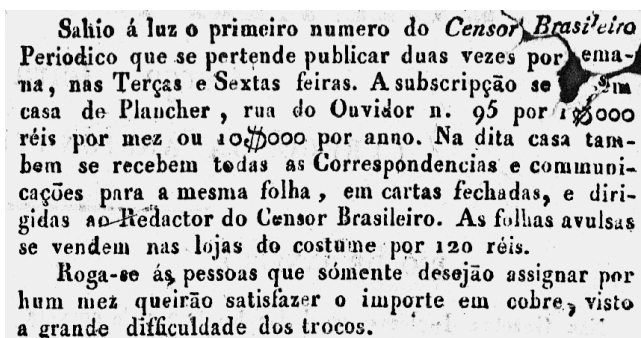
Os órgãos da imprensa áulica, no período, caracterizavam-se pela defesa da monarquia constitucional e do imperador D. Pedro I:

os áulicos preconizavam um governo fortemente centralizado nas mãos do imperador (em relação aos demais poderes políticos e às províncias), visto como único capaz de garantir a ordem e conter a anarquia. Não se tratava, porém, de absolutismo, mas de uma monarquia constitucional, amparada institucionalmente no Poder Moderador, no Senado vitalício e no Conselho de Estado, órgãos que deveriam servir como pontos de equilíbrio e contrapesos necessários aos elementos democráticos. Rejeitavam, então, a soberania do

²⁶³ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977. p. 127-128.

povo, as revoluções, o federalismo, a república e a democracia. Idolatravam Pedro I e a Constituição de 1824.²⁶⁴

O primeiro anúncio d'*O Censor Brasileiro*, divulgado pelo *Jornal do Commercio*, foi publicado em 1º de abril de 1828, data de estreia do periódico áulico. Apesar de se tratar do primeiro anúncio da folha no jornal diário, não foi explicitado o perfil do novo periódico, apenas foram informados dados referentes aos valores de assinatura (1\$000 réis por mês ou 10\$000 por ano), à periodicidade da folha (publicada duas vezes por semana, as terças e sextas) e ao local para realização das assinaturas e para o envio de correspondências (a própria casa impressora de Pierre Plancher).



Sahio á luz o primeiro numero do *Censor Brasileiro* Periodico que se pertende publicar duas vezes por semana, nas Terças e Sextas feiras. A subscrição se faz na casa de Plancher, rua do Ouvidor n. 95 por 1\$000 réis por mez ou 10\$000 por anno. Na dita casa tambem se recebem todas as Correspondencias e communicações para a mesma folha, em cartas fechadas, e dirigidas ao Redactor do *Censor Brasileiro*. As folhas avulsas se vendem nas lojas do costume por 120 réis.
Roga-se ás pessoas que sómente desejão assignar por hum mez queirão satisfazer o importe em cobre, visto a grande difficuldade dos trocos.

Figura 30: *Jornal do Commercio*, 01/04/1828, p.2, col. 2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

No entanto, o perfil conservador e áulico d'*O Censor Brasileiro* foi exposto em seu prospecto, publicado nas duas primeiras páginas do seu número inaugural:

À vista do exposto, fica claro que nesta Corte há falta de folhas Constitucionais, por isso empreendemos esta. Estranhos a todos os partidos que se possam conhecer, inimigos dos extremos sempre viciosos em política e só amantes da ordem, da moderação, e da justiça, ideias absolutamente servis, ou puramente democráticas não terão lugar neste periódico: nossos leitores acharão n'ele sempre uma linguagem verdadeiramente Constitucional. [...] Publicaremos por ora duas folhas por semana que sairão todas às terças e sextas.

²⁶⁴ BASILE, Marcello. Governo, nação e soberania no Primeiro Reinado: a imprensa áulica do Rio de Janeiro. In: CARVALHO, José Murilo de; PEREIRA, Miriam Halpern; RIBEIRO, Gladys Sabina; VAZ, Maria João (orgs.). *Linguagens e fronteiras do poder*. Rio de Janeiro: FGV, 2011. p. 182.

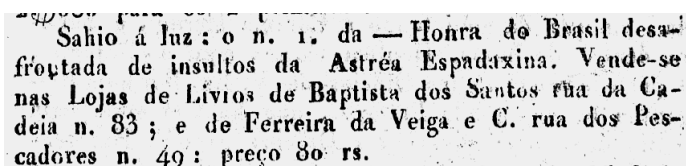
Felizes nós se os nossos trabalhos poderem fazer arreigar na nossa Pátria o respeito à lei, e o amor à Constituição e ao Imperador.²⁶⁵

O nome por traz de tal empreitada é desconhecido, com os artigos originais da folha sendo assinados apenas pela indicação “Sr. Redactor”. O jornal foi publicado no formato tradicional das folhas do período, apresentando quatro páginas divididas em duas colunas. *O Censor Brasileiro* foi publicado até 07 de julho de 1828, somando 23 números em três meses de existência. Em sua edição final, trouxe um artigo direcionado ao seu público no qual, além de anunciar o fim da folha, reafirmou sua posição política:

A nossa crítica tem sido sempre decente, nunca uma personalidade manchou as nossas páginas, nunca chamamos a vingança pública e o punhal do assassino sobre a cabeça dos nossos antagonistas; temos pregado a moderação, o esquecimento dos ódios e a reunião dos Partidos no único, virtuoso e legal, o dos amantes da Monarquia Constitucional Hereditária na Pessoa do Augusto Imperador Pedro I.²⁶⁶

Assim como observamos durante a publicação d’*O Espelho Diamantino*, o lançamento de novos números d’*O Censor Brasileiro* foi acompanhado de anúncios nas páginas do *Jornal do Commercio*. Além disso, a relação entre os dois periódicos também se deu com a publicação de artigos d’*O Censor Brasileiro* no jornal diário. Nos dias 19 e 20 de junho, por exemplo, a rubrica “Rio de Janeiro” do *Jornal do Commercio* foi preenchida com conteúdos originais da folha áulica.

Concomitantemente a publicação d’*O Censor Brasileiro*, foi impressa pela tipografia do *Jornal do Commercio* outra folha áulica. Em 10 de abril de 1828, o *Jornal* trouxe o primeiro anúncio do *Honra do Brasil Desafrentada de Insultos da Astréa Espadaxina*.



Sahio á luz : o n. 1. da — Honra do Brasil desafrentada de insultos da Astréa Espadaxina. Vende-se nas Lojas de Livros de Baptista dos Santos rua da Cadeia n. 83 ; e de Ferreira da Veiga e C. rua dos Pescadores n. 49 : preço 80 rs.

Figura 31: *Jornal do Commercio*, 10/04/1828, p.2, col. 2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

²⁶⁵ *O Censor Brasileiro*, 01/04/1828, p.2, col.1. Consultado na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

²⁶⁶ *O Censor Brasileiro*, 07/07/1828, p.1, col.1. Consultado na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

No anúncio acima, podemos observar que a venda da folha não era realizada na casa de Plancher, embora sua impressão fosse ali realizada. Também observamos que há bem menos informações que no anúncio referente ao lançamento *d'O Censor Brasileiro*. Podemos imaginar, por esses indícios, que a publicação deste seria uma iniciativa do próprio Plancher, enquanto o *Honra do Brasil*, sabidamente, tratava-se de um serviço a um particular.

O *Honra do Brasil* foi uma iniciativa de José da Silva Lisboa e circulou entre 08 de abril e 20 de agosto de 1828, totalizando 31 números publicados. Os números do periódico não tinham dia certo para serem publicados, porém saía a público em média duas vezes por semana. O periódico apresentava quatro páginas por número e numeração de páginas continuada. Diferente do habitual, a folha de Silva Lisboa não dividia em colunas o conteúdo nela publicado.

Como o nome indica, o *Honra do Brasil Desafrentada de Insultos da Astréa Expadaxina* se posicionava diretamente contra outro periódico do período, o *Astréa*, de Antônio José do Amaral e José Joaquim Vieira Souto, órgão de oposição ao governo de D. Pedro I, em um claro exemplo do sistema de leitura em que a um público destinavam-se variados tipos de periódicos. Embora o *Honra do Brasil* não apresentou um prospecto em seu número de estreia, nele já podemos observar o conteúdo que permeou todo o período de publicação da folha.

Ainda nos dias religiosos, continuou a efervescência das animosidades da notória Facção Cabalística com sua guerra de pena, começada na *Astréa* Nº 248 de 19 de Fevereiro do corrente ano: esta, redobrando as fúrias, chegou até o ponto de atacar nesse Periódico do 1º de Abril, diretamente à Sagrada Pessoa do Senhor D. Pedro I, arguindo, com insolência sem exemplo, o Decreto de 3 de Março, dirigido à Regência do Reino de Portugal e Algarves, em que Declara a Sua Glória e Ufanía em ser o Soberano do Brasil.²⁶⁷

Assim, naquele número, bem como nos números seguintes, o *Honra do Brasil* se dedicou à defender a soberania de D. Pedro I, bem como o uso de tal

²⁶⁷ *Honra do Brasil*, nº 1, 08/04/1828, p.1. Consultado na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

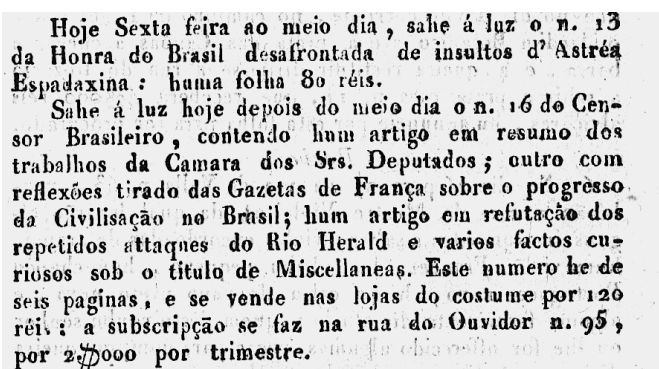
alcunha pelo imperador. Rebatendo, ao mesmo tempo, as críticas do *Astréa*, que considerava traidores aqueles que assim se referiam ao governante.

Logo é atrocíssima injúria aos Cidadãos Brasileiros, e insolentíssimo desacato ao Chefe da Nação, dizer e insistir a *Astréa*, com tanta garrulidade e ameaça, que é *crime de traição e usurpação da Soberania Nacional*, o atribuírem os Periodistas ao Imperador, e Elle arrogar-se, o nome de *Soberano*.

O Imperador é o verdadeiro PAI DA PÁTRIA, a quem a Nação Brasileira deve a *Proclamação da Independencia Nacional*, e isso de *Próprio Motu*, no Campo da *Piranga* [sic], sem prévia rogativa do Senado da Câmara do Rio de Janeiro, que antes, com o Povo da Capital, só lhe havia suplicado que *Ficasse no Brasil* [...]²⁶⁸

Apesar do *Astréa* ter sido o principal alvo dos artigos publicados por Silva Lisboa – que utilizava o pseudônimo Escandalizado -, o *Honra do Brasil* também confrontou em seus artigos outros periódicos de oposição ao governo, como o *Universal*, de Ouro Preto, de Bernardo Pereira Vasconcelos e o *Astro de Minas*, de São João d’El Rei, de Batista Caetano de Almeida. Como afirma Sodré, Silva Lisboa foi o “jornalista áulico mais fecundo daquele tempo” e ele “queria ser o único de passo certo no batalhão”.²⁶⁹

Como de hábito, o *Honra do Brasil* teve seus números frequentemente anunciados pelo *Jornal do Commercio*. Algumas vezes, acreditamos que por proximidade do tema das duas folhas, o anúncio da folha de Silva Lisboa veio junto ao anúncio d’*O Censor Brasileiro*, mas podemos perceber que este era anunciado com bem mais informações.



Hoje Sexta feira ao meio dia, sahe á luz o n. 13 da Honra do Brasil desafrontada de insultos d' Astréa Espadaxina: huma folha 80 réis.

Sahe á luz hoje depois do meio dia o n. 16 do Censor Brasileiro, contendo hum artigo em resumo dos trabalhos da Camara dos Srs. Deputados; outro com reflexões tirado das Gazetas de França sobre o progresso da Civilisação no Brasil; hum artigo em refutação dos repetidos attaqnes do Rio Herald e varios factos curiosos sob o titulo de Miscellaneas. Este numero he de seis paginas, e se vende nas lojas do costume por 120 réis: a subscrição se faz na rua do Ouvidor n. 95, por 2\$000 por trimestre.

Figura 32: *Jornal do Commercio*, 30/05/1828, p.3, col. 2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

²⁶⁸ *Honra do Brasil*, nº 2, 12/04/1828, p.3 [p.7, considerando a numeração continuada]. Consultado na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

²⁶⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit. p.127.

Não encontramos outros periódicos áulicos publicados pela tipografia do *Jornal do Commercio* nos acervos por nós consultados. Muito provavelmente não houve outros, pois, como afirma Felix Pacheco na biografia de Pierre Plancher, o tipógrafo, que havia se aproximado de D. Pedro I na ocasião de sua chegada ao Brasil, afastou-se do imperador quando ele enveredou pelo absolutismo.²⁷⁰ Assim, sua casa impressora também deve ter fechado as portas para novas publicações que objetivassem defender D. Pedro I.

²⁷⁰ PACHECO, Felix. Op. cit. apud. SANDRONI, Cícero. Op. cit. p. 51.

TERÇA FEIRA
4 de Abril 1828.

O CENSOR BRASILEIRO.

N. 1.

A subscrição se faz em casa de P. Plancher, rua do Oavidor N. 95, a rasão de 1:000 rs. por mez, ou 10:000 rs. por anno. As folhas avulsas se vendem nas lojas do costume; todas as correspondencias e communicações devem ser dirigidas em carta fechada á loja de P. Plancher.

« . . . je n'ai en écrivaint, qui l'intérêt qui doit nous animer tous, celui de voir mes concitoyens obéir aux lois, et respecter la morale publique, et résister à l'oppression.

Escrevo levado do interesse que deva animar a todos de ver meus concidadãos obedecer á Ley, respeitar a moral publica, e resistir á oppressão.

Do Censor EUROPEO.

PROSPECTO.

He dogma politico que não pôde haver segurança, nem a bem entendida liberdade a que os Povos tem hum direito inaufervel, se os mesmos Povos não obedecerem a ley, respeitarem a moral publica, e fizerem huma resistencia licita contra a oppressão dos agentes do Poder: e he igualmente certo que estes meios senão pôdem obter senão pela força irresistivel da opinião publica. Daqui vem a necessidade de se dar a esta huma direcção que seja capaz de conduzir os Povos aos fins sobreditos, porque ella he a rainha do mundo, que move a todos os espiritos segundo ella mesma he dirigida.

Dous são os caminhos unicos que levão as nações ao estado de opinião publica, que he para dezejar; a educação, e os periodicos; porque só por estes dous conductos pôdem os Povos aprender a conhecer, e entender a expansão, e os limites dos seus direitos, e os verdadeiros, e solidos principios de ordem, moderação, e justiça, sem o conhecimento, e pratica dos quaes a ley nunca será executada; o Governo não terá a firmeza, energia, e força, de que necessita, a moral publica será depravada, e os direitos individuaes do Cidadão estarão sempre em perigo de serem offendidos impunemente.

Deixando á nossa Augusta Assembléa, ao Governo, e ao tempo a obra de huma boa educação, compete aos periodicos com as suas luzes dirigir a opinião publica no verdadeiro sentido. Todos quantos apparecerem sempre serão poucos; e nós podemos affirmar que esta Capital não conta ainda todos quantos lhe são necessarios. A Gram-Bretanha possui mais de trezentas folhas periodicas; a França vê cada dia augmentar o numero das suas, e o tamanho das já existentes. A America do Norte conta mais de mil periodicos que vivificão os membros da sua união.

O Brasil recém-entrado na carreira Constitucional não está ainda assaz abastecido deste alimento politico: e para provar-se esta verdade bastará comparar as folhas periodicas de que necessita huma nação livre, com as que se publicão nesta Corte. Hum Povo Constitucional precisa:

1.º Ter conhecimento por via da Imprensa de todas as leys, dos debates, e deliberações das Camaras Legislativas, e dos Actos principaes de Administração; dos negocios assim nacionaes, como estrangeiros, quando da sua publicidade se não pôde temer perigo: a folha que desempenhar este objecto será Gazeta Official.

2.º Para discutir, e analizar as publicações Officiaes com hum sentido fiel ao Governo para servir de apoio a sua acção: a folha que se occupar desta tarefa será a Ministerial.

3.º Ver pesar e

oposição os Actos

das Camaras Legislativas, e os do Governo a fim de illuminar os Membros daquelles, e os Ministros, e Agentes secundarios deste, para que a tentação da arbitrariedade os não precipite, ou a ignorancia os não engane, e não possam por mal pensadas leys as primeiras, e por sua má administração os segundos levar a pique a não do Estado, sem ter quem lhes grite alerta! A folha que tomar a si esta importante tarefa, senão exceder os seus justos limites, terá a honra de ser Gazeta da opposição.

4.º Lêr hum relatorio fiel das rasões da Gazeta da opposição, e da Ministerial, que offereça em resultado huma opinião imparcial entre os dous partidos censurando os Actos do Governo quando elles o merecerem, e combatendo em sua defeza, as invectivas da opposição quando estas forem injustas que examine, e analise todos os actos dos Empregados Publicos que chegarem ao seu conhecimento; os tractados, e actos com os estrangeiros que podem interessar á Nação, louvando o que merecer louvor, e censurando o que for digno de censura: a folha que a isto se propozer será Gazeta de critica transcendente.

5.º Finalmente ser instruido, e entretido com publicações sobre ramos particulares de utilidade, ou curiosidade publica, e a esta Gazeta darão o nome que quizerem.

Nesta Corte o Diario Fluminense tem a prerogativa de Gazeta Official; porque só elle tem o privilegio de receber das Secretarias d'Estado hum pequeno numero de peças Officiaes, e algumas vezes tem feito ao mesmo tempo de Ministerial, admitindo correspondencias em favor dos Ministros: mas se a verdade pôde dizer-se, elle não he, nem huma coisa nem outra, porque não publica tudo quanto Officialmente cumpria que se publicasse, nem sustenta o Governo como este necessita de ser sustentado.

A Astréa quer ter o nome de papel da opposição, e forçoso he confessar, que até certa época pareceu ser este o seu fim, e mereceu o conceito de muita gente boa: ha muito tempo porém que abandonou a importante, e honrosa tarefa de analisar, e censurar os Actos da Administração entregando-se á polemicas odiosas, traducções regicidas, proprias só de quem quer preparar huma revolução, e não de quem dezeja sustentar, e tornar firme o systema Constitucional que o grave, e digno Brasil adoptou: também principiou em hum tom sério, hoje vai tomando a linguagem da Gazeta, e se não tornar ao que foi, ha de vir a deixar de ser o que he.

Até agora não se pôde bem advinhar o fim á que a autora se dirige, e parece que ella mesma ainda o não conhece bem: o publico espera que o Sol esteja mais alto no seu Orisonte para assentar huma opinião sobre o seu

Figura 33: O Censor Brasileiro, nº1, 1º/04/1828. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

Nº 3

HONRA DO BRASIL

DESAFRONTADA DE INSULTOS

D A

ASTRÉA ESPADAXINA!

N.º 1.

Ut imperium evertant, libertatem praeferunt. — Falsó libertati vocabulum portendi ab his, qui, privatim degeneres, in publicum exitiosi, nihil spei nisi per discordias habent.

TACITEUS.

ERA de crer, que, passada a força da estação canicular, que esaldou o cerebro dos phantasiosos, que se querem inculcar *Importantes*, e *Guardas da Constituição*, houvesse nesta Corte, ao menos na Semana Santa, a que no funesto periodo do Governo Feudal se chamava — *Tregoa de Deos*, em que se ordenava e fazia *Pausa de Hostilidades* entre os Ferrabrazes e Espadaxius do tempo. Não succedeo assim no Rio de Janeiro, por más artes de Escribas, que se querem assemelhar aos Salvagens habitantes do *Rio Doce*, e que parecem só ter complacencia, como prototypo de boa governança, na Soberania Nacional dos *Botecudos*.

Ainda nos dias religiosos continuou a effervescencia das animosidades da notoria Facção Cabalística com sua guerra de penna, começada na *Astréa* N.º 248 de 19 de Fevereiro do corrente anno: esta, redobrando as furias, chegou até o ponto de attacar nesse Periodico do 1.º de Abril, directamente á Sagrada Pessoa do Senhor D. Pedro I., arguindo, com insolencia sem exemplo, o Decreto de 3 de Março, dirigido á Regencia do Reino de Portugal e Algarves, em que Declara a *Sua Gloria e Ufanía* em ser o *Sobrano do Brasil*.

Comprazia-me até agora na longanimidade deste Principe Immortal, MARTYR da Honra Brasileira, que, Firme na observancia do Systema Constitucional, deixava ao imperio das Leis o pôr-se cobro á tão desmandados desaforos. Como forão logo rebatidos pelo zelo dos bons Cidadãos, guardei silencio; só doendo-me de que tão enorme irregularidade acontecesse na Capital, não admitindo desculpa ainda em Arraial o mais rustico. Mas não posso já conter o soffrimento, notando a audacia dos que, para illudirem o vulgo, se prevalecem da moderação de hum governo paternal, que na sua Esphera Superior olha com indifferença para corriqueiras papelladas, desprezadas e desprezíveis, dos imitadores das cigarras, que levão a infatuação ao extremo de presumirem, que, esturgindo os ouvidos do povo, tambem amedrontão o Sol, que lhes crésta as cabeças, consentindo-lhes a vida ephémica.

Se o Redactor da *Astréa* se contentasse de fazer o seu *Jornal dos Despiques*, (em que não entra grão de util Litteratura Nacional para instrucção do Povo), alardeando de *Almocreve de Invectivas*, tendõ em muito preço e lucro, o officio de Delator de homens Publicos e particulares, *abarrotado* de sortimento de forjadas, ou fundidas, quimeras, poder-se-hia deixar-lhe *gastar seu papel e tinta impunemente*, e referir contos de lobis-homens, até que encontrasse o *filho da velha*, ou tivesse a sorte do petulante travesso, que apedrejou o corcunda Esôpo, e foi em saltos de prazer, com triumpho barato, a repetir a galanteria á quem não lhe levou em conta a malignidade. Mas,

*

Figura 34: *Honra do Brasil*, nº1, 08/04/1828. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

3.1.4 Imprensa para imigrantes: *L'Independant*, *L'Echo de L'Amerique du Sul* e *The Rio Herald*

No início do século XIX, o comércio era uma das grandes forças da sociedade do Rio de Janeiro, capital do país desde 1763, e parcelas da população de origem estrangeira se destacavam nessas atividades, como os portugueses, naturalmente, além dos ingleses e os franceses. Da presença e atuação estrangeiras no país, surgiram jornais mantidos por essas comunidades atuantes na sociedade destinados para seus membros. Da tipografia do *Jornal do Commercio*, durante o período em que estava sob a direção de seu fundador Pierre Plancher, saíram à luz três periódicos destinados ao público imigrante no país: *L'Independant* e *L'Echo de L'Amerique du Sul*, publicados em língua francesa, e *The Rio Herald*, escrito em língua inglesa.

O primeiro jornal em língua estrangeira publicado pela tipografia de Plancher foi também aquele de menor duração. *L'Independant, feuille de commerce, politique et littéraire* somou apenas dez números, publicados entre 21 de abril e 24 de junho de 1827. O formato da publicação não diferia muito dos outros jornais que circulavam no período. *L'Independant* apresentava quatro páginas por número e conteúdo dividido em duas colunas. O periódico teve frequência semanal, saindo a público aos sábados.

No primeiro número, de 21 de abril de 1827, podemos observar os valores de assinatura da folha e uma estratégia de divulgação curiosa apresentada em uma nota introdutória. As assinaturas do periódico podiam ser realizadas para os intervalos de três meses, seis meses ou um ano, pelos valores de 1\$600, 2\$800 e 4\$800 réis, respectivamente. Quanto à divulgação do jornal, a nota informava que um grupo de leitores havia recebido o exemplar de estreia do *L'Independant* gratuitamente e convidava aqueles que desejassem continuar a receber a folha para realizar a assinatura. Observamos, nessa estratégia, a existência de um grupo provável de leitores em língua francesa no Rio de Janeiro do XIX. Infelizmente, o número de leitores que receberam o jornal gratuitamente não foi informado.

Nesse número, também foi publicado um *prospectus* no qual se justificava a publicação de um jornal redigido em francês no Rio de Janeiro. O autor do texto destacou a importância da língua francesa no período, “un idiome dont l’universalité est généralement reconnue”, e a classificou como “la langue de cette partie supérieure de la population”. O prospecto ainda afirmava que muitos países na Europa e na América já possuíam folhas em língua francesa e defendia a sustentabilidade de publicação semelhante no Rio de Janeiro pela cidade ser a “veritable métropole de l’Amérique du Sud”. O Rio de Janeiro, segundo o autor do texto, abrigava um dos mais importantes portos das rotas comerciais entre a Europa e a Ásia, recebendo homens de todo o mundo. Apesar do título do jornal sugerir certa imparcialidade, o prospecto terminou sinalizando a posição política do periódico:

L'INDEPENDANT, rédigé dans des principes sagement monarchiques et franchement constitutionnels, sera, nous l'espérons, une arène toujours ouverte à cette polémique libre mais décente; et les vérités utiles qu'il servira, par ce moyen, à développer et à répandre, seront une nouvelle preuve qu'en publiant une feuille française, le propriétaire n'a pas eu seulement en vue son intérêt personnel.²⁷¹

O conteúdo da folha não se diferenciava muito dos demais periódicos informativos do período. A folha trazia em suas primeiras páginas notícias locais sob o título “Rio de Janeiro” e, em seguida, notícias do exterior na seção “Nouvelles étrangères” – às vezes, ao invés desse título, aparecia apenas a indicação do país sobre o qual a notícia publicada se referia. Destacava-se ainda a rubrica “Théâtre Impérial”, presente a partir do segundo número do *L'Independant* e constante até o último número do periódico. Nela, comentava-se as representações do Imperial Theatro.

O décimo e último número do *L'Independant* saiu a público em 24 de junho de 1827 e o fim prematuro da folha esteve diretamente ligado ao lançamento de um novo periódico escrito em francês na Corte. O primeiro número do *L'Echo de L'Amérique du Sul, journal politique, commercial et littéraire* foi publicado em 30 de junho, um sábado, dia no qual era publicado seu

²⁷¹ *L'Independant*, 21/04/1827, p.1, col.2. Consultado na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

antecessor, e expôs um acordo entre o editor responsável pela nova folha e Pierre Plancher.

O aviso assinado por E. Sevene informava, primeiramente, que *L'Independant* não seria mais publicado. Em seguida, informava que os assinantes da folha receberiam os dois primeiros números do novo periódico a fim de completar o primeiro trimestre de assinatura do *L'Independant*. Por fim, Sevene declarava ser o único editor, proprietário e redator do *L'Echo de L'Amerique du Sul*, deixando claro que Pierre Plancher não estava relacionado a redação do novo periódico.

O *L'Echo de L'Amerique du Sul* seguiu o formato comum das folhas do período com números de quatro páginas e conteúdo dividido em duas colunas. A nova folha saía a público aos sábados e às quartas-feiras e os valores de assinatura eram de 2\$400 réis para três meses, 4\$800 réis para seis meses e 9\$600 réis para um ano.

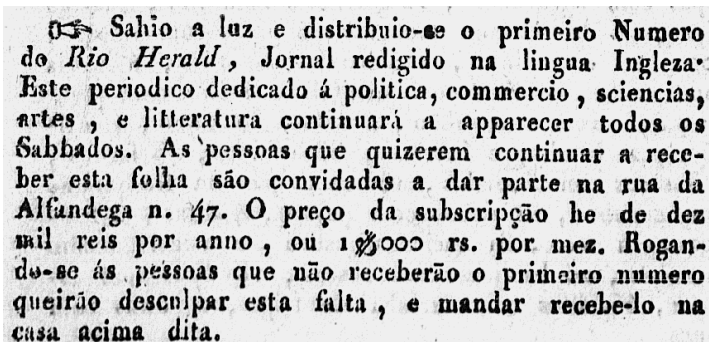
O primeiro número do *L'Echo de L'Amerique du Sul*, como de praxe, trouxe um prospecto no qual se apresentou os objetivos da nova folha. O texto iniciou exaltando os movimentos de independência ocorridos na América do Sul e, em seguida, indicou que o *L'Echo de L'Amerique du Sul* visava sustentar os princípios proclamados pelos governantes dessas novas nações e promover as vantagens de um governo representativo, elogiando a generosidade de D. Pedro I para com a nação brasileira.

O prospecto ainda elencou o variado leque de assuntos que a nova folha pretendia abranger, como os trabalhos da assembleia legislativa do Brasil, os despachos oficiais do governo, o progresso do conhecimento na sociedade brasileira, o comércio, a escravidão, a navegação, entre outros. Afirmou também que a visão do periódico não se limitaria a “vasta história do Brasil”, mas trataria de outros países sul-americanos, como Colômbia, Peru, Chile e Paraguai. Por fim, o prospecto anunciou que o *L'Echo de L'Amerique du Sul* também publicaria biografias de homens que desempenharam importante papel nos movimentos de independência de seus países.

O *L'Echo de L'Amerique du Sul* circulou até 26 de março de 1828, totalizando 74 números. No entanto, apenas os primeiros 22 números do jornal foram publicados pela tipografia de Pierre Plancher. A partir do número 23, publicado em 19 de julho de 1827, a folha passou a ser publicada pela casa

impressora de René Ogier, localizada na rua do Ouvidor, nº 156. A mudança de tipografia, além de indicada ao final da quarta página, pôde ser notada na diagramação da primeira página, principalmente na mudança da fonte gráfica utilizada no título do jornal, e nos títulos de seções frequentes do periódico. As seções “Brésil” e “Nouvelles Étrangères” tiveram seus nomes modificados para “Intérieur” e “Extérieur”, à moda francesa.

Apenas em 8 de março de 1828, a tipografia de Pierre Plancher voltou a publicar um jornal em língua estrangeira. Dessa vez, uma folha escrita em inglês, intitulada *The Rio Herald*, idealizada por Thomas B. Hunt, sócio de Plancher na ocasião de lançamento do *Jornal do Commercio*. Como, nesse momento, o *Jornal* já estava em circulação, encontramos o anúncio de lançamento da nova folha no periódico diário:



Sahio a luz e distribuio-se o primeiro Numero do *Rio Herald*, Jornal redigido na lingua Inglesa. Este periodico dedicado á politica, commercio, sciencias, artes, e litteratura continuará a apparecer todos os Sabbados. As pessoas que quizerem continuar a receber esta folha são convidadas a dar parte na rua da Alfandega n. 47. O preço da subscrição he de dez mil reis por anno, ou 1\$000 rs. por mez. Rogando-se ás pessoas que não receberão o primeiro numero queirão desculpar esta falta, e mandar recebe-lo na casa acima dita.

Figura 35: *Jornal do Commercio*, 11/03/1828, p.2, col. 1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

Desse primeiro anúncio, podemos tomar nota da periodicidade e dos valores para assinatura do novo periódico. *The Rio Herald* era publicado aos sábados e oferecia planos de assinatura nos valores de 1\$000 por mês ou 10\$000 por ano. Ao observar os números do jornal disponibilizados pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, vemos também que o jornal era disponibilizado avulso, pelo valor de 320 réis e, como outras folhas do período, apresentava quatro páginas por número e seu conteúdo dividido em duas colunas.

Em seu primeiro número, publicado em 08 de março de 1828, sob a indicação “To the public”, informou o plano do periódico. Nesse texto, os editores do *The Rio Herald* prometeram a publicação de artigos úteis e

científicos, mas ressaltaram que a atenção do periódico seria particularmente dirigida a informações políticas estrangeiras e nacionais. Eles afirmaram ainda que desejavam estabelecer o semanário sobre princípios independentes e que as páginas do *The Rio Herald* estava à disposição de todos os partidos. Afirmaram, entretanto, que não aceitariam artigos que tratassem de temas religiosos controversos ou tendências imorais. Para justificar a publicação do periódico em língua inglesa, destacaram a expansão do conhecimento e do estudo da língua no país.²⁷²

No segundo número, publicado em 15 de março, os editores do *The Rio Herald* voltaram a se dirigir a seu público, dessa vez na última página. Eles se desculparam pelo “imperfeito estado” no qual o primeiro número da folha chegou aos leitores. Percebemos que as imperfeições as quais eles se referiram são quanto à escrita do jornal, pois em seguida eles afirmaram que a perfeição que eles desejavam dificilmente seria alcançada com compositores que não entendiam uma palavra de inglês.²⁷³

The Rio Herald foi publicado até 5 de julho de 1828, totalizando apenas 18 números. O motivo para o fim prematuro da folha parece ter sido a falta de assinantes, como apontou texto publicado na seção “Miscellania” do *Jornal do Commercio*, em 21 de outubro de 1828. O texto trazia o diálogo entre dois homens que comparavam diários do Rio de Janeiro e de Buenos Aires em uma botica.

[...] olha compara estes Diários de Buenos Aires e estes nossos (e ao mesmo tempo o orador puxou dois maços, um de papeis argentinos e outros dos desta Corte) e faça a comparação. Não vê de quanto os de Buenos Aires excedem os nossos em tamanho, arranjo, ordem e estilo; não vê que eles tem um jornal inglês, enquanto o *Rio Herald*, que quiseram naturalizar nesta Corte não tem achado o número de subscritores para se conservar?²⁷⁴

Não encontramos outros periódicos publicados em língua estrangeira que tenham saído a público pela tipografia do *Jornal do Commercio*. No entanto, a imprensa destinada aos imigrantes que viviam no país continuou a

²⁷² *The Rio Herald*, 08/03/1828, p.1, col. 1. Consultado na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

²⁷³ *The Rio Herald*, 15/03/1828, p.4, col. 2. Consultado na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

²⁷⁴ *Jornal do Commercio*, 21/10/1828, p.1, col.1-2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

se desenvolver ao longo dos anos. Ilka Stern Cohen, analisando esse tipo de produção no estado de São Paulo, contou mais de 30 títulos de revistas e jornais em língua estrangeira circulando em 1930.²⁷⁵

²⁷⁵ COHEN, Ilka Stern. Op. cit. p. 118.



Figura 36: *L'Independant*, nº1, 21/04/1827. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

SAMEDI 30 JUIN 1827. 244, 19 NUMÉRO 1.^{er}

L'ÉCHO DE L'AMÉRIQUE DU SUD,
JOURNAL POLITIQUE, COMMERCIAL ET LITTÉRAIRE.

Prix de l'Abonnement : 2,400 Réis pour trois mois, 4,800 Réis pour six mois, et 9,600 Réis pour l'année.
Ce Journal paraît les Mercredi et Samedi. — Le Bureau est Rue DROITZ, N.º 11.

Il n'y a qu'un écho en Amérique, lorsqu'on
prononce les mots de Patrie et de Liberté.
(Général Fay.)

AVIS.

Par suite des Conventions faites entre M. P. Plancher et l'Éditeur, l'Indépendant cesse de paraître. M.M. les Abonnés recevront les deux premiers Numéros de l'Écho pour compléter le premier trimestre de l'Abonnement, et ainsi de suite.

Les nouveaux Souscripteurs qui désireront recevoir les dix Numéros de l'Indépendant, les trouveront toujours chez M. Plancher et au bureau du Journal.

Je saisis cette occasion pour déclarer que M. Plancher est entièrement étranger à la rédaction de l'Écho de l'Amérique du Sud, qui paraîtra les Mercredi et Samedi de chaque Semaine, et dont je suis Éditeur-Propriétaire et Rédacteur seul Responsable.

E. SEVENE.

PROSPECTUS.

Depuis que l'Indépendance a été unanimement proclamée sur le vaste continent de l'Amérique du Sud; depuis que dans cette belle partie du Nouveau Monde la force des armes a prononcé en faveur du vœu des peuples et du bon droit, les gouvernements nouveaux qui ont pris la place des métropoles ont senti la nécessité de s'entourer des lumières de la civilisation pour former l'esprit des citoyens à des institutions libérales. Les feuilles périodiques animées du souffle créateur de la liberté de la presse ont répandu les bienfaits de l'instruction; leur multiplicité toujours croissante atteste les puissants avantages de cette même liberté, et montre en même temps que les gouvernements nouveaux de l'Amérique du Sud, en permettant le libre développement de la pensée, sont entrés dans l'unique voie de salut qui garantit leur existence future.

En publiant une feuille périodique en français, notre intention est de soutenir les principes de législation que les nouveaux gouvernements de l'Amérique du Sud ont proclamés dès l'ère de leur indépendance. Notre but est de développer dans la sphère de ses innombrables avantages, le gouvernement représentatif, présent de la munificence de S. M. don Pedro à la nation Brésilienne. Notre zèle et nos efforts n'oublieront rien pour remplir dignement des devoirs d'une si haute importance.

Rio de Janeiro, point central de relations entre l'Amérique du Nord, l'Europe, l'Inde et l'Océan pacifique, nous ouvre des communications faciles avec ces pays; le nombre et la rapidité de ces communications sont d'un augure favorable au succès de notre entreprise. Puiser à des sources accréditées les nouvelles politiques qui excitent au Brésil l'intérêt et la curiosité; publier les discours prononcés dans les assemblées législatives de l'Europe et des États-Unis, remarquables par l'importance des questions, ou par leur nouveauté; exposer avec une saine critique les documents de l'histoire contemporaine; fournir avec empressement les notions qui intéressent le commerce de la France, de l'Angleterre et des autres nations avec le Brésil; voilà les premiers essais que nous tenterons en entrant dans la carrière. Mais ces essais ne s'arrêteront point à transmettre au Brésil, qui est devenu notre Patrie adoptive, les nouvelles et les écrits que nous emprunterons à notre mère-patrie; nous nous efforcerons de payer un tribut de même nature à la France qui répand sur le monde entier les bienfaits de sa civilisation, et dont la langue et les ouvrages littéraires sont devenus d'un usage universel.

Le Brésil, sous le gouvernement représentatif, est appelé à jouer un rôle important dans l'histoire des nations du continent américain. C'est du sein de sa capitale que son Auguste Monarque a écrit cette charte constitutionnelle destinée à régénérer une nation de l'Europe; charte dont l'apparition inattendue sera citée comme un phénomène dans les âges futurs, tandis qu'à l'époque actuelle elle provoque en Europe l'enthousiasme des amis éclairés des monarchies constitutionnelles. (1) Si cette grande et belle partie du continent américain marque avantageusement sa place dans l'histoire contemporaine, elle offre en même temps un vaste champ d'observations sur tout ce qu'elle renferme dans son sein, soit que l'on considère les richesses de son sol, de ses mines d'or et de diamants, soit que l'on examine les innombrables variétés de ses productions agricoles. Bien que la France possède une masse de connaissances sur tout ce qui intéresse le commerce, l'industrie et l'agriculture du Brésil, nous croyons de notre devoir de fournir des exposés fidèles sur ces trois sources de la félicité publique: heureux si nous parvenons à rectifier par des notions exactes et vraies, quelques erreurs qui se sont glissées dans l'esprit de nos compatriotes sur la richesse des états américains et sur les dérangements de fortunes que les changements politiques ont occasionnés.

Notre devoir est aussi de publier successivement plusieurs articles sur des questions d'intérêt général. La revue des travaux de l'assemblée législative du Brésil, dont l'omnipotence doit être proclamée hautement dans un gouvernement représentatif, tiendra dans chacun de nos numéros une place que lui disputeront quelquefois les dépêches officielles du gouvernement. A côté de cette revue intéressante, nous placerons une série d'articles sur le Brésil: nous examinerons successivement l'état de l'instruction publique, les progrès des connaissances, l'esprit public, l'état du commerce français, anglais et portugais; les améliorations que réclame l'agriculture, l'esclavage des noirs, la navigation des fleuves, enfin les modes divers de colonisation.

(1) Les journaux Anglais de l'opposition, et les journaux Français, le Constitutionnel et le Journal de Commerce contiennent de nombreux articles en faveur de la Charte Constitutionnelle octroyée par Don Pedro au Portugal.

Figura 37: L'Écho de l'Amérique du Sud, n.º1, 30/06/1827. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.



Figura 38: *The Rio Herald*, nº1, 08/03/1828. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

3.1.5 “Simplicios”: *O Simplicio da Roça e O Simplicio Poeta*

Em nosso levantamento dos periódicos publicados pela tipografia do *Jornal do Commercio*, mais uma vez nos deparamos com uma publicação que expõe a diversidade do material ali produzido, bem como a disposição de Pierre Plancher para testar novos gêneros na imprensa. De sua casa impressora, saíram um grande número de obras sérias e esse perfil também pôde ser observado nos periódicos ali impressos: folhas médicas, políticas, informativas, etc.. No entanto, em 1831, Plancher fez uma aposta no gênero cômico. Por sua iniciativa, publicou-se, em 6 de novembro de 1831, o primeiro número d’*O Simplicio da Roça*.

O Simplicio da Roça, ou jornal do domingo, como afirma Rafael Loureiro de Almeida, “era centrado no entretenimento ficcional, deixando o discurso político para as entrelinhas e os espaços secundários, ou seja, o inverso do que se praticava comumente”.²⁷⁶ A folha fazia parte dos periódicos denominados “joco-sérios” que apostavam na ambiguidade e no humor para realizar críticas a capital do império.²⁷⁷

Como explícito em seu subtítulo, *O Simplicio da Roça* era publicado aos domingos. O tamanho de suas páginas era menor que o habitual dos jornais diários do período, porém cada número seu apresentava de oito a dez páginas. A numeração dessas páginas era contínua, ou seja, o número 2 iniciou com a página 9, e assim por diante. O número avulso da folha era vendido por 80 réis, mas era possível assinar a publicação por 4\$000 réis por semestre ou 6\$000 réis por ano.

Pierre Plancher lançou *O Simplicio da Roça* visando um nicho de mercado criado pelo seu antecessor, *O Simplicio*. Este periódico joco-sério começou a ser publicado pela tipografia do Astréa em janeiro de 1831. No entanto, após três números saídos a público naquele mês, passou a apresentar frequentes irregularidades. O quarto número d’*O Simplicio*, por exemplo, saiu em 18 de fevereiro, enquanto o número seguinte foi lançado apenas em 2 de

²⁷⁶ ALMEIDA, Rafael Loureiro de. *Martins Pena: A tragicomédia de um dramaturgo brasileiro*. 2016. 212 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2016. p. 76.

²⁷⁷ AUGUSTO, José Carlos. *Um provinciano na corte: As aventuras de “Nhô-Quim” e a sociedade do Rio de Janeiro nos anos 1860-1870*. 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008. p. 87.

abril. Outro exemplo da irregularidade da folha cômica do Astréa foi observado entre os números oito e nove, publicados, respectivamente, em 31 de outubro e 17 de dezembro de 1831. Plancher, então, buscou suprir a demanda desse público, garantindo regularidade semanal e doses mais fortes de humor.²⁷⁸ O público, por sua vez, respondeu transformando *O Simplicio da Roça* em um enorme sucesso, pelo menos é o que dizem os anúncios divulgados no *Jornal do Commercio*.

O primeiro número d'*O Simplicio da Roça* foi anunciado no *Jornal do Commercio*, em 2 de novembro de 1831, com grande pompa. Como podemos observar, houve nítida intenção de relacionar o novo periódico ao seu antecessor. Todavia vale ressaltar que *O Simplicio* do Astrea não havia “morrido” na ocasião de lançamento do novo membro da família dos Simplicios, porém o nascimento do concorrente não o levou a solucionar seus problemas de irregularidade.

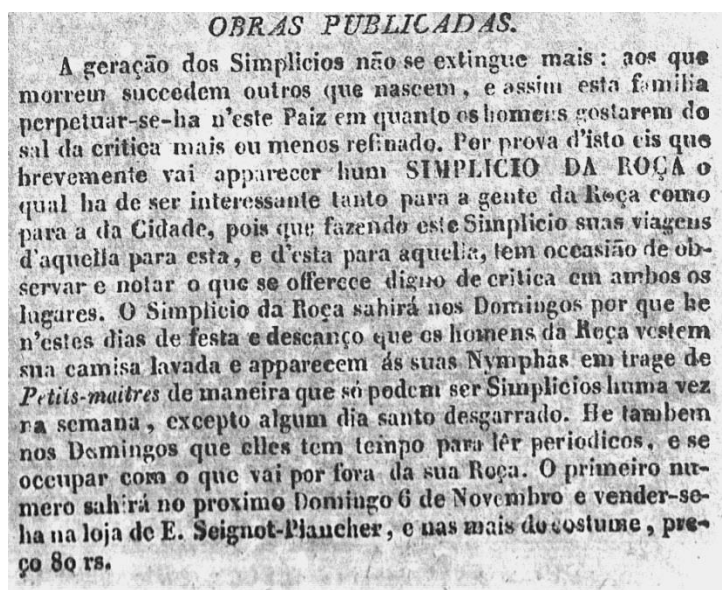


Figura 39: *Jornal do Commercio*, 02/11/1831, p. 1, col. 2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

No sábado, 5 de novembro, foi anunciado novamente o lançamento do novo periódico. Dessa vez, de modo mais simples e objetivo: “Amanhã, domingo, sairá o 1º nº do *Simplicio da Roça*, ou *Jornal dos Domingos*; preço 80rs”. A partir de então, foi constante a presença de anúncios sobre novos

²⁷⁸ Cf. ALMEIDA, Rafael Loureiro de. Op. cit. p.76.

números da folha no *Jornal do Commercio*, principalmente aos sábados, indicando o lançamento de um novo número para o dia seguinte, e às segundas-feiras, anunciando o número d'*O Simplicio da Roça* do dia anterior. O *Jornal do Commercio*, neste período, era publicado de segunda a sábado.

A divulgação dos novos números d'*O Simplicio da Roça* costumava trazer uma síntese dos assuntos que seriam tratados na nova edição. Além disso, os anúncios muitas vezes reforçavam o caráter cômico da publicação. No anúncio de 26 de novembro de 1831, por exemplo, afirma-se que o nº 4 do jornal trazia “anedotas que farão rir a quem tem boca”.²⁷⁹ Em 21 de julho de 1832, outro anúncio afirmou que o novo número, o 38, “contentará aos que não tem rido bastante como eles queriam nos números antecedentes, de maneira que antes de o lerem será preciso que os leitores assegurem bem os queixos para não os deslocar nas gargalhadas”.²⁸⁰

Outros anúncios, por sua vez, além de informar os leitores do jornal sobre o lançamento de um novo número d'*O Simplicio da Roça*, ostentavam o sucesso da nova folha. Em 09 de dezembro de 1831, por exemplo, Plancher anunciou a reimpressão do nº 5 d'*O Simplicio da Roça* devido a todos os exemplares impressos daquele número terem sido vendidos no espaço de três dias. Na ocasião, ele afirmou que o jornal era “cada vez mais procurado”. Entre esses anúncios, contudo, chama atenção um divulgado em 14 de janeiro de 1832, que informou o lançamento do nº 11 do periódico e destacou o sucesso da folha entre as mulheres.

²⁷⁹ *Jornal do Commercio*, 26/11/1831, p.2, col.1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

²⁸⁰ *Jornal do Commercio*, 21/07/1832, p.2, col.2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

OBRAS PUBLICADAS.

Amanhã Domingo 15 do corrente sahirá o N.º 11 do SIMPLICIO DA ROÇA. He escusado annunciar as materias que elle contem pois a reputação d'este Jornal vai sendo cada dia maior, e não ha Senhoras que o não desejem lér a par do Velho Simplicio com a qual trabalho para o mesmo fim, divertindo e instruido ao mesmo tempo, e sobretudo para interessar o Bello sexo, e não só despertar nelle o gosto da leitura dos Jornaes, como parece hir conseguido, como tambem o acostumar a este mesmo exercicio, do qual seguir-se ha a tomar elle alguma parte nos sentimentos que devem fazer a felicidade e constituir o caracter da Nação. Diremos pois que o N.º 11 do Simplicio da Roça ha mui interessante, e quem quizer saber o que elle contem venha gastar os seus 4 vintens: para os que tem pressa elle se achará prompto hoje mesmo de tarde como sempre se praticará com as outros Numeros que sahirem. — Vende-se em casa d'Émile Seignot-Plancher, rua d'OUVIDOR, N. 95.

Figura 40: *Jornal do Commercio*, 14/01/1832, p. 2, col. 2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

Mais uma vez o “Velho Simplicio”, o *Simplicio* do Astréa, foi referido, bem como foi exposta a rede de leitura da época, na qual um mesmo leitor, no caso, leitora, entrava em contato com diferentes periódicos. Plancher não apenas tinha consciência dessa prática, como a incentivou nesse anúncio. Um editor de tantas folhas não poderia agir de forma diferente.

O *Simplicio da Roça* foi publicado até agosto de 1832, somando 43 números. A Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional possui digitalizados os exemplares do jornal até o número 38,²⁸¹ que saiu a público em 22 de julho de 1832. No entanto, ao observar a seção “Obras publicadas” do *Jornal do Commercio*, encontramos anúncios de novos números d’O *Simplicio da Roça* sendo publicados até 25 de agosto, ocasião na qual se anunciou o nº 43 do periódico.

Além d’O *Simplicio* e d’O *Simplicio da Roça*, outros periódicos foram lançados na década de 1830, a fim de integrar essa “família” e lucrar com esse novo nicho da imprensa nacional. Foram os casos d’O *Neto do Simplicio*, lançado pela tipografia do *Diário*; *A Mulher do Simplicio ou A Fluminense Exaltada*, lançado pela tipografia de Thomas B. Hunt e, em seguida, publicado pela casa de Paula Brito; e *A Filha Única da Mulher do Simplicio da Roça*, também publicado pela tipografia de Thomas B. Hunt.

²⁸¹ Exceto os números 36 e 37.

Desses periódicos, o de maior sucesso e longevidade foi *A Mulher do Simplicio*, lançado em fevereiro de 1832 e publicado até 1846. Esse periódico se diferenciava do modelo adotado pelo velho *Simplicio* e pelo *Simplicio da Roça* por se afastar do humor e não utilizar da forma prosaica. *A Mulher do Simplicio* publicava seu conteúdo em versos e, de início, visava passar ideias políticas para o público feminino.

Embora os periódicos não compartilhassem da mesma visão partidária, os jornais interagiam e coexistiam, tanto que ambos [*O Simplicio da Roça* e *A Mulher do Simplicio*] poderiam ser adquiridos tanto na livraria de Plancher como na de Paula Brito: pequenos desacordos não eram vistos como impedimentos aos negócios dos livreiros, que se cumprimentavam como colegas de profissão.²⁸²

O Jornal do Commercio, inclusive, anunciou esses jornais na ocasião de seus lançamentos e continuou a anunciá-los conforme novos números eram publicados. Abaixo, trazemos um desses anúncios no qual podemos observar a interação e coexistência entre essas folhas, bem como mais um membro dessa família, outra aposta de Pierre Plancher.

penas correspondentes. Preço 520 reis.
 Sabe hoje á luz o n. 5 da MULHER DO SIMPLICIO ou
 a Fluminense Excaltada, contém 1.º hum sonho que teve a
 Redactora, hum das noites passadas em o qual appareceo-
 ue em visão hum casa, onde se fazia o club para a volta
 do ex-Imperador. 2.º hum resposta ao Simplicio Poeta, 3.º
 hum exemplo de Patriotismo de hum Joven Franceza na Re-
 volução de 1830, traduzida em versos pela Redactora. Ven-
 de-se esta interessante folha nas lojas do costume; preço
 80 reis.

Figura 41: *Jornal do Commercio*, 10/03/1832, p. 2, col. 1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

O Simplicio Poeta foi outro membro da família dos simplícios lançado pela tipografia de Pierre Plancher, entretanto, com menos sucesso e duração que seu parente da roça. Na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, encontra-se disponível apenas o nº 6 daquele periódico, publicado em 26 de fevereiro de 1832, mas é o suficiente para observarmos as diferenças entre os dois. Além de ser escrito em versos, *O Simplicio Poeta* não possui grandes

²⁸² ALMEIDA, Rafael Loureiro de. Op. cit. p. 77.

intenções humorísticas e, em seu conteúdo, trata prioritariamente da tensão política do país no momento, em diálogo constante com *A Mulher do Simplicio*.

Minha rica, eu não pertenço
 Ao partido moderado
 Mas nem por isso defendo
 Ao que se diz exaltado
 Querendo ser puramente
 Do partido da razão,
 E respeitar os direitos,
 E a nossa Constituição;
 [...] Sim, Esposas virtuosas,
 Deveis ter patriotismo,
 E pregar: que odiar devemos
 A licença e o despotismo²⁸³

O nº 6 d' *O Simplicio Poeta* foi publicado em 26 de fevereiro de 1832 e apresentou oito páginas com diferentes divisões de colunas. Dois poemas intitulados “RESPOSTA a Minha Mulher” foram publicados em páginas divididas em duas colunas. Outro poema, intitulado “FUGIDA de Minha Mulher e Vaticínio sobre ela”, foi dividido em três colunas. Uma outra página, por sua vez, trouxe apenas um soneto.

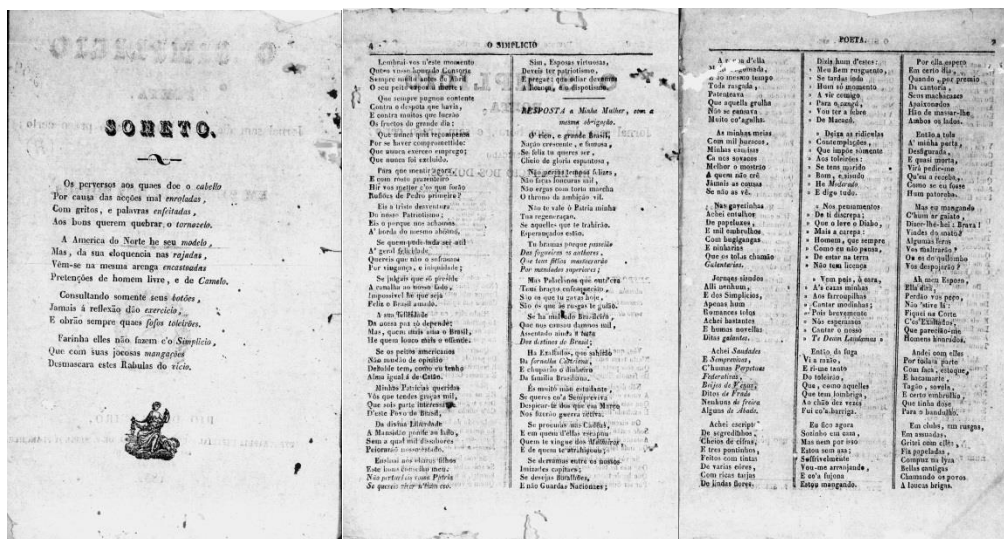


Figura 42: *O Simplicio Poeta*, nº6, 26/02/1832, p. 2, 4 e 7. Imagens disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

²⁸³ *O Simplicio Poeta*, 26/02/1832, RESPOSTA a Minha Mulher que se alcunha de Exaltada: pelo mesmos consoantes e palavras finais de cada verso de suas Poesias políticas do Nº 1. Consultado na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

Contudo, podemos resgatar um pouco da trajetória desse periódico pelos anúncios publicados pelo *Jornal do Commercio*. O *Simplicio Poeta* foi anunciado pela primeira vez no jornal diário em 14 de junho de 1831. Na ocasião, foi publicado um soneto presente no primeiro número do novo periódico e foi informado sobre os preços de venda: “Vende-se a quem quiser pagar 4 vinténs em cobre nas lojas de costume, pois se há de dar papel por papel melhor é cada um ficar com o seu”. A opção de pagar “em papel” foi dada a quem comprasse pelo menos 12 exemplares.

Os próximos anúncios apontaram para uma recepção controversa do novo jornal. Em 21 de junho de 1831, ao passo que anuncia a reimpressão do primeiro número d’ *O Simplicio Poeta*, destaca que “a gente de bom gosto o achou muito ruim, e as Senhoras que gostam de andar à moda, zangadas com ele, o mandaram buscar de propósito para o desfeitear e fazer em pedaços”.²⁸⁴ Ao anunciar para breve o terceiro número do jornal, em 06 de julho, comentou-se novamente sobre os detratores do periódico: “Brevemente dará à luz o seu 3º número no qual há de fazer dar ainda mais o cavaco a quem não gosta dos seus versos e a certos sujeitos que não leem ou não entendem a sua folha”.²⁸⁵

O Simplicio Poeta trazia como subtítulo *Jornal sem dia, sem hora e sem preço certo; publicado em beneficio dos doidos* e, realmente, pelos anúncios, percebe-se uma irregularidade quanto à frequência do periódico. O nº 3, por exemplo, foi anunciado em julho de 1831, enquanto o nº 4 foi divulgado apenas em janeiro de 1832. No entanto, em fevereiro de 1832, encontramos anúncios referentes ao nº 5 e ao nº 6. Já quanto ao preço do periódico, a partir do nº 4 foi adotado o valor de 80 réis, comum às folhas do gênero, como mostram os anúncios d’ *O Simplicio da Roça* e d’ *A Mulher do Simplicio*.

O último anúncio referente a um novo número d’ *O Simplicio Poeta* que encontramos no *Jornal do Commercio* foi publicado em 10 de abril de 1832 e divulgou o lançamento do oitavo número do periódico.

²⁸⁴ *Jornal do Commercio*, 21/06/1831, p.2, col.1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

²⁸⁵ *Jornal do Commercio*, 06/07/1831, p.2, col.2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

O SIMPLICIO DA ROÇA,

JORNAL DOS DOMINGOS.

*Tambem na Roça ha seus picios
E cousas dignas de riso,
Tambem na Roça ha Simplicios
Contra os que tem pouco siso.*

Cá me tendes outra vez meos Patricios da Roça. O Domingo não havia de voltar sem que eu apparecesse por cá no meu traje de *Petirocier* para hir á Igreja vér as Madamas Balofas, Balofinhas, Tronchudas e mesmo as Mumias que sem ascomprarmos aos estrangeiros como as do Museo Nacional cá as temos no paiz bem baratas, e até de graça. Já são tres horas que o sino andou a badalar chamando o Povo para a Missa, e na Igreja ainda não ha hum vela acesa. O Sacristão está lendo periodicos que lhe forão remettidos de graça por gente amiga da instrucção, e o Vigario está talvez contando e arrumando na capoeira ou no quintal as galinhas, patos, perús etc. que lhe rendeo o seu Edital: ou quem sabe se estará almoçando para não dizer missa com o estomago frio? Os homens já estão cansados de estarem aqui de pé como sentinellas, e as Madamas *de la Roce* sentem arripiar-se-lhes a madre pela friagem do chão, e a caimbra adormecer-lhes as pernas. Tenho tanta dôr d'esta gente que quasi estou tentado de largar a minha casaquinha de Paris, e hir á sacristia vestir a sotaina, e pôr-me de alva para hir fazer as veses de Padre, ou pelo menos de Sacristão. Mas o Vigario havia de zangar-se comigo, e excomungar-me, nem vós quererieis ouvir a minha missa porque não sou Padre apesar de ser solteiro e casto á vista do publico, e o Sacristão havia de me pôr hum libello de usurpação de direitos. Nada de entender-mos com gente que cheira a incenso: faça-mos hum coisa: em quanto tardão os taes Ecclesiasticos sente-mo-nos aqui no largo da Igreja debaixo d'estas arvores, e vamos conversar em alguma cousa interessante até que estes Senhores se dignem de nos hir livrar com a Missa do Purgatorio da espera.

Sabem Vossas Roças que hontem fui á Cidade? Nula não. Pois

Figura 43: *O Simplicio da Roça*, nº2, 13/11/1831. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

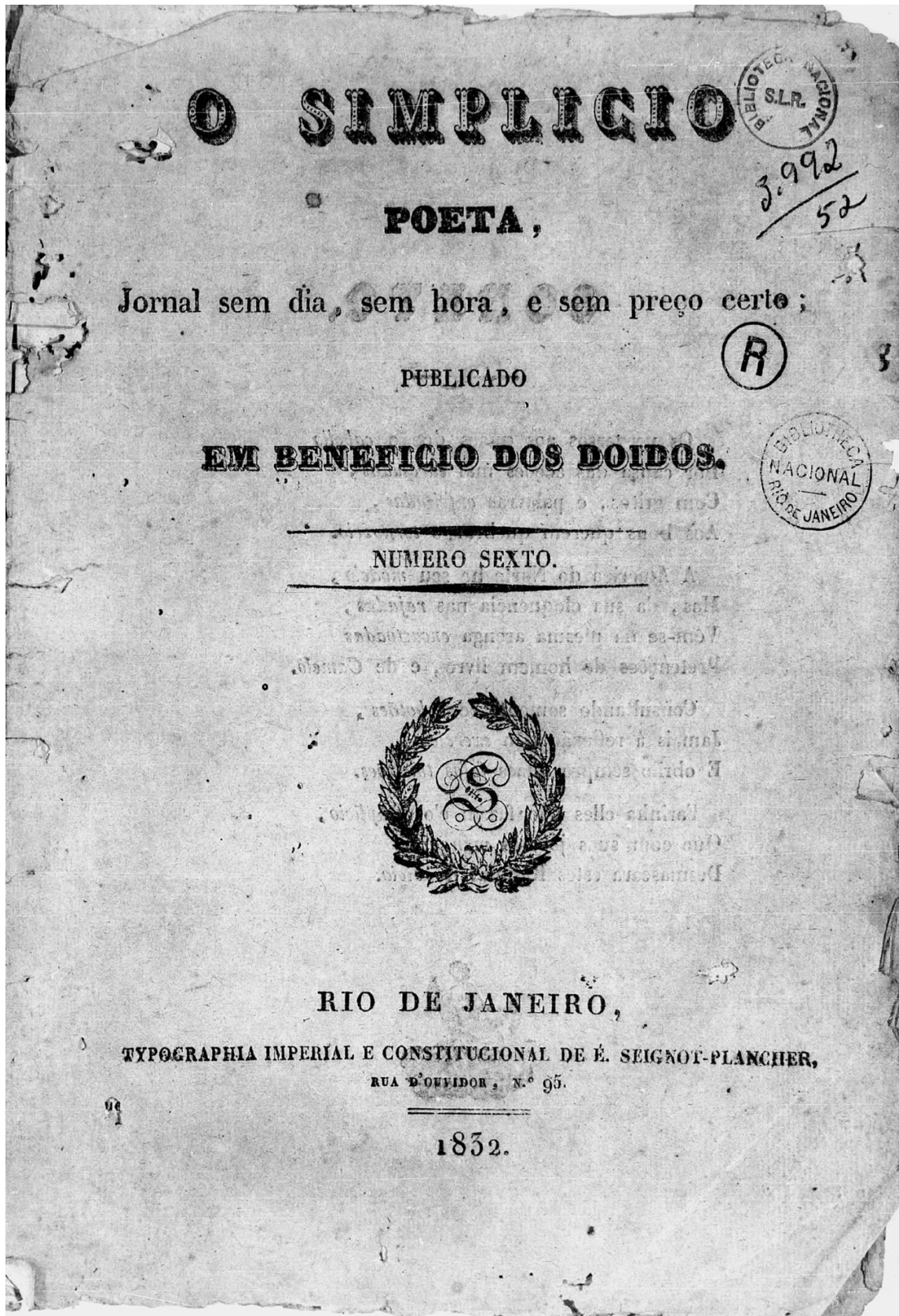


Figura 44: *O Simplicio Poeta*, nº6, 26/02/1832. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

3.1.6: Revista ilustrada: *Museo Universal*

Como dissemos, Junius Villeneuve foi responsável por grandes mudanças na tipografia do *Jornal do Commercio*. Retomando a afirmação de Cícero Sandroni, Villeneuve foi um verdadeiro “diretor de jornal *businessminded*”, ou seja, ele dirigiu a empresa fundada por Plancher como um verdadeiro homem de negócios. Assim, quanto à publicação de periódicos, chegou ao fim a era de experimentações, observada durante a direção de Pierre Plancher, e teve início um período de muito mais planejamento. Isso pôde ser sentido em seu projeto de periódico mais ambicioso, o *Museo Universal, jornal das famílias brasileiras*.

O *Museo Universal* foi uma revista ilustrada publicada pela tipografia de Villeneuve entre julho de 1837 e julho de 1844. A revista foi um marco desse período justamente por introduzir o uso de ilustração na imprensa nacional. Era publicada semanalmente aos sábados em edições de oito páginas divididas em duas colunas e fartamente ilustradas. A publicação apresentava numeração de páginas continuada, pois importava numerar o tomo com as edições de um ano inteiro para, ao final, formar uma espécie de anuário (também vendido pela casa de Villeneuve, como veremos nos anúncios publicados pelo *Jornal do Commercio*).

O *Museo Universal* foi divulgado ao público em 4 de julho de 1837 e logo em seu primeiro anúncio expôs os planos de Villeneuve para o novo periódico:

Sahio á luz o 1º numero-prospecto de hum novo periodico á imitação do *Penny-Magazine*, *Magasin Universel*, etc., etc., publicados na Europa, com o título de

MUSEO UNIVERSAL,
JORNAL DAS FAMILIAS BRAZILEIRAS.

Este periodico sahe regularmente todos os sabbados, e formará no fim de cada anno hum volume de 416 paginas do formato, typo e papel do sobredito prospecto, ornado de duzentas gravuras ao menos, executadas pelos melhores artistas de Paris e de Londres.

Cada volume conterá a materia de oito volumes ordinarios de 8º francez, e será completado no fim de cada anno com hum título, hum indice das gravuras, hum indice das materias, por ordem chronologica, outro indice por ordem das materias, e huma capa impressa sobre bom papel de cór.

Subscreve-se em casa de J. Villeneuve e C.ª, editores proprietarios, rua do Ouvidor n. 65.

Preço da subscrição :

Por hum anno	10\$000 rs.	} pagos adiantados.
Por seis mezes	6\$5000 rs.	

A. B. Não se recebem assignaturas para menos de hum semestre; as folhas avulsas custão 520 Es.

Figura 45: *Jornal do Commercio*, 04/07/1837, p. 4, col. 3-4. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

À primeira vista, percebemos mais uma vez a influência das publicações europeias nos trabalhos realizados por Villeneuve. No capítulo anterior, vimos que o “*Archivo Theatral*”, outro exemplo de seu planejamento editorial, foi uma ideia copiada de um projeto de mesmo nome francês. Agora é evidente a inspiração na revista *Musée des familles*, publicação ilustrada criada por Émile de Girardin em outubro de 1833 que, embora não tenha sido citada no anúncio, foi referenciada no prospecto do *Museo Universal*. A revista de Girardin foi publicada até junho de 1900 e tinha o objetivo de ser um “Louvre populaire”. Em suas páginas, fartamente ilustradas, trouxe inúmeros artigos incrivelmente variados, novelas, histórias de viagens reais ou fictícias e contou com a colaboração de um número considerável de autores famosos, como Balzac, Alexandre Dumas, Victor Hugo e Jules Verne.²⁸⁶

Também da Europa vinham as ilustrações que eram o grande diferencial do *Museo Universal* frente aos periódicos brasileiros do período. Elas foram destacadas no anúncio de lançamento da revista, que informou sua abundância, “duzentas gravuras ao menos” no intervalo de um ano, e origem, Londres e Paris. Como destaca Orlando da Costa Ferreira, muitas dessas gravuras “são assinadas pela mais famosa equipe de xilogravadores industriais europeus de então: o trio ABL, formado na França por Andrew, Best e Leloir”.²⁸⁷

Também observamos que o *Museo Universal* já foi lançado com o intuito de formar um volume único ao final de um ano de publicação, tal como as revistas francesas e inglesa citadas. Foi prometido para o final do primeiro ano de publicação um índice das matérias e das gravuras publicadas, bem como uma capa impressa sobre “bom papel de cor”. Como veremos, todas as promessas desse primeiro anúncio foram cumpridas, mostrando que o *Museo Universal* nasceu disposto a uma vida longa. A assinatura da revista podia ser realizada por 6\$000 réis para recebê-la por seis meses ou pelo valor de 10\$000 réis por um ano. Além disso, cada fascículo semanal era vendido avulso por 320 réis.

²⁸⁶ *Fiche du Musée des familles*. Consultado em <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb32820948x>.

²⁸⁷ FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra. Introdução à bibliografia brasileira. A imagem gravada*. São Paulo: EDUSP, 1994, p.209.

O conteúdo publicado pela revista fazia jus ao seu título de “universal”, compreendendo assuntos dos mais variados temas. Encontramos, por exemplo, artigos relacionados ao dia a dia doméstico, como orientações para a “Conservação de carne fresca, do leite e dos ovos”, “Receita para limpar os espelhos”, “Método de destruir formigas” e para “fabricar o pão”. Por outro lado, encontramos dados e informações sobre monumentos e costumes de todo o mundo, como sobre a “Antiga Igreja de São Paulo em Londres”, a “Catedral de Milão”, o “Castelo de Heidelberg”, os “Carnavais italianos”, o “Casamento egípcio”, os “Direitos políticos das mulheres no Canadá” e a “Superstição dos Chinas [sic]”. As novidades da indústria e da ciência também estavam presentes na revista, como nos artigos sobre o “Barômetro”, os “Carros de posta a vapor”, a “Máquina para alisar as pedras” e o “Gás portátil”. Ainda foi frequente a publicação de textos sobre animais na rubrica “História natural”. Sempre acompanhados de belas ilustrações emprestadas às matrizes de cobre dos gravadores europeus, diversos foram os bichos que passaram pelas páginas da revista, como a águia, o avestruz, o elefante, a girafa, o hipopótamo, o gato doméstico, o leão, o rinoceronte, o tigre e muitos outros.

Além desses, outros temas também podiam ser encontrados na revista, como agricultura, astronomia, belas artes, botânica, biografia, estudos históricos, estudos morais, estudos psicológicos, jurisprudência criminal, literatura e medicina doméstica. Sobre o *Museo Universal* e seu conteúdo, diz Carlos Roberto da Costa, em sua tese *A revista no Brasil, o século XIX*:

Uma análise desses temas sumarizados dá uma dimensão do caráter formador e quase de escola secundária da publicação mantida pelo *Jornal do Commercio*: abelhas, ananaz, assucar, Raphael Sanzio, a Lua, a música na Hespanha, a procissão de Corpus Christi em Sevilha, o olfato, o tatoos beija-flores, a lontra, a panthera. A revista parece uma mistura do que é hoje um canal como *Discovery* e a *Superinteressante*.²⁸⁸

Todavia, o pesquisador destaca que, ao contrário das publicações didáticas do período, o *Museo Universal* apresentou um texto menos professoral e abordou temas de interesse geral, buscando arrebatrar variados

²⁸⁸ COSTA, Carlos Roberto da. *A Revista no Brasil, o século XIX*. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo. 2007. p. 105.

segmentos da população.²⁸⁹ A aceitação e duração do periódico, que destoava da vida geralmente efêmera das folhas do período, mostram que essas e outras estratégias de Villeneuve alcançaram o efeito desejado.

O novo periódico teve uma boa recepção imediata, como mostra o anúncio de seu segundo número publicado em 15 de julho de 1837 (e repetido nos dias 17, 19 e 20 daquele mês): “O lisonjeiro acolhimento que teve do público o primeiro público desta nova publicação, faz esperar aos editores que igual sorte terá o número que apresentam hoje”.²⁹⁰

Os anúncios do novo periódico foram constantes e, durante os primeiros meses, apareceram como mostrado acima, ou seja, em destaque, ocupando a largura de duas colunas. A partir do segundo semestre de publicação da revista, entretanto, esse tipo de anúncio foi intercalado com de menor destaque, publicados junto aos demais anúncios do jornal. Em 30 de junho de 1838, foi divulgado o último número do primeiro ano do *Museo Universal*, o número 52, e se ofereceu aos leitores a encadernação dos fascículos pela casa de Villeneuve realizada “tão perfeitamente como na Europa”.

Esse último número, como prometido no primeiro anúncio da revista, trouxe o título e a capa do 1º volume, bem como os índices dos artigos e das gravuras publicados pelo *Museo Universal* durante o ano. O índice dos artigos e matérias foi dividido por assunto e o índice das gravuras foi ordenado em ordem alfabética.

²⁸⁹ Ibidem. p. 102.

²⁹⁰ *Jornal do Commercio*, 15/07/1837, p. 4, col. 3-4. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

INDICE

por classificação das materias e por ordem alphabetico, dos diversos artigos
que contém o primeiro volume.

Agricultura.	
Agave ou Maguey.....	Pag. 24
Algodão.....	228
Chá (o).....	495
Maguey (vide Agave).	
Meio de curar as arvores doentes.	178
— de destruir a lagarta.....	179
— facil de converter em estrume todas as hervas nocivas.....	178
Sementiras de melões.....	399
Anecdotas.	
Anecdotas diversas 32, 39, 103, 149, 123, 158, 159, 206, 240, 291, 309, 363, 374, 384, 395, 408.	
Appetite delicado.....	343
Arcebispo (o) soldado.....	342
Bom (o) despacho.....	3
Bulla (a).....	343
Cabello de Judas.....	342
Desertor (o) prussiano.....	48
Dever de hum soberano.....	39
Devoção de Carlos II e de seus cor- teãos.....	48
Frango (o) assado com molho.....	350
Gatuno (o) e o belleguim.....	240
Historia de bandidos; coragem de huma mulher.....	346
Inconveniente de mudar de nome.	8
Mulher (a) de Miltão.....	39
Negromante (o).....	381
Orang-otang pregador.....	445
Pachá (o) d'Egypto e os obeliscos.	373
Pedro I de Portugal.....	38
Perigo de falar muito.....	408
Receita real contra o fastio de hum abbade.....	350
Resposta nobre de hum Americano.	299
— picante de hum medico.....	350
Trabalho (o), ou 5,000 cruzados de renda.....	344
Ursos (os) posticos.....	8
Valor civico de huma portugueza.	342
— de Carrasco.....	349
Astronomia.	
Configuração da terra.....	58
Dos cometas em geral.....	69
Golpe de vista sobre o céo, pla- netas, cometas, aerolites, es- trellas correntes, estrellas fixas.	2
Revolução annual da terra.....	96
Theoria dos ventos.....	103
Biographia.	
Beghum (a) Sumro.....	352
Bolivar.....	401
Canning.....	9
Duque (o) de Reichstadt.....	118
Franklin.....	257
Frederico o grande.....	56
Guido Remi.....	154
Hahnemann, autor da doutrina homœopathista.....	202
James Watt.....	Pag. 217
João Goujon.....	276
Julio Cesar.....	283
Leonardo de Vinci.....	234
Mahmoud II.....	297
Miguel Angelo.....	339
Nelson.....	146
Randjit-Sing, rei de Lahor.....	398
Rubens.....	42
Spagnoletto.....	82
Ticiano Vecelli.....	313
Economia domestica.	
Conservação da carne fresca.....	55
— do leite e dos ovos.....	3
Gelatina de ossos.....	327
Meio de grudar a louça.....	111
— de afugentar e matar os ratos.	3
Methodo aperfeiçoado de fabricar o pão.....	231
Modo de destruir as formigas.....	175
— de destruir as pulgas, perso- vejos, etc.....	111
— de tornar o calçado impermea- vel.....	231
Pão de ló á franceza.....	327
Papel proprio a desenferujar o fer- ro e o aço.....	259
Processo para fabricar papelão e papel impermeavel com as apa- ras de couros e de pelles.....	279
Receita para limpar os espelhos.....	327
Solda que resiste á acção do fogo e da agua.....	231
Estudos historicos.	
Batalha de Aljubarrota.....	378
— de Guadalete, ou a invasão dos Mouros na Hespanha.....	407
— de Waterloo.....	306
Boadicea, rainha britannica.....	155
Bohemios no seculo XV.....	109, 114
Castello (o) de Faria.....	371
Christovão Colombo perante os doutores de Salamanca.....	10
Conspiração contra Carlos Magno, dirigida por Pepin o corcundo.	26
Descoberta da Bahia.....	134
Destruição dos Janizaros.....	290
Dous (os) Barbaroxas.....	235
Entrevista de Francisco I e de Car- los Quinto.....	108
Execução de Jane Grey.....	17
Inquisição (a).....	363
Joanna de Arc, virgem de Orleans	241
Morte de S. Luiz, rei de França.	143
Quatro (os) Henriques.....	91
Republica de S. Marinho.....	107
Ultimoinstante do imperador Theo- doro.....	102
Estudos moraes.	
Adelaide de Sargans, baroneza de Wart.....	250
Amor (o) filial.....	Pag. 245
Antonia (episodio do cerco do Porto).....	357
Camponez (o) de Carigliano.....	286
Carluxo (o) de rapé.....	189
Castello (o) de Lueg.....	220
Duas (as) corôas d'espinho.....	50
Duguesclin e o bufalo.....	369
Huma sorte.....	29
Hum ingrato.....	194
Igreja (a) do Copo d'Agoa.....	58
Irmã (a) de Rembrandt 124, 130, 138 e 149.	
Joven (a) carmelita.....	238
Miss Keimer.....	269
Noiva (a) Brasileira.....	165
Remendão (o) de Sevilha.....	331
Segredo (o).....	78, 82
Soffrer e morrer.....	317
Estudos physiologicos.	
Orgão da vista.....	315
Ouvido (o).....	294
Historia natural.	
Abada ou Rhinoceron.....	2
Agua.....	159
Alice.....	32
Avestruz.....	206
Baléa.....	92
Boa constrictor ou giboia.....	377
Bufalo.....	73
Camelo.....	199
Cavallo.....	39
— marinho (vide Hippopotamo)	
Cobra cascavel.....	177
Dromedario.....	199
Elephante.....	1
— marinho.....	128
Flamengo.....	68
Gato domestico.....	136
Girafa.....	146
Hemionio.....	60
Hippopotamo.....	174
Kakatoes.....	346
Leão.....	53
Papagaios.....	345
Preguiça.....	278
Rangifero.....	388
Rhinoceron (vide Abada)	
Sabujo.....	111
Salmão.....	248
Tigre.....	60
Ursos.....	104
Vacca d'Abyssinia.....	73
Jurisprudencia criminal.	
Acto de justiça do sultão Amurath.	44
Banhos (os) ou galés em França.	15
Castigo da canga entre os Chinas.	63
Pelourinho (o).....	72
Supplicio de Damians, assassino de Luiz XV.....	393

Figura 46: *Museo Universal*, Índice por classificação das matérias, 1838. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

INDICE

POR ORDEM ALPHABETICO

DAS ESTAMPAS

QUE CONTÉM O PRIMEIRO VOLUME.

A.	C.	E.
Adelaide de Sargans:		
1.° Separação do barão de Wart e d'Adelaide de Sargans. Pag. 252	Cabeça de cavallo de raça.. Pag. 40	Elephante marinho..... Pag. 128
2.° Entrevista d'Adelaide de Sargans e de Agnes de Hungria. 254	Cabeça de sabujo..... 442	Elymias tornado cego, desenho de Raffaele..... 498
Adoração dos pastores, por Spagnoletto..... 81	Caça do tigre..... 60	Entrevista de Francisco I e de Carlos V..... 408
Aerostação:	Caes de Brighton..... 273	Escudo de Achilles..... 28
1.° Apparelho para encher o balão com gaz hydrogenio. 404	Caes de S. Bernardo..... 344	Estatua de Moysés, por Miguel Angelo..... 340
2.° Ascensão aerostatica..... 405	Camara dos Communs..... 45	Estrada de ferro de Liverpool a Manchester:
3.° Guarda-quêda aberto, durante a descida de aeronauta. 406	— dos Lords..... 44	1.° Entrada do caminho subterraneo no monte Edge..... 209
4.° Guarda-quêda fechado. 406	— dos representantes em Washington..... 328	2.° Arco Mourisco..... 212
Agave..... 24	Camelo..... 200	3.° Excavação do monte Olive... 243
Agua (2 figuras)..... 459	Canga (a), Supplicio chinês..... 64	4.° Machina locomotiva..... 244
Alee..... 32	Caramurú entre os Tupinambas.. 434	5.° Viaducto de Sankey..... 246
Alfandega de Londres..... 57	Carnaval em Roma..... 89	Estrada de ferro de Londres a Greenwich:
Algodoeiro herbaceo..... 226	Carro de posta de vapor..... 20	1.° Vista geral da estrada..... 400
— em arvore..... 2	Cathedral de Mexico..... 4	2.° — do viaducto no parco de Greenwich..... 401
— arbustivo..... 230	Cathedral de Milão..... 25	Execução de Jane Grey..... 17
— folhas, flor e fruto..... 230	Cathedral de Sevilha..... 97	
Alphabeto manual dos surdos-mudos..... 356	Chá:	F.
Antiga igreja de S. Paulo, em Londres..... 437	1.° Cultura..... 496	Figura demonstrando a configuração da terra..... 38
Armadura de Francisco I, rei de França..... 219	2.° Colheita..... 497	Figura indicando a revolução annual da terra..... 96
Arte de nadar (4 figuras)..... 367	3.° Deseccação..... 497	Flamengo (o)..... 68
Aurora (a), pelo Guido..... 133	4.° Preparação..... 497	Forçados..... 16
Avestruz..... 208	Céa de N. S. Jesu-Christo, por Leonardo de Vinci..... 233	Franklin..... 257
	Cobra cascade..... 477	Frederico o grande..... 36
B.	Columna de Bolonha..... 485	
Babylonia..... 380	Combate do Rhinoceronte e do Elephante..... 1	G.
Baixo-relevo, representando as sete idades de Shakespeare, por Behnes..... 323	Combate entre hum boa constric-tor e alguns marinheiros indios..... 377	Gato domestico..... 136
Balea..... 92	Cometas..... 69	Gêmeos Siamezes..... 244
Basilica de S. Pedro:	Comilão (o) de carneiros e o seu guia..... 413	Girafas..... 145
1.° Vista geral..... 204	Convento da Batalha em Portugal. 353	
2.° Interior..... 205	D.	H.
Batalha de Waterloo, por Steuben 305	Damiens na sua prisão..... 393	Habilidade chinesa..... 8
Beghum Sumro..... 352	Dança macabre de Bale:	Hippopotamo..... 174
Boadicea, rainha britannica, animando os seus subditos a defenderem a patria, contra os romanos..... 156	1.° O mercador..... 396	Homem d'armas..... 220
Bolivar..... 401	2.° O cozinheiro..... 397	Hum café em Argel..... 13
Bufalo (o) e a vacca de Abyssinia.. 73	3.° O cego..... 397	
	4.° O pintor..... 397	
	Deseida da cruz, por Rubens... 41	
	Diana caçadora..... 276	
	Dromedario..... 200	
	Duguesclin carregando os inimigos..... 369	

Figura 47: *Museo Universal*, Índice das estampas, 1838. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

Além de oferecer a encadernação do volume aos assinantes do *Museo*, a casa Villeneuve também ofereceu para venda o volume completo do primeiro ano da publicação, por 12\$000. Observamos, mais uma vez, o tino empresarial de Junius Villeneuve, buscando todas as possibilidades de lucro que sua revista poderia lhe dar. O anúncio foi divulgado poucos dias após o encerramento do primeiro tomo da publicação e trouxe um índice das matérias e das estampas que compunham o volume, além de mais uma vez equiparar a qualidade da revista com as publicações do tipo europeias: “O número das estampas, que não cedem pela boa escolha e pela nitidez da execução ao que neste gênero se publicou na Europa, é de cerca de 200”.²⁹¹



Figura 48: *Jornal do Commercio*, 09/07/1838, p. 6, col. 1-2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

A publicação do segundo ano da revista seguiu juntamente a divulgação de anúncios pelo *Jornal do Commercio* de cada novo número saído a público. Uma mudança no valor das assinaturas, a partir do terceiro ano, mostrou que a revista seguiu com êxito durante esse período: “Tendo aumentado consideravelmente o número de assinantes, e podendo por isso os editores diminuir alguma coisa o preço da assinatura, d’ora avante custará o *Museo Universal* somente 8\$000 por ano e 5\$000 por semestre”.²⁹²

O novo valor para assinaturas foi mantido pelos outros anos de publicação da revista. Como dissemos, o *Museo Universal* escapou da efemeridade que marcou a grande maioria das publicações do período, porém não sucumbiu às despesas de uma publicação tão ambiciosa ao final de seu

²⁹¹ *Jornal do Commercio*, 09/07/1838, p. 6, col. 3-4. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

²⁹² *Jornal do Commercio*, 01/07/1837, p. 4, col. 2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

sétimo ano. O último número da revista, o nº 53 do sétimo ano, saiu à luz em 30 de junho de 1844 e justificou o fim da publicação:

Com este número termina o sétimo volume do Museo Universal.

As grandes despesas que temos feito, a certeza de que seria mister aumenta-las consideravelmente para dar a esta obra toda a perfeição que é suscetível e a nenhuma esperança que temos de cobrir os gastos com as assinaturas, nos obrigam a suspender a sua publicação.

Anunciamos pois aos nossos assinantes a interrupção do Museo Universal; e ao nos despedir deles, é do nosso dever agradecer-lhes o apoio que nos dera, mormente àqueles que desde o principio desta publicação nunca nos abandonaram.²⁹³

Embora essa despedida indique uma queda das assinaturas ao longo do tempo, o prestígio da revista junto ao público pôde ser observado no *Jornal do Commercio* ainda muito tempo depois. Em 17 de dezembro de 1847, foi publicado um anúncio no qual um comprador procurava, entre várias publicações em português, os dois primeiros volumes do *Museo Universal*.

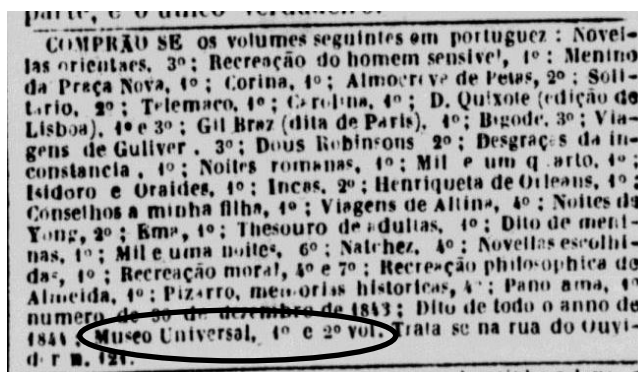


Figura 49: *Jornal do Commercio*, 17/12/1847, p. 3, col. 5. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

Como afirma Ilka Stern Cohen, apenas no início do século XX “a modernização das técnicas de impressão e ilustração e a introdução de cores possibilitaram o aumento do número de páginas, a elaboração de capas mais atrativas e maiores tiragens” às revistas e jornais brasileiros.²⁹⁴ Todavia, como vimos a partir da produção de periódicos pela tipografia do *Jornal do*

²⁹³ *Museo Universal*, 30/06/1844, p.424 [8 deste número]. Consultado na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

²⁹⁴ COHEN, Ilka Stern. Op. cit. p. 104.

Commercio, a imprensa do século XIX brasileiro não deixou de se arriscar em diferentes segmentos. Mesmo que a aparência material dos periódicos fosse semelhante, com a grande maioria sendo impressa no formato de quatro páginas e duas colunas, era possível encontrar variedade e diversidade sendo impressa e oferecida ao público do período.

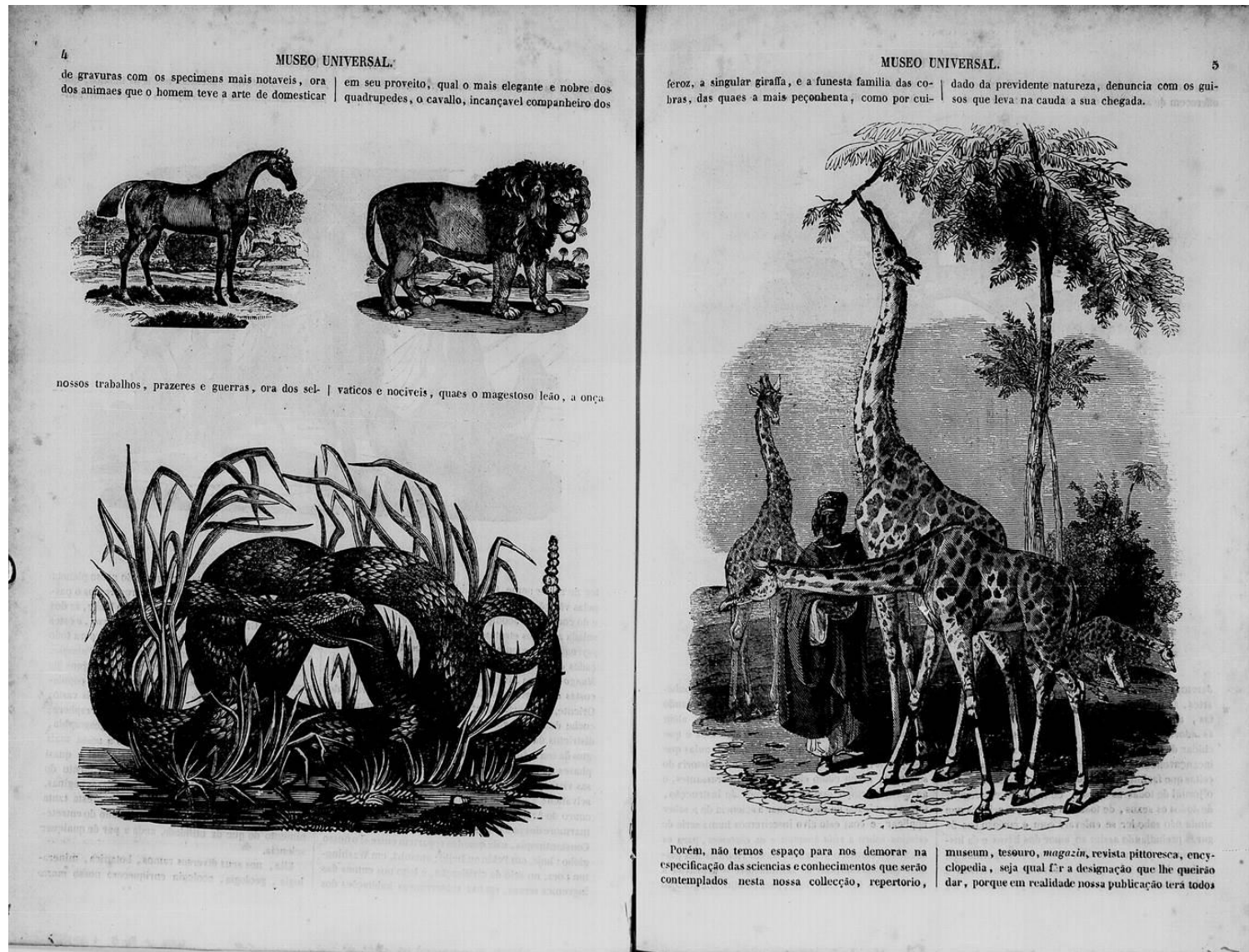
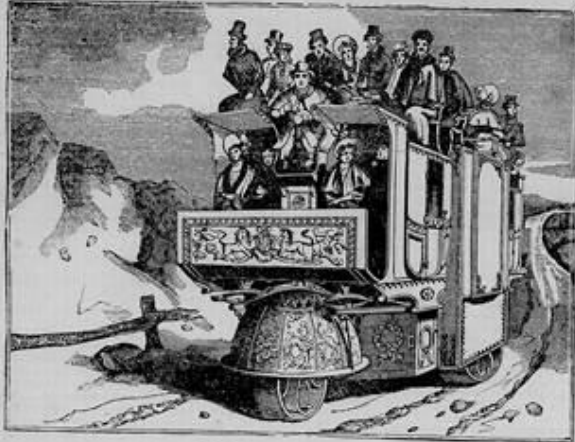


Figura 50: *Museo Universal*, Prospecto, 1838, p.4-5. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

hem annullar a declaração da sua illegitimidade e suba ao trono, teremos por certo sangue derramado sobre esse mesmo copo e presa a mesma sala; sangue real, se assim couber, e talvez de alguma mulher; mas eu to juro, mais facil me será cortar a mão, que principiar outra vez tão horrivel doer.

— Ceder-me-heis, pois, o lugar disse Fanny? — Sim, respondeu Jack, e oxalá não deshonres tu o teu estado como eu hoje o deshonrei.
Vinte annos depois, quando Elisabeth fez executar Maria Stuart, tambem Fanny, então carrega, teve de dar dois golpes para lhe decapar a cabeça.

INDUSTRIA.



CARRO DE POSTA DE VAPOR.

Carro de posta.

A vantagem das carroçagens de vapor sobre as caminheiras de ferro, tem alguma coisa de prodigioso, e todavia não deixa de ser coisa inconveniente. Huma condição quasi absoluta da utilidade dos caminhos de ferro, he o serem construidos em terreno quasi horizontal; alias, e momentaneamente quando este apresenta muitas desigualdades, tomo-se as despesas em extremo avultadas. O peso que pode supportar cada roda, he limitado pela força do eixo: em que gira a mesma roda, e este peso não excede o de huma tonelada. Daqui resulta a necessidade de reparar as mercadorias que tem de transportar-se, sobre diferentes carros amarrados huma aos outros, o que muito contribue para o augmento das despesas do material. Cumpre observar tambem, que a marcha de diferentes carroçagens de vapor sobre huma mesma linha, he sujeita a difficuldades muito graves, porque essas carroçagens só podem cruzar-se em certos pontos dados; e se accrescentarmos a isto as despesas enormes do primeiro estabelecimento dos caminhos de ferro, e da sua conservação, bem como o custo dos terrenos que atravessão, comprehender-se-ha facilmente o empenho que se tem mostrado em substituir hum auxiliar tão des-

pendioso pelas carroçagens de vapor sobre as estradas ordinarias. Nos caminhos de ferro ficará sempre essa velocidade que rivalisa com o vicio dos passadizos; mas esta vantagem custa demasiadamente cara, para que em todos os casos onde não he imperiosamente exigida, se detem de adoptar meios de transporte mais economicos, que sejam sempre huma rapidez notavel, como nas planicies, e nos quaes se poderá dar sempre a direcção que se quizer.

Dois razões decisivas fôrão dar desde logo a preferencia aos carros de vapor sobre as estradas ordinarias, aos que são movidos por cavallos; primeira, a maior facilidade e commodidade do conservar o machimismo, do que de sustentar cavallos em hum país onde o carvão de pedra he assaz barato; e segunda, a diminuição das despesas no concerto das estradas, que os cavallos arruinao muito.

O exame a que a camera dos Communs em Inglaterra mandou proceder sobre esta questão, demonstrou, que na somma total do estrago feito nas estradas por hum carro de posta, caminhaldo na razão de dez milhas por hora, entravão os cavallos por tres quintos, e as rodas só por hum quinto. Ora, devendo ser as rodas dos carros de vapor muito mais largas do que

o são as das carroçagens ordinarias, segue-se que contribuirão para consolidar e ligar a estrada, em vez de deteriora-la, pela ausencia total dos cavallos, cujos pés, com o tempo, produzem o effeito do alvio.

Vê-se, pois, que não faltarão motivos para voltar a idea de applicar a força locomotiva do vapor ás estradas ordinarias, e por isso muitos habéis mechanicos principiarão a procurar os meios de resolver o problema. As difficuldades erão seguramente grandes: havia-se mister de depositos d'agua e de combustivel, tanto mais numerosos quanto mais pequmna devia ser a carga da carroçagem. D'outra lado, a machina, experimentando n'uma estrada calçada, sempre desigual e escabrosa, choques e abalos que se não dão em huma estrada de ferro, exigia huma construção mais perfeita, e carecia mais a miúdo de reparos dispendiosos. Era esse na verdade o grande obstaculo a vencer: hum inglez fez o ensaio em 1827. Depois de dois annos de experiencias continuas, produz o engenheiro Gurney hum carro de posta de vapor, no qual sóbretudo tinha procurado tornar impossivel toda a explosão da caldeira. Mas cumprido e mais alio do que os carros de posta ordinarios da Inglaterra, assemelhava-se-lhes muito ao que diz respeito a forma exterior, e podia conter vinte viajantes com as suas bagagens. Por detrás da caixa do carro havia hum espome cobre, onde se achava a caldeira e a fumaella, e tinha seis rodas collocadas duas a duas. Por baixo do eixo, e hum pouco adiante das rodas trazeiras, tinha fixado o engenheiro duas alavancas fortes, destinadas a produzir o effeito das pernas dos cavallos, impellido o carro quando tivesse de subir alguma ladeira íngreme, ou quando as estradas estivessem cobertas de neve. Também se combinado diversos meios engenhosos para augmentar ou diminuir a rapidez do carro, face-lo parar de repente, evitar os obstaculos, e voltar facil e prontamente todas as esquinas. Tal foi o carro de posta que correu em Wiltshire e em alguns jardins publicos, mas que diferentes vicios inherentes a sua construção fôrão abandonar.

Dois annos depois modificou o Sr. Gurney o seu systema, e apresentou hum modelo de machina, que, em lugar de transportar, como em principio projectara, viajantes e bagagens, só servia para rebocar huma carroçagem a razão de tres leguas por hora. O carro de rebóque tinha quatro rodas, e continha além da machina, hum assento para duas pessoas, onde iam o conductor e o engenheiro. Este carro podia em movimento por huma machina de alta pressão, caminhava sempre com a mesma rapidez, e seguia facilmente as sinuosidades do terreno; mas era preciso renovar a agua de meia em meia hora, e o carvão todas as horas. A combustão do carvão produzia pouco fumo, e durou. Finalmente, depois de novas aperfeiçoamentos, e de feitas todas as disposições, estabeleceu o Sr. Gurney hum serviço regular de postas entre Gloucester e Cheltenham, cidades distantes este espaço quatro vezes por dia, e em quatro mezes transportou mais de tres mil viajantes por cavallo. Hum desastre que aconteceu ao carro, fez parar este serviço, que não tornou a principiar talvez pelos poucos lucros que deixasse.

Fosse porém pelo que fosse, tentário-se outros ensaios mais ou menos felizes, e demonstrou-se tanto a possibilidade de conservar os carros de vapor sobre as estradas ordinarias, que a commissão encarregada pelo Parlamento de examinar este novo methodo do podia andar dez ou doze milhas por hora (tres ou quatro leguas), e conduzir de quatorze a trinta viajantes.

Estes carros, cujo peso varia de duas a tres toneladas, accrescentava o relatório, não apresentão a facilidade as ladeiras as mais íngremes. Hõe ensaiados em Inglaterra muitas empresas desta especie com machinas de vapor collocadas no corpo dos carros de posta, segundo o primeiro plano de Gurney.

Hum dos carros de posta movidos por vapores mais modernos, pois que só principiou em outubro de 1833, e he aquelle de que damos o desenho neste artigo. Inventado pelo Sr. Church, offerece hum mechanismo simples e engenhoso, muito approximado já da perfeição. Viaja entre Londres e Birmingham, e pode transportar cincoenta viajantes dentro e fora. A machina, collocada no interior, he da força de sessenta cavallos, e não produz fumo algum. O peso total do carro, comprehendida a machina e o fornecimento, não excede de tres toneladas e meia. As rodas são muito largas, e a caldeira se acha garantida contra a explosão, por meio de valvulas de segurança, dispostas com summa habilidade. Toda a machina repousa sobre molas, que tornão o seu movimento muito suave. Bem que todos concedão em dizer que a fumaella e a caldeira exarçam alguma nebulosidade, he este carro hum dos mais curiosos, não sómente por causa do seu feitio, sendo tambem por ter contribuido mais que qualquer outro para resolver victoriosamente o problema de applicação do vapor aos meios de transporte sobre as estradas ordinarias.

Enfardamento do algodão por meio de prensas hydraulicas.

Ha já hum grande numero de annos, que os Americanos usão de prensas hydraulicas para o enfardamento do algodão. Elles tinham observado que o algodão enfardado pelos unicos esforços braças, occupava hum lugar consideravel nos navios, e tornava por consequencia muy caro o preço de seu transporte.

Para evitar essa despesa, lembôrão-se de reduzir o espaço naturalmente occupado por huma substancia tão leve, comprimindo-a com maior força. Essa commoção he tal, que huma massa de algodão adquiere quasi a solidéz e dureza de hum péo, a ponto que a agua não pode penetrar seu interior. Reconheceu-se este effeito em saccos de algodão imprimados, com a prensa hydraulica, as quaes, depois do terem estado pelo espaço de tres mezes submergidos no mar, o apenas tinha a agua penetrado duas polegadas da sua superficie.

Este mesmo methodo de compressão he applicado ao leno, em Orthambay, donde he exportado em grande quantidade para as Indias.

VIAGENS.

Pesca das perolas em Cochin.

Em o mez que precedo ao da pesca, trata-se, quando o tempo permittir, de examinar os bancos das ostras que occorreo as perolas. Os bancos ou mergulhedores descerem frequentes vezes ao fundo destes bancos, e traem algumas ostras, e segundo as perolas que ellas contém, se julga do producto da pesca: e do lugar que se deve escolher para ella com preferencia. Os bancos de ostras occupão no golfo de Manar huma extensão de dez leguas de Norte a Sul, e de oito de Leste a Oeste. São quatorze ao todo, porém alguns

Figura 51: Museo Universal, nº3, 22/07/1837, p. 20-21 [4 -5 desse número]. Imagem disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

3.2. A produção de obras não-literárias pela tipografia do *Jornal do Commercio*²⁹⁵

No **Capítulo 2**, apresentamos as obras literárias impressas pela tipografia do *Jornal do Commercio* entre 1827 e 1865. Vimos que a atuação de Pierre Plancher nessa área foi pouco expressiva, com a produção de literatura pelo local se concentrando ao final da década de 1830 e durante a década seguinte, quando Junius Villeneuve já comandava o *Jornal* e a tipografia. Ainda destacamos que o avanço dessa produção nesse período esteve intimamente ligado ao desenvolvimento do folhetim nos jornais brasileiros e ao hábito de reimpressão dos romances-folhetim pelas tipografias após sua publicação pelo jornal.

Anteriormente, por sua vez, observamos a eloquente produção de periódicos pela casa impressora, tanto sob a direção de Plancher, quanto sob os comandos de Villeneuve. Observamos a diversidade de periódicos saída a publico pela tipografia do *Jornal*, não apenas por conta da quantidade de folhas impressa no período, mas também pela variedade de assuntos que foram tratados por elas. Mesmo que muitas delas tenham sucumbido à efemeridade, comum às publicações do período, é notório que os prelos da tipografia sempre estavam a serviço de um novo - ou velho - projeto de periódico.

Agora, para finalizar a apresentação da atividade editorial realizada pela tipografia do *Jornal do Commercio*, apresentamos um panorama das outras obras que saíram à luz pelo local. Mais uma vez se faz presente a diversidade de temas aos quais a tipografia se dedicou e se confirma o intenso trabalho de impressão que ocorria no local quando não se imprimia seu principal periódico.

Laurence Hallewell, ao comentar a linha editorial de Plancher, destacou a publicação de obras administrativas e políticas e ressaltou que a tipografia do *Jornal* atuou para o planfetarismo político da época, contribuindo ao lado do governo.²⁹⁶ De fato, observamos uma presença expressiva desses textos durante a atuação do editor francês, porém notamos que, até 1834, ano de seu retorno à França, também se destacou a impressão de obras didáticas e maçônicas pela tipografia do *Jornal do Commercio*.

²⁹⁵ Em anexo, apresentamos a lista completa das obras não-literárias, bem como das obras literárias e dos periódicos, impressas pela tipografia do *Jornal do Commercio* entre 1827 e 1865 que hoje integram os acervos das bibliotecas consultados por nós para este trabalho.

²⁹⁶ HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 151-152.

Entre as obras administrativas, destacaram-se as coleções de leis do Império do Brasil. Pelo país se tratar de uma nação recém-declarada independente, tais publicações se faziam necessárias, além de muito úteis e interessantes ao público. Essas obras, em geral, apresentaram um grande número de páginas e, como de praxe, foram anunciadas nas páginas do *Jornal*.

P. Plancher , Impressor-Livreiro de S. M. o Imperador acaba de pôr á venda, huma obra de maior utilidade para a Magistratura , os Jurisconsultos , e advogados , e em geral para todos os Cidadãos. Esta obra he intitulada *Código do Processo Civil* , traduzido em Portuguez , com notas explicativas e scientificas , por J. J. F. de Moura , 1 vol. em 8.º , preço 3\$200 rs. Faremos a analyse desta obra em hum dos proximos numeros.

Figura 52: *Jornal do Commercio*, 22/12/1827, p. 3, col. 2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

O *Código do processo civil com notas explicativas do texto*, publicado em 1827 e divulgado no anúncio acima, possui 289 páginas.²⁹⁷ Outro título do tipo, publicado no mesmo ano, foi o *Código penal militar*, de 242 páginas. Outras coleções de leis foram lançadas nos próximos anos pela tipografia de Plancher, como o *Código criminal do Império do Brasil*, de Charles Jean Mário Lucas, em 1831, com 112 páginas; e o *Código dos juizes de paz, ou coleção geral de todas as leis, decretos, resoluções, provisões, etc.*, em 1833, com 750 páginas. Essa obra foi anunciada como estando no prelo, para sair brevemente, em 24 de maio de 1833 e voltou a ser anunciada, dessa vez à venda, em 11 de julho.

²⁹⁷ Os números de páginas das obras citadas, bem como seus títulos e demais informações, serão apresentados conforme indicação presente na entrada dessas publicações nos acervos das bibliotecas nacionais consultados para este trabalho.

No Prêlo para sair brevemente em caso de Seignot Plancher e C. O CODIGO DOS JUIZES DE PAZ, ou COLLECCÃO GERAL DE TODAS AS LEIS, DECRETOS, PORTARIAS etc. que lhes são relativas, desde a sua criação até o dia da publicação da obra, a qual he impressa em papel bom, formato 8.º

Figura 53: *Jornal do Commercio*, 24/05/1833, p. 3, col. 2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

Achão-se á venda em casa de SEIGNOT-PLANCHER e Comp., as Obras seguintes:

O CODIGO DOS JUIZES DE PAZ,
Ou Collecção Geral de todas as Leis, Decretos, Portarias, etc., que lhes dizem respeito; ao qual se acrescentarão, além da Constituição, das Leis da Liberdade da Imprensa, e da Guarda Nacional, do Código Criminal, do Código do Processo Criminal, e das Instrucções, os Alvarás de 10 de Março de 1682, e 25 de Junho de 1760, o Decreto de 2 de Dezembro de 1820, o Extracto do Alvará de 1764, etc., etc.

OBRA INDISPENSÁVEL
Aos Juizes de Paz, Supplentes, Inspectores de Quartidos, Fiscaes, Escrivas, Membros das Cimas Municipaes, e em geral a todos os Cidadãos Brazileiros; dois vol. grande in-8, contendo juntos mais de 500 paginas; preço 67000 rs.

Figura 54: *Jornal do Commercio*, 11/07/1833, p. 3, col. 2. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

As obras políticas impressas pela tipografia de Pierre Plancher se fizeram presentes em dois momentos distintos. Como já dissemos nesta dissertação, Plancher, em um primeiro momento, esteve ao lado do imperador D. Pedro I, tendo, inclusive, publicado impressos áulicos em defesa do imperador ao final da década de 1820. Desse período amistoso entre Plancher e o governo, podemos destacar também a publicação de obras que exaltavam ou homenageavam membros da família real ou mesmo o próprio imperador. Foram os casos de *A' sua majestade o imperador, em aplauso de seu venturoso natal*, de Manoel José Cardoso Junior, publicado em 1829; da *Ode ao muito fausto restabelecimento da saude preciosa de Sua Magestade Imperial o Senhor Dom Pedro 1º e epistola gratulatoria a Sua Magestade Fidelissima a Senhora Dona Maria II por ocasião das suas supiradas melhorias*, de Francisco Freire de Carvalho, também em 1829; e da *Oração de acção de graças pelo feliz restabelecimento da saude do S. M. o Imperador, pregada na Igreja Parochial do Ss.mo Sacramento no dia 14 de fevereiro deste anno*, de Januário da Cunha Barbosa, publicada em 1830.

No entanto, como afirmou Felix Pacheco na biografia de Plancher *Hum Francez-Brasileiro*, o editor francês se afastou do imperador, quando D. Pedro I enveredou pelo absolutismo, e participou inclusive do movimento que produziu

a abdicação do monarca.²⁹⁸ Esse período também se fez presente nas impressões realizadas pela casa Plancher. Em 1831, por exemplo, saíram a público as obras *Historia da revolução do Brasil, com peças officiais e fac-símile da própria mão de Dom Pedro, por hum membro da Camara dos Deputados*, de Francisco Muniz Barreto; *Último balanço ou O budjet do senhor Dom Pedro d'Alcantara ex-imperador do Imperio do Brasil, dirigido a illustrissima Regencia*; e a *Collecção de Pelas Officiaes contendo decreto nomeando tutor á S.M. O Imperador D. Pedro II; Carta do ex-Imperador aos Representantes da Nação; Carta de despedida do ex-Imperador ao povo; Nota dirigida por S.M.F.D. Maria II aos Almirantes Francez e Inglez; Resposta dos almirantes á supra-dita nota; Proclamação da Regencia em nome do Imperador aos brasileiros; Proclamação do general Lima feita á tropa e povo*. Durante o período regencial, por sua vez, Plancher publicou uma coleção com os discursos de senadores e deputados.

OBRAS PUBLICADAS.	
<i>Collecção de Discursos dos Deputados, publicada por Emile Seignot-Plancher.</i>	
Relatorio do Ministro da Justiça	160 Rs.
Primeiro Discurso de 16 de Maio	80
Segundo Discurso de 21 de Maio	80
Relatorio do Ministro da Fazenda	320
Primeiro Discurso do Sr. Mattim Franc.º Ribeiro d'Andrade.	80
Segundo Discurso de 12 de Maio	160
Terceiro Discurso de 15 de Maio	120
Primeiro Discurso do Sr. Rebouças, de 16 de Maio.	80
Segundo Discurso de 17 de Maio.	80
Primeiro Discurso do Sr. Honorio Ernesto Carneiro Leão, de 19 de Maio.	160

Figura 55: *Jornal do Commercio*, 25/05/1832, p. 2, col. 1. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

Dos primeiros anos de atuação da tipografia, ainda destacamos a impressão de obras didáticas (*Escola brasileira ou instrucção util a todas as classes extrahida da Sagrada Escripura para uso da mocidade*, de José da Silva Lisboa, 1827, 182 páginas; *Historia da Grecia antiga abreviada para o uso da mocidade*, traduzida por Luiz Paulino da Costa Lobo, 1828, em dois volumes de 244 e 247 páginas; *Élémens de la grammaire française, par Lhomond, professeur-émérite en l'Université de Paris; nouvelle édition, a*

²⁹⁸ PACHECO, Felix. Op. cit. apud. SANDRONI, Cícero. Op. cit. p. 22.

laquelle on a ajouté les mots où l'H est aspirée, de Charles François Lhomond, 1833, 79 páginas), obras médicas (*Compendio das doenças e outras indisposições das mulheres, para servir de guia as parteiras na arte dos partos: precedido d'huma dissertação sobre o tacto*, de Estephania Berthon, 1830, 53 páginas; *Relatorio dos trabalhos da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro*, por Luiz Vicente Simoni, 1831, 41 páginas) e obras maçônicas. Considerando os dados encontrados, é bastante expressivo o número de obras maçônicas publicadas pela tipografia que hoje compõem os acervos consultados. Encontramos 11 obras, das quais nove foram publicadas entre os anos de 1833 e 1834, porém, como indicam os anúncios publicados pelo *Jornal do Commercio*, essa produção deve ter sido ser ainda maior.



Figura 56: *Jornal do Commercio*, 03/08/1835, p. 3, col. 4. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

As obras maçônicas impressas pela tipografia do *Jornal* e presentes hoje nos acervos consultados para este trabalho são, em sua maioria, não muito extensas, casos como do *Novo dicionário dos termos maçônicos, recopilado de todas as obras publicadas sobre a Maçonaria, e o mais completo dos que se têm dado á luz* (52 páginas) e *Maçonaria simbólica, segundo o regulamento do G.O. de França* (40 páginas), ambos de 1833. Mas também há obras de maior fôlego como as *Cartas sobre a Framaconeria, Edição feita sobre a original de Amsterdam, correcta, e seguida de varios aditamentos, e de huma noticia de*

algumas violências praticadas contra os Framaçons, de Hipólito José da Costa Pereira Furtado Mendonça, publicada em 1835, com 204 páginas.

Como sabemos, Junius Villeneuve assumiu a tipografia do *Jornal do Commercio* em 1834 e, logo em seguida, investiu no local a fim de atender melhor os assinantes do jornal. Ao modernizar o estabelecimento com a compra de um prelo mecânico, em 1836, ele possibilitou uma diminuição no tempo para a impressão do *Jornal*, bem como uma maior disponibilidade do local para a publicação de outros materiais. Foi ao final da década de 1830 e durante a década de 1840 que a publicação de literatura pela casa Villeneuve se destacou, com a publicação de uma coleção de textos teatrais, de algumas obras poéticas e, principalmente, de romances, notadamente traduções de autores franceses. Todavia, a publicação de obras administrativas, políticas didáticas, entre outras, continuou, assim como a divulgação dessa produção nas páginas do *Jornal do Commercio*.

As coleções com as leis do país continuaram a sair pela tipografia, como as *Considerações sobre a legislação civil e criminal do Imperio do Brazil*, de Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, em 1837; e a *Legislacao brasileira ou colleccao chronologica*, de José Paulo de Figueiroa Nabuco Araújo, do mesmo ano. Também foram publicadas novas obras que apresentavam e analisavam a situação política do Brasil, como *O tratado de 24 de março de 1843 entre o Brazil e a Confederação Argentina*, em 1845; e *Acção, reacção, transacção – Duas palavras acerca da actualidade política do Brasil*, de Justiniano José da Rocha, em 1855. Deu-se continuidade, ainda, a publicação dos discursos de deputados, senadores e ministros.

Obras históricas também foram bastante frequentes entre as publicações realizadas pela tipografia de Villeneuve, como a *História da revolução francesa, desde 1789 até 1814*, de François-Auguste Mignet, publicada em 1837; a *História do Brazil desde a chegada da família de Braganca, em 1808, até a abdicação de D. Pedro I*, em 1831, de John Armitage, também saída a público em 1837; e o *Compendio de historia antiga*, publicado em 1840.

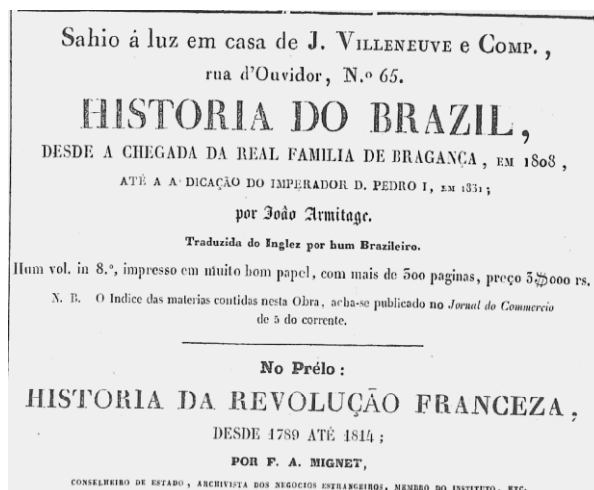


Figura 57: *Jornal do Commercio*, 06/04/1837, p. 4, col. 3-4. Consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

O anúncio de venda da *História da revolução francesa* foi divulgado apenas em 9 de agosto de 1837. Além disso, fatos recentes da história também mereceram a atenção da tipografia, como nos mostram a impressão das obras *Noticia descriptiva da provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul, contendo, alem da topographia physica e politica com hum mappa reduzido do theatro da guerra presente*, de Nicolau Dreys, publicada em 1839; *A tomada de Lisboa, chronica portugueza, extrahida dos quadros históricos*, de Antonio Feliciano de Castilho, de 1842; e *Historia do movimento politico, que no anno de 1842 teve lugar na provincia de Minas Geraes*, de José Antonio Marinho, saída a público em 1844.

A tipografia de Villeneuve também foi local de impressão de estatutos de diferentes instituições. Entre 1837 e 1861, encontramos nos acervos consultados 14 estatutos, como os *Estatutos para a Companhia Fluminense dos Omnibus*, de 1837; os *Estatutos da Academia Medica Homeopatica do Brazil*, de 1847; os *Novos estatutos da Companhia Macahé e Campos*, de 1848; os *Estatutos do Banco Rural e Hypothecario do Rio de Janeiro*, de 1852; os *Estatutos da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio de Janeiro*, de 1857; e os *Estatutos da Sociedade Dramatica Particular Club Portuense no Rio de Janeiro*, de 1861.

Nos últimos anos de nosso levantamento, chamou atenção o número de obras dedicadas a processos jurídicos, como *Exposição da questão dos testamentos de James Kenny e Roberto Diogo Kenny e do direito de seus*

herdeiros, de Jose Inácio Silveira da Mota, de 1862; *O assassinato de Manoel Pereira, analyse da pronuncia do Dr. Chefe de Policia da Provincia de Minas em relação aos pretendidos mandantes*, de Carlos Arthur Busch Varella, de 1862; *Defesas do processo Azarias*, de 1865; e *O processo do Coronel José Franco de Andrade no Jury da cidade de Campinas, provincia de S. Paulo*, também de 1865.

Embora não tenham sido publicados outros periódicos de saúde pela tipografia após Villeneuve assumir a direção do local, encontramos algumas obras médicas que foram impressas pela tipografia do *Jornal do Commercio* sob a direção do novo proprietário (*Memoria sobre o estreitamento do canal da urethra, e tratamento que lhe convem*, de 1835; *Instrucções para o tratamento da gota, rheumatismo, etc.*, de 1839; *Medicina domestica homoeopathica*, de Constantine Hering, de 1853). A cidade do Rio de Janeiro contava com uma Faculdade de Medicina, assim denominada desde outubro de 1832, e, portanto, apresentava um público que sustentava a publicação dessas obras. Dos prelos da tipografia do *Jornal*, também saíram à luz teses de medicina de alunos da instituição (*These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, de Luiz Alves de Souza Lobo, de 1850; *These para o doutorado apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, de Ignacio José Garcia, de 1854; *These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, de Joaquim José de Mello Côrte Real, de 1855).

Ainda encontramos, entre a produção editorial da tipografia do *Jornal do Commercio* sob a responsabilidade de Junius Villeneuve, a publicação de biografias (*O Marquez de Valença esboço biographico*, de 1856) e dicionários (*Novo diccionario da lingua portugueza*, de Eduardo de Faria, de 1859).

Não nos estenderemos sobre cada obra ou assunto que foi publicado pela tipografia do *Jornal do Commercio*. No entanto, acreditamos que o panorama apresentando deu a real ideia do quanto a tipografia teve uma atividade editorial ativa e expressiva durante os anos estudados. Mais uma vez, pudemos perceber que as “horas ociosas” do local nada tinham de ociosas e que seus prelos estavam sempre em movimento levando a público os mais diferentes temas e materiais.

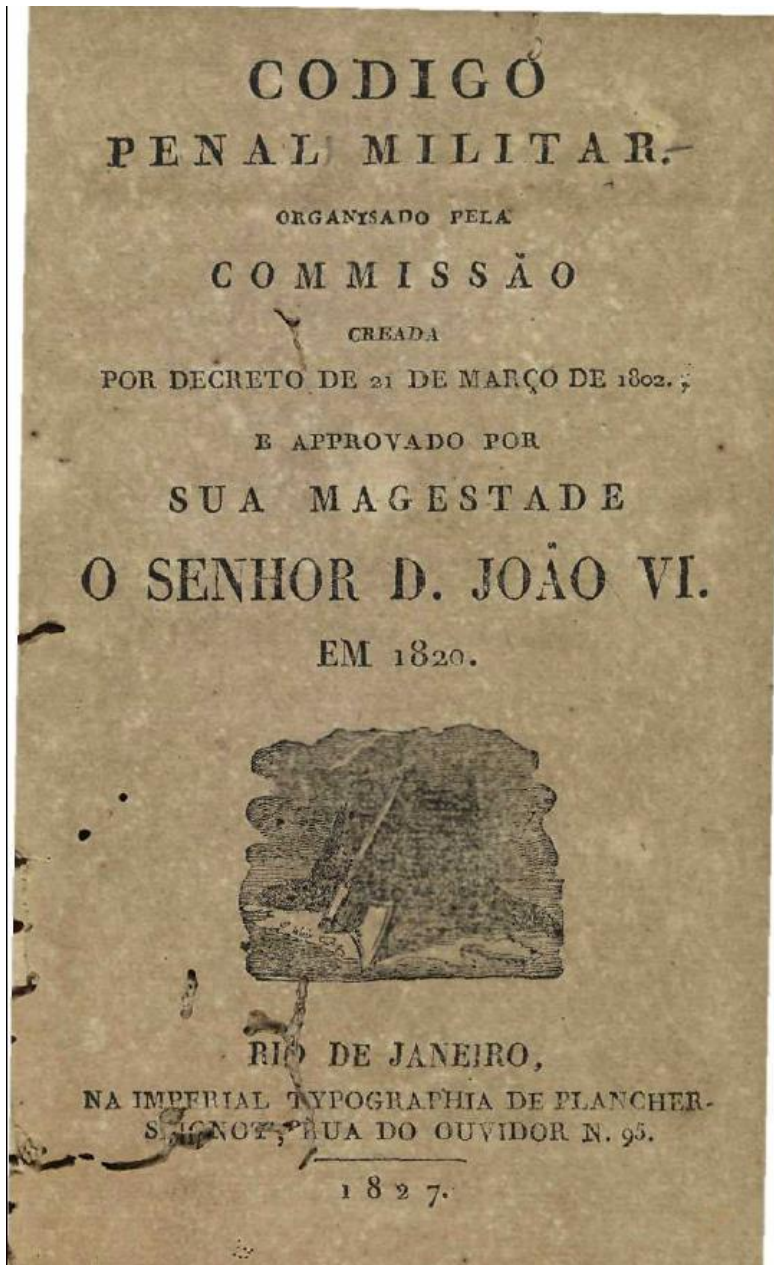


Figura 58: *Codigo Penal Militar*. Disponível em: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin Digital.

ESCOLA BRASILEIRA

OU
INSTRUÇÃO UTIL

A
TODAS AS CLASSES

EXTRAHIDA
DA SAGRADA ESCRIPTURA
PARA USO DA MOCIDADE.

POR

JOSE DA SILVA LISBOA, VISCONDE DE CAYRU,
SENADOR DO IMPERIO, MEMBRO DA SOCIEDADE
PHILOSOPHICA DE PHILADELPHIA. ETC.

~~~~~  
*Os que accendem huma luzerna, não a mettem debaixo do alqueiro, mas a poem sobre o candieiro, a fim de que luza á todos que estão na Casa. — S. Math. V. 5.*  
~~~~~

VOL. II.

RIO DE JANEIRO,

NA IMPERIAL TYPOGRAPHIA DE PEDRO PLANCHER-
SEIGNOT, RUA DO OUVIDOR N. 95.

~~~~~  
1827.

Figura 59: *Escola brasileira ou instrução util a todas as classes extrahida da Sagrada Escriptura para uso da mocidade*. Disponível em: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin Digital.

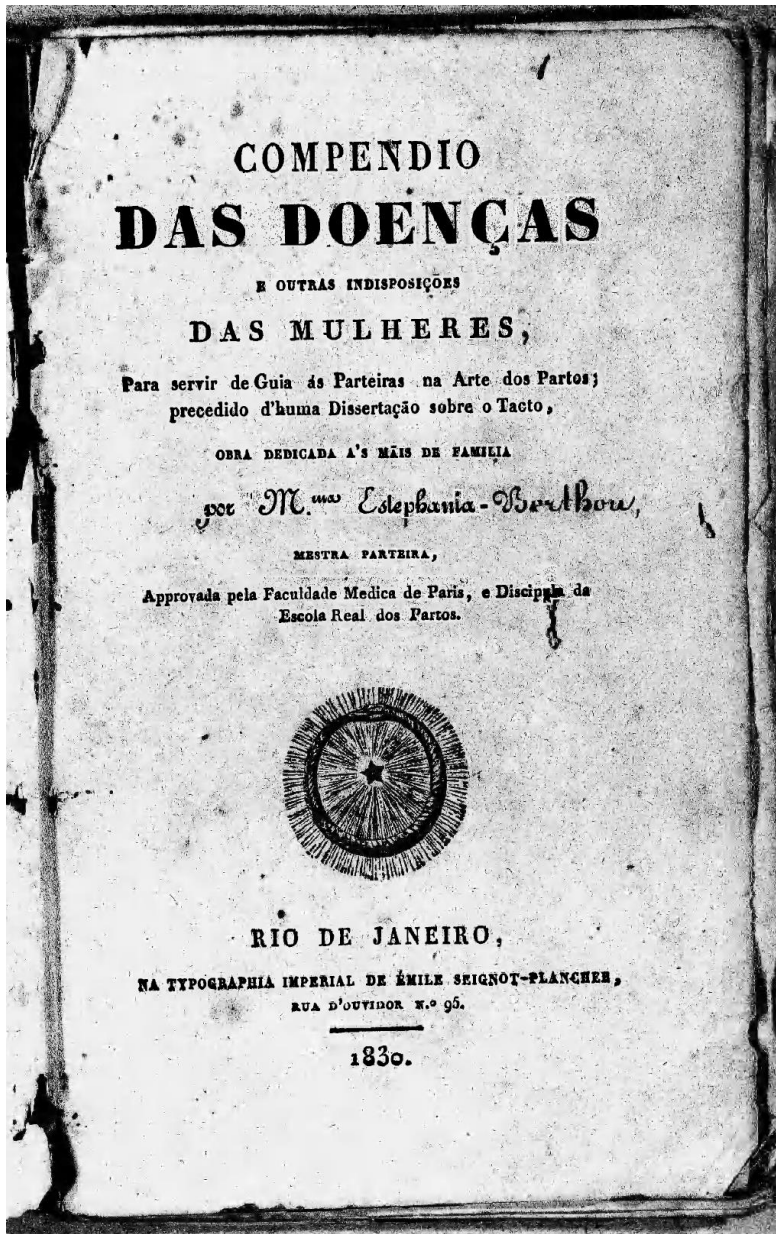


Figura 60: *Compendio das doenças e outras indisposições das mulheres*. Disponível em: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin Digital.

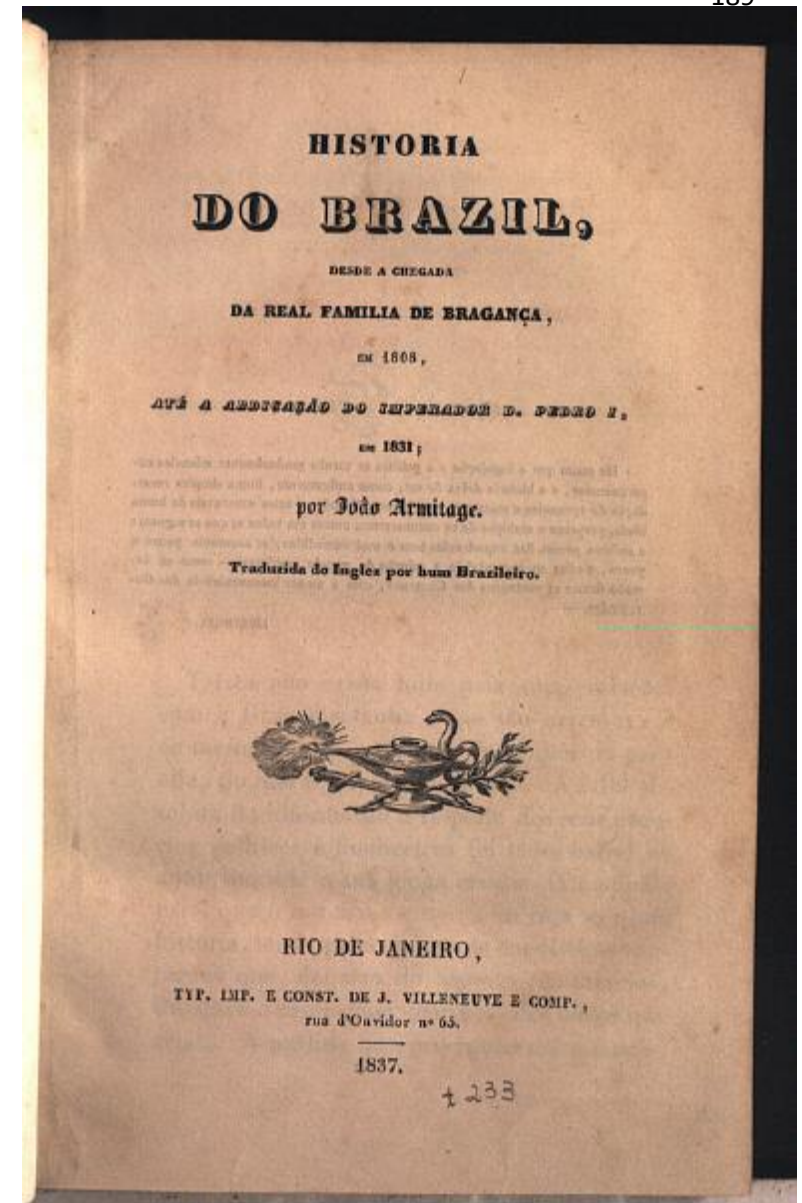


Figura 61: *Historia do Brazil*. Disponível em: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin Digital.

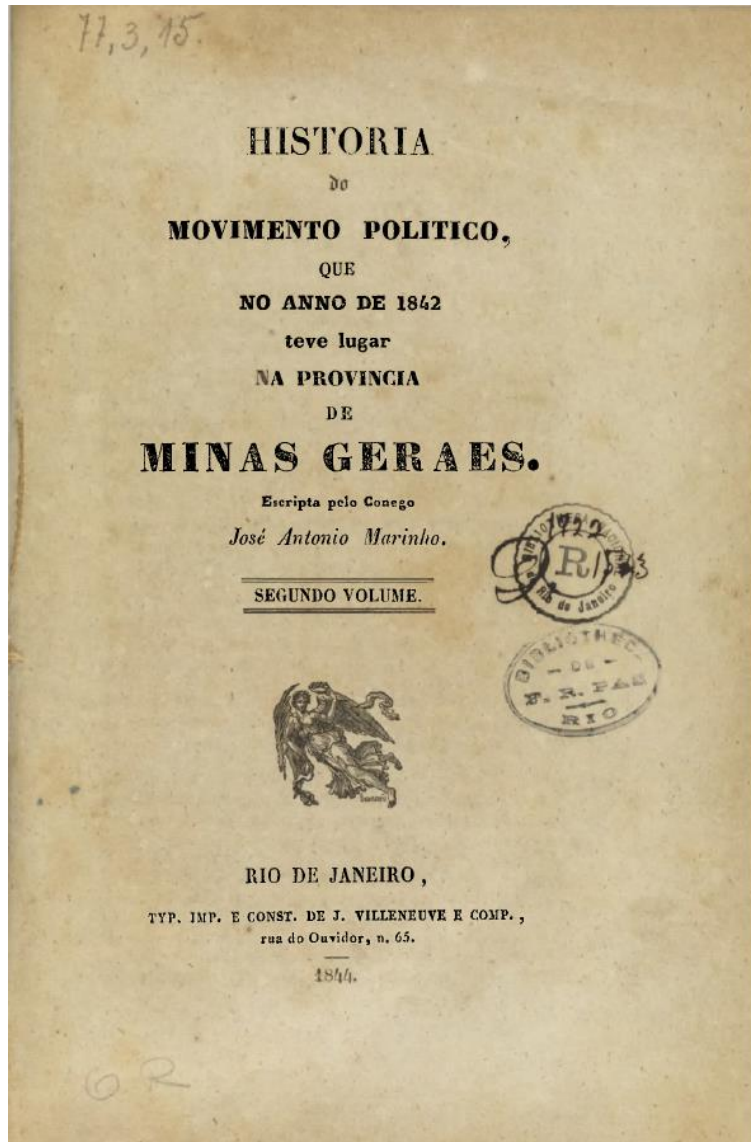


Figura 62: *Historia do Movimento Politico, que no anno de 1842 teve lugar na provincia de Minas Geraes.* Disponível em: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin Digital.

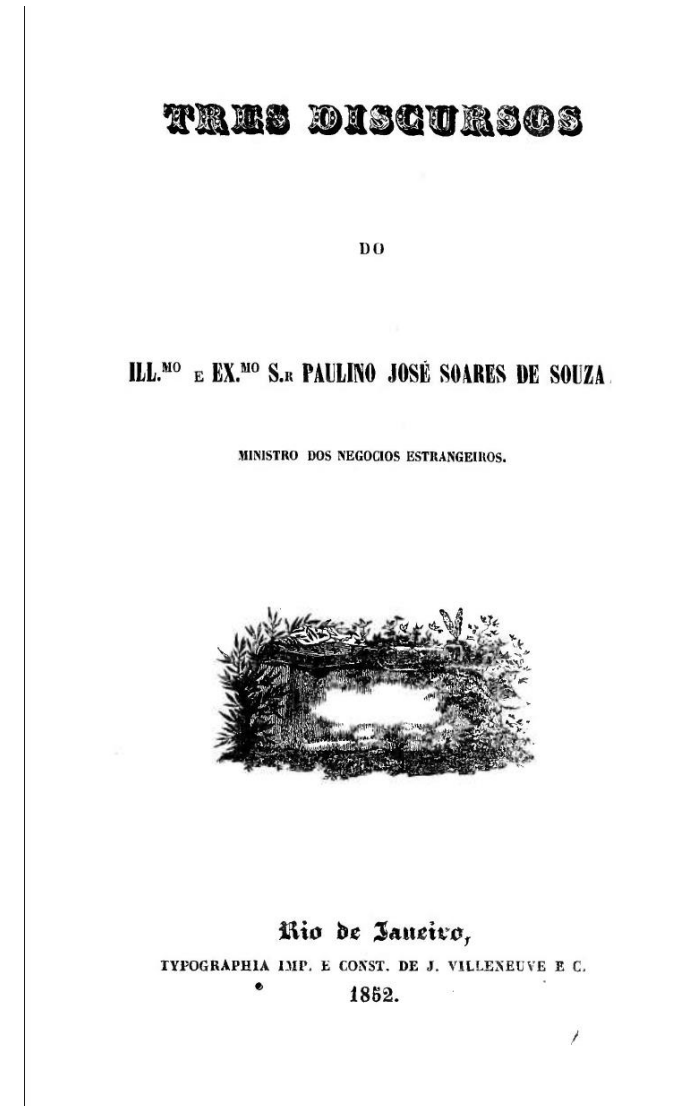


Figura 63: *Três discursos do Ill.mo e Ex.mo Sr. Paulino José Soares de Souza.* Disponível em: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin Digital.

## Considerações Finais

Nesta pesquisa, tivemos como objetivo apresentar a atividade editorial que era realizada pela tipografia do *Jornal do Commercio* entre os anos de 1827 e 1865, observando esse local como lugar privilegiado para a produção e circulação dos livros – incluindo obras literárias - no século XIX e como peça importante para a formação de um público leitor no período. Para tanto, recorreremos aos acervos da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, da Biblioteca Mário de Andrade e da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, de São Paulo, além das Bibliotecas da USP, por meio do portal do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBiUSP), levantando junto a eles as obras publicadas que saíram a público pela tipografia do *Jornal* que compõem hoje seus conjuntos de livros.

Nesse intento, dividimos o texto dessa dissertação em três capítulos. Desses, o primeiro foi dedicado a expor o contexto no qual se deu a instalação da tipografia do *Jornal do Commercio* no Brasil, retomando desde a calorosa recepção da atividade tipográfica na Europa, acompanhada em seguida de políticas censórias em grande parte dos países, até as tentativas frustradas de instalar uma tipografia no Brasil durante o período colonial e a efetiva instalação da atividade tipográfica no país com a inauguração da Imprensa Régia. Destacamos ainda a disseminação da atividade tipográfica no Rio de Janeiro após a independência do Brasil e o fim do monopólio das publicações pela Imprensa Régia. Já os dois últimos capítulos foram dedicados à apresentação de fato da produção editorial realizada pela tipografia do *Jornal do Commercio*, ilustrando a produtividade e a diversidade dos impressos saídos a público pelo local. Dedicamos o segundo capítulo à produção literária realizada pela tipografia entre 1827 e 1865 e o último aos periódicos e obras não-literárias impressos pelo local.

No que se refere à publicação de obras literárias, vimos que, embora essa produção tenha sido discreta nos primeiros anos observados, ela foi bastante expressiva ao final da década de 1830 e durante os anos seguintes, impulsionada pelo desenvolvimento do folhetim nos jornais brasileiros e pelo hábito de reimpressão dos romances-folhetim pelas tipografias do período após sua publicação pelo jornal. O levantamento dessas obras permitiu-nos verificar



que a tipografia do *Jornal do Commercio* teve um importante papel na circulação dos romances no XIX, que ia além da divulgação desses textos no espaço do folhetim do jornal. Todavia, vimos que essa produção não se limitou a publicação e reimpressão de romances, com a tipografia se dedicando também à publicação de poemas e textos teatrais.

No que diz respeito à publicação de periódicos, observamos uma diversidade de propostas e conteúdos com a impressão frequente de outras folhas concomitantes à publicação do *Jornal do Commercio*. Dos prelos da tipografia do *Jornal*, saíram à público folhas médicas, áulicas, humorísticas, ilustradas, escritas em língua estrangeira e dedicadas ao público feminino, todas elas com seus números sendo constantemente anunciados nas páginas do *Jornal do Commercio*. A mesma diversidade foi encontrada nas obras não-literárias publicadas pela tipografia que foram diversas e diversificadas, abrangendo assuntos como política, economia, direito, educação, saúde, história, maçonaria e muitos outros.

Assim visto, acreditamos que o levantamento realizado nesta pesquisa e a organização dos dados apresentada nesta dissertação coloca luz sobre a leitura que se fazia na sociedade brasileira do século XIX. Apesar de a população brasileira do período ser predominantemente analfabeta, como apontou o censo de 1872, a cidade do Rio de Janeiro, onde atuava o *Jornal do Commercio* e sua tipografia, concentrava a maior porcentagem de leitores do país, somando um número de leitores suficiente para sustentar uma produção editorial com características como diversidade, periodicidade e especialidade.

Retomando as assertivas de Antonio Candido (1965) acerca do comportamento artístico do público e também as posições de Levin L. Schücking (1960) e de Pierre Bourdieu e Alain Darbel (2007) sobre o gosto literário e o gosto pelas artes, lembramos que o comportamento artístico do público, como entendido por esses autores, se manifesta de acordo com as expectativas do momento e da sociedade na qual ele está inserido e que tal comportamento não se trata de uma criação do espírito, mas sim de uma criação social na qual atuam diferentes instrumentos de poder, entre os quais se situa a imprensa. Assim, as publicações realizadas pela tipografia do jornal estavam condicionadas ao gosto daquela sociedade, assim como influenciavam na formação desse comportamento.

Portanto, a diversidade de publicações realizada pela tipografia do *Jornal do Commercio* encontrava apoio em uma sociedade que também se diversificava. Durante o século XIX, a sociedade brasileira vivenciou inúmeras transformações decorrentes, em um primeiro momento, da vinda da Família Real e da corte portuguesa para o país e da abertura dos portos e, posteriormente, dos efeitos da Independência e do fluxo de imigrantes para o país. A chegada da família real ao Brasil causou transformações no âmbito cultural e educacional. No início do XIX, foram criadas escolas como a Academia Real Militar, a Academia da Marinha, a Escola de Comércio, a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, a Academia de belas-artes e dois Colégios de Medicina e Cirurgia, um no Rio de Janeiro e outro em Salvador. Essa nova realidade criou a necessidade de publicações mais especializadas e foi explorada pela tipografia do *Jornal*, como com a publicação de obras de instrução e de livros e periódicos médicos.

A tipografia do *Jornal do Commercio* também explorou a efervescência política dos anos pós-Independência, com a publicação de obras políticas e administrativas, além de folhas áulicas. Outra característica da população carioca do XIX fartamente explorada pela oficina do *Jornal* foi o fascínio da sociedade brasileira da época pelas coisas do Velho Mundo, com a utilização constante de modelos europeus – anunciados explicitamente ao público, como no lançamento da revista ilustrada *Museo Universal* – e com a publicação de traduções de autores estrangeiros, como notadamente no caso dos romances-folhetim franceses.

Ao passo que respondia aos anseios do seu público, parte ansioso por instrução, outros ávidos por novidades políticas, outros tantos curiosos pelas modas europeias, a tipografia do *Jornal do Commercio* colaborava para a formação do gosto desses leitores, pois definia em sua produção e em seus anúncios o que correspondia à boa leitura, aos modelos europeus e ao imprescindível aos cidadãos brasileiros. Além disso, ao vincular muitas de suas publicações ao periodismo, à edição em fascículos e à coleção, a tipografia mantinha o interesse do público e consolidava o gosto por determinado conteúdo e gênero ao longo do tempo.

Voltando nossa atenção uma última vez à publicação de literatura pela tipografia do *Jornal*, da qual se destacou a publicação de romances-folhetim,

resgatamos, agora, a questão formulada por Antonio Candido ao discorrer sobre os escritores estrangeiros desse gênero que circularam no Brasil durante o século XIX. Após elencar alguns desses autores, como Paul de Kock, Eugène Sue, Eugène Scribe, Frédéric Soulié e Elie Berthet, Candido apresentou a seguinte indagação: “Quem sabe quais e quantos desses subprodutos influíram na formação do nosso romance. Às vezes, mais do que os livros de peso em que se fixa de preferência a atenção”.<sup>299</sup>

Refletindo sobre essa questão diante dos dados referentes à publicação de romances-folhetim pelo *Jornal do Commercio*, e sabendo que o hábito de reimpressão desses romances pelas tipografias dos jornais foi uma atividade comum no período, é possível afirmar que Candido talvez não tenha tirado todo proveito do questionamento que ele mesmo fez. Evidentemente, na ocasião de escritura de sua *Formação da Literatura Brasileira*, Candido não dispunha das ferramentas que possibilitaram esta e outras pesquisas referentes à circulação do romance-folhetim no país. Sendo assim, os novos dados hoje disponíveis sobre a presença e circulação desses autores estrangeiros no Brasil, entre os quais os dados apresentados nesta dissertação, apontam que eles influenciaram muito mais na formação do nosso romance do que foi destacado até então.

Um dos caminhos pelo qual acreditamos que a presença desses autores estrangeiros teria atuado no fortalecimento de nossa literatura foi por meio do fortalecimento do gosto dos leitores brasileiros. Sobre a literatura disponível aos leitores de um país, Antonio Candido diz:

Há literaturas de que um homem não precisa sair para receber cultura e enriquecer a sensibilidade; outras, que só podem ocupar uma parte da sua vida de leitor, sob pena de lhe restringirem irremediavelmente o horizonte. Assim, podemos imaginar um francês, um italiano, um inglês, um alemão, mesmo um russo e um espanhol, que só conheçam os autores da sua terra e, não obstante, encontrem neles o suficiente para elaborar a visão das coisas, experimentando as mais altas emoções literárias.

Se isto já é impensável no caso de um português, o que se dirá de um brasileiro?<sup>300</sup>

---

<sup>299</sup> CANDIDO, Antonio. 1997. Op. cit. vol. II. p. 108.

<sup>300</sup> Ibidem. vol. I. p. 9.

Para Candido, enquanto era suficiente a um leitor francês conhecer apenas os autores de seu país para ter contato com as “mais altas emoções literárias”, um leitor brasileiro fechado à literatura de sua pátria estava condenado a um horizonte restrito incapaz de enriquecer sua sensibilidade. Sendo assim, ao fazer circular entre os leitores brasileiros os romances estrangeiros, a tipografia do *Jornal do Commercio* contribuía para alargar o horizonte dos leitores do país. Desse modo, quando o romance estrangeiro, notadamente o romance francês, foi publicado, ele provocou uma ampliação da imaginação da sociedade brasileira para além de sua realidade, fazendo-a tomar contato com uma diversidade de “visão das coisas” e “emoções literárias” até então desconhecida. Tal transformação do público não deixaria de ser considerada pelos homens de letras brasileiros no momento de desenvolvimento da produção nacional.

Concluimos assim que os dados apresentados nesta dissertação são sintomáticos da expressiva atividade editorial realizada pelas tipografias dos jornais do século XIX e do papel desses empreendimentos na história da leitura e literatura no Brasil, sugerindo, portanto, a necessidade de darmos maior atenção a esses locais e a sua produção se desejamos conhecer a verdadeira experiência leitora e literária da sociedade brasileira do XIX. Assim sendo, este trabalho continua em nível de doutorado para o qual propomos realizar o levantamento das obras literárias também publicadas pelas tipografias de outros dois importantes periódicos do XIX, a tipografia do *Diário do Rio de Janeiro*, entre 1821 e 1878, e do *Correio Mercantil*, entre 1848 e 1868. Dessa vez, além de caracterizar a produção realizada por esses estabelecimentos, pretendemos refletir sobre como essa produção, juntamente a produção literária da tipografia do *Jornal do Commercio*, interage com um momento de formação do cânone literário nacional, acompanhando o seu protagonismo ou omissão/preterição nas histórias literárias brasileiras.

## Fontes

### 1. Periódicos<sup>301</sup>

*Diario de Saude*, 1835.

*Honra do Brasil Desafrentada de Insultos da Astréa Expadaxina*, 1828.

*Jornal do Commercio*, 1827-1865.<sup>302</sup>

*L'Echo de L'Amérique du Sul*, 1827-1828.

*L'Independant*, 1827.

*Museo Universal, jornal das famílias brasileiras*, 1837-1844.

*O Censor Brasileiro*, 1828.

*O Correio da Camara dos Deputados*, 1831.

*O Espelho Diamantino*, 1827-1828.

*O Parlamentar*, 1837-1839.

*O Propagador das Sciencias Medicas*, 1827-1828.

*O Simplício da Roça*, 1831-1832.

*O Simplício Poeta*, 1832.

*Semanario de Saude Publica*, 1831-1834.

*The Rio Herald*, 1828.

---

<sup>301</sup> Consultados na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

<sup>302</sup> Também consultado no Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH, UNICAMP.

## **2. Outros**

*Recenseamento do Brazil em 1872* – Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br>

## Referências

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura no Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003.

\_\_\_\_\_. O 'mundo literário' e a 'nacional literatura': Leitura de romances e censura. In: \_\_\_\_ (org.) *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p. 275-306.

\_\_\_\_\_. "Duzentos anos: Os primeiros livros brasileiros". In: ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Anibal (Orgs.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 41-65.

\_\_\_\_\_. A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX. *Livro*, São Paulo, n.1, p. 115-130, Maio 2011.

\_\_\_\_\_, Libraires et éditeurs français à Rio de Janeiro: les cas de Paul Martin et Pierre Constant Dalbin. In: COOPER-RICHET, Diana; MOLLIER, Jean-Yves. (Org.). *Le Commerce Transatlantique de Librairie*. 1. ed. Campinas, SP: UNICAMP/ Publicações IEL, 2012. p. 17-29.

\_\_\_\_\_, Problemas de história literária e interpretação de romances. *Todas as Letras X*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 39-52, nov. 2014.

ALMEIDA, Anita Correia Lima de. Em nome da reputação pública: a 'Memória sobre o governo de Macau' de Lucas José de Alvarenga. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo, RS. *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*. São Leopoldo: Unisinos, 2007. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/?p=14350>. Acesso em: 06/06/2016.

ALMEIDA, Marcos Antonio. António do Rosário, *Frutas do Brasil numa nova, e ascética Monarchia, consagrada à Santissima Senhora do Rosario. Apresentação Ana Hatherly (Fac-símile da edição de Lisboa : António Galvão, 1702)*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002, 28 + 208 p.. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Comptes rendus et essais historiographiques, 2005. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/331>. Acesso em: 06/06/2016.

ALMEIDA, Rafael Loureiro de. *Martins Pena: A tragicomédia de um dramaturgo brasileiro*. 2016. 212 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2016.

AUGUSTI, Valéria. Do gosto inculto à apreciação douta: a consagração do romance no Brasil dos oitocentos. In: ABREU, Márcia (Org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos Séculos XIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p. 393-414.

AUGUSTO, José Carlos. *Um provinciano na corte: As aventuras de “Nhô-Quim” e a sociedade do Rio de Janeiro nos anos 1860-1870*. 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

AZEVEDO, Dr. Moreira de. “Origem e Desenvolvimento da Imprensa no Rio de Janeiro”, In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico, e Etnographico do Brasil*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1865. Tomo XXVIII, Parte Segunda.

BAHIA, Juarez. *Dicionário de Jornalismo século XX*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBOSA, Marialva Carlos. Escravos letrados: uma página (quase) esquecida. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação/ E-compós*, Brasília, v. 12, n.1, jan./abr. 2009. Disponível em : <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/371/325> Acesso em: 07. nov. 2016.

BASILE, Marcello. Governo, nação e soberania no Primeiro Reinado: a imprensa áulica do Rio de Janeiro. In: CARVALHO, José Murilo de; PEREIRA, Miriam Halpern; RIBEIRO, Gladys Sabina; VAZ, Maria João (orgs.). *Linguagens e fronteiras do poder*. Rio de Janeiro: FGV, 2011. p. 171-183.

BASTOS, José Timóteo da Silva. *História da censura intelectual em Portugal: ensaio sobre a compreensão do pensamento português*. 2ed. Lisboa: Moraes Editores, 1983.

BERÇOT, Fernando Santos. *O Espelho Diamantino e os exemplos de virtude feminina no Rio de Janeiro do Primeiro Reinado (1827-1828)*. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, XV, 2012, Rio de Janeiro. *Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-RIO*. Rio de Janeiro, 2012.

BIRON, Berty Ruth Rothstein. Frei Antonio do Rosário (1647-1704). *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, n.28, p. 206-209, jul./dez. 2012. Disponível em: [www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/?p=1897](http://www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/?p=1897). Acesso em: 06/06/2016



BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro* (Volume 5: Letras Jo-Ly). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura. 1970

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. SP: Cultrix, 1979. 2ª Ed.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. 2. ed. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRITO, António Ferreira de. Do *Tartuffe* de Molière ao *Tartufo* de Manuel de Sousa (1768) e ao de Castilho (1870): achegas para o conceito de tradução em Portugal nos séculos XVIII e XIX. *Intercambio*, Porto, n.4, p. 66-67, 1993.

BUITONI, Dulcília. *Mulheres de papel: Representação de mulheres pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Impressão Régia*. São Paulo: EDUSP; Kosmos, 1993. 2. v.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 8 ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda., 1997. 2 vols.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. 11 ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2010.

CASTRO, Valdiney Valente Lobato de; SALES, Germana Maria Araújo. O florescimento dos leitores cariocas no século XIX. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, XIV, 2015, Belém. *Anais eletrônicos do XIV Congresso Internacional ABRALIC*. Belém, 2015. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/>. Acesso em: 07 nov. 2016.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: \_\_\_\_ (Org.) *Práticas de leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 77-106.

\_\_\_\_\_. *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit.* – Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In. DE LUCAS, Tânia; MARTINS, Ana Luiza (orgs.). *História da Imprensa no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2008. p. 103-130.

CORRÊA, Suani Trindade. *De "O Avaro" de Molière a "O Mão de vaca" dos Palhaços Trovadores: o texto teatral em processo.* 2011. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2011.

COSTA, Amanda loost. *Análise de duas traduções de Les femmes savantes de Molière: uma reflexão sobre os traços estilísticos do autor.* 2011. 289 f. Dissertação (Mestre em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

COSTA, Angela da. Uma trajetória do esquecimento: o poema A Nebulosa, de Joaquim Manuel de Macedo. *Revista Guavira-Letras: Poemas Narrativos.* Três Lagoas, v. 1, n. 9, p. 52-66, jul./dez. 2009.

COSTA, Carlos Roberto da. *A Revista no Brasil, o século XIX.* 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo. 2007.

DALL'AGNOL, Rafael Terra. *Plutarco Brasileiro: imaginação histórica e escrita biográfica no século XIX.* s.l. s.d. Disponível em: [http://www.academia.edu/24363853/Plutarco\\_Brasileiro\\_Imagina%C3%A7%C3%A3o\\_Hist%C3%B3rica\\_e\\_Escrita\\_Biogr%C3%A1fica\\_no\\_s%C3%A9culo\\_XIX](http://www.academia.edu/24363853/Plutarco_Brasileiro_Imagina%C3%A7%C3%A3o_Hist%C3%B3rica_e_Escrita_Biogr%C3%A1fica_no_s%C3%A9culo_XIX) Acesso em: 08/06/2016.

DEAECTO, Marisa Midori. Um editor no quadro político do Primeiro Império: o caso de Pierre Seignot-Plancher (1824-1832). In: CONGRESSO DA HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA NO BRASIL, II, 2003, Campinas. *Anais...* Não paginado. Disponível em: < [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais14/Hsemi.html](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/Hsemi.html) >. Acesso em: 30/05/2016.

DONEGÁ, Ana Laura. Um periódico transnacional: a *Revista Nacional e Estrangeira* (1839-1845), a literatura e a crítica do século XIX. *Olho d'água.* São José do Rio Preto. 5v., n.5. p. 121-136, jul./dez. 2013.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FERREIRA, Luiz Otávio. O viajante estático: José Francisco Xavier Sigaud e a circulação das ideias higienistas no Brasil oitocentista (18360-1844). In: BASTOS, Cristina; BARRETO, Renilda (orgs.). *A circulação do conhecimento: medicina, redes e impérios*. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2012. p. 73-89.

FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra. Introdução à bibliografia brasileira. A imagem gravada*. São Paulo: EDUSP, 1994

FUTATA, Mali Delmônico de Araújo. *Imprensa e Educação: Pierre Plancher e a ação política educativa do Jornal do Commercio no final do Primeiro Reinado (1827-1832)*. 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008.

GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. O Discurso dissimulador das Folhas Caídas. *Scripta*. Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 125-133, 2º sem., 1999.

GODOI, Rodrigo Camargo de. *Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)*. 2014. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Univerdade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

GRANJA, Lúcia. Domínio da boa prosa: narradores e leitores na obra do cronista. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo, n.23/24, p. 252-272, 2008.

\_\_\_\_\_. Folhetins d'aquém e d'além mar: a formação da crônica no Brasil. In: MOTTA, Sérgio Vicente; BUSATO, Susanna (Orgs.). *Figurações contemporâneas do espaço na literatura*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 111-133

\_\_\_\_\_. No rodapé dos jornais: casos do romance-folhetim. *Floema*. Vitória da Conquista, ano VII, n.9, p. 147-158, jan./jun. 2011.

\_\_\_\_\_. Un Comte traverse la mer: un roman d'Alexandre Dumas en bas de page et aux annonces du *Jornal do Commercio*. In: COOPER-RICHET, Diana; MOLLIER, Jean-Yves. (Org.). *Le Commerce Transatlantique de Librairie*. 1. ed. Campinas, SP: UNICAMP/ Publicações IEL, 2012. p. 177-184 .

\_\_\_\_\_. Rio-Paris: primórdios da publicação da Literatura Brasileira chez Garnier. *Revista Letras* n.47, Santa Maria, 2013, p. 81-95.

\_\_\_\_\_. Um editor no espaço público: Baptiste-Louis Garnier e a consolidação da coleção em Literatura Brasileira. *Revista Estudos Linguísticos*. vol. 45, n. 3, p. 1205-1216, 2016. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/594>.

\_\_\_\_\_. *Fazer os livros antes dos livros, Machado de Assis e Baptiste-Louis Garnier*: Imprensa e Impressos. 2016. 165 f. Tese (Livre-docente em Literatura Brasileira) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2016.

GRUZINSKI, Serge, *Les quatre parties du monde: Histoire d'une mondialisation*. Paris: Editions de La Martinière, 2004.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. Trad. Maria da Penha Villalobos; Lolio Lourenço de Oliveira. 2ª ed. rev e ampliada. São Paulo: T. A. Queiroz; EDUSP, 2005.

HATHERLY, Ana. Apresentação. In: ROSÁRIO, Antônio do. *Frutas do Brasil: numa nova, e ascética Monarquia, consagrada à Santíssima Senhora do Rosário*. Fac-símile da edição de Lisboa: António Pedroso Galvão, 1702. Apresentação de Ana Hatherly. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

HEINEBERG, Ilana. *La suite au prochain numéro: formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do Commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio mercantil (1839-1870)*. 2 v. 2004. Tese (Doutorado) - Université de la Sorbonne Nouvelle, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.), *História Geral da Civilização Brasileira – II O Brasil Monárquico 3 Reações e transações*. São Paulo – Rio de Janeiro, DIFEL, 1976.

KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain. (Orgs.) *La civilization du journal*. Paris: Nouveau Monde, 2011.

KALIFA, Dominique; THÉRENT, Marie-Ève. Ordonner l'information. In: KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain. (Orgs.). *La civilization du journal*. Paris: Nouveau Monde, 2011. p. 879-891

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

MANÇANO, Regiane. *Livros à venda: presença de romances em anúncios de jornais*. 2010. 319 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita*. São Paulo, SP: Editora Ática, 2001.

MARTINS, Ana Luiza e DE LUCA, Tânia Regina (org.) *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MENDES, Maria Lúcia Dias. Trajetórias e tempos das traduções de Alexandre Dumas em Portugal e no Brasil. *Revista Letras*. Santa Maria, n.47, p. 135-154, jul./dez. 2013.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOLINA, Matías. *História dos jornais no Brasil: Da era colonial à Regência (1500-1840)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MOLLIER, Jean-Yves. *Michel & Calmann Lévy, ou la naissance de l'édition moderne, 1836-1891*. Paris: Calman & Levy, 1994.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.

MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: Imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade Imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *João Roberto Bourgeois e Paulo Martin: livreiros franceses no Rio de Janeiro, no início do oitocentos*. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH-RJ, HISTÓRIA E BIOGRAFIAS, X, 2002, Rio de Janeiro. *Anais Eletrônicos do X Encontro Regional de História - História e biografias*. Rio de Janeiro: Uerj, 2002.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das & FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz. “Livreiros no Rio de Janeiro: intermediários culturais entre Brasil e Portugal ao longo do oitocentos”. In *Atas do 3º Colóquio do Polo de Pesquisas de Relações Luso-Brasileiras – Entre Iluminados e Românticos*, 2006.

PAIVA, Bruno Silveira. *O projeto educacional da primeira geração de intelectuais românticos brasileiros (1836-1847)*. 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2015.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Elementos Constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado*. 2012. 316 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

PACHECO, Felix. *Hum Francez Brasileiro, Pedro Plancher: Subsídios para a História do “Jornal do Commercio”*, Rio de Janeiro: Typografia do *Jornal do Commercio*, 1917.

PERIN, Diego Rodriguez. *Rousseau e Molière: uma análise sobre a crítica do riso e da ridicularização*. 2013. 144 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2013.

POUBEL, Martha Werneck. *Os primeiros passos censitários brasileiros e o desenvolvimento da matemática-estatística no Brasil de 1872 a 1938*. 2013. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

RIBEIRO, Lucia Maria Moutinho. Almeida Garret: poesia e autobiografia. *Scripta*. Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 108-114, 2º sem., 1999.

RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil (1500 - 1822)*. São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

SANDRONI, Cícero. *180 anos do Jornal do Commercio 1827-2007 ~ de D. Pedro I a Luiz Inácio Lula da Silva*. Rio de Janeiro: Quorum Editora Ltda., 2007.

SCHÜCKING, Levin L., *El gusto literario*, México – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1960.

SILVA, Hebe Cristina da. *Prelúdio do romance brasileiro: Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais*. 2009. 2v. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – UNICAMP, Campinas.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial*. 1999. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. Malditos tipógrafos. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, I, 2004, Rio de Janeiro. *Anais do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/nelsonschapochnik.pdf>.. Acesso em: 08 dez. 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1977

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. Primeiras impressões: produção e circulação de romances no início do século XIX. *Revista Letras*, Curitiba, v. 67, p. 25-40, set./dez. 2005.

\_\_\_\_\_. *Primeiras impressões: romances publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. 2007. 158 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

TAVARES, Luis Guilherme Pontes; ROSA, Flávia Garcia. “Apontamentos para a história do livro na Bahia”. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 221-233.

THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain. (Orgs.) 1836, *L'an I de l'ère médiatique*. Analyse littéraire et historique de La presse de Girardin. Paris: Nouveau Monde, 2001.

THÉRENTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien – Poétiques journalistiques au XIXe siècle*, Paris, Seuil, 2007.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954.

VILLALTA, Luiz Carlos. *Reformismo ilustrado e práticas de leitura: usos do livro na América Portuguesa*. 1999. Tese (Doutorado em História) - USP/FFLCH, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. Censura literária e circulação de impressos entre Portugal e Brasil (1769-1821). In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (orgs). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos Séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 111-134.

WIMMER, Norma. “Folha, folhetim, folhetão: do jornalismo francês para a imprensa do Rio de Janeiro”. In: SILVA, Antonio Manoel dos Santos (Org.). *Crônicas brasileiras do século XIX: folhetins, crônicas e afins*. São Paulo: Editora Arte & Ciência, 2010. v. 1, p. 9-14.

WITKOWSKI, Claude. “Le supplément littéraire detachable”. In: *Revue de la Bibliothèque Nationale*, n° 9, setembro/1983, 3° ano, p. 3-10.



## Anexos

Produção da tipografia do *Jornal do Commercio* (1827-1865)<sup>303</sup>

|   | ANO DE PUBLICAÇÃO | TÍTULO <sup>304</sup>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | LOCALIZAÇÃO                                                              |
|---|-------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| 1 | 1827              | <b>CODIGO do processo civil ... com notas explicativas do texto.</b> Rio de Janeiro: na Imperial Typographia de Pedro Plancher, 1827. 289 p.                                                                                                                                                                                                                                                                              | Biblioteca Nacional                                                      |
| 2 | 1827              | ARAÚJO, José Paulo Figueroa Nabuco de. <b>Compendio scientifico para a mocidade brasileira destinado ao uso das escolas dos dous sexos ornado de nove estampas accomodadas ás artes, e sciencias de que nelle se trata, tiradas por lithographia. Offerecido á Briosa, e Heroica Nação Brasileira por Hum Cidadão Agradecido.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1827. lxxv, 243p., 5p.s.n. errata e índice ilgrav 19 x 12 cm. | Biblioteca Nacional/<br>BBM <sup>305</sup> / Biblioteca Mário de Andrade |
| 3 | 1827-             | <b>SIGAUD, J. F. O propagador das sciencias medicas, ou, Annaes de medicina, cirurgia e pharmacia para o império do Brasil ..</b> Rio de Janeiro: Na Typographia de P. Plancher-Scifuoet, 1827. nv.                                                                                                                                                                                                                       | Biblioteca Nacional                                                      |
| 4 | 1827              | <b>ALMANAK dos Negociantes do Imperio do Brasil.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. de Plancher-Seignot, 1827. 16x12cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Biblioteca Nacional                                                      |
| 5 | 1827              | PATRONI, Filipe Alberto. <b>Arte social: Complexo de todos os systemas e partes do direito natural ...</b> Rio de Janeiro, RJ: na Imp. Typ. de Pedro Plancher-Seignot, 1827. xcii p., 18,5.                                                                                                                                                                                                                               | Biblioteca Nacional                                                      |
| 6 | 1827              | <b>CODIGO penal militar: organizado [sic] pela comissão creada por Decreto de 21 de março de 1820 e aprovado por sua magestade o senhor D. João VI em 1820.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. de Plancher-Seignot, 1827. 242p., 15 cm.                                                                                                                                                                                         | Biblioteca Nacional                                                      |
| 7 | 1827              | <b>LEITURAS de Economia Política, ou direito economico conforme a constituição social e garantias da constituição do Imperio do Brasil. Dedicadas á mocidade brasileira..</b> Rio de Janeiro Plancher : 1827. vii, 258p., iii 21 x 15 cm.                                                                                                                                                                                 | BBM                                                                      |

<sup>303</sup> Dados levantados junto aos sites oficiais da Fundação Biblioteca Nacional, Biblioteca Mário de Andrade, Biblioteca *Brasiliana* Guita e José Mindlin e pelo portal do *Sistema Integrado de Bibliotecas* da Universidade de São Paulo (SIBiUSP). No quadro, destacamos em **amarelo** os títulos referentes a periódicos que foram publicados pela tipografia do *Jornal do Commercio*. Em **azul**, por sua vez, destacamos as obras literárias publicadas pela tipografia.

<sup>304</sup> As referências são transcritas conforme estão presentes nos acervos das bibliotecas consultadas. Quando essa informação não está presente no site da biblioteca, elaboramos a referência.

<sup>305</sup> Utilizaremos a sigla BBM para nos referir a Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin.

|    |       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                     |
|----|-------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| 8  | 1827  | SEIXAS, Romualdo Antonio de. <b>Oração Funebre da muito alta, e augusta senhora D. Maria Leopoldina Josefa Carolina Archiduqueza D'Austria, e primeira imperatriz do Brasil, que nas solemnes exequias celebradas no dia 6 de março deste ano, na igreja da Sta. Caza da Misericordia Pela Respectiva Irmandade, recitou O Arcebispo Eleito na Bahia, D. Romualdo Antonio de Seixas, do Conselho de S.M. O Imperador, Deputado a Assembléa Geral Legislativa pela Provincia do Pará.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1827. 1f.s.n. com ante-rostro, 31p 20 x 12 cm. | BBM                 |
| 9  | 1827  | MATOS, Raimundo José da Cunha. MAY, Luiz Augusto. <b>Sustentação dos votos dos deputados Raimundo José da Cunha Mattos e Luiz Augusto May sobre a convenção para a final extincção do commercio de escravos.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1827. 21p 33,1 x 21,5 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                              | BBM                 |
| 10 | 1827  | AQUAVIVEL, Cláudio. <b>Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da Compahia de Jesus, compostas pelo padre Claudio Aquavivel da mesma Companhia.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1827. 71p 18,7 x 12,8 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | BBM                 |
| 11 | 1827  | LISBOA, José da Silva. <b>Escola brasileira ou intrução util a todas as classes extrahida da Sagrada Escripura para uso da mocidade (Volume 1).</b> Rio de Janeiro : Na Typographia de P. Plancher-Seignot: 1827. 2 v., v. 1: xvii, 182 p.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | BBM                 |
| 12 | 1827  | LISBOA, José da Silva. <b>Escola brasileira ou intrução util a todas as classes extrahida da Sagrada Escripura para uso da mocidade (Volume 2).</b> Rio de Janeiro : Na Typographia de P. Plancher-Seignot: 1827. 2 v., v. 2: xxxii, 152p., 48p., xxxviii, 5 f. sem numeração, índice e errata                                                                                                                                                                                                                                                                    | BBM                 |
| 13 | 1827- | <b>COLLECCAO DAS LEIS E DECRETOS DO IMPERIO DO BRASIL DESDE A FELIZ EPOCA DA SUA INDEPENDENCIA.</b> Rio de Janeiro: Imperial Typographia de P.Plancher-Seignot, 1827- . Desconhecida.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Biblioteca Nacional |
| 14 | 1827- | <b>L'ECHO de L'Amerique du Sud: journal politique, commercial et litteraire.</b> Rio de Janeiro, RJ: Imperial Typ., de P. Plancher-Seignot, 1827- . 34x23 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | Biblioteca Nacional |
| 15 | 1827- | <b>L'Independant: feuille de commerce, politique et litteraire.</b> Rio de Janeiro, RJ: L'imprimerie Imperiale de P. Plancher-Seignot, 1827- . 36x24 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | Biblioteca Nacional |
| 16 | 1827- | <b>O Espelho Diamantino: periodico de politica, litteratura, bellas artes, theatro e modas, dedicado as Senhoras Brasileiras.</b> Rio de Janeiro, RJ; RJ: Imperial Typ. de P. Plancher-Seignot, 1827- . 22x15.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Biblioteca Nacional |

|    |       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                             |
|----|-------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|
| 17 | 1828  | PLANCHER, P. <b>As frutas do Brazil: obra dada a luz em Lisboa, em 1702, por hum missionario da Bahia, e reimpressas no Brazil, a rogos dos verdadeiros conhecedores desta obra burlesca, por P. Plancher.</b> Rio de Janeiro: Typographia Imperial de P. Plancher, 1828. 151 p.                                                                                                                         | Biblioteca Nacional         |
| 18 | 1828  | LOBO, Luiz Paulino da Costa. <b>Historia da Grecia antiga abreviada para o uso da mocidade, e traduzida do inglez por L.P.C.L.</b> Rio de Janeiro: Na Typographia Imperial de P. Plancher Seignot, 1828. 2v. em 1. Parte: viii, 244p.; Parte II: 247p                                                                                                                                                    | Biblioteca Nacional/<br>BBM |
| 19 | 1828  | <b>NARRAÇÃO historica do procedimento do governo de Lisboa, desde o regresso do senhor infante D. Miguel regente até o dia 24 de maio de 1828 ...</b> Rio de Janeiro: Na Typographia de P. Plancher-Seignot, 1828. 40 p.                                                                                                                                                                                 | Biblioteca Nacional         |
| 20 | 1828  | Cairú, José da Silva Lisboa, Visconde de,. <b>Causa da religião e disciplina ecclesiastica do celibato clerical defendida da inconstitucional tentativa do padre Diogo Antonio Feijó.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1828. vii, 119 p.                                                                                                                                                                    | BBM                         |
| 21 | 1828- | <b>HONRA do Brasil Desafrentada de Insultos da Astrea Espadaxina.</b> Rio de Janeiro, RJ: Imperial Typ. de P. Plancher-Seignot, 1828- . 31x22 cm.                                                                                                                                                                                                                                                        | Biblioteca Nacional         |
| 22 | 1828- | <b>O Censor Brasileiro.</b> Rio de Janeiro, RJ: Imperial Typ. de P. Plancher-Seignot, 1828- . 32x23 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | Biblioteca Nacional         |
| 23 | 1828- | <b>THE Rio Herald.</b> Rio de Janeiro, RJ: P. Plancher Seignot, 1828- . 30x21,3 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | Biblioteca Nacional         |
| 24 | 1829  | CARDOSO JUNIOR, Manoel José. <b>A' sua magestade o imperador, em applauso de seu venturoso natal, ...</b> Rio de Janeiro: Na Typographia Imperial de P. Plancher Seignot, 1829. 1 p.                                                                                                                                                                                                                     | Biblioteca Nacional         |
| 25 | 1829  | BONALD, Visconde de. <b>Da posição no governo e da Liberdade da Empresa.</b> Rio de Janeiro: Imperial Lypographia de P. Plancher-Sergorot, 1829. 142 p.                                                                                                                                                                                                                                                  | Biblioteca Nacional         |
| 26 | 1829  | BARBOZA, Joaquim Estanislao. <b>Defeza do Capitão de Fragata Joaquim Estanislão Barboza, relativa aos doze factos inseridos no folheto intitulado: Defeza dos cidadãos Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, e Martin Francisco Ribeiro de Andrada, impressa no Rio de Janeiro na Typographia da Astréa.</b> Rio de Janeiro: na Typographia Imperial de Pedro Plancher-Seignot, 1829. 49 p. | Biblioteca Nacional         |

|    |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                     |
|----|------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| 27 | 1829 | BARBOSA, Januário da Cunha. <b>Oração de acção de graças e louvores à SS.ma Virgem do Monte do Carmo, que pelo feliz consórcio de S. M. ... Dom Pedro Primeiro com Sua Alteza a senhora Princeza de Leuchtenberg Amelia Augusta Eugenia de Baviera, pregou na Capella Imperial ...</b> Rio de Janeiro: Na Typographia Imperial de P. Plancher Seignot, 1829. 16 p. | Biblioteca Nacional |
| 28 | 1829 | GENDRE, Pierre. <b>Organisation judiciaire dédiée à Sa Majesté l'Empereur du Brésil, ...</b> Rio de Janeiro: Typographie Imperiale de P. Plancher-Seignot, 1829. 36 p.                                                                                                                                                                                             | Biblioteca Nacional |
| 29 | 1829 | MEDEIROS, José Sabóia Viriato de. <b>Carta testemunhável n. 4.827.</b> Rio de Janeiro: Typog. do Jornal do Commercio, 1829. 12 p.                                                                                                                                                                                                                                  | Biblioteca Nacional |
| 30 | 1829 | CARVALHO, Francisco Freire de. <b>Ode ao muito fausto restabelecimento da saude preciosa de Sua Magestade Imperial o Senhor Dom Pedro 1º. e epistola gratulatoria a Sua Magestade Fidelissima a Senhora Dona Maria II por occasião das suas supiradas melhorias.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1829. 9p 20,7 x 13 cm.                                              | BBM                 |
| 31 | 1829 | <b>ALMANAK imperial do commercio e das corporações civis e militares do Imperio do Brasil publicado por Pedro Plancher-Seignot para 1829.</b> Segundo anno. Rio de Janeiro Plancher : 1829. 212p., 135p 14,9 x 9,9 cm.                                                                                                                                             | BBM                 |
| 32 | 1830 | ARAUJO, J. P. F. Nabuco. <b>Ainda mais outro lembrete fraternal: aos oppoentes á demarcação da Imperial Fazenda de Santa Cruz.</b> Rio: Na Typ. Imp. de E. Seignot-Plancher, 1830. 43 p.                                                                                                                                                                           | Biblioteca Nacional |
| 33 | 1830 | <b>MEMORIA refutativa das allegações, e correspondencias do Zelador do Directo de Propriedade, e ma is queixosos da demarcação da Imperial Fazenda de Santa Cruz concluida em 1827.</b> Rio de Janeiro: na Typographia Imperial de E. Seignot-Plancher, 1830. 56, 56, 26p., il.                                                                                    | Biblioteca Nacional |
| 34 | 1830 | PAULA ALBUQUERQUE. <b>Memoria sobre algumas das principaes providencias que se devem tomar ...</b> Rio de Janeiro: na Typographia Imperial de E. Seignot-Plancher, 1830. 1 p.                                                                                                                                                                                      | Biblioteca Nacional |
| 35 | 1830 | BARBOSA, Januário da Cunha. <b>Oração de acção de graças pelo feliz restabelecimento da saude do S. M. o Imperador, pregada na Igreja Parochial do SS.mo Sacramento no dia 14 de fevereiro deste anno ... por.</b> Rio de Janeiro: na Typographia Imperial de E. Seignot-Plancher, 1830. 15 p.                                                                     | Biblioteca Nacional |
| 36 | 1830 | FARIA, A. C. P. de. <b>Pequeno exercicio trigonometrico offerecido ao Ill.mo Snr. Manoel José de Oliveira, lente do 4º anno d'Academia Militar, por seu obediente discipulo.</b> Rio de Janeiro: na Typographia Imperial de E. Seignot-Plancher, 1830. 13 p.                                                                                                       | Biblioteca Nacional |

|    |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                               |
|----|------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| 37 | 1830 | BERTHON, Estephania. <b>Compendio das doenças e outras indisposições das mulheres, para servir de guia as parteiras na arte dos partos: precedido d'uma dissertação sobre o tacto.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imperial de Seignot-Plancher, 1830. vii, 53p., 19 cm.                                                                                                                                       | Biblioteca Nacional                           |
| 38 | 1830 | ARAUJO, Jose Paulo Figueiredo Nabuco. <b>Collecao cronologica-systematica de legislacao de fazenda no imperio brasiliense.</b> Rio de Janeiro Typ Imperial de e Seignot : 1830. 4v.                                                                                                                                                                                                                         | Faculdade de Direito da USP/ Mário de Andrade |
| 39 | 1830 | <b>HISTOIRE de la Révolution Française, en 1830 publiée au bénéfice des veuves et des blessés, dans les journées des 26, 27, 28 et 29 juillet a Parisa, et dédiée a messieurs les souscripteurs français, nationaux et étrangers, domiciliés au Brésil.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1830. 75p 19,7 x 11,8 cm.                                                                                             | BBM                                           |
| 40 | 1830 | MOLIÈRE, Jean Baptiste Poquelin. <b>Tartuffo ou o hypocrita, comedia Do Senhor Molière, traduzido em vulgar pelo Capitão Manoel de Souza, para se representar no Theatro do Bairro Alto.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1830. xv, 64p 22 x 14,5 cm.                                                                                                                                                          | BBM                                           |
| 41 | 1830 | <b>O BARÃO do Rio de Prata nú e crú tal qual é e sempre foi, ou nova analise do ultimo discurso com que pretendeu justificar-se dos crimes de que está convencido; pelo mesmo autor da analise e refutação do libelo acusatorio publicado pelo dito Barão, e mascarado com o titulo de sua defesa ante o Conselho de Guerra.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1830. 66p il 19 x 12,5 cm.                       | BBM                                           |
| 42 | 1830 | <b>ANALISE de algumas causas que tem concorrido para o mau estado dos negócios publicos no Rio de Janeiro, com algumas observações sobre as providencias que se devem tomar para o seu melhoramento, reflexões sobre o novo banco, e a utilidade dos mesmos em geral, acompanhada dos estatutos do Banco dos Estados Unidos d'America Seternrtrional.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1830. 63p 19 x 12,5 cm. | BBM/ Biblioteca FEAUSP                        |
| 43 | 1831 | LUCAS, Charles Jean Marió. <b>Codigo criminal do Imperio do Brasil.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. Const. D. E. Seignott Plancher, 1831. 112p., 20 cm.                                                                                                                                                                                                                                                       | Biblioteca Nacional                           |
| 44 | 1831 | SIMONI, Luiz Vicente de. <b>Relatorio dos trabalhos da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, ..</b> Rio de Janeiro: Na Typog. Imperial de E. Seignot-Plancher, 1831. 41 p.                                                                                                                                                                                                                               | Biblioteca Nacional                           |
| 45 | 1831 | <b>O Correio da Camara dos Deputados.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imperial e Constitucional de E. Seignot-Plancher, 1831. 31x22 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                        | Biblioteca Nacional                           |
| 46 | 1831 | PATRONI, Filipe Alberto. <b>Projecto do codigo das recompensas do Imperio do Brasil.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imp. e Const. de E. Seignot-Plancher, 1831. [2] f., xxxi, 76 p., 21 cm.                                                                                                                                                                                                                   | Biblioteca Nacional                           |

|    |           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                     |
|----|-----------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| 47 | 1831      | <b>COLLECÇÃO de Peças Officiaes</b> contendo decreto nomeando tutor á S.M. O Imperador D. Pedro II; Carta do es-Imperador aos Representantes da Nação; Carta de despedida do ex-Imperador ao povo Nota dirigida por S.M.F.D. Maria II aos Almirantes Francez e Inglez; Resposta dos almirantes á supra-dita nota; Proclamação da Regencia em nome do Imperador aos Brasileiros; Proclamação do general Lima feita á tropa e povo. Rio de Janeiro Plancher : 1831. 8p 19 x 11,5 cm. | BBM                 |
| 48 | 1831      | <b>Ultimo balanço ou O budjet do senhor Dom Pedro d'Alcantara ex-imperador do Imperio do Brasil, dirigido a illustrissima Regencia, 10 de abril de 1831.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1831. 7p 18,8 x 11,5 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                    | BBM                 |
| 49 | 1831      | BARRETO, Francisco Muniz. <b>Historia da revolução do Brasil, com peças officiais e fac simile da propria mão de Dom Pedro, por hum membro da Camara dos Deputados.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1831. iv, 4p., 40p 22 x 13,5 cm, broch.                                                                                                                                                                                                                                          | BBM                 |
| 50 | 1831-     | <b>O Regenerador do Brasil.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imperial de E. Seignot-Plancher, 1831- . 31x22 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | Biblioteca Nacional |
| 51 | 1831-     | <b>O Simplicio da Roca: jornal dos domingos.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imperial e Constitucional de E. Seignot-Plancher, 1831- . 22x17 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | Biblioteca Nacional |
| 52 | 1831-     | <b>O Veterano.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imperial e Constitucional de E. Seignot-Plancher, 1831- . 29x20 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Biblioteca Nacional |
| 53 | 1831-1835 | <b>SEMANARIO de Saude Publica: pela sociedade de medicina do Rio de Janeiro.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imperial de E. Seignot-Plancher, 1831-1835. 31x22 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Biblioteca Nacional |
| 54 | 1832      | <b>ESTATUTOS da Companhia Brasileira de Paquetes de Vapor, ...</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1832. 8 p.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Biblioteca Nacional |
| 55 | 1832      | <b>ALVARÁ de 10 de outubro de 1754, ou Regimento das assignaturas e emolumentos, que devem levar os ouvidores, juizes, escrivães, etc., etc. Extensivo a todas as províncias do Império do Brasil, conforme o decreto do 13 de outubro de 1832.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e Cia., 1832. 34 p.                                                                                                                                                     | Biblioteca Nacional |
| 56 | 1832      | BRANCO, Manuel Alves. <b>Discurso pronunciado na Camara dos Deputados na sessão de 18 de maio pelo deputado ...</b> Rio de Janeiro: Imprensa imperial e constitucional de Emile Seignot-Plancher, 1832. 11 p.                                                                                                                                                                                                                                                                      | Biblioteca Nacional |
| 57 | 1832      | BEAUMELLE, Angliviell La. <b>Memoria sobre a applicação dos bens religiosos ás necessidades do Estado ...</b> Rio de Janeiro: Typog. Imper. e Const. de E. Seignot-Plancher, 1832. 72 p., il.                                                                                                                                                                                                                                                                                      | Biblioteca Nacional |

|    |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                             |
|----|------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|
| 58 | 1832 | CARRÃO, Marianno Antonio de Amorim. <b>Nova exposição circunstanciada de Carrão ao publico.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Constitucional de E. Seignot-Plancher, 1832. 2 p.                                                                                                                                                                                                                                      | Biblioteca Nacional         |
| 59 | 1832 | <b>ALMANAK Nacional do Comercio do Imperio do Brasil.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imperial de E. Plancher-Seignot, 1832. 15 X 10cm.                                                                                                                                                                                                                                                                               | Biblioteca Nacional         |
| 60 | 1832 | <b>O Simplicio Poeta : jornal sem dia, sem hora e sem preço certo.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imperial e Constitucional de E. Seignot-Plancher, 1832. 22x16.                                                                                                                                                                                                                                                     | Biblioteca Nacional         |
| 61 | 1832 | ARAUJO, Jose Paulo de Figueiroa Nabuco. <b>Legislacao brasileira ou colleccao chronologica.</b> Rio de Janeiro J Villeneuve : 1832                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Faculdade de Direito da USP |
| 62 | 1832 | ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro de. <b>Discurso pronunciado na Assembléa Geral, na sessão de 22 de setembro, pelo deputado Ribeiro d'Andrada. [Collecção de Discursos dos Srs. Senadores e Deputados, publicada por Seignot-Plancher e Comp., ao 20 de julho de 1832].</b> Rio de Janeiro Plancher : 1832. 12p 19 x 12 cm.                                                                                       | BBM                         |
| 63 | 1832 | ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro de. <b>Discurso pronunciado na Camara dos Deputados na sessão de 9 de julho, pelo deputado Martim Francisco Ribeiro d'Andrada. [Collecção de Discursos dos Srs. Senadores e Deputados, publicada por Seignot-Plancher e Comp., ao 20 de julho de 1832].</b> Rio de Janeiro Plancher : 1832. 10p 19 x 12 cm 22 x 13 cm.                                                           | BBM                         |
| 64 | 1832 | ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro de. <b>Resposta dada pelo Deputado M.F. Ribeiro d'Andrada em a sessão de 15 de maio por ocasião de hum parecer da mesa, e segundo discurso pronunciado no mesmo dia discutindo-se o voto de graças. [Collecção de Discursos dos Srs. Senadores e Deputados, publicada por Seignot-Plancher e Comp., ao 20 de julho de 1832].</b> Rio de Janeiro Plancher : 1832. 11p 19 x 12 cm. | BBM                         |
| 65 | 1832 | ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro de. <b>Discurso pronunciado na Camara dos Deputados na sessão de 12 de maio. [Collecção de discursos dos Srs. Senadores e Deputados, publicada por Seignot-Plancher e Comp., ao 20 de julho de 1832].</b> Rio de Janeiro Plancher : 1832. 14p 19 x 12 cm 22 x 13 cm.                                                                                                             | BBM                         |
| 66 | 1832 | FEIJÓ, Diogo Antônio. <b>Discurso do Exmo. Sr. Feijo, Ministro da Justiça, pronunciado na sessão de 21 de maio.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1832. 12p 22 x 14 cm.                                                                                                                                                                                                                                                | BBM                         |

|    |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                     |
|----|------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| 67 | 1832 | ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro de. <b>Discurso pronunciado na Camara dos Deputados na sessão de 6 de agosto, na segunda discussão do projeto de amnistia, pelo Deputado M.F. Ribeiro d'Andrada.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1832. 10p 19 x 12 cm.                                                                                                                                  | BBM                 |
| 68 | 1832 | ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro de. <b>Discurso pronunciado na Camara dos Deputados na sessão de 19 de maio, pelo deputado Martim Francisco Ribeiro d'Andrada. [Collecção de Discursos dos Srs. Senadores e Deputados, publicada por Seignot-Plancher e Comp., ao 20 de julho de 1832]</b> Rio de Janeiro Plancher : 1832. 13p 19 x 12 cm.                                            | BBM                 |
| 69 | 1832 | <b>ANNAES maçonicos fluminenses. T.I.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1832. viii, 120p 15,3 x 9,3 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                     | BBM                 |
| 70 | 1832 | ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro de. <b>Discurso pronunciado na Camara dos Deputados na sessão de 17 de maio, continuando a discussão do voto de graças, pelo deputado Martim Francisco Ribeiro d'Andrada. [Collecção de Discursos dos Srs. Senadores e Deputados, publicada por Seignot-Plancher e Comp., ao 20 de julho de 1832]</b> Rio de Janeiro Plancher : 1832. 17p 19 x 12 cm. | BBM                 |
| 71 | 1832 | ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro de. <b>Discurso pronunciado na Camara dos Deputados na sessão de 13 de julho, pelo deputado Martim Francisco Ribeiro d'Andrada. [Collecção de Discursos dos Srs. Senadores e Deputados, publicada por Seignot-Plancher e Comp., ao 20 de julho de 1832]</b> Rio de Janeiro Plancher : 1832. 7p 19 x 12 cm.                                            | BBM                 |
| 72 | 1832 | ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro de. <b>Resposta dada na sessão de 22 de maio ao Exmo. Ministro da Justiça pelo deputado M.F.R. d'Andrada. [Collecção de Discursos dos Srs. Senadores e Deputados, publicada por Seignot-Plancher e Comp., ao 20 de julho de 1832]</b> Rio de Janeiro Plancher : 1832. 14p 19 x 12 cm.                                                                 | BBM                 |
| 73 | 1832 | <b>COLLECÇÃO das Leis e Decretos do Imperio do Brazil, desde a feliz época da sua Independencia, obra dedicada a Assembléa Geral Legislativa.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1832.                                                                                                                                                                                                       | BBM                 |
| 74 | 1833 | PINHO, João Francisco de. <b>Regimento administrativo, interno, e econômico, da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, ..</b> Rio de Janeiro: Na Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e C. <sup>a</sup> , 1833. 64 p.                                                                                                                                                                | Biblioteca Nacional |



|    |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                           |
|----|------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| 75 | 1833 | <b>REQUERIMENTO</b> dirigido a augusta camara dos senadores, por grande numero de negociantes nacionaes e estrangeiros, a cerca do novo regulamento das alfandegas do Imperio. Rio de Janeiro: Na Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e C. <sup>a</sup> , 1833. 8 p.                                                                                                                                                                                                                | Biblioteca Nacional                       |
| 76 | 1833 | <b>FOLHINHA do Simplicio Poeta, para uso de todos os cidadaos do Imperio do Brasil.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher, 1833. 10,7,5 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | Biblioteca Nacional                       |
| 77 | 1833 | <b>Codigo dos juizes de paz, ou collecao geral de todas as leis, decretos, resolucoes, provisoes, etc..</b> Rio de Janeiro Seignot-Plancher : 1833. 750 p.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Biblioteca da Faculdade de Direito da USP |
| 78 | 1833 | ALMEIDA E ALBUQUERQUE, Francisco de Paula. <b>Manual do jury.</b> Rio de Janeiro Seignot Plancher : 1833. 276 p.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | Biblioteca da Faculdade de Direito da USP |
| 79 | 1833 | KOPKE, Guilherme. <b>Memorial apresentado ao Corpo Legislativo da Nação Brasileira, A cerca de hum Requerimento que, a Sua Magestade Imperial e Constitucional, fez subir Guilherme Kopke, Negociante Hamburguez, e residente na Villa de Sabará, para a navegação do Rio das Velhas, e que agora está pendente na Comissão respectiva, nesta presente Legislatura.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1833. 14p 19,2 x 12,9 cm.                                                            | BBM                                       |
| 80 | 1833 | <b>MANUAL</b> maçônico ou cobridor de todos os ritos maçonicos praticados na França, em o qual se achão a etymologia, e interpretação das palavras, e dos nomes mysteriosos de todos os graos que compoem os differentes ritos; precedido de hum ensaio historico sobre a maçoneria e seguido do calendario lunar dos hebreos ao uso das instituições maçonicas, com 33 estampas; por Hum Veterano da Maçonaria. Rio de Janeiro Plancher : 1833. xiv, 119p., xxiiip il 16,9 x 11,5 cm. | BBM                                       |
| 81 | 1833 | TORRES, Francisco Cordeiro da Silva. <b>Apontamentos sobre o systema monetario, e resgate do cobre, escritos pelo brigadeiro Francisco Cordeiro da Silva Torres, e mandados imprimir pelo marquez de Barbacena.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1833. 33p 20 x 12 cm.                                                                                                                                                                                                                    | BBM                                       |
| 82 | 1833 | <b>MAÇONARIA</b> symbolica, segundo o regulamento do G.O. de França. Rio de Janeiro Plancher : 1833. 40p il 15,8 x 11,4 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | BBM                                       |
| 83 | 1833 | MATTOS, Raimundo José da Cunha. <b>Memorias da Campanha do Senhor D.Pedro d'Alcantara, Ex - Imperador do Brazil, no Reino de Portugal, alguma noticias anteriores ao dia do seo desembarque; escriptas pelo general.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1833. 2v.: v.1: 220p.; v.2: 324p., 40p. de apendice; 1f.s.n. e um mapa dobrável 21,0 x 14,0 cm.                                                                                                                                     | BBM                                       |

|    |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                     |
|----|------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| 84 | 1833 | LHOMOND, Charles François. <b>Éléments de la grammaire française, par Lhomond, professeur-émérite en l'Université de Paris; nouvelle édition, a laquelle on a ajouté les mots où l'H est aspirée.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1833. 79p 16,5 x 11,5 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | BBM                 |
| 85 | 1833 | <b>NOVO dicionario dos termos maçonicos, recopilado de toas as obras publicadas sobre a Maçonaria, e o mais completo dos que se têm dado à luz.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1833. 52p il 15,7 x 11 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | BBM                 |
| 86 | 1833 | MENDONÇA, Hipólito José da Costa Pereira Furtado d. <b>Instruções Maçonicas, ou Cathecismo e Regulamento Geral do Grão de Aprendiz, Primeiro Grão de Maçonaria Azul; organizados segundo o original francez, a tradução e anotações de Hypolito (Londres), e adoptados [sic] aos trabalhos da Loja Brasileira Comercio e Artes pelo seu veneravel J. da C.B. [Segue-se ] Instruções maçonicas, ou Cathecismo e Regulamento Geral do Grão de Companheiro, Segundo Grão da Maçonaria Azul [...]. [Segue-se:] Instruções maçonicas, ou Cathecismo e Regulamento Geral do Grão de Mestre, Terceiro Grão da Maçonaria Azul [...].</b> Rio de Janeiro Plancher : 1833. 72p., 31p., 37p., 1 grav ilgrav 15 x 11 cm. | BBM                 |
| 87 | 1834 | LISBOA, Manoel Ignacio Soares. <b>Barbaridade ou o homem fallido à força, obra dedicada aos homens bons, por ...</b> Rio de Janeiro: Na Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e C. <sup>a</sup> , 1834. 26 p.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | Biblioteca Nacional |
| 88 | 1834 | <b>GUIA dos maçons escocezes, ou reguladores dos Tres Grãos Symbolicos ...</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e C. <sup>a</sup> , 1834. 43 p.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | Biblioteca Nacional |
| 89 | 1834 | <b>PROJECTO do Código Commercial do Império do Brazil.</b> --. Rio de Janeiro: na Typ. Imp. e Const. Dr. Seignot-Plancher, 1834. 480 p.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | Biblioteca Nacional |
| 90 | 1834 | <b>FOLHINHA de Simao Nantua, ou dos Pais de Familia para o anno de 1835.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher, 1834. 10x7,5 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Biblioteca Nacional |
| 91 | 1834 | <b>GUIA dos Maçons Escocezes, os Reguladores dos Tres Grãos Symbolicos no Rito antigo e aceito. Veveravel.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1834. 3v. em 1: Primeira parte: 101p.; Segunda parte. 1º Vigilante: 36p.; Terceira parte. 2º Vigilante: 32p 20,5 x 13 cm 17,7 x 11 cm 21 x 14 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | BBM                 |
| 92 | 1834 | <b>REGULADORES dos graos symbolicos, ou dos tres primeiros grãos do Rio Francez.</b> Veneravel. Rio de Janeiro Plancher : 1834. 3 partes encadernadas juntas: Primeira parte: 162p.; Segunda parte: 53p.; Terceira parte: 56p 15,5 x 11 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | BBM                 |

|     |           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                             |
|-----|-----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|
| 93  | 1834      | MOURA, Arsenio da Natividade. <b>Memoria documentada offerecida à Nação Brasileira, seus Augustos Representantes, e Imperial governo, por Hum brasileiro amigo da sua patria sobre o melhoramento, ou reforma das ordens regulares, e em particular dos beneditinos no Brazil, promovida pelo mesmo governo de S.M. o Imperador Senhor Dom Pedro Segundo.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1834. 134p., 100p., 1f.s.n 19,5 x 13,2 cm.                | Biblioteca Nacional/<br>BBM |
| 94  | 1834      | <b>REGULADORES dos graos mysteriosos ou das quatro ordens superiores do rito francez.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1834. 4 partes encadernadas juntas: Primeira parte: 115p.; Segunda parte: 57p.; Terceira parte: 58p.; Quarte parte: 38p 15,7 x 10,8 cm.                                                                                                                                                                                       | BBM                         |
| 95  | 1834      | MATTOS, Raimundo José da Cunha. <b>Repertorio da legislação militar, actualmente em vigor no exercicio e armada do Imperio do Brazil, compilado e offerecido a S.M.O Senhor D.Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do mesmo imperio; por [...]</b> v.1: Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e Comp., 1834                                                                                                                    | BBM                         |
| 96  | 1834-     | <b>INDICE GERAL CHRONOLOGICO E EXPLICATIVO DAS LEIS, DECRETOS, PORTARIAS, REGULAMENTOS, AVISOS, ETC. DO IMPERIO DO BRAZIL, PROMULGADOS DESDE A FELIZ EPOCA DA SUA INDEPENDENCIA ...</b> Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de Seignot-Plancher e Comp., 1834- . Desconhecida.                                                                                                                                                  | Biblioteca Nacional         |
| 97  | 1834-1835 | LISBOA, Balthazar da Silva. <b>Annaes do Rio de Janeiro, contendo a descoberta e conquista deste paiz, a fundação da cidade com a historia civil e ecclesiastica, até a chegada d'El-rei Dom João VI; além de noticias topographicas, zoologicas, e botanicas; por Balthazar da Silva Lisboa, Doutor em Leis pela Universidade de Coimbra, Conselheiro Aposentado no Conselho da Fazenda.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1834-1835. 7v 20 x 14 cm. | BBM/ Biblioteca<br>FEAUSP   |
| 98  | 1835      | TROUBAT. <b>Memopria sobre o estreitamento do canal da urethra, e tratamento que lhe convem, pelo.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher, 1835. 42 p.                                                                                                                                                                                                                                                                        | Biblioteca Nacional         |
| 99  | 1835      | <b>MEMORIA sobre o celibato.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e C., 1835. 55 p.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Biblioteca Nacional         |
| 100 | 1835      | MENDONÇA, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de. <b>Cartas sobre a Framaçonaria, Edição feita sobre a original de Amsterdam, correcta, e seguida de varios additamentos, e de huma noticia de algumas violencias praticadas contra os Framaçons.</b> Rio de Janeiro Plancher : 1835. 204p 17 x 10 cm.                                                                                                                                         | BBM                         |
| 101 | 1835-     | <b>DIARIO de Saude.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imperial e Constitucional de Seignot-Plancher, 1835- . 27x22 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Biblioteca Nacional         |

|     |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                           |
|-----|------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| 102 | 1836 | MACEDO, Sérgio Teixeira de. <b>Estrada de Ferro da Bahia: exposição que faz o conselheiro Sergio Teixeira de Macedo ...</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1836. 64 p.                                                                                   | Biblioteca Nacional                       |
| 103 | 1836 | FLORIAN. <b>Galatéa: novella pastoril.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de Villeneuve e Comp., 1836. 96 p.                                                                                                                                                                       | Biblioteca Nacional                       |
| 104 | 1836 | <b>ALGUMAS reflexões sobre o meio circulante do Brazil.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1836. 25p 20,7 x 14 cm.                                                                                                                                                                     | BBM                                       |
| 105 | 1836 | COSTA, José de Resende. <b>Memoria historica sobre os diamantes ou descobrimento, contrato e administração da Real Fazenda; modos de os avaliar; estabelecimento da fabrica de lapidação; sua extinção e estado presente.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1836. 38p 19,6 x 13,8 cm. | BBM                                       |
| 106 | 1837 | IRMANDADE NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS. <b>Compromisso..</b> Rio de Janeiro: Typographia Imprensa e Const. de J. Villeneuve e Cia., 1837. 47 p.                                                                                                                                        | Biblioteca Nacional                       |
| 107 | 1837 | SILVA, Ovídio Saraiva de Carvalho e. <b>Considerações sobre a legislação civil e criminal do Imperio do Brazil ...</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1837. v.                                                                                           | Biblioteca Nacional                       |
| 108 | 1837 | <b>DEMONSTRAÇÃO dos direitos da igreja e dos soberanos, sobre a confirmação dos bispos.</b> Rio de Janeiro: na Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1837. 79 p.                                                                                                                | Biblioteca Nacional                       |
| 109 | 1837 | <b>ESTATUTOS para a Companhia Fluminense dos Omnibus, ..</b> Rio de Janeiro: Na Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C. <sup>a</sup> , 1837. 12 p.                                                                                                                                    | Biblioteca Nacional                       |
| 110 | 1837 | CAMPOS, João Carneiro de. <b>Regimento interno da directoria do Monte Pio Geral ..</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1837. 15 p.                                                                                                                        | Biblioteca Nacional                       |
| 111 | 1837 | SEIXAS, Romualdo Antonio de. <b>Discurso do Ex.mo Arcebispo da Bahia sobre a questão do governo do Brazil com a corte de Roma.</b> Rio de Janeiro, RJ: Na Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Ca., 1837]. 16 p., 21 cm.                                                              | Biblioteca Nacional                       |
| 112 | 1837 | ARAUJO, Jose Paulo de Figueiroa Nabuco. <b>Legislacao brasileira ou collecao chronologica.</b> Rio de Janeiro J Villeneuve : 1837                                                                                                                                                      | Biblioteca da Faculdade de Direito da USP |
| 113 | 1837 | MIGNET, FA. <b>Historia da revolucao franceza, desde 1789 ate 1814.</b> Rio de Janeiro J Villeneuve : 1837                                                                                                                                                                             | Biblioteca da FFLCH-USP                   |
| 114 | 1837 | CAMPOS, João Carneiro de. <b>Relatorio do monte pio dos servidores do estado.</b> Rio de Janeiro J Villeneuve : 1837                                                                                                                                                                   | Biblioteca da Faculdade de Direito da USP |
| 115 | 1837 | ARMITAGE, John. <b>História do Brazil desde a chegada da família de Braganca, em 1808, até a abdiçacao de d. Pedro I, em 1831.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1837. vii, 323p il 21,1 x 14,2 cm 22 x 14 cm.                                                                        | BBM                                       |

|     |           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                     |
|-----|-----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| 116 | 1837      | FONSENCA, Mariano José Pereira da. <b>Maximas, pensamentos e reflexoes.</b> Rio de Janeiro Typ Imp e Const de J Villeneuve : 1837                                                                                                                                                                                                               | Biblioteca do IEB   |
| 117 | 1837      | Antonil, André João. <b>Cultura e opulencia do Brazil, por suas drogas e minas.</b> Rio de Janeiro : Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp. 1837. 214 p.                                                                                                                                                                                   | BBM                 |
| 118 | 1837      | <b>Honras e saudades a memoria de Evaristo Ferreira da Veiga, tributadas pela Sociedade Amante da Instrucção em 12 de Agosto de 1837.</b> Rio de Janeiro : Typ Imp. e Const. de J. Villeneuve. 1837. 56 p.                                                                                                                                      | BBM                 |
| 119 | 1837-     | <b>JORNAL dos Debates Politicos e Litterarios.</b> Rio de Janeiro, RJ; RJ: Typ. Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1837- .                                                                                                                                                                                                             | Biblioteca Nacional |
| 120 | 1837-1839 | <b>O Parlamentar.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imperial e Constitucional, de J. Villeneuve, 1837-1839. 34x25 cm.                                                                                                                                                                                                                                | Biblioteca Nacional |
| 121 | 1837-1844 | <b>MUSEO Universal: jornal das familias brasileiras.</b> Rio de Janeiro, RJ; RJ: Typ. Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e comp., 1837-1844.                                                                                                                                                                                            | Biblioteca Nacional |
| 122 | 1838      | SÃO LOURENÇO, Francisco Gonçalves Martins, visconde de. <b>Exposição do procedimento do desembargador Francisco de Souza Paraizo ..</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e com, 1838. 55 p.                                                                                                                                  | Biblioteca Nacional |
| 123 | 1838      | <b>CARTA que ao Ilmo. e Exmo. Sr. Regente Interino do Imperio dirige hum rio-grandense. Assinado O Fidelissimo.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1838. 4 p. 27,2 x 21,8 cm.                                                                                                                                                                   | BBM                 |
| 124 | 1838      | <b>Memoria sobre o commercio dos escravos, em que se pretende mostrar que este trafico he, para elles, antes hum bem do que hum mal. Escripta por * * * natural dos Campos dos Goitacazes.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1838. 13p 19,9 x 13 cm.                                                                                           | BBM                 |
| 125 | 1839      | <b>EXCELLENCIA das Escrituras Sagradas, patente nas máximas e nos exemplos dos homens mais sábios e piedosos, tanto antigos como modernos ... seguida de huma dissertação sobre a maneira e o espírito em que devem ser lidas para o fim de ganhar o maior prov.</b> Rio de Janeiro: na Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1839. 7 p. | Biblioteca Nacional |
| 126 | 1839      | BOUBÉE, T. <b>Instrucções para o tratamento da gota, rheumatismo, etc. ..</b> Rio de Janeiro: na Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1839. 8 p.                                                                                                                                                                                        | Biblioteca Nacional |
| 127 | 1839      | SOUZA E OLIVEIRA, Saturnino de. <b>Memoria sobre os direitos de consumo dos vinhos.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C. <sup>a</sup> , 1839. 22 p.                                                                                                                                                                     | Biblioteca Nacional |
| 128 | 1839      | <b>METHODO para a mastreação de huma nao de 70 peças.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve & C., 1839. 30 p., il.                                                                                                                                                                                                            | Biblioteca Nacional |

|     |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                           |
|-----|------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| 129 | 1839 | PEREIRA, José Clemente. <b>Relatorio do Estado dos Tres Pios Estabelecimentos da Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro</b> , .. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1839. 34 p.                                                                                           | Biblioteca Nacional                       |
| 130 | 1839 | BERTHET, Elie. <b>O pacto da fome, novella historica</b> . Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1839                                                                                                                                                                                                            | BBM                                       |
| 131 | 1839 | Cordellier-Delanoue, M. <b>A casa de duas portas, novella</b> ..Rio de Janeiro : Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp. 1839. 40p 14,9 x 10,7 cm.                                                                                                                                                    | BBM                                       |
| 132 | 1839 | DUMAS, Alexandre.. <b>Mestre Adam o calabrez</b> . Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1839. 119p 15,0 x 11,0 cm.                                                                                                                                                                                              | BBM                                       |
| 133 | 1839 | DREYS, Nicolas. <b>Noticia descritiva da provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul, contendo, alem da topographia physica e politica... com hum mappa reduzido do theatro da guerra presente</b> . Rio de Janeiro Typ. Imp. e Const. de J Villeneuve e Comp. : 1839. 216 p mapa 21 cm.                   | Biblioteca Nacional/<br>Biblioteca do IEB |
| 134 | 1839 | FONSENCA, Mariano José Pereira da. <b>Novas maximas, pensamentos e reflexões do Marques de Maricá</b> . Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1839. 191p., 1p.s.n. errata 16 x 10,6 cm.                                                                                                                          | BBM                                       |
| 135 | 1839 | P.B.. <b>O Pontifice e os carbonarios, novella historica</b> . Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1839. 79p 15 x 11 cm.                                                                                                                                                                                       | BBM                                       |
| 136 | 1839 | SOULIÉ, Frederico. <b>Os dous tirados do pó novella</b> . Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1839. 96 p 15 x 11 cm.                                                                                                                                                                                           | BBM                                       |
| 137 | 1839 | SILVA, João Manuel Pereira da. <b>O anniversario de D. Miguel em 1828: romance historico</b> . Rio de Janeiro (RJ): Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1839. 36 p.                                                                                                                              | Biblioteca Mário de Andrade               |
| 138 | 1840 | CAPX. <b>Compendio de historia antiga</b> .. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve, 1840. 364 p.                                                                                                                                                                                            | Biblioteca Nacional                       |
| 139 | 1840 | <b>CONDIÇÕES da Companhia de Seguros contra fogo denominada Phenix Fluminense</b> . –. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1840. 7 p.                                                                                                                                            | Biblioteca Nacional                       |
| 140 | 1840 | ARNOULD, Auguste. <b>Lorenzo, novella historica</b> . Rio de Janeiro: J. Villeneuve e comp., 1840. 23 p.                                                                                                                                                                                                  | Biblioteca Nacional                       |
| 141 | 1840 | <b>OS numeros sete: 1840</b> . Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C. <sup>a</sup> , 1840. 28 p.                                                                                                                                                                                        | Biblioteca Nacional                       |
| 142 | 1840 | Varnhagen, Francisco Adolfo de. <b>O Descobrimto do Brazil, chronica do fim do decimo-quinto seculo; por Francisco Adolpho de Varnhagen. Segunda Edição Authentica revista, correcta e accrescentada pelo autor</b> . Rio de Janeiro J Villeneuve : 1840 70p., 1f.s.n. de índice 16,4 x 11 cm 15 x 10 cm. | BBM                                       |

|     |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                             |
|-----|------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|
| 143 | 1840 | BERTHET, Elie. <b>Os moços de cobranças, novella de Elie Berthet.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1840. 80 p. 15,0 x 11,0 cm.                                                                                                                                                                                                                                             | BBM                         |
| 144 | 1840 | BULWER. E.L. <b>Dom Rodrigo Calderon, ou o castigo de Deos, novella historica.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1840. 29p 15 x 11 cm.                                                                                                                                                                                                                                      | BBM                         |
| 145 | 1840 | GRÉVILLE, Robert. <b>O contrabandista, novella.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1840. 31p 15,0 x 11,0 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                 | BBM                         |
| 146 | 1840 | CASTRO, José da Gama e. <b>O federalista, publicado em inglez por Hamilton, Madisson e Jay, cidadãos de Nova York, e traduzidos em portuguez por ***.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1840. 3v. em 1 18,5 x 12,5 cm.                                                                                                                                                      | Biblioteca Nacional/<br>BBM |
| 147 | 1840 | LAVERGNE, Alexandre. <b>O segredo da confissão, novella.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1840. 126p 15 x 11 cm.                                                                                                                                                                                                                                                           | BBM                         |
| 148 | 1840 | DUMAS, Alexandre. <b>Praxedes, imperatriz de Allemanha; novella.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1840. 40p 15,0 x 11,0 cm.                                                                                                                                                                                                                                                | BBM                         |
| 149 | 1840 | David, J. A. <b>Emilia : novella.</b> Rio de Janeiro : Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp. 1840. 119 p.                                                                                                                                                                                                                                                              | BBM                         |
| 150 | 1841 | SIMONI, Luiz Vicente de. <b>Canto dos alumnos da Sociedade Amante da Instrução, ..</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1841. 12 p.                                                                                                                                                                                                              | Biblioteca Nacional         |
| 151 | 1841 | URUGUAI, Paulino José Soares de Souza. <b>Discurso proferido na Camara dos Deputados pelo Sr. Paulino José Soares de Souza, ...</b> Rio de Jan.: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1841. 23 p.                                                                                                                                                                       | Biblioteca Nacional         |
| 152 | 1841 | PARIGOT, Julio. <b>Minas de carvão de pedra de Santa Catharina.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1841. 12 p.                                                                                                                                                                                                                                    | Biblioteca Nacional         |
| 153 | 1841 | <b>CASTRO, José Gama. O novo principe ou o espirito dos governos monarchicos, por ***.</b> Rio de Janeiro Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp. : 1841. 464p 18,9 x 12,1 cm.                                                                                                                                                                                           | BBM/ Biblioteca do<br>IEB   |
| 154 | 1841 | LAVERGNE, Alexandre. <b>Paulina Butler, novella.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1841. 88p 15 x 11 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                    | BBM                         |
| 155 | 1841 | Reybaud, Charles. <b>Jorge.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1841. 143p 15 x 11 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                        | BBM                         |
| 156 | 1841 | PARIGOT, Julio. <b>Memoria sobre as minas de carvão de pedra do Brazil. pelo Dr. J. Parigot. Lente da Faculdade Physico - Mathematica da Universidade de Bruxellas, membro da Sociedade Auxiliadora da Industria e do Instituto Historico do Brazil.</b> Rio de Janeiro Typographia Imp. e COnst. de J. Villeneuve e COnp : 1841. 30p., 2fl.s.n. de graficos 24,2 x 16,9 cm. | BBM                         |
| 157 | 1841 | CHEVALIER, Pitre. <b>Os ultimos Bretões, novella por Pitre Chevalier.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1841. 120p 15,0 x 11,0 cm.                                                                                                                                                                                                                                          | BBM                         |

|     |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                             |
|-----|------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|
| 158 | 1841 | FONSECA, Mariano José Pereira da. <b>Recentes maximas, pensamentos e reflexões do Marques de Maricá [...]</b> . Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1841. 130p 13 x 8,5 cm.                                                                                                                                                                              | BBM                         |
| 159 | 1842 | <b>A louca de Solanto: novella.</b> –. Rio de Janeiro: J. Villeneuve e comp., 1842. 14 p.                                                                                                                                                                                                                                                           | Biblioteca Nacional         |
| 160 | 1842 | MAIA, Emilio Joaquim da Silva. <b>Oração recitada na augusta presença de S. M. o Imperador e das ... Princesas Imperiaes, por ocasião da distribuição dos premios no Collegio de Pedro II em 12 de dezembro de 1842, por ...</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1842. 22 p.                                           | Biblioteca Nacional         |
| 161 | 1842 | CASTILHO, Antonio Feliciano de. <b>A tomada de Lisboa, chronica portugueza, extrahida dos quadros historicos.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1842. 50 p.                                                                                                                                                                                        | BBM                         |
| 162 | 1842 | BERNARD, Charles de. <b>A caçada dos amantes, novella.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1842. 120 p. 15,0 x 11,0 cm.                                                                                                                                                                                                                              | BBM                         |
| 163 | 1842 | CASTRO, José da Gama e. <b>O novo carapuceiro, ou Typos da nossa epoca, por.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1842. viii, 167p.                                                                                                                                                                                                                   | BBM                         |
| 164 | 1842 | PARIGOT, Dr. <b>Memoria terceira dobre as minas de carvão de pedra de Santa Catharina pelo [...]</b> . Rio de Janeiro Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp : 1842. 30p.s.n. 45p 16,7 x 11,6 cm.                                                                                                                                               | BBM                         |
| 165 | 1842 | KARR, Alphonse. <b>Para não serem treze, novella.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1842                                                                                                                                                                                                                                                           | BBM                         |
| 166 | 1842 | GARRETT, Almeida. <b>O alfageme de Santarem, ou, A espada do condestavel: drama em cinco actos.</b> Rio de Janeiro (RJ): Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1842. 51, [1] p. (Archivo theatral, 1ª serie).                                                                                                                                   | Biblioteca Mário de Andrade |
| 167 | 1842 | SILVA, Antônio Dinis da Cruz e. <b>O falso heroismo: comedia em tres actos.</b> Rio de Janeiro (RJ): Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1842. 26 p. (Archivo theatral, 2ª serie).                                                                                                                                                            | Biblioteca Mário de Andrade |
| 168 | 1842 | RACINE, Jean Baptiste; ELÍSIO, Filinto. <b>Mithridates: tragedia em cinco actos.</b> Rio de Janeiro (RJ): Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1842. 20 p. (Archivo theatral, 2ª serie).                                                                                                                                                       | Biblioteca Mário de Andrade |
| 169 | 1843 | SIMONI, Luiz Vicente de. <b>Ramalhete poetico do Parnaso Italiano:</b> oferecido a SS.MM.II. o senhor D.Pedro Segundo, imperador do Brazil, e à senhora D. Thereza Christina Maria, imperatriz, sua augusta esposa, na ocasião do seu faustissimo consorcio. Rio de Janeiro: [Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C.], 1843. 119p 16,8 x 11,5 cm. | Biblioteca Nacional/<br>IEB |
| 170 | 1843 | HUGO, Victor. <b>Maria Tudor: drama em três actos.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e c., 1843.                                                                                                                                                                                                                          | Biblioteca Nacional         |



|     |      |                                                                                                                                                                                                                                    |                                           |
|-----|------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| 171 | 1843 | LEÃO, Honório Hermeto Carneiro. <b>Relatorio apres. A assemblea geral legislativa pelo ministro e secretario de estado interino dos negocios estrangeiros.</b> Rio de Janeiro Villeneuve : 1843                                    | Biblioteca da Faculdade de Direito da USP |
| 172 | 1843 | BERTHET, Elias. <b>A mina de ouro, novella.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1843. 304 p. 15,0 x 11,0 cm                                                                                                                         | BBM                                       |
| 173 | 1843 | KOCK, Paulo. <b>Edmundo e sua prima, novella.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1843. 80p 15,0 x 11,0 cm.                                                                                                                         | BBM                                       |
| 174 | 1843 | <b>UMA DUQUEZA de Florença, 1578-1579.</b> (Romance original). Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1843. 32p 15,0 x 11,0 cm.                                                                                                            | BBM                                       |
| 175 | 1843 | CORNEILLE, Pierre; SILVA, J. M. Pereira da (João Manuel Pereira da). <b>D. Ruy Cid de Bivar: tragedia em cinco actos.</b> Rio de Janeiro (RJ): Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1843. 20 p. (Archivo theatral, 3ª série). | Biblioteca Mário de Andrade               |
| 176 | 1844 | FAIVRE, J. M. <b>Analyse des eaux thermales de Caldas Novas, ..</b> Rio de Janeiro: Imprimerie Imp. et Const. de J. Villeneuve et Comp., 1844. 62 p.                                                                               | Biblioteca Nacional                       |
| 177 | 1844 | LORENA, E. J. de. <b>Extrait des annales des pont et chaussées de France, de novembre et décembre de 1842, tiré par l'ingénieur ...</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve & C., 1844. 20 p.                      | Biblioteca Nacional                       |
| 178 | 1844 | <b>OBSERVATIONS on the analysis made by Sr. Souza Martins of Doctor Saturnino's Finance Project ...</b> Rio de Janeiro: Printed by J. Villeneuve & C., 1844. 58 p.                                                                 | Biblioteca Nacional                       |
| 179 | 1844 | BRANCO, Manoel Alves. <b>Pauta das alfândegas do Império do Brazil.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve & C., 1844. 128 p.                                                                                     | Biblioteca Nacional                       |
| 180 | 1844 | MARINHO, José Antonio. <b>Historia do movimento político, que no anno de 1842 teve lugar na provincia de Minas Geraes. Segundo Volume.</b> Rio de Janeiro, RJ: Tip. de J. C.Villeneuve, 1844.                                      | Biblioteca Nacional                       |
| 181 | 1844 | LAVERGNE, Alexandre. <b>O conde de Mansfeldt, novella por A. de Lavergne.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1844. 128p 15 x 11 cm.                                                                                                | BBM                                       |
| 182 | 1844 | METASTÁSIO, Pietro; Bocage. <b>Régulo: tragedia em tres actos.</b> Rio de Janeiro (RJ): Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1844. 20 p. (Archivo theatral, 3ª série).                                                        | Biblioteca Mário de Andrade               |
| 183 | 1844 | GARRETT, Almeida. <b>Frei Luiz de Souza: drama.</b> Rio de Janeiro (RJ): Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1844. 39, [1] p. (Archivo theatral, 4ª serie).                                                                  | Biblioteca Mário de Andrade               |
| 184 | 1845 | <b>ESTATUTOS da Companhia Prosperidade. —.</b> Rio de Janeiro: J. Villeneuve e comp., 1845. 16 p.                                                                                                                                  | Biblioteca Nacional                       |

|     |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                             |
|-----|------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|
| 185 | 1845 | MONJARDIM, José Francisco de Andrade e Almeida. <b>Falla com que o Exm. Vice-Presidente da província do Espírito Santo ...</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1845. 1 p.                                                                                                  | Biblioteca Nacional         |
| 186 | 1845 | LIMA, Joaquim Marcellino da Silva. <b>Falla com que o exm. vice-presidente da província do Espírito Santo Joaquim Marcellino da Silva Lima abriu a Assembléa Legislativa Provincial no dia 27 de maio de 1845.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve, 1845. 7 p., [4] f. tabs. 21 cm. | Biblioteca Nacional         |
| 187 | 1845 | <b>O tratado de 24 de março de 1843 entre o Brazil e a Confederação Argentina.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve, 1845. 183 p.                                                                                                                                                    | Biblioteca Nacional         |
| 188 | 1845 | BANCO COMMERCIAL. <b>Projecto de Proposta que o Banco Commercial poderia fazer para se encarregar da substituição ou troco da moeda-papel actual por moeda metallica..</b> Rio de Janeiro: Typographia Impressão e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1845. 15 p.                                         | Biblioteca Nacional         |
| 189 | 1845 | ABREU, Antonio Paulino Limpo de. <b>Protesto contra o acto do parlamento britannico, ..</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1845. 41 p.                                                                                                                                    | Biblioteca Nacional         |
| 190 | 1845 | <b>QUESTÃO de seguro do vapor Rio-Doce.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1845. 27 p.                                                                                                                                                                                    | Biblioteca Nacional         |
| 191 | 1845 | Sêneca; TRIGOSO, Mendo; Academia das Ciências de Lisboa. <b>Hyppolito: tragedia em cinco actos.</b> Rio de Janeiro (RJ): Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1845. 15, [1] p. (Archivo theatral, 4ª serie).                                                                                       | Biblioteca Mário de Andrade |
| 192 | 1847 | OTTONI, Teófilo; OTTONI, Homero Benedito. <b>Condições para a incorporação de uma Companhia de Commercio e Navegação do Rio Mucury, precedidas de uma exposição das vantagens da empresa por.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1847. 51 p.                              | Biblioteca Nacional         |
| 193 | 1847 | <b>ESTATUTOS da Academia Medica Homeopathica do Brazil.</b> -. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1847. 10 p.                                                                                                                                                                 | Biblioteca Nacional         |
| 194 | 1847 | SILVA, Antonio José da-. <b>Guerras do Alecrim e mangerona, opera joco-seria em dous actos.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1847. 49 p., 29 cm.                                                                                                                    | Biblioteca Nacional         |
| 195 | 1848 | LANDELLE, Gabriel de la. <b>A Gorgone, por ...</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve, 1848. 4v. em 1.                                                                                                                                                                                 | Biblioteca Nacional         |
| 196 | 1848 | <b>NOVOS estatutos da Companhia Macahé e Campos.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1848. 8 p.                                                                                                                                                                            | Biblioteca Nacional         |
| 197 | 1848 | <b>PAUTA das alfândegas do Império do Brazil.</b> -. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1848. 151 p.                                                                                                                                                                          | Biblioteca Nacional         |

|     |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                           |
|-----|------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| 198 | 1848 | GELLY, Juan Andrés. <b>Le Paraguay : son passé, son présent et son avenir. Par un Etranger qui a résidé six ans dans ce pays.</b> Rio de Janeiro : Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp. 1848. 81 p. 16,1 x 11,3 cm.                                                                | BBM                                       |
| 199 | 1848 | GELLY, Juan Andrés. <b>O Paraguay : seu passado presente e futuro. Por um Estrangeiro que residio seis annos naquelle paiz.</b> Rio de Janeiro : Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp. 1848. 77 p. 16,1 x 11,3 cm.                                                                  | BBM                                       |
| 200 | 1849 | BAEZ, Bernardino. <b>A Republica do Paraguay e o Governador de Buenos Aires Rosas, ou, Discussão e exame sobre limites, independência e direito à navegação do Paraná..</b> Rio de Janeiro: Typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve, 1849. 84 p.                           | Biblioteca Nacional                       |
| 201 | 1849 | FREITAS, José Joaquim de. <b>Memória sobre as alfandegas e repartições fiscaes do Imperio, indicando o que convém adoptar para o melhoramento da fiscalisação e arrecadação dos direitos ...</b> Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & C., 1849. 15 p. | Biblioteca Nacional                       |
| 202 | 1850 | MARTINS, João Vicente. <b>A verdade em medicina, ou, a lei dos semelhantes provada mathematicamente pela comparação ...</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1850. 17 p.                                                                                         | Biblioteca Nacional                       |
| 203 | 1850 | PENNA, Herculano Ferreira. <b>Discurso pronunciado na Camara dos Srs. Deputados ..</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1850. 87 p.                                                                                                                              | Biblioteca Nacional                       |
| 204 | 1850 | LOBO, Luiz Alves de Souza. <b>These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.</b> Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 1850. 25 p.                                                                                                | Biblioteca Nacional                       |
| 205 | 1850 | SOUZA, Paulino José Soares de. <b>Relatorio da reparticao dos neg. Estran. Apres. A assemblea geral legisl. Pelo respectivo min. E sec. De estado.</b> Rio de Janeiro Villeneuve : 1850. 130 p.                                                                                           | Biblioteca da Faculdade de Direito da USP |
| 206 | 1851 | SANTOS, Gabriel José Rodrigues. <b>Discurso do doutor... Deputado a assemblea geral legislativa pela provincia de S Paulo..</b> Rio de Janeiro Typ Imp e Const de J Villeneuve : 1851                                                                                                     | IEB                                       |
| 207 | 1851 | OTTONI, Teófilo Benedito. <b>Noticia historica sobre a vida e poesias de José Eloy Ottoni.</b> Rio de Janeiro Typ Imp Const J Villeneuve Comp : 1851. 24p 22 x 19 cm.                                                                                                                     | BBM/ IEB                                  |
| 208 | 1852 | REGADAS, José Maria Rodrigues. <b>Dos corpos de delicto sobre ferimentos..</b> Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 1852. 29 p.                                                                                                                | Biblioteca Nacional                       |
| 209 | 1852 | FARIA, Joaquim Pereira de. <b>Estatutos do Banco Rural e Hypothecario do Rio de Janeiro.</b> Rio de Janeiro: Typographia Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1852. 16 p.                                                                                                                 | Biblioteca Nacional                       |

|     |           |                                                                                                                                                                                                                                              |                             |
|-----|-----------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|
| 210 | 1852      | SOUZA, Paulino José Soares de. <b>Tres discursos do Ill.mo e Ex.mo S.r Paulino José Soares de Souza, Ministro dos Negocios Estrangeiros.</b> Rio de Janeiro: Typographia Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1852. vii, 96p 21,3 x 13,2 cm. | Biblioteca Nacional/<br>BBM |
| 211 | 1853      | BITANCOURT, José Maria da Silva. <b>Arsenal de guerra, ligeiras reflexões sobre a defesa do Sr. Marechal de Campo ...</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1853. 71 p.                                           | Biblioteca Nacional         |
| 212 | 1853      | ARSENAL DE GUERRA. <b>Ligeiras reflexões sobre a defesa do Sr. Marechal de Campo José Maria da Silva Bitancourt.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1853. 71 p.                                                | Biblioteca Nacional         |
| 213 | 1853      | HERING. <b>Medicina domestica homoeopathica.</b> -. 4.ed. Rio de Janeiro: Typografia Imp. e Const. de J. Villeneuve, 1853. 448 p.                                                                                                            | Biblioteca Nacional         |
| 214 | 1853      | DUMAS, Alexandre. <b>Olympia de Cleves.</b> [Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1853]. 3 v. em 1                                                                                                                   | Biblioteca Nacional         |
| 215 | 1853      | GARRETT, Almeida. <b>Folhas cahidas.</b> Rio de Janeiro (RJ): Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1853. 104 p.                                                                                                                         | Biblioteca Mário de Andrade |
| 216 | 1854      | MAUÁ, Irineu Evangelista de Sousa. <b>Estatutos da Companhia denominada Ponta da Arêa, a que se refere o decreto n. 1411 de 15 de julho de 1854.</b> Rio de Janeiro: Typographia Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1854. 8 p.          | Biblioteca Nacional         |
| 217 | 1854      | SERRA, João Duarte Lisboa. <b>Relatorio apresentado pelo presidente do Banco do Brazil ..</b> Rio de Janeiro: Typographia de J. Villeneuve e C., 1854. 17 p.                                                                                 | Biblioteca Nacional         |
| 218 | 1854      | GARCIA, Ignacio José. <b>These para o doutorado apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.</b> Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 1854. 41 p.                                       | Biblioteca Nacional         |
| 219 | 1854-1855 | DUMAS, Alexandre. <b>O pagem do duque de Saboia, por Alexandre Dumas.</b> Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Com, 1854-1855. nv.                                                                       | Biblioteca Nacional         |
| 220 | 1855      | <b>COMPANHIA da Estrada de Mangaratiba.</b> Rio de Janeiro: Typographia Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1855. 47 p.                                                                                                                  | Biblioteca Nacional         |
| 221 | 1855      | RIO BRANCO, José Maria da Silva Paranhos. <b>Discurso do ... Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1855. 51 p.                                         | Biblioteca Nacional         |
| 222 | 1855      | BUENO, Pimenta. <b>Discurso do Senhor Pimenta Bueno na Sessão do Senado ..</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1855. 23 p.                                                                                      | Biblioteca Nacional         |

|     |      |                                                                                                                                                                                                                                                                     |                     |
|-----|------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| 223 | 1855 | BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. <b>Discurso do senhor Presidente do Conselho na Sessão da Camara dos Deputados de 29 de maio de 1855 discutindo-se o voto de graças.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1855. 16 p. | Biblioteca Nacional |
| 224 | 1855 | <b>ESTATUTOS da Caixa Filial do Banco do Brazil na cidade da Bahia ..</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1855. 15 p.                                                                                                                  | Biblioteca Nacional |
| 225 | 1855 | <b>ESTATUTOS da Caixa Filial do Banco do Brazil na cidade de Belem ..</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1855. 15 p.                                                                                                                  | Biblioteca Nacional |
| 226 | 1855 | <b>ESTATUTOS da Caixa Filial do Banco do Brazil na cidade de S. Luiz ..</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1855. 15 p.                                                                                                                | Biblioteca Nacional |
| 227 | 1855 | <b>ESTATUTOS da Caixa Filial do Banco do Brazil na cidade do Recife ..</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1855. 15 p.                                                                                                                 | Biblioteca Nacional |
| 228 | 1855 | <b>ESTATUTOS modificando a organização da caixa filial do antigo Banco do Brazil ..</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1855. 16 p.                                                                                                    | Biblioteca Nacional |
| 229 | 1855 | MACEDO, Sergio Teixeira de. <b>Estrada de ferro de D. Pedro II: exposição do Conselheiro Sergio Teixeira de Macedo.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1855. 42 p.                                                                    | Biblioteca Nacional |
| 230 | 1855 | GORNET, J. I. <b>Febre Amarella..</b> Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 1855. 14 p.                                                                                                                                   | Biblioteca Nacional |
| 231 | 1855 | <b>FORMULARIO sobre a marcha dos processos criminaes que tem de ser julgados ...</b> Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 1855. 59 p.                                                                                    | Biblioteca Nacional |
| 232 | 1855 | LAPEYRE, Vital. <b>Projecto: sociedade anonyma para o trabalho da fabrica ..</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1855. 18 p.                                                                                                              | Biblioteca Nacional |
| 233 | 1855 | REAL, Joaquim José de Mello Côrte. <b>These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.</b> Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e C., 1855. 20 p.                                                                     | Biblioteca Nacional |
| 234 | 1855 | <b>A Tribuna : jornal politico, maritimo. litterario.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. Nacional do Diario, 1855.                                                                                                                                                        | Biblioteca Nacional |
| 235 | 1855 | LAMAS, Andrés. <b>A sus compatriotas.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1855. 138p 20,4 x 12,2 cm.                                                                                                                                                                 | BBM                 |
| 236 | 1855 | ROCHA, Justiniano José da. <b>Acção; Reacção; Transacção - Duas palavras acerca da actualidade politica do Brazil por /...</b> Rio de Janeiro Typ Imp e Const de J Villeneuve : 1855. 56p 21,3 x 13,5 cm.                                                           | BBM                 |

|     |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                     |
|-----|------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| 237 | 1856 | ROSAY, Edouard du. <b>Bluettes, contes et légendes en vers, par.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve, 1856. 164 p.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | Biblioteca Nacional |
| 238 | 1856 | MACEDO, Sergio Teixeira de. <b>Estrada de Ferro da Bahia: exposição que faz o conselheiro ..</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1856. 64 p.                                                                                                                                                                                                                                                                             | Biblioteca Nacional |
| 239 | 1856 | PACCA, Manoel Joaquim Pinto. <b>Exposição que oferece á consideração da Assembléa Geral ...</b> Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 1856. 14 p.                                                                                                                                                                                                                                                           | Biblioteca Nacional |
| 240 | 1856 | PACHECO, José Praxedes Pereira. <b>Instrucção popular gratuita sobre os generos alimenticios que tem a Casa da China ... propriedade actualmente do negociante ...</b> [Rio de Janeiro]: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1856. 4 p.                                                                                                                                                                                                      | Biblioteca Nacional |
| 241 | 1856 | <b>INSTRUÇÕES para os enfermos tratados no Consultório Especial de Homeopathia Pura ... propriedade de João Pinheiro de Magalhães Bastos. —.</b> Rio de Janeiro: Typographia Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1856. 47 p.                                                                                                                                                                                                                         | Biblioteca Nacional |
| 242 | 1856 | <b>QUESTÕES sobre impostos.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1856. 76 p.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | Biblioteca Nacional |
| 243 | 1856 | <b>ANNEXO ao relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros de 1857 - tratados celebrados com a Confederação Argentina e a Republica do Paraguay. Protocolos das conferencias havidas na corte do imperio do Brazil e da Republica do Paraguay, para o ajuste das questões pendentes entre os dous paizes.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1856. 76p., 1 p.s.n map 31 x 22,1 cm.                                                                | BBM                 |
| 244 | 1856 | <b>O Marquez de Valença esboço biographico.</b> Rio de Janeiro Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve : 1856. 45p front.(retr.) 18,7 x 13 cm                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | BBM/ Museu Paulista |
| 245 | 1856 | HOMEM, Francisco de Salles Torres. <b>Questões sobre impostos.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1856. 76p 20,3 x 12,7 cm.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | BBM                 |
| 246 | 1856 | BARBOSA, Luis Antonio. TOLENTINO, Antonio Nicolau.. <b>Relatorio apresentado ao Excellentissimo Vice-Presidente da Provincia do Rio de Janeiro o Senhor Conselheiro Antonio Nicolao Tolentino pelo Presidente o Conselheiro Luiz Antonio Barbosa sobre o estado da administração da mesma provincia em 2 de maio de 1856.</b> Rio de Janeiro Typ. Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. : 1856. 35, [71] p. (algumas dobrs.) tabs. 29 cm | Museu Paulista      |
| 247 | 1857 | <b>CONTRACTO da Companhia de Navegação e Commercio do Amazonas com o governo imperial.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1857. 12 p.                                                                                                                                                                                                                                                                                      | Biblioteca Nacional |

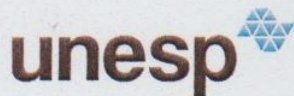
|     |           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                             |
|-----|-----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|
| 248 | 1857      | SILVA, Francisco Joaquim Bittencourt da. <b>Estatutos da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio de Janeiro.</b> Rio de Janeiro: Typographia Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1857. 20 p.                                                                                                               | Biblioteca Nacional         |
| 249 | 1857      | COSTA E AZEVEDO, Adolpho Manoel Victorio da. <b>Estatutos do Collegio Victorio creado na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro ..</b> 3.ed. Rio de Janeiro: Typographia Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1857. 16 p.                                                                                       | Biblioteca Nacional         |
| 250 | 1857      | BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. <b>Sociedades em commandita e Bancos de circulação:</b> discursos proferidos na Camara dos Srs. Deputados nas sessões de 5 e 6 de agosto por. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 1857. 17 p.                       | Biblioteca Nacional         |
| 251 | 1857      | MACEDO, Joaquim Manuel de. <b>A nebulosa.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1857. 293 p. 23 cm.                                                                                                                                                                                                                  | BBM                         |
| 252 | 1858      | PACHECO, J. Praxedes P. <b>Brasilismo do doutor.</b> Rio de Janeiro: Typographia de J. Villeneuve e Comp., 1858. 48 p.                                                                                                                                                                                            | Biblioteca Nacional/<br>IEB |
| 253 | 1858      | BRAGA, Joaquim Antonio de Oliveira. <b>Da respiração nos vegetais e de sua influencia na atmospha.</b> Rio de Janeiro: Typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve, 1858. 21 p.                                                                                                                        | Biblioteca Nacional         |
| 254 | 1858      | PACHECO, José Praxedes Pereira. <b>Devoção aos passos da via-sacra para as sextas-feiras, composta pelo ...</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1858. 16 p.                                                                                                                             | Biblioteca Nacional         |
| 255 | 1858      | COSTA, Claudio Luiz da. <b>Exposição do Estado do Imperial Instituto dos Meninos Cegos ...</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1858. 35 p.                                                                                                                                           | Biblioteca Nacional         |
| 256 | 1858      | OTTONI, Cristiano Benedito. <b>Sexto relatório apresentado pela directoria aos accionistas ..</b> Rio de Janeiro: Typographia Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1858. 47 p.                                                                                                                                 | Biblioteca Nacional         |
| 257 | 1859      | <b>ESTATUTOS do Banco Industrial Commercial e Territorial do Rio de Janeiro ...</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1859. 20 p.                                                                                                                                                         | Biblioteca Nacional         |
| 258 | 1859      | <b>RELATORIO apresentado pela directoria aos accionistas da Estrada de Ferro de D. Pedro II ...</b> Rio de Janeiro: Typographia Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1859. 45, [2].                                                                                                                            | Biblioteca Nacional         |
| 259 | 1859      | FARIA, Eduardo de. <b>Novo dictionario da lingua portugueza o mais exacto e mais completo de todos os dictionarios até hoje publicados contendo todas as vozes da lingua portugueza, antigas ou modernas [...] seguido de um Dictionario de Synonyms.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1859. 2v 30,3 x 21,5 cm. | BBM                         |
| 260 | 1859-1862 | <b>BOLETIM do expediente do governo.</b> Rio de Janeiro, RJ: Typ. Imperial e Constitucional, de J. Villeneuve, 1859-1862.                                                                                                                                                                                         | Biblioteca Nacional         |

|     |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                     |
|-----|------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| 261 | 1860 | BASTOS, José de Almeida Barreto. <b>Ao Corpo Legislativo e ao Commercio</b> . Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1860. 20 p.                                                                                                                                        | Biblioteca Nacional |
| 262 | 1860 | REZENDE, Theophilo Ribeiro de. <b>Artigos e documentos collecionados por ...</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1860. 88 p.                                                                                                                                  | Biblioteca Nacional |
| 263 | 1860 | FREITAS, Augusto Teixeira de. <b>Questão entre Mauá, Mac-Gregor &amp; C., e os administradores da massa fallida de Antonio José Domingues Ferreira</b> . Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1860. 65 p.                                                          | Biblioteca Nacional |
| 264 | 1860 | FERREIRA, Antonio José Domingues. <b>Questão entre Mauá, Mac-Gregor &amp; C.<sup>a</sup> e os administradores da massa fallida ..</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1860. 51 p.                                                                                | Biblioteca Nacional |
| 265 | 1860 | <b>QUESTÃO entre Mauá, Mac-Gregor e C. e os administradores da massa fallida de Astley Wilson e C.</b> Rio de Janeiro: Typographia Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1860. 20 p.                                                                                                        | Biblioteca Nacional |
| 266 | 1860 | TAVARES, José Pereira. <b>Memoria sobre a sericicultura no Imperio do Brazil, por José Pereira Tavares, natural da provincia do Rio Grande do Sul</b> . Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1860. 160p il 21,7 x 14,4 cm.                                                                       | BBM                 |
| 267 | 1860 | SOARES, Sebastião Ferreira. <b>Notas estatísticas sobre a produção agricola e carestia dos generos alimenticios, por Sebastião Ferreira Soares</b> . Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1860. 366p., 2f.s.n tabs 20,2 x 13,7 cm.                                                               | BBM                 |
| 268 | 1861 | AMARAL, Angelo Tomás do. <b>Discurso que proferio na Camara Temporaria na Sessão de 29 de agosto de 1861 o deputado pela provincia do Amazonas</b> . Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & C., 1861. 37 p.                                              | Biblioteca Nacional |
| 269 | 1861 | <b>ESTATUTOS da Sociedade Dramatica Particular Club Portuense no Rio de Janeiro</b> . Rio de Janeiro: Typographia Imp. e Const. de J. Villeneuve & C., 1861. 15 p.                                                                                                                         | Biblioteca Nacional |
| 270 | 1861 | VASCONCELLOS, José Leandro de Godoy. <b>Exposição da eleição do 4º Districto Eleitoral da Provincia de Pernambuco por onde se mostra que fora eleito, em segundo lugar, deputado é assemblé geral o bacharel ...</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1861. 20 p. | Biblioteca Nacional |
| 271 | 1861 | <b>MEMORIAL</b> . –. Rio de Janeiro: J. Villeneuve e C., 1861. 15 p.                                                                                                                                                                                                                       | Biblioteca Nacional |
| 272 | 1861 | <b>QUESTÃO de maternidade de Deolinda Rosa de Vasconcellos e de nullidade de testamento de Roberto D. Kenny</b> . Rio de Janeiro: J. Villeneuve, 1861. VII, 64 p.                                                                                                                          | Biblioteca Nacional |



|     |      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                     |
|-----|------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| 273 | 1861 | VIANA, Antonio Ferreira. <b>Razões finaes e replica na causa de divorcio perpetuo entre Dona Maria Carolina Telles Barreto de Menezes e o Dr. Antonio Fortunato de Brito.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve & C., 1861. 63 p.                                                                                                                           | Biblioteca Nacional |
| 274 | 1861 | REVISTA. <b>Recorrentes Mauá, Mac-Gregor e Ca, recorrido Antonio José de Moura. Memorial documentado que ao Supremo Tribunal de Justiça oferece o recorrido.</b> Rio de Janeiro: Typographia Imp. e Const. de J. Villeneuve & C., 1861. 90 p.                                                                                                                                 | Biblioteca Nacional |
| 275 | 1861 | MEEDEN, G. <b>Tabellas de calculo para o café no Brasil em relação aos mercados do Rio de Janeiro, Londres, Liverpool..</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e com, 1861. 52 p.                                                                                                                                                                            | Biblioteca Nacional |
| 276 | 1861 | ALENCASTRE, José Martins Pereira de. <b>Relatorio apresentado à Assembléa Legislativa Provincial de Goyaz na sessão ordinária de 1861, pelo Exm. Presidente da Provincia José Martins Pereira de Alencastre.</b> Rio de Janeiro Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & C. : 1861. 40 p 29 cm.                                                               | Museu Paulista      |
| 277 | 1861 | ALENCASTRE, José Martins Pereira de. ARAGÃO E MELLO, Antonio Manoel de. <b>Relatorio com que o Exm. Sr. Doutor Antonio Manoel de Araujo [sic] e Mello passou a administração da Provincia ao seu successor o Exm. Sr. José Martins Pereira de Alencastre no dia 22 de abril de 1861.</b> Rio de Janeiro Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp. : 1861 | Museu Paulista      |
| 278 | 1862 | MOTA, Jose Inacio Silveira da. <b>Exposição da questão dos testamentos de James Kenny e Roberto Diogo Kenny e do direito de seus herdeiros.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1862. 32 p.                                                                                                                                                      | Biblioteca Nacional |
| 279 | 1862 | OLIVEIRA, José Antonio Martins de. <b>José Antonio Martins de Oliveira aos seus amigos ...</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., 1862. 18 p.                                                                                                                                                                                                       | Biblioteca Nacional |
| 280 | 1862 | VARELLA, Carlos Arthur Busch. <b>O assassinato de Manoel Pereira, analyse da pronuncia do Dr. Chefe de Policia da Provincia de Minas em relação aos pretendidos mandantes.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve & C., 1862. 36 p.                                                                                                                          | Biblioteca Nacional |
| 281 | 1862 | MARUIM,. <b>O Barão de Maroim e o processo Rolemberg:</b> ao publico e aos seus amigos dedica o ... Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & C., 1862. 12 p.                                                                                                                                                                                  | Biblioteca Nacional |
| 282 | 1862 | <b>RAZÕES finaes feitas por parte de Dimas Ferreira Pedrosa no processo de crime de responsabilidade, que lhe foi arguido por Bernardo José Pereira de Figueiredo.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1862. 28 p.                                                                                                                                  | Biblioteca Nacional |

|     |      |                                                                                                                                                                                                                                                             |                        |
|-----|------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|
| 283 | 1862 | <b>RELATORIO da Companhia de Navegação Intermediaria a Vapor até Santa-Catharina ..</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1862. 24 p.                                                                                               | Biblioteca Nacional    |
| 284 | 1862 | Santos, João Caetano dos, 1808-1863. <b>Lições dramaticas.</b> (Rio de Janeiro : Typ. Imp.e Const. de J. Villeneuve & C, 1862)                                                                                                                              | BBM                    |
| 285 | 1862 | VEIGA, Luis Francisco da <b>Revolucao de 7 de abril de 1831. Por um fluminense amante da constituicao.</b> Rio de Janeiro J Villeneuve : 1862                                                                                                               | IEB                    |
| 286 | 1862 | VEIGA, Luis Francisco da. <b>A revolução de 7 de abril de 1831.</b> Rio de Janeiro J. Villeneuve : 1862. 40 p 21 x 14,5 cm 19 x 12 cm.                                                                                                                      | BBM / Mário de Andrade |
| 287 | 1865 | <b>DEFESAS do processo Azarias.</b> Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e C., 1865. 45 p.                                                                                                                                                   | Biblioteca Nacional    |
| 288 | 1865 | BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados; LOPES NETO,. <b>Discurso proferido na Camara dos Srs. Deputados na sessão de 31 de maio de 1865 pelo senhor.</b> Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & C., 1865. 15 p. | Biblioteca Nacional    |
| 289 | 1865 | <b>O processo do Coronel José Franco de Andrade no Jury da cidade de Campinas, provincia de S. Paulo.</b> Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & C., 1865. 64 p.                                                          | Biblioteca Nacional    |
| 290 | 1865 | <b>QUESTÕES entre partes Figueiredo Irmãos e Francisco Antonio Pinheiro pelo juizo da 1ª vara do commercio desta corte do Rio de Janeiro.</b> Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & C., 1865. 35 p.                      | Biblioteca Nacional    |



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de São José do Rio Preto

## TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes, para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 03 / 03 / 17

Odair Dutra Santana Júnior  
Assinatura do autor